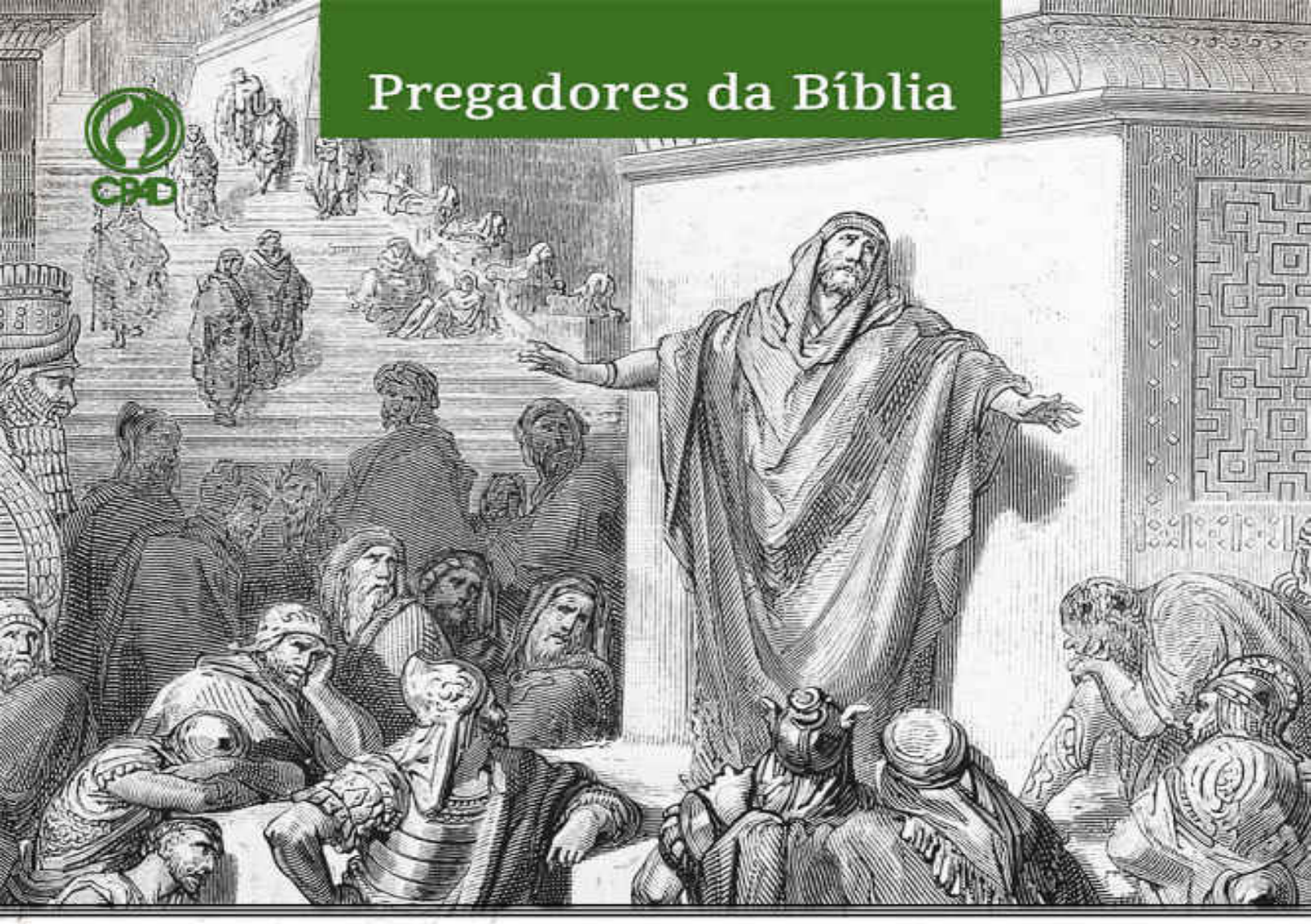
Pregadores da Bíblia



PEDRO

O PRIMEIRO PREGADOR PENTECOSTAL

CIRO SANCHES ZIBORDI

PEDRO

O PRIMEIRO PREGADOR PENTECOSTAL

Pregadores da Bíblia

PEDRO

O PRIMEIRO PREGADOR PENTECOSTAL

CIRO SANCHES ZIBORDI

1ª Edição
CPAD
Rio de Janeiro
2018

Todos os direitos reservados. Copyright © 2018 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento
Capa e projeto gráfico: Elisangela Santos
Editoração: Elisangela Santos
Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 250 – Congregações Cristãs, práticas e teologia pastoral
ISBN: 978-85-263-1714-7
ISBN digital: 978-85-263-1865-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002
1ª edição: 2018

Ao mestre Antonio Gilberto, que demonstrou, ao longo de muitas décadas, a integridade de sua fé como expoente das Escrituras, pastor, exegeta, teólogo, consulente e escritor. Que o Senhor Jesus derrame toda sorte de bênçãos sobre sua querida esposa, irmã Iolanda, e toda sua família.

Agradecimentos

Célia Sanches Zibordi é a serva do Senhor que me instruiu no caminho em que devo andar e foi fiel companheira do alfaiate Renato Zibordi até a sua partida, na semana do centenário das Assembleias de Deus (2011). Uma imagem que, desde a infância, jamais saiu da minha memória é a de meu pai, muito exausto, trabalhando em casa, à noite. Às vezes, ele adentrava a madrugada assentado em frente a uma máquina de costura, com uma peça de roupa à mão, sob uma luminária.

Muitos anos depois, vejo-me diante de uma máquina "costurando", a exemplo de meu pai. Aliás, debaixo da iluminação do Espírito Santo, adentrando, muitas vezes, a madrugada, muitos foram os "fios" que usei para confeccionar esta obra. Dentre as múltiplas fontes consultadas, quero destacar as pessoas generosas com quem conversei, as quais enriqueceram meu pensamento.

Antes de tudo, louvo a Deus por mais um ano de oportunidade para servi-lo. Eu nada poderia alinhavar sem a ajuda desse grande Estilista (cf. Gn 3.21), que me tem inspirado a tecer estas linhas. Este é o sentido do termo "texto" (l. *tēxtus*), derivado de um verbo latino que denota "tecer", "fazer tecido" e "entrelaçar".

Quero fazer uma declaração de amor a duas mulheres especiais, verdadeiras *top models*: Luciana, minha querida esposa há quase três décadas, e Júlia, nossa preciosa filha. Além de ambas terem sido pacientes comigo, vendo-me, muitas vezes, irritado — após dez horas ou mais à frente de uma máquina de "costurar" textos chamada computador —, elas experimentaram a "roupa" algumas vezes.

Sou muito grato ao diretor executivo da CPAD. Há alguns anos, ele contou-me sobre sua passagem pelas Casas Pernambucanas sem saber que

meu pai também foi alfaiate dessa grande rede de lojas, que começou como uma fábrica de tecido, em 1908, em um pequeno povoado do litoral pernambucano. Que Deus abençoe o irmão Ronaldo Rodrigues de Souza, o qual me tem desafiado a confeccionar *Pregadores da Bíblia*, uma "coleção" para todas as estações do ano.

Agradeço penhoradamente ao irmão Miquéias Nascimento, que tem feito um trabalho de excelência na preparação dos originais desta série. E à irmã Elisangela Santos, responsável por capa, projeto gráfico e editoração. Sem a ajuda desses exímios artesãos, esta obra estaria criada e formada, mas não acabada.

Louvo a Deus pela vida de três expoentes das Escrituras, cujas mensagens foram entretecidas em minha mente enquanto confeccionava esta obra. O inesquecível evangelista Valdir Bícego (*in memoriam*), o mestre Antonio Gilberto (*in memoriam*), a quem dedico este livro, e, ainda, Jim Cymbala, pastor do Brooklyn Tabernacle, em Nova York, Estados Unidos, cujas pregações e obras, especialmente *Poder Vivo* (2001) e *Redescubrimiento del Espíritu* (2012), em espanhol, serviram-me de grande inspiração.

Agradeço, finalmente e de modo muito especial, a alguns pastores: Hércules Carvalho Denobi, pelo seu grande incentivo ao ministério do ensino; Nilton Didini Coelho, que bondosamente prefaciou esta obra; Paulo Lopes, meu pastor na Assembleia de Deus da Ilha da Conceição, em Niterói, Rio de Janeiro; Jecer Goes, meu "irmão mais velho" do Ceará; Gedeão Menezes, meu "irmão mais novo" do Amazonas; e a todos os membros do seleto grupo "Pregadores como Paulo" (WhatsApp), cuja administração divido com os pastores e amigos Daniel Acioli, do Paraná, e João A. de Souza, do Rio Grande do Sul.

Glória seja dada ao maravilhoso nome de Jesus, que, naquele grande Dia, há de vestir a todos nós com vestes brancas se formos fiéis até o fim (Ap 3.5).

Prefácio

Constitui-se uma grande honra a distinção do pastor Ciro Sanches Zibordi em convidar-me para prefaciar esta obra. Essa oportunidade contagiou-me, enchendo-me de entusiasmo, e comecei a meditar sobre as características do personagem central deste terceiro livro da série *Pregadores da Bíblia*. Sou, no entanto, impelido a falar primeiramente de Ciro, e não de Pedro.

O pastor Ciro tem sido um mimo de Deus em minha vida, do qual tenho recebido orientações que são como água cristalina para saciar minha sede teológica. Admira-me sua determinação na busca da excelência, enfatizando sempre os fundamentos cristocêntricos. Sua vivência modelar em família, bem como suas experiências cristã, ministerial, no magistério teológico e na área editorial — com diversos livros escritos, sendo, inclusive, membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil e da Casa de Letras Emílio Conde — credenciam-no a apresentar mais este livro.

Pedro: o Primeiro Pregador Pentecostal é um verdadeiro primor, feito com muito apuro bíblico e repleto de curiosidades que agora passam a incrementar nossa cultura bíblica e eclesiástica. Entendo que o personagem Pedro é um modelo constituído de muita substância. E isso — como se constatará por meio da leitura desta obra — exigiu uma minuciosa pesquisa sobre sua essência, o que, sem dúvida, em muito ajudará o leitor.

O primeiro pregador pentecostal, devido ao seu comportamento, tem sido definido, à luz da Psicologia, como um homem de temperamento sanguíneo, o que lhe conferia, assim como em todos os tipos de temperamento, aspectos positivos e negativos (LAHAYE, 2008, p. 37–75). Na verdade, todos temos um pouco de Pedro, mas a Palavra de Deus traz-nos o alento,

ensinando-nos a ser "firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor" (1 Co 15.58), submetendo-nos ao inteiro controle do Espírito Santo.

Somente o Paráclito pode mudar nosso interior, moldar nosso caráter e potencializar nossas virtudes temperamentais, minimizando ou até tornando dormentes nossos defeitos. E tudo isso nos faz lembrar as palavras do Senhor em Mateus 16.24: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me".

Temos grande dificuldade em negarmo-nos a nós mesmos, isto é, destituirmo-nos de um tipo de comportamento negativo. No entanto, o mesmo Senhor que nos convida a essa autonegação "conhece a nossa estrutura" (Sl 103.14) e, certo de nossas dificuldades, não nos deixou órfãos. Ele enviou-nos o Paráclito, Consolador, Ajudador e quem controla o nosso temperamento!

Em certa ocasião, Pedro estava pescando com seus companheiros quando, de repente, viram Jesus andando sobre as águas. Enquanto os outros ocupantes do barco ficaram maravilhados, quase paralisados, ele tomou a frente de todos e começou a conversar com Jesus. Esse discípulo sanguíneo não perguntou a ninguém se deveria ou não fazer o que fez, mas, sem medo, teve a iniciativa de travar um diálogo com o Controlador da natureza e logo estava, também, andando sobre o lago-mar da Galileia, como se este fosse um tapete felpudo sobre um pavimento firme (Mt 14.22-29).

Seus companheiros, que tinham temperamentos diferentes — e, como Pedro, ainda não eram cheios do Espírito Santo —, intimidaram-se, preferindo abrigar-se numa zona de conforto. Quanto a ele, além de ter a ousadia de conversar com o Mestre, pediu-lhe para andar sobre as águas. No entanto, como todo ser humano, vacilou e deixou de mirar firmemente o Autor e Consumador da fé. Pedro olhou para as marolas, sentiu o vento e passou a ter muito medo. E, quando começou a afundar, clamou por socorro e, dentre todos ali, foi o único a ser tocado pelo Senhor, quem lhe estendeu a mão, subiu com ele na embarcação e acalmou o vento (Mt 14.30-32).

Mais tarde, esse mesmo apóstolo, ainda no início de sua caminhada, quis "mostrar serviço" ao Bom Pastor diante de uma inusitada situação. Deparando com soldados cuja missão era prender o Senhor Jesus, Pedro — fazendo o que é próprio dos sanguíneos — reagiu dando um golpe de espada (ou adaga de pescador) na cabeça de um daqueles homens, decepando-lhe a orelha. O Mestre, entretanto, repreendeu-o na mesma hora. Vemos, nesse episódio, um Pedro que não era dominado pelo Paráclito, que não usufruía do fruto do Espírito, já que ainda lhe faltava o chamado domínio próprio (Gl 5.22).

Outro episódio marcante da vida de Pedro deu-se em Atos dos Apóstolos 2.14-41. Esse "pescador de homens", assim chamado pelo Mestre em razão de ser um trabalhador do ramo pesqueiro, pregou diante de milhares de judeus versados nas Escrituras hebraicas. Pedro, certamente, era um homem de pouca escolaridade, vocabulário diminuto, conhecimentos teológicos mínimos, etc. Como se sabe, no tempo da Igreja nascente, os mestres e os pregadores não portavam uma Bíblia como a nossa; eles tinham de memorizar as passagens do Antigo Testamento e saber explicá-las. Isso não era tarefa para leigos.

Pedro, no entanto, andara com o Mestre dos mestres. E, além de não ser tão indouto ou iletrado como se imagina, uma vez que passara por um treinamento especial — como vemos ao longo da obra que o leitor tem em mãos —, ele tinha a mesma vontade de pregar de um novo convertido. Pedro não era um doutor como Paulo; porém, com a ajuda do Espírito Santo, pôs em prática o que lhe ensinou o Senhor e foi muito bem-sucedido.

Vemos pessoas assim nas igrejas. Elas não tiveram a oportunidade de esmerar-se em conhecimento ao longo de sua vida. Ou, talvez, não souberam entrar pelas portas que se lhes abriram. Entretanto, ao conhecerem a salvação em Cristo, lançaram-se com avidez sobre o estudo das Escrituras e, mesmo tendo uma vida secular muito simples, envolveram-se com bravura, também, em seu trabalho secular, não medindo esforços

para recuperar o tempo perdido. E elas conseguem vencer com muita dedicação, mas, sobretudo, por meio da ajuda do Espírito Santo.

Simão Pedro, a princípio, era um pescador, dono de um pobre vocabulário. Seu conhecimento inicial, antes mesmo de andar com o Mestre, limitava-se a assuntos cotidianos de embarcação, marés e pesca. Como poderia alguém assim discursar com autoridade diante de um público formado por doutores da lei vindos de várias partes do mundo? O que esperar de um pescador que, em tese, não conhecia nenhuma técnica de oratória?

O que eles e nem mesmo os discípulos de Jesus sabiam é que o poder dinâmico do Paráclito estava sobre a vida de Pedro. Estes já haviam sido batizados com o Espírito Santo, mas ainda não sabiam como essa unção seria manifestada. Ele, porém, ungiu esse apóstolo de tal modo que ele conseguiu falar com desenvoltura, citando corretamente as Escrituras, na versão Septuaginta, e explicando-as com maestria, o que deixou a todos, literalmente, boquiabertos.

Pedro, o sanguíneo, agora estava cheio do Espírito Santo! E, com ousadia, levantou-se e proferiu a primeira pregação pentecostal, um discurso baseado nas profecias messiânicas sobre a morte, a ressurreição e a glorificação de Jesus Nazareno, valendo-se de uma autoridade vista somente em seu Mestre, que acabara de subir ao céu. Que mensagem gloriosa! Que lição! Que poder! Que resultado: três mil almas para o Reino de Deus!

Quando estamos cheios do Espírito, tudo — tudo mesmo! — muda em nossa vida. É disto que trata esta primorosa obra. E o meu desejo sincero é que todos os salvos em Cristo sigam o exemplo desse simples pescador que foi chamado para pregar o evangelho e liderar a Igreja. Este livro que o leitor tem em mãos, com absoluta certeza, veio ao coração do seu autor pelo mesmo impulso que Pedro recebeu no dia de Pentecostes. Que a sua leitura traga a todos grande edificação e mudança de comportamento!

Com muito amor e carinho, vindos desse mesmo Espírito, tenho prefaciado este livro, com o desejo de unir o seu autor, o meu amigo e pastor Ciro Zibordi, com o prezado leitor!

Fraternalmente, em Cristo,

Nilton Didini Coelho
Pastor, musicólogo e conferencista
São Paulo, SP, maio de 2018

Sumário

Dedicatoria

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 Provado pela Água

Capítulo 2 Pregador, Apóstolo... Papa Não!

Capítulo 3 Treinamento de Pedro

Capítulo 4 Assentado para Ver o Fim

Capítulo 5 Em Pé para um Novo Começo

Capítulo 6 Primeiro Pregador Pentecostal

Capítulo 7 Linha de Chegada

Referências e Notas

Introdução

Origem do Movimento Pentecostal

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam reunidos. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.
Atos 2.1-3

Segundo alguns críticos, a teologia pentecostal não deriva, a rigor, do Novo Testamento, e sim de tradições norte-americanas influenciadas por movimentos como puritanismo, pietismo e, especialmente, metodismo. Segundo essa abordagem, a linha do tempo do Movimento Pentecostal começa com a tradição metodista, no século XVIII, especialmente com a pregação de John Wesley (1703-1791). E este, embora valorizasse os avivamentos liderados por Jonathan Edwards (1703-1758) e George Whitefield (1714-1770), apreciava a teologia arminiana.

Wesley ensinava

> a doutrina da inteira santificação ou perfeição cristã, considerando-a uma experiência distinta da conversão. Seu sucessor designado, John Fletcher, começou a descrever essa experiência em termos do batismo do Espírito Santo associado ao Pentecostes do Novo Testamento (MATOS, p. 228).

A ênfase de Wesley, no entanto, era mais cristocêntrica, enquanto que a de Fletcher (1729-1785), mais paracletocêntrica.

A teologia desses dois pregadores fervorosos serviu de base para evangelistas e teólogos como Charles Finney (1792-1875) e Phoebe Palmer (1807-1874), principais preletores de grandes cruzadas em torno do conceito de *holiness* ("santidade", em inglês) em várias partes dos Estados Unidos da década de 1830. Desde então, esse conceito passou a estar associado ao batismo com o Espírito Santo.

No fim do século XIX, surgiram as primeiras agremiações e denominações ligadas ao movimento da santidade, como a Associação Nacional Holiness (1867), a Associação Holiness de Iowa (1879) e a Igreja de Deus em Cristo (1897). Entretanto, o que teria marcado, de fato, o início do pentecostalismo, ainda antes do apagar das luzes do século XIX, foi o ensino que liga o batismo com o Espírito Santo ao falar em línguas como evidência do recebimento dessa dádiva.

A bem da verdade, os primeiros batizados no Espírito Santo nesse período apareceram "no ano de 1870 na Igreja dos Irmãos Unidos em Rhode Island. Destaca-se ali a pessoa de Mary Woodworth" (SOUZA, p. 18). Somente em 1898, todavia, a primeira denominação *holiness* assumiu ser pentecostal, a Igreja Pentecostal Holiness. E, na transição para o século XX, quem ajudou a propagar essa "nova" doutrina foi um pregador do movimento *holiness*, o norte-americano Charles Fox Parham (1873-1929).

Entretanto, "o evento que atraiu a atenção de todos para o pentecostalismo e deu-lhe uma dimensão nacional e internacional foi o célebre *Avivamento da Rua Azusa*, em Los Angeles, em 1906" (MATOS, p. 229). William Joseph Seymour (1870-1922), que fora aluno de Parham, em Houston, no Texas, era o líder e principal proponente desse grande reavivamento nos Estados Unidos.

Seymour influenciou muitos pregadores que por ali passaram, os quais propagaram a fé pentecostal por toda a América do Norte. Isso resultou, nos anos seguintes, no surgimento de grandes denominações pentecostais em

vários países ao redor do mundo, como a maior de todas, a Assembleia de Deus.

Diante do exposto, para os críticos do pentecostalismo — inclusive alguns que se consideram pentecostais —, ele não teve origem no primeiro século, como parte do próprio cristianismo, no dia de Pentecostes, em Jerusalém, e sim entre os séculos XVIII e XIX, nos Estados Unidos. Entretanto, nesta obra, defendo a ideia de que, a partir do "derramamento do Espírito Santo, naquele dia [o de Pentecostes], a comunidade daqueles primeiros anos foi chamada, com muita propriedade, Igreja Pentecostal" (HURLBUT, p. 20).

Primeiro Pregador Pentecostal

Depois do Senhor Jesus, Pedro é o personagem mais conhecido e citado em todo o Novo Testamento, ao lado de Paulo. Seu nome, *Petros*, em grego, é uma tradução do aramaico *Kepha* (Cefas), dado ao pescador Simão pelo próprio Senhor Jesus e citado nove vezes no Novo Testamento, especialmente por Paulo (Jo 1.42; 1 Co 1.12; 3.22; 9.5; 15.5; Gl 1.18; 2.9-14).

O nome de Paulo (gr. *Paulos*) aparece mais de 150 vezes a partir de Atos 13.9. E o de Pedro (gr. *Petros*), a mesma quantidade, praticamente, mas a partir de Mateus 4.18. Em Atos dos Apóstolos e nas Epístolas, naturalmente, o nome do primeiro aparece muito mais vezes, já que, dentre todos os apóstolos, Paulo, pela graça de Deus, foi o que mais trabalhou (1 Co 15.10).

Simão Barjonas era um simples pescador no lago de Genesaré (Lc 5.10). Ele e seu irmão, André, criam em Deus, mas o segundo aparentava estar mais interessado em conhecer a vontade do Senhor. E, por isso, foi até a Judeia para ouvir a dura pregação de João Batista, um pregador que o chamaríamos hoje de "politicamente incorreto" (Jo 1.35-42). André repassava a Pedro tudo o que ouvia, até que ambos conheceram o Salvador do mundo, por indicação do próprio Batista (Jo 1.35-42).

Um dos quatro primeiros discípulos de Jesus e o primeiro apóstolo dentre os Doze (Lc 5.1-11), Simão era casado, e sua sogra — que seria, um dia,

curada por Jesus — vivia na cidade de Cafarnaum. Sua esposa e ele foram morar ali, possivelmente, algum tempo depois de casarem (cf. Mt 8.14; Mc 1.29; Lc 4.38).

Ao contrário do seu companheiro João, Simão Pedro tinha um caráter decidido e impulsivo. Ele estava disposto a matar e morrer ao defender suas ideias (Jo 18.10). Por outro lado, muitas vezes mostrou-se medroso, ingênuo, porém muito sincero, a ponto de arrepender-se com lágrimas amargamente (Mt 26.75).

Com base no que está escrito nos Evangelhos e em Atos dos Apóstolos, podemos seguir a trajetória ou a linha do tempo de Pedro passo a passo, conferindo os seus altos e baixos, o que procuro fazer ao longo desta obra, que está dividida em sete capítulos, assim como todas as outras da série *Pregadores da Bíblia*.

No primeiro capítulo, discorro sobre a conversão e a chamada de Simão Pedro, as quais envolvem experiências marcantes no mar da Galileia. No segundo, entre vários assuntos abordados, o principal é a declaração desse apóstolo de que Jesus é "o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16), e a resposta do Senhor, que tem gerado inúmeros debates ao longo dos séculos: "[...] eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (v. 18).

O segundo, o terceiro e o quarto capítulos desta obra tratam da preparação especial de Pedro para ser o pastor da Igreja nascente, dando atenção aos seus altos e baixos. Todavia, ainda no quarto capítulo, há um grande destaque para a queda desse apóstolo ao negar o Mestre depois de prometer-lhe fidelidade até a morte. No quinto, a ênfase recai sobre a sua restauração — após a ressurreição do Senhor Jesus — e a confirmação de sua chamada para o ministério pastoral. E, nos dois últimos capítulos, temos o assunto central desta obra: a trajetória de Pedro depois do Pentecostes.

Os personagens da série *Pregadores da Bíblia* apresentados até agora, além de cheios do Espírito Santo, podem ser chamados de pioneiros. João Batista,

o precursor de Cristo, foi, nos tempos do Novo Testamento, o primeiro a ser chamado textualmente de cheio do Espírito e a pregar o arrependimento. Estêvão, por sua vez, foi o primeiro diácono da Igreja, pioneiro em apologética cristã e protomártir do cristianismo.

Quanto a Pedro, este foi o primeiro a ser chamado pelo Sumo Apóstolo para exercer o apostolado e, também, o que levou o evangelho aos gentios antes de todos, além de ser o pioneiro da pregação pentecostal.

> Desde que foi chamado por Cristo para ser um pescador de homens, ocupou naturalmente a liderança do grupo apostólico. Seu nome figura em primeiro lugar em todas as listas neotestamentárias que apresentam os nomes dos apóstolos (LOPES, 2015, p. 8).

Ele só não foi o primeiro papa! (Risos).

Portanto, o primeiro pregador pentecostal não foi John Wesley. O pentecostalismo não deriva do movimento *holiness*. O Movimento Pentecostal, originalmente, não foi propagado pelo Avivamento da Rua Azusa. O que houve ali foi um reavivamento, pois tudo começou no dia de Pentecostes em Jerusalém! Convido, pois, o prezado leitor a conhecer o primeiro pregador pentecostal: o pescador, discípulo de Jesus, apóstolo e autor de epístolas — papa, não! — Simão Pedro.

Ciro Sanches Zibordi
Niterói, RJ, maio de 2018

Capítulo 1

Provado pela Água

[...] *E disse Jesus a Simão: Não temas; de agora em diante, serás pescador de homens.*
Lucas 5.10

Quando comecei a escrever este livro, fiz uma "viagem" a Jerusalém, aos tempos de Atos dos Apóstolos, e visitei a Igreja nascente. Imaginei-me com um formulário à mão conversando com o apóstolo Pedro e fazendo-lhe algumas perguntas, começando com as relativas à sua vida de pescador, quando ele conheceu o Salvador.

Em nosso encontro imaginário, disse ao irmão Pedro que gostaria de preparar seu *curriculum vitae*, e ele, que me recebeu muito bem em sua casa, forneceu-me todas as informações de que eu precisava — quer dizer, uma boa parte delas. Vamos à entrevista com Pedro, acrescida de referências bíblicas (entre parênteses) e de alguns comentários (ao lado ou abaixo das respostas).

Entrevista com Simão Pedro

— Irmão Pedro, a paz do Senhor! Tudo bem? Estou muito agradecido por me receber em sua casa. Sua família realmente é muito linda!

— Amém, irmão Ciro. Muito grato por sua visita. Para minha família e eu é um prazer recebê-lo.

— Amém. Bem, como eu havia dito, meu objetivo aqui é preparar um *curriculum vitae* do irmão e inseri-lo em meu livro *Pedro: o Primeiro*

Pregador Pentecostal. E quero iniciar com perguntas alusivas a seus primeiros anos de fé. Podemos começar?

— Claro, irmão Ciro. Com todo o prazer. Mas vou lhe pedir para ser rápido, pois, daqui a pouco é a hora nona, e o irmão João vai me chamar para a oração.

— Amém. Não vou demorar. Fale-me um pouco sobre o seu nome: Simão Pedro.

— Bem, eu me chamo, na verdade, Simão Barjonas. Mas o Mestre me deu o nome de Simão Pedro quando nos encontramos pela primeira vez (Mt 16.17; Jo 21.15-17; 1.42). Ele gostava de me chamar de Simão, simplesmente, ou, ainda, somente pelo sobrenome Pedro.

O nome Pedro, em grego, é *Petros*; em aramaico, *Kepha* (Cefas), que significa "pedra" ou "rocha" (Mt 17.25; Mc 14.37; Lc 22.31; Mt 10.2; Jo 1.42). O apóstolo Paulo quase sempre se refere a Pedro como Cefas (cf. 1 Co 1.12; 3.22; Gl 1.18, etc.).

— Onde o irmão nasceu exatamente?

— Nasci em Betsaida da Galileia (Mt 4.18-22) — "terra de trevas e escuridão. Prosperavam nessa terra muitas crendices, muitas crenças estranhas e contrárias à fé judaica" (LOPES, 2015, p. 11).

— É... esse sotaque realmente o denuncia, quer dizer, mostra que o irmão é galileu...

— Ah, o irmão notou?! — risos. — E tinha de lembrar desse acontecimento desagradável?

— Desculpe, irmão Pedro, desculpe. Não resisti...

— Tudo bem... Pois é... — risos. — Assim como todos os outros apóstolos escolhidos por Jesus, com exceção de Judas Iscariotes, sou galileu.

Acredita-se que Judas Iscariotes era o único não galileu dentre os Doze. "Seu sobrenome veio aparentemente de seu lugar de origem, Queriote; e no livro de Josué podemos constatar que existia uma cidade com tal nome na fronteira do sul da tribo de Judá" (BRUCE, 2007, p. 49). Isso é confirmado

pelos dois anjos, por ocasião da ascensão do Senhor, que disseram aos Onze após o suicídio de Judas: "Varões galileus, por que estais olhando para o céu?" (At 1.11).

— Qual é a sua filiação, irmão Pedro?

— Bom, como indica meu sobrenome, Barjonas, sou filho de um homem chamado Jonas — ou João (Jo 21.15-17, ARA).

— Interessante, irmão Pedro. Então, esse prefixo "Bar" funciona como o "Mac" da língua inglesa, que também significa "filho de" (cf. Mt 10.3; At 4.36; 13.6).

— Exatamente, meu irmão. Mas, prosseguindo, meu pai trabalhava com pescaria e tinha outro filho, André, que também se tornou um dos apóstolos de Jesus Cristo. Quanto à minha mãe... ah, que saudades...! — seus olhos marejam. Não há informações nos Evangelhos sobre a mãe de Pedro.

— Tudo bem, não precisa responder... O irmão é casado há muito tempo?

— Sim. Casamos bem cedo.

— Sua sogra, inclusive, é muito famosa, não é?

— É verdade, irmão Ciro — risos.

Embora, segundo o catolicismo romano, Pedro seja o primeiro papa, ele era casado. Dizem alguns historiadores que ele casou entre 25 e 27 d.C. e teve filhos. Sua esposa, inclusive, acompanhava-o em suas viagens apostólicas (1 Co 9.5).

— Onde o irmão morava no início de sua caminhada cristã?

— Na época de meu encontro com Cristo, eu já morava em Cafarnaum — uma espécie de quartel-general do ministério do Senhor Jesus — com a família da minha mulher (Lc 4.31-38).

Pelo que tudo indica, depois de seu casamento, Pedro foi morar na casa de sua sogra, a convite dela, que foi curada pelo Senhor Jesus em certa ocasião (Mt 8.14-17). Por favor, não me pergunte se foi por esse motivo que esse apóstolo, tempos depois, negou a Jesus!

— Fale-me sobre sua vida acadêmica, irmão Pedro.

— Ah, antes de começar a andar com o Mestre, minha formação era muito simples, irmão Ciro. Era tudo muito difícil onde eu morava. Tornei-me pescador por influência de meu pai e, também, porque não havia outra opção. Mas, depois, aprendi muito — muito mesmo — na Escola do Nazareno.

Diferentemente de Paulo, o mais proeminente de todos os apóstolos, Pedro — o principal dentre os Doze — não teve uma formação voltada à erudição. Paulo, antes de converter-se, já era versado nas Escrituras, sabia argumentar filosoficamente, falava idiomas, etc., mas só foi o que foi pela graça do Senhor (1 Co 15.10). Pedro, por sua vez, ainda que pouco tenha estudado antes de sua conversão, cresceu, a partir desta, "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2 Pe 3.18, ARA), tornando-se um grande referencial para a Igreja em todos os tempos.

— Qual era sua experiência profissional à época, irmão Pedro?

— O que sei, na área da pesca, aprendi com meu pai.

Jonas (ou João), "com seus filhos André e Pedro, exercia a profissão de pescador no mar da Galileia, de parceria com Zebedeu e seus filhos" (DAVIS, p. 961). Simão Pedro começou trabalhando com seu pai; era um pescador rude e iletrado (Mt 4.18; Jo 21.3). Jonas, talvez, tenha inserido os filhos nesse mercado de pescaria porque os galileus eram desprezados e marginalizados socialmente, não recebendo muitas oportunidades.

— Fale um pouco de suas qualidades e seus defeitos.

— Bem, dizem que sou dinâmico, leal, sincero, ousado e humilde (Mt 17.4; 26.33; Jo 21.17; Mt 14.28; Lc 5.8). Em compensação, tenho inúmeros defeitos. Sou impulsivo por natureza, violento, instável, ansioso, além de inconstante, apressado e com grande propensão para duvidar (Mt 19.27; 14.30; 16.22; 26.75).

— Meu Deus, mas como o tempo passou depressa! Não vou poder perguntar ao irmão sobre os dramáticos momentos que antecederam a

morte do Mestre... O irmão pode falar rapidamente sobre sua vida logo após o Pentecostes?

— Peço desculpas, irmão Ciro, mas não será possível. Estou saindo agora mesmo para a oração. Faltam poucos minutos para a hora nona.

— Mas... Eu preciso dessas informações... Não posso voltar sem elas.

— Então, vou te dar uma solução. Faz o seguinte: volta para a realidade e leia os Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Gálatas e, também, as minhas epístolas. Lá o irmão vai encontrar as informações de que necessita.

— Amém, irmão Pedro! Muito grato por essa preciosa conversa imaginária.

Quem Era Simão Pedro?

Uns dizem que Pedro é o personagem mais querido do Novo Testamento; outros, que é o mais contraditório da História da Igreja. Esse apóstolo divide as opiniões porque é humano. E, contra todos os prognósticos, foi chamado para ser o líder dos apóstolos antes da morte do Senhor, que, depois de sua ressurreição, confirmou esse chamamento. Pedro também foi o primeiro pregador pentecostal e o homem que Deus usou para abrir as portas do evangelho a judeus e gentios.

Ainda não se sabe, ao certo, em que ano Jesus Cristo nasceu,

> como conclui um dos melhores especialistas atuais, Charles Perrot, professor do Instituto Católico de Paris. [...] A maioria dos exegetas está inclinada, enquanto isso, a considerar que Jesus nasceu antes da morte de Herodes [o Grande] — ponto no qual Mateus e Lucas concordam (DUQUESNE, p. 32-33).

Alguns especialistas mantêm a opinião de que "a data de nascimento de Jesus foi provavelmente entre 6 e 5 a.C., de acordo com a observação de Lucas sobre o censo durante o governo de Cirênio" (TENNEY, p. 184).

Por outro lado, estudiosos católicos supõem que Pedro nasceu no ano 1 a.C. em Betsaida, na Galileia, e foi chamado por Jesus Cristo no ano 30 d.C. Depois de algum tempo, assumiu o papado e exerceu-o por 25 anos (42-67),

mudando-se para Roma em 63, onde morreu como mártir entre 64 e 67 (cf. CHANDELLE, 2007). Ele teria fixado "residência entre as colinas de Aventino e Esquilino, até o ano de sua execução — em julho de 67 da Era Cristã, por ordem de Nero" (MENDES, p. xix).

Essas informações são questionáveis ou refutáveis, tanto histórica quanto biblicamente falando, em especial a de que Pedro teria sido o primeiro papa. Elas, no entanto, ajudam-nos a manter uma cronologia de Pedro, apenas para efeito de estudo, pois é impossível estabelecer-se uma sequência dos eventos mencionados nos Evangelhos. O mais importante é que, considerando a hipótese de que Pedro nasceu no ano 1 a.C., bem como as suposições sobre o nascimento de Jesus, a idade deles seria quase a mesma quando se conheceram: "quase trinta anos" (Lc 3.23).

Observador e Sincero

Pedro era um pescador extremamente simples e obscuro cuja fama universal deve-se exclusivamente à sua conversão ao evangelho. Como qualquer profissional, ao deixar tudo para seguir a Jesus, ainda se preocupava com o sustento de sua família. E, por isso, perguntou ao Mestre em certa ocasião: "[...] Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos?" (Mt 19.27).

A vida de pescador deu-lhe a capacidade de perceber pequenos sinais, vento, maré, sombra, luz e melhores lugares. Ele era um homem observador "não só de peixe, mas de homens: característica que, nas mãos do Senhor, seria mais tarde grandemente intensificada" (ELLIS, p. 23). Outra qualidade de Pedro a ser destacada é a sua sinceridade, que, aliada à sua impulsividade, levava-o a fazer declarações para lá de espontâneas.

Seu dom de liderança é notório; ele sempre tomava a frente para falar. Algumas frases antagônicas dão uma ideia de como ele reagia ao que acontecia à sua volta. Num momento, ele diz a Jesus: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16); pouco tempo depois, "[...] tomando-o de parte,

começou a repreendê-lo", querendo convencê-lo a desistir da cruz (v. 22). Primeiro, rejeita um pedido: "Nunca me lavarás os pés" (Jo 13.8); em seguida, quer fazer além do que lhe foi solicitado: "Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (v. 9), etc.

Altos e Baixos

Esses termos descrevem bem a trajetória de Pedro mesmo depois de conhecer a Jesus. Ele

> é a personagem mais contraditória da História. Oscilava como uma gangorra desde os picos mais altos da coragem até as profundezas da covardia mais vil. [...] Pedro foi como uma pedra bruta burilada pelo Espírito Santo. De homem violento, tornou-se um homem manso. De um homem afoito e precipitado, tornou-se um homem ponderado. De um homem explosivo, tornou-se um homem controlado e paciente. De um homem covarde, tornou-se um gigante que enfrentou prisões, açoites e a própria morte com indômita coragem (LOPES, 2015, p. 8).

Pedro tinha uma personalidade forte. Ele vem sendo definido como "o homem mais sanguíneo da Bíblia. [...] O sanguíneo é caloroso, amável e simpático. Atrai as pessoas como se fosse um ímã". Ele é "generoso, compassivo, adapta-se ao ambiente e ajusta-se aos sentimentos alheios. Nenhum dos Doze,

> a não ser Judas, o Iscariotes, teve reprovação mais severa, e nenhum outro discípulo ousou, como ele, repreender o Senhor. Por outro lado, nenhum discípulo testemunhou, como Pedro, tanto respeito e amor por Cristo e nenhum outro recebeu louvor tão pessoal do Salvador (LAHAYE, 2008, p. 37-38).

Chamado para Pescar Almas

A trajetória de Pedro começou, de fato, junto ao lago de Genesaré, num dia em que a multidão acotovelava-se para ouvir o Senhor Jesus. Este, então, viu duas embarcações desocupadas amarradas na margem; Pedro e André, responsáveis por elas, haviam saído para lavar suas redes. Eles ainda estavam

divididos entre seguir a Cristo e continuar pescando. O Senhor subiu numa das barcas para ficar em posição de destaque, como se estivesse em uma cátedra.

Quando terminou sua aula, o Mestre disse a Simão, que era o responsável pela embarcação: "faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar" (Lc 5.4). E ele respondeu-lhe: "[...] Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas, lançarei a rede" (v. 5). Pedro já conhecia Jesus e sua profissão. E, talvez, tivesse pensado: "Esse filho de carpinteiro conhece muito as Escrituras, porém deve estar pensando também que sabe mais que um profissional de pesca".

O resultado da pesca foi extraordinário! E a estranha reação de Simão, pedindo ao Mestre que se afastasse dele, revelou um pouco de sua impulsividade e inconstância (Lc 5.8). O Senhor já havia dito aos dois irmãos pescadores: "[...] Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4.19). Mas, depois da pescaria maravilhosa, confirmou essa chamada a Pedro, em especial, dizendo-lhe: "Não temas; doravante serás pescador de homens" (Lc 5.10, ARA).

Confirmação da Chamada

Mais tarde, em Cesareia de Filipe, Pedro viveu outro momento significativo como principal dos Doze. Jesus perguntou a eles: "[...] Quem dizem os homens que eu sou?" (Mc 8.27). Diante de respostas variadas, o Mestre fez outro questionamento: "Mas vós quem dizeis que eu sou?". Pedro, então, como se estivesse no concurso *Crente Bom de Bíblia* da CPAD, respondeu: "[...] Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16, ARA). Trato dos desdobramentos dessa importante declaração no terceiro capítulo deste livro.

Depois do ocorrido em Cesareia de Filipe, entretanto, Pedro parece ter recebido um segundo chamado, assim como ocorreu com Abraão. Este foi chamado primeiramente em Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia (At 7.2-4) —

em Harã, também, onde seu primeiro chamamento foi renovado (Gn 12.1-3) —, e, mais tarde, quando o filho desse patriarca já era um jovem, o Senhor reafirmou e confirmou sua chamada, bem como as promessas que lhe fizera (22.16-18).

Vemos, portanto, dois momentos decisivos na vida de Pedro: seu chamado no mar da Galileia — também chamado de mar de Quinerete ou Kinnereth (Nm 34.11; Js 12.3; 13.27), lago de Genesaré (Lc 5.1; Mt 14.34) ou mar de Tiberíades (Jo 6.1; 21.1) — e sua confissão de fé em Cesareia de Filipe. Foi neste momento que o Senhor disse a ele: "[...] Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.17,18, ARA).

Um Líder Nato

Apesar de ter-se acovardado e traído o Mestre pouco antes da crucificação, Pedro era um homem leal. Quando uma grande multidão de discípulos abandonou o Caminho, por exemplo, Jesus perguntou aos Doze se eles também queriam ir embora. Pedro, então, respondeu-lhe sem titubear: "[...] Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus" (Jo 6.68,69). Era isso que ele pensava de maneira geral.

Ele tornou-se o líder dos apóstolos depois da ressurreição do Senhor Jesus porque sempre foi um homem corajoso mesmo antes de converter-se. O que lhe faltava era a intrepidez para pregar a Palavra, o que lhe seria outorgado no dia de Pentecostes, quando todos foram cheios do Espírito Santo (At 2.1-4). Antes, porém, ele resolvia muitas coisas à base do ímpeto imprudente de sua natureza, o qual usou quando defendeu o Mestre com sua pequena espada ou adaga (gr. *máchaira*) — talvez, uma faca de pescador —, enfrentando soldados treinados e armados até os dentes (Jo 18.10,11).

Pedro aprendera a ser humilde, embora a verdadeira humildade, como a de Jesus, a de coração (Mt 11.28,29), só tenha aflorado *mesmo* quando o Paráclito assumiu o controle de sua vida. A humildade do coração não é o mesmo que aparência de humildade, ou seja, servil e hipócrita. Ao fim e ao cabo, as características de seu temperamento foram usadas pelo Espírito Santo, que moldou seu caráter e mudou seu interior, tornando-o "apto para o uso de uma das chaves do Reino — não da Igreja, como geralmente se diz — abrindo a porta, pelo evangelho, aos gentios" (ELLIS, p. 25).

Primeiros Passos

A vida de Simão, o pescador, mudou radicalmente, como se supõe, no ano 30 d.C.. Ele tinha, então, mais ou menos 30 anos, a idade certa para uma grande "virada de página". Essa nova vida, porém, não caiu do céu, embora Jesus seja o Pão vivo que desceu do céu (Jo 6.51). Quer dizer, embora sua vida tenha mudado da água para o vinho a partir de seu encontro com Cristo, houve algumas dificuldades até o momento exato de sua conversão.

E, ao começar essa nova vida, ainda houve alguns altos e baixos até Pedro tornar-se, de fato, "testemunha dos sofrimentos de Cristo, e ainda coparticipante da glória que há de ser revelada" (1 Pe 5.1, ARA). Quando ele tornou-se uma "testemunha" (gr. *martus*) como seu Mestre — "a fiel testemunha" (Ap 1.5) —, já estava pronto para o cumprimento da profecia de Jesus a seu respeito: "quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras" (Jo 21.18).

Deus já tinha um plano traçado para a vida de Pedro até seu martírio. Mas, para que essa linda trajetória começasse, Simão, o pescador, devia entregar-se, de fato, a Cristo. Paulo, antes do encontro com Jesus no caminho para Damasco, ouviu a mensagem do evangelho por meio de Estêvão, apesar de odiá-lo. Pedro, antes de conhecer o Salvador, ouviu primeiro a mensagem de João Batista, o precursor de Cristo. A mensagem

chegou a ele por meio de seu irmão, André, que, aparentemente, estava mais interessado em conhecer a quem batizaria seus discípulos com o Espírito Santo e com fogo (Jo 1.29-42; Mt 3.11).

Pedro foi levado a Cristo por André, seu irmão. Este não guardou para si a boa notícia que recebera, mas "achou primeiro a seu irmão Simão e disse-lhe: Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo). E levou-o a Jesus" (Jo 1.41.42). Pedro tornar-se-ia o primeiro dentre todos os Doze. E André, na maratona apostólica que menciono no último capítulo, oscilaria entre o segundo e o quarto lugares. Mesmo assim, em momento algum, vemo-lo, nos Evangelhos, com inveja de seu irmão. Que exemplo!

Ao chegar diante do Mestre, houve uma troca de olhares, e Ele, de imediato, disse-lhe o que aconteceria a partir daquele momento: "[...] Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1.42). Esse foi apenas um primeiro contato. O que aconteceu com Pedro é mais ou menos o que ocorre àquela pessoa que vai a uma igreja algumas vezes até firmar-se no caminho do Senhor.

Mateus e Marcos registram um segundo encontro de Pedro e André com Jesus, também na Galileia. O primeiro, intermediado por André, foi na própria casa de Jesus. O segundo, às margens do lago-mar da Galileia. Essa expansão de águas, que tem o formato semelhante a uma pera e

> mede uns 21 km de comprimento por uns 13 de largura em sua maior extremidade para o norte, está encerrada por colinas escarpadas, salvo no lado norte e noroeste e no ponto onde o Jordão sai do lago pelo lado sul, sendo mais pendentes as elevações que surgem na faixa de verdor pelo lado oriental (MONEY, pp. 207-208).

Lendo os Evangelhos, sabemos que o Senhor Jesus nasceu em Belém e, depois de algum tempo, foi levado por seus pais ao Egito para livrar-se do furor de Herodes. Ao voltar de lá, o Salvador passou sua infância e juventude em Nazaré na chamada Baixa Galileia. Depois disso, foi batizado em Betábara, na margem oriental do Jordão, defronte a Jericó (cf. Mt 2–3).

Após ser tentado no deserto, para onde foi conduzido pelo Espírito Santo (Lc 4.1), possivelmente a um lugar despovoado entre Hebrom e o mar Morto, Jesus voltou a Betábara, recebeu o testemunho de João Batista e conheceu seus primeiros discípulos. Foi nessa ocasião que Ele teve o primeiro contato com Pedro (cf. Mt 4.1-12; Jo 1.15-51). Em seguida, afastou-se de seu precursor e viajou para Caná da Galileia, onde realizou seu primeiro milagre (Jo 2.1-12).

O Senhor, que, nas bodas de Caná, estava acompanhado de discípulos (Jo 2.2), "desceu a Cafarnaum, ele, e sua mãe, e seus irmãos, e seus discípulos, e ficaram ali não muitos dias" (v. 12). Jesus só passou por Cafarnaum nessa ocasião porque desejava ir a Jerusalém para participar da "Páscoa dos judeus" (v. 13). Após purificar o Templo pela primeira vez (vv. 14-25; cf. Mt 21.12,13) e conversar com Nicodemos (Jo 3.1-21), permaneceu por alguns meses na Judeia, fazendo muitos discípulos e enfrentando muita oposição (4.1,2).

Depois de tudo isso, já que os representantes autorizados da nação trataram-no com descaso em Jerusalém, Jesus tomou essa atitude como rejeição e mudou "a esfera de suas atividades, indo para a Galileia, na parte setentrional da Palestina" (MONEY, p. 206; cf. Jo 4.3). Nessa jornada, "era-lhe necessário passar por Samaria" (v. 4). E, então, foi a Sicar, onde evangelizou uma mulher samaritana (vv. 5-42), honrando novamente Caná com a sua presença (vv. 46-54).

O ministério do Senhor Jesus na Galileia — onde permaneceu visitando várias cidades daquela região por mais ou menos 18 meses — só começou, por conseguinte, após um primeiro ano de itinerância. Ele foi muito bem recebido ali no primeiro ano; as pessoas estavam entusiasmadas com a sua presença. O trabalho de evangelização era, no entanto, árduo. Chegou o tempo de o Mestre formar a sua equipe de líderes e pregadores.

Ao passar novamente por Nazaré, incrédulos tentaram matá-lo (Lc 4.29), fato que levou o Senhor a fixar residência na cidade marítima de Cafarnaum

(Mt 4.13), situada sobre a orla noroeste do mar da Galileia, onde Ele começou "a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus" (v. 17). Foi nesse período, em algum momento, que o Senhor disse aos irmãos Pedro e André: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (v. 19).

Eles já conheciam o Mestre, mas, naquele momento, sentiram que precisavam tomar a decisão de trocar a vida profissional pela ministerial. E, por isso, "deixando logo as redes, seguiram-no" (Mt 4.20). Lucas, entretanto, mostra-nos que houve um período de transição. Apesar de passarem a seguir o Mestre em suas campanhas na Galileia, eles ainda continuaram com a atividade de pesca.

Na Casa da Sogra

Acredita-se que "Pedro recebeu três chamadas distintas de seu Mestre, a primeira para ser discípulo; a segunda, para acompanhá-lo em sua missão; e a terceira para ser apóstolo" (DAVIS, p. 962). Essa segunda chamada, no entanto, não era, ainda, para ser um pescador de homens, e sim para aprender a sê-lo; ela diz respeito ao futuro: "vos farei pescadores de homens" (Mt 4.19). Pedro, então, passou por esse período de aprendizagem, e o Senhor disse-lhe, em outra ocasião, dessa vez individualmente: "de agora em diante, serás pescador de homens" (Lc 5.10).

Lucas — que procurou descrever os fatos "por sua ordem", havendo-se "já informado minuciosamente de tudo desde o princípio" (1.3), e escreveu "o Evangelho da certeza histórica" (GUNDRY, p. 100) — põe a cura da sogra de Pedro antes da pescaria maravilhosa no lago de Genesaré (Lc 4.38,39; 5.1-11). Isso indica que os irmãos Pedro e André, num primeiro momento, não deixaram tudo, de fato, para seguir o Senhor, isto é, quando Ele disse-lhes: "Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens" (Mc 1.17).

Pedro já estava seguindo o Mestre, ouvindo suas pregações e ensinamentos, bem como vendo seus milagres (Mt 8.1-13). Ele, porém,

ainda estava preso à vida de pescador. Mateus apresenta, entre a chamada inicial de Pedro para ser pescador de homens e a cura de sua sogra, o Sermão da Montanha (caps. 5-7); não o confunda com o Sermão da Planície (cf. Lc 6.17-49). Antes de serem pescadores de homens, isto é, pregadores do evangelho e discipuladores, Pedro e André precisavam aprender a ganhar almas (evangelizar) e fazer discípulos.

Essa transição de pescador de peixes para "pescador de homens" não foi muito fácil. A essa altura, aparentemente, Jesus visitava a casa de Pedro com certa frequência. E, numa dessas ocasiões, inclusive, "viu a sogra deste jazendo com febre" (Mt 8.14). Ela tinha, ao que parece, um mal crônico, que ia e voltava. O Senhor, então, "tocou-lhe na mão, e a febre a deixou; e levantou-se e serviu-os" (v. 15).

Todavia, nem mesmo esse grande milagre convenceu Pedro a deixar tudo para cumprir a vontade de Deus! Ou será que foi justamente isso que adiou sua decisão? (Risos). Pobres sogras... Por causa de algumas não muito sábias, elas sempre são lembradas em gracejos "maldosos", inclusive em alguns livros... Não obstante, a sogra desse primeiro apóstolo era, sem dúvida, uma mulher abençoada e trabalhadora, um exemplo!

Pescador de Homens

Quando olhamos para a vida dos Doze, vislumbramos três etapas na história de sua comunhão com Jesus. Na primeira,

> simplesmente criam nEle como sendo o Cristo, e sendo seus companheiros mais próximos, particularmente em eventuais ocasiões festivas. [...] Na segunda etapa, a comunhão com Cristo assumiu a forma de uma presença ininterrupta de sua Pessoa, em tempo integral ou, ao menos, o abandono das ocupações seculares habituais. [...] Os doze entraram no estágio final e mais elevado do discipulado quando foram escolhidos por seu Mestre dentre toda a multidão de seus seguidores, e formaram um grupo seleto (BRUCE, 2007, p. 25-26).

Pedro, como se supõe, ainda estava na transição entre a primeira e a segunda dessas três etapas. Além de ser um dos companheiros próximos de Jesus, cria piamente que Ele era o Cristo. O Mestre visitava sua casa e já tinha até curado sua sogra! Ele, contudo, ainda não dedicava tempo integral ao ministério; tinha dificuldade para renunciar todas as coisas (cf. Lc 9.23), como a sua vida de pescador.

Um fato novo, mais uma experiência marcante no lago de Genesaré, mudaria essa história. Não somente Pedro, como também todos os Doze ainda eram, a essa altura, homens de mentes limitadas, ignorantes, cheios de preconceitos e superstições, regidos por concepções errôneas. Não era fácil deixar as velhas crenças incutidas em suas mentes e abraçar o evangelho transformador pregado por Jesus. Pedro, em especial, era um pescador de origem muito humilde, que nunca tivera um relacionamento social com as pessoas cultas da sociedade.

O episódio narrado em Lucas 5.1-11 foi fundamental para, finalmente, Pedro tornar-se um pregador do evangelho, um pescador de homens. Pressionado pela multidão reunida à margem do lago para ouvi-lo, o Mestre entrou num dos barcos usados por Jonas, o pescador, e seus filhos. E, depois de pregar e ensinar em cima dessa barca, já um tanto distanciado da margem, o Senhor ordenou que o afastassem ainda mais, visando a uma pescaria. Embora as redes pertencessem a todos os pescadores, sua ordem foi para Simão, acompanhado de André: "[...] faze-te ao mar alto, e lançai as vossas redes para pescar" (v. 4).

É isso mesmo? Jesus, que convidara Pedro a deixar a vida de pescador, chamou-o para pescar? Mas isso não é contraditório? Bem, Deus tem seus planos e sabe o que faz. Chegara o momento de esse apóstolo conhecer alguém melhor do que ele, inclusive na arte de pescar. Mesmo assim, ele argumentou: "[...] Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, porque mandas, lançarei a rede" (Lc 5.5).

Na verdade, Pedro conhecia "cada metro quadrado daquele lago. Ali era o seu território mais conhecido e mais explorado. Era o campo de onde tirava o seu sustento" (LOPES, 2015, p. 13). E, ao mencionar o fato de ter pescado a noite toda, quis dizer o seguinte na linguagem popular: "Sei o que estou fazendo, mas, já que insiste, vou tentar mais uma vez".

Pedro, Pedro, as aventuras no mar da Galileia só estão começando! A rede voltou cheia de peixes, a ponto de quase se romper com o peso. Os pescadores fizeram, então, "sinal aos companheiros que estavam no outro barco, para que os fossem ajudar. E foram e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique" (Lc 5.7).

Não conseguindo entender o que estava acontecendo, Pedro teve uma reação estranha. "Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador" (Lc 5.8, ARA). Não havia, de fato, uma explicação lógica para o ocorrido. Nem mesmo ele, com toda a sua experiência em pescaria, poderia explicar por que tantos peixes estavam acumulados ali, somente esperando o momento de serem pescados.

Mas por que Pedro, que já conhecia Jesus, reagiu dessa maneira? Havia uma mistura de mal e bem, uma luta interior entre suas naturezas carnal e espiritual (cf. Gl 5.16-22). Ao mesmo tempo em que reverenciava o Deus-Homem, ele externava temores supersticiosos do sobrenatural, além de um escravizador medo do Senhor. Impulsivo e o mais impressionável dentre os quatro pescadores que presenciaram o grande milagre em apreço, Simão reagiu de tal modo a revelar que estava mudando de pescador de peixes para pregador do evangelho.

Por isso, Jesus disse a Simão: "Não temas" (Lc 5.10). Ele, sem dúvida, quis tranquilizá-lo por causa do medo escravizador que ainda sentia naquele momento, manifesto pela sua própria declaração: "Senhor, ausenta-te de mim" (v. 8). Aparentemente, Pedro considerava que não era seguro para ele, um pobre mortal e pecador, estar próximo do Filho de Deus.

Isso mostra o quanto Pedro ainda se sentia incapaz de deixar tudo e seguir o Mestre. Ele precisava de uma capacitação especial. Somente a graça de Deus poderia fortalecê-lo naquele momento. Ele queria ser um pregador do evangelho, um pescador de homens, mas sentia-se preso à vida velha. Talvez a pressão que sofria em casa também fosse grande: "Pedro, você vai deixar de pescar, e nós vamos comer o quê? Pense bem antes de tomar essa decisão".

Entretanto, quando nos chama o Senhor, cedo ou tarde, de nosso ponto de vista, tudo se encaixará. Depois dessa grande pescaria, Pedro não ouviu mais um convite do tipo: "Vem após mim". Não, não! Ele não tinha mais para onde correr. Para quem iria ele? Ele já sabia que somente Cristo tem as palavras da vida eterna (Jo 6.60-69). E o Senhor, então, fisgou o peixe definitivamente: "de agora em diante, serás pescador de homens" (Lc 5.10).

Alguns pregadores dizem que, a partir dessa experiência, Pedro deixou tudo para seguir o Mestre. Na verdade, ele não deixou tudo! Quando se tornou um pescador de homens, ele colocou tudo à disposição do Senhor: o mar, seu barco, as redes e os peixes. Tudo agora serviria aos propósitos do Reino, pois o Senhor Jesus ainda precisaria atravessar aquele lago-mar algumas vezes, onde Pedro também passaria por outros grandes testes.

Treinamento Apostólico

Depois do Sumo Apóstolo (Hb 3.1), Paulo e Pedro são os principais personagens do Novo Testamento. Independentemente de o examinarmos por assuntos, como se nos apresenta (de Mateus a Apocalipse), ou de modo sequencial (cronológico), a primeira vez em que o termo "apóstolo" aparece no singular refere-se a Paulo (Rm 1.1; Gl 1.1). Quanto a Pedro, começou seus escritos, entre 60 e 64 d.C., com as seguintes palavras: "Pedro, apóstolo" (1 Pe 1.1).

Para Paulo, pregar o evangelho e escrever epístolas talvez não fosse tão difícil do ponto de vista da organização das ideias. Agora, imagine Pedro

pregando e escrevendo! Essa comparação não parecerá absurda se observarmos que esse rústico pescador entregou-se completamente a Cristo e aprendeu aos seus pés. Ademais, a partir do Pentecostes, deu lugar ao Espírito Santo, que foi mudando seu interior, moldando seu caráter e capacitando-o com dons. Paulo, sem dúvida, era um erudito; Pedro, porém, estudou na Escola do Nazareno, além de ser capacitado pelo Paráclito (cf. 1 Jo 2.20,27).

Se houve um período de aprendizagem entre o convite para Pedro deixar tudo e ser um pescador de homens (Mt 4.19) e tornar-se, efetivamente, um pregador do evangelho, treinado para exercer essa função (Lc 5.10), também ocorreu uma preparação antes da confirmação do seu apostolado. A partir do momento em que ele tornou-se um pescador de homens, passou a acompanhar o Senhor em tempo integral, vendo-o curar muitas pessoas nas aldeias de Cafarnaum, como um leproso (Mc 1.38-42), um paralítico (2.1-12) e um homem que tinha uma mão ressequida, paralisada, possivelmente, devido a um derrame (3.1-12).

Simão Pedro estava com o Mestre em tempo integral quando Ele chamou Mateus (Levi) e, em seguida, foi à sua casa para "comer com os publicanos e pecadores" (Mc 2.13-17). Pedro também ouviu atentamente uma discussão sobre o jejum (vv. 18-22; Mt 9.14-17; Lc 5.33-39).

> Ao defender os seus discípulos, por não jejuarem, Jesus comparou o seu ministério às bodas messiânicas que eram aguardadas pelos judeus. [...] É impróprio para os convivas de uma festa assim não se alimentarem, em sinal de lamentação (GUNDRY, p. 147).

Entretanto, como foi o chamamento de Pedro para ser um apóstolo? Quando isso, de fato, aconteceu? Ele já era, então, um pescador de homens; já havia deixado sua profissão de pescador e estava inteiramente a serviço do Mestre. Hoje, fala-se muito em *coaching*. Jesus não foi apenas um *coach*, um treinador de doze pessoas portadoras de alguma formação inicial. O Mestre escolheu doze

> homens não por aquilo que eles eram, mas por aquilo que eles vieram a ser. E vieram a ser não por desenvolverem seu potencial, mas pela transformação operada neles por Jesus e pela capacitação do Espírito Santo (LOPES, 2015, p. 12).

O Senhor trabalhou com o material bruto desde o início; não escolheu os melhores para transformá-los em grandes líderes.

> Jesus preferiu optar pelos homens da Galileia: rústicos, porém simples, sinceros e motivados. E Ele ficou bastante satisfeito com sua escolha e devotamente agradeceu a seu Pai por ter-lhe concedido homens como esses (BRUCE, 2007, p. 53).

Pedro e seus companheiros passaram pela escola do maior formador de líderes que já andou na terra! O Mestre não os formou à base de palestras motivacionais; primeiro, Ele escolheu cuidadosamente os apóstolos, dando atenção especial a cada um para, depois, nomeá-los (Jo 15.16). Num primeiro momento, Ele trabalhou só; seus milagres estavam confinados a uma área restrita, e sua doutrina era especialmente de caráter elementar. No entanto, por ocasião da eleição dos Doze, a obra do Reino já tinha assumido dimensões que exigiram divisão de trabalho e maior organização.

Pensemos na grande multidão que ouvia as palavras de Jesus. Era impossível que todas as pessoas que criam continuassem seguindo-o, já que seu ministério era itinerante. Muitos dos seus colaboradores eram ocasionais. Ele precisava de companheiros de viagens que o assistissem em todas as suas jornadas. E foi assim que Ele, após escolher os Doze — todos da Galileia, exceto Judas Iscariotes —, preparou-os, mostrando-lhes, por meio de exemplo, como pregar, ensinar e curar (Mt 4.23).

Chamado para Apóstolo

Antes de formar o chamado colégio apostólico, o Senhor apresentou aos Doze e a todos os seus discípulos o Sermão da Montanha, além de operar muitos milagres na presença deles (Mt 5–9). Depois disso, subiu a um monte

ou elevação — "as 'montanhas' ao redor do mar da Galileia eram pequenas se comparadas com o Sinai" (WALKER, p. 68) — para "orar e passou a noite em oração a Deus" (Lc 6.12).

Naquele lugar elevado, segundo sua soberana vontade, chamou 12 discípulos para nomeá-los apóstolos (Mc 3.13,14). Alguém poderá perguntar: "Por que, em Lucas, o Sermão da Montanha aparece depois da eleição dos Doze?". Bem, embora seja impossível harmonizar rigorosamente os Evangelhos, pois os autores sagrados não se preocuparam com isso, não confundamos o Sermão da Montanha (ou do Monte) com o Sermão da Planície.

Em Mateus 5.1, antes da escolha dos Doze e outros eventos que a precederam, Jesus "subiu a um monte". Em Lucas 6.17, Ele, depois dessa eleição, "descendo com eles, parou num lugar plano". Quando comparamos os dois sermões — pregados em lugares e ocasiões diferentes —, vemos que, embora parecidos, eles, no geral, são dessemelhantes quanto a tamanho, conteúdo e sequência dos assuntos apresentados.

O Sermão da Montanha tem mais de cem versículos, enquanto o da Planície tem pouco mais de trinta. Não obstante, todos os ensinamentos que não aparecem no segundo encontram-se em outros contextos, espalhados por todo o Evangelho de Lucas. O que isso nos ensina? Que o Mestre costumava reprisar sermões, no todo ou em parte, e reprisar seus ensinamentos para que não houvesse dúvida quanto à sã doutrina.

No longo Sermão da Montanha, encontramos nove bem-aventuranças (Mt 5.3-12); mas, no compacto Sermão da Planície, apenas quatro (Lc 6.20-23). No primeiro, após essas beatitudes, o Senhor Jesus diz: "Vós sois o sal da terra" e "a luz do mundo" (Mt 5.13,14); no segundo, Ele apresenta uma série de quatro "ais" (Lc 6.24-26). E assim por diante. "Não devemos imaginar que o Sermão do Monte é um discurso único pronunciado por Jesus num dia particular" (MOUNCE, 1996, p. 47).

Voltemos à eleição dos Doze. Segundo Marcos 3.13,14, após o Sermão da Montanha e outros eventos (cf. Mt 5–9; Lc 5.1-11; Mc 1–2; 3.1-12), o Senhor "subiu ao monte e chamou para si os que ele quis; e vieram a ele. E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar". Quanto ao número de apóstolos eleitos soberanamente — e não de modo aleatório —, "correspondia aos doze patriarcas (filhos de Jacó), de quem descendiam as tribos de Israel. O vocábulo 'apóstolo', usado por Lucas, dá a entender alguém enviado com autoridade delegada para representar aquele que o enviou" (GUNDRY, p. 150).

Em Mateus 10.1, está escrito que o Senhor chamou "os seus doze discípulos". Note: "seus doze"; eram homens que já estavam com Ele aprendendo, observando, pondo em prática as verdades do evangelho. Após nomeá-los, o Mestre enviou-os de dois em dois (vv. 2-4), dizendo-lhes: "Não ireis pelo caminho das gentes, nem entrareis em cidade de samaritanos; mas ide, antes, às ovelhas perdidas da casa de Israel; e, indo, pregai, dizendo: É chegado o Reino dos céus" (vv. 5-7). Jesus deu-lhes também muitas recomendações (vv. 8-42).

Jesus continuaria tendo contato com os Doze, mas, a partir do momento em que os elegeu e, depois, enviou-os, eles agora teriam de pôr em prática o que aprenderam. Afinal, em breve, o Senhor iria deixá-los, e eles teriam de confiar na promessa de que o Senhor, especialmente por meio do Espírito Santo, estaria com eles todos os dias (Mt 18.20; 28.20). Os Doze, então, foram enviados não somente para pregar, mas também para curar os enfermos, ressuscitar mortos, expulsar demônios, etc.; tudo de graça e pela graça (10.8).

Não é possível determinar o momento, ao certo, em que ocorreu essa eleição. Mas não é por acaso que João é chamado de Evangelho complementar; ele, de fato, ajuda-nos a entender os episódios mencionados nos Evangelhos sinóticos, além de mencionar outros eventos e ensinamentos com exclusividade.

> João se refere aos doze como uma companhia organizada na ocasião em que o Senhor realizou o milagre de alimentar mais de cinco mil pessoas, e do discurso sobre o Pão da vida na sinagoga de Cafarnaum, proferido pouco tempo após aquele milagre [cf. Jo 6.1-15,70] (BRUCE, 2007, p. 46).

A chamada de Simão Pedro — que já era um pescador de homens — para ser o primeiro apóstolo deve ter ocorrido, mais ou menos, entre os anos 31 e 32 d.C. Ele passou pelo discipulado do Mestre entre o convite para ser pescador de homens (Mt 4.19) e a confirmação desse chamamento (Lc 5.10) e, também, por um treinamento específico, teórico e prático visando ao apostolado, entre a pesca maravilhosa, no lago de Genesaré, e a mencionada eleição dos Doze (Mt 10.1-4; Mc 3.13-19; Lc 6.12-16).

À Prova de Água

Jesus elegeu homens limitados, boa parte deles pescadores. A escolha do colégio apostólico é surpreendente. Pedro tornou-se pregador do evangelho e, em seguida, o principal apóstolo. Todavia, ele e todos os seus companheiros eram testados o tempo todo. As provas de Pedro quase sempre estavam relacionadas com o mar da Galileia, que ele pensava conhecer e dominar. Quando foi chamado para ser pescador de homens, estava ali. Mais tarde, teve seu chamamento confirmado no mesmo local. Pergunta fácil: Onde ocorreu a confirmação do seu apostolado?

Há um filme evangélico muito famoso chamado *Fireproof* (2008); em português, *À Prova de Fogo*. Se eu fosse um cineasta e tivesse a oportunidade de fazer um filme sobre as provações de Pedro dentro do mar, já teria um bom título: *À Prova de Água* (Risos). É interessante como esse apóstolo deixou a vida de pescador, mas continuou ligado às águas do lago de Genesaré ou mar da Galileia.

Na verdade, desde o momento em que o Senhor Jesus convidou Pedro para segui-lo e ser um pescador de homens (Mt 4.19), ele experimentou, pelo menos, quatro grandes testes, que foram verdadeiras provas de fogo —

ou melhor, de água — dentro do mar da Galileia. Cada um desses testes foi narrado de maneira especial em um dos quatro Evangelhos: as três primeiras provações foram narradas nos sinóticos, e a quarta, em João.

O primeiro grande teste de Pedro no mar da Galileia foi em meio à famosa pesca maravilhosa, na qual o Senhor confirmou sua chamada para pregar o evangelho (Lc 5.1-11). O segundo foi durante uma grande tempestade, quando ele já fazia parte do grupo seleto dos Doze (Mc 4.35-41). O terceiro foi logo após a primeira multiplicação de pães, quando andou por cima do mar (Mt 14.22-36). E o quarto foi quando o Senhor, já ressuscitado, teve uma longa conversa com esse apóstolo logo após outra maravilhosa pescaria (Jo 21.1-23).

Como já vimos, não é uma tarefa fácil harmonizar os Evangelhos. Aliás, é impossível, visto que os quatro evangelistas não se preocuparam necessariamente com isso. No caso de Lucas, dentre todos, "é o mais explícito, porém não sincroniza os atos de Cristo tão completamente com a história externa, a ponto de remover todas as ambiguidades" (TENNEY, p. 183-184).

Ao narrar os fatos, Lucas procurou colocá-los em sequência, embora não tenha recorrido, em excesso, a acontecimentos ou pessoas que estavam no poder, por exemplo, para rigorosamente confirmar a ordem cronológica em que tudo ocorreu. Por outro lado, ele é o único evangelista que pensou em estabelecer uma linha do tempo a partir do nascimento do Senhor Jesus. E, não por acaso, ele inicia seu tratado dizendo que seu objetivo era relacionar os fatos ocorridos em ordem, após informar-se "minuciosamente" (1.3).

Nesse caso, apesar de Mateus afirmar que a tempestade no mar da Galileia aconteceu antes da eleição dos Doze — o que não é um erro, considerando que a cronologia para esse autor sagrado não era uma prioridade —, Lucas acerta ao colocar a tempestade depois desse importante evento (cf. Mt 8.23-27; 10.1-4; Lc 6.12-16; 8.22-25). Marcos, que, para alguns eruditos, foi o "primeiro dos Evangelhos a ser escrito" (GUNDRY, p. 85), concorda com

Lucas, dizendo que esse "grande temporal de vento" sucedeu a eleição do colégio apostólico (3.13-19; 4.35-41).

A tempestade no mar da Galileia foi uma grande prova de água para o apóstolo Pedro! Ele e seus companheiros certamente entenderam que, depois dessa experiência, estavam em outro estágio da caminhada com o Mestre. Eles agora deveriam ser mais ousados e ter uma fé inabalável em Deus. Em pouco tempo, eles não teriam mais o Senhor por perto, em pessoa, para socorrê-los.

Simão Pedro, em especial, acostumado com aquele lago-mar, que ficava a quase cem quilômetros ao norte de Jerusalém, lugar onde pescara tantas vezes, talvez não tivesse pensado na possibilidade de haver ali uma tempestade quando o Mestre disse-lhe: "Passemos para a outra banda do lago" (Lc 8.22). Ele sabia que não era nada comum haver grandes temporais naquele lago de água fresca abastecido pela neve derretida do monte Hermom, trazida pelo rio Jordão.

Por outro lado, também não era comum pescar tantos peixes de uma só vez naquele mesmo lugar, como acontecera no dia em que seu chamado para pregar o evangelho foi confirmado (Lc 5.1-11). Na verdade, o risco de tempestade no mar da Galileia, embora pequeno, era real. Muitas das suas praias

> são cercadas por declives bastante íngremes, o que geralmente protege o lago dos ventos e das tempestades. Mas quando o vento muda de direção, correndo sobre o lago através de um de seus vales, ele pode se tornar subitamente acidentado e perigoso (WALKER, p. 66).

Assim que a navegação começou, o Mestre adormeceu. Marcos esclarece que o Senhor estava muito cansado por causa do povo, que o cercava: "E eles, deixando a multidão, o levaram consigo, assim como estava, no barco [...]" (4.36). Ou seja, o Mestre aproveitaria a travessia do lago-mar da Galileia para descansar. No entanto, "sobreveio uma tempestade de vento no lago, e o barco enchia-se de água, estando eles em perigo" (Lc 8.23).

Embora oferecesse alívio aos cansados e sobrecarregados (Mt 11.28,29), o Deus-Homem estava exausto. Afinal, "participou das mesmas coisas" que nós temos experimentado, exceto o pecado (Hb 2.14; 4.15). Ele tinha sede, apesar de oferecer a água da vida à mulher de Samaria (Jo 4); tinha fome, mesmo sendo o Pão da vida (6.35). E assim por diante.

Cabia aos apóstolos, que já haviam passado por tantas experiências juntamente com o Mestre, tomar uma posição. Pedro, o líder, o mais arrojado de todos, devia ter-se levantado e repreendido aquela tempestade. Mas, o que fizeram eles? Despertaram o Senhor, interrompendo seu descanso para pedir-lhe socorro: "Mestre, Mestre, estamos perecendo" (Lc 8.24).

O Senhor, que dormia na popa (parte posterior) do barco sobre uma almofada, levantou-se e fez duas repreensões. A primeira foi dirigida aos apóstolos: "Por que temeis, homens de pequena fé?" (Mt 8.26). Em seguida, repreendeu o vento, dizendo ao mar: "Cala-te, aquieta-te" (Mc 4.39). Fez-se, então, uma grande bonança, e todos os que presenciaram o milagre — não apenas os apóstolos, pois havia outros barquinhos ao redor (v. 36) — maravilharam-se: "Que homem é este, que até os ventos e o mar lhe obedecem?" (Mt 8.27).

Sete Coisas Grandes

Permita-me concluir este capítulo com uma mensagem inspirativa sobre sete grandes coisas alusivas a essa tempestade narrada pelos Evangelhos sinóticos. Além desta, que foi realmente muito grande (Mt 8.24), mencionam-se um grande medo (vv. 25,26), uma grande voz (Mc 4.39), uma grande bonança (Lc 8.24), uma grande incredulidade (v. 25), um grande temor (Mc 4.41) e uma grande pergunta (Mt 8.27).

1. Grande Tempestade

Em Mateus 8.24, esse termo (gr. *seismós megas*) significa, literalmente, "grande terremoto". Isso dá uma ideia do que ocorreu naquela ocasião. Não foi apenas um vento forte, com o qual os pescadores estavam acostumados, que veio sobre a embarcação de Pedro e seus companheiros. O que houve, de fato, foi uma tempestade sem nenhum precedente.

Em toda a Bíblia, mencionam-se três grandes tempestades: a primeira, nos dias do profeta Jonas, no mar Mediterrâneo (Jn 1.4); a segunda, no mar da Galileia; e a terceira, durante a viagem de Paulo à Itália, também no Mediterrâneo (At 27.20-25,42-44). Em todas essas tempestades, houve livramento da parte de Deus; e nenhuma pessoa pereceu. Fazendo uma aplicação, tempestade pode representar lutas e provações (Is 25.4; 32.2; Sl 107.29; Is 59.19). Confie no Senhor, prezado leitor, pois Ele é quem pode livrar-nos *da* tempestade, mas também *na* (durante a) tempestade!

2. Grande Medo

Sei o que é ter medo de tempestade. Em 1991, enfrentei uma em alto mar. Minha esposa e eu estávamos em um passeio de escuna em plena lua de mel! E, de repente, veio sobre nós uma grande escuridão; o mar ficou revolto, e as ondas começaram a passar por cima do barco, que era jogado de um lado para o outro. Nunca tive tanta certeza de que morreria. E nunca mais quis saber de passeio de barco.

Em meio à gritaria e ao desespero de todos, resolvi descer as escadas em direção ao porão. Ali, coloquei o meu rosto no pó, ou melhor, na água — o barco já estava bem cheio —, e clamei ao Senhor, deslizando pelo assoalho. Minhas palavras foram, mais ou menos, estas: "Senhor, tanta luta para casar... E agora vou morrer em plena lua de mel? Tem misericórdia de nós, Senhor. Eu creio nas promessas que me fizeste" (Risos). Agora, minha esposa e eu rimos, mas não desejamos a ninguém o que passamos.

Naquele exato momento de oração, inexplicavelmente, ainda em meio à tempestade, tive a certeza de que Jesus estava no barco provando a nossa fé.

Ele, então, repreendeu o vento e o mar! E, em menos de cinco minutos, as águas acalmaram-se. Essa experiência ajudou-me a ter uma ideia do pavor que Pedro e seus companheiros sentiram. Não era qualquer tempestade que aterrorizaria pescadores experientes, que conheciam bem o mar da Galileia. Mas "levantou-se grande temporal de vento, e subiam as ondas por cima do barco, de maneira que já se enchia de água" (Mc 4.37).

3. Grande Voz

No caso dos discípulos, o Mestre estava, em pessoa, ao seu lado. E sua grande voz, assim que Ele foi despertado do sono, ecoou primeiramente na direção deles, como uma repreensão (Mt 8.26). E, em seguida, em direção à força da natureza: "Cala-te, aquieta-te" (Mc 4.39). Paulo, no mar Mediterrâneo, ouviu-a por meio de um anjo: "não temas!" (At 27.24). E eu assim a ouvi dentro do meu coração: "Não tenha medo; eu estou aqui para livrá-lo. Não me esqueci das promessas que lhe fiz". A grande voz do Senhor manifesta-se de muitas maneiras, e podemos ouvi-la em meio à "tempestade" da provação (Jó 40.6).

4. Grande Bonança

Não por acaso, o Senhor Jesus perguntou a Pedro e seus companheiros: "Onde está a vossa fé?" (Lc 8.25). Quando Ele está no "barco", temos a certeza de que haverá bonança após a "tempestade". A verdadeira paz e a alegria autêntica que vêm do Senhor são sentidas, de modo especial, nos momentos mais difíceis de nossa jornada, quando Ele dá a nós a convicção de que as lutas, tribulações e perseguições vão passar. Que possamos, portanto, dizer como os profetas Miqueias e Habacuque: "Eu, porém, esperarei no SENHOR " (Mq 7.7); "eu me alegrarei no SENHOR " (Hc 3.17-19).

5. Grande Incredulidade

O Senhor repreendeu a Pedro, Tiago, João e outros discípulos, chamando-os de homens de pequena fé, porque não tinham motivo para duvidar do poder de Deus. Não fazia muito tempo que eles haviam presenciado a ressurreição de um jovem no povoado de Naim (Lc 7.11-17). O que era aquela tempestade para quem ressuscita os mortos? Pedro e seus companheiros precisavam entender que a incredulidade é um obstáculo à manifestação de Deus (cf. Mt 13.58; 17.14-20). E é por isso que Ele permite que passemos por algumas "tempestades".

6. Grande Temor

Em meio ao temporal, Pedro e seus amigos tiveram medo e pavor; depois, "um grande temor" (Mc 4.41). Passada a tempestade, esse apóstolo certamente começou a lembrar-se da outra experiência, no mesmo lago de Genesaré, em que o Senhor falou com ele, dizendo: "Não temas" (Lc 5.10). Ele e seus companheiros já não estavam mais aterrorizados e com medo da morte, mas, sim, possuídos por um temor reverente ante a magnificência de Deus, o qual é uma qualidade própria dos verdadeiros adoradores (At 2.43; 5.11; 9.31).

7. Grande Pergunta

Cada evangelista registrou a pergunta feita por aqueles que presenciaram Jesus acalmando a tempestade sem, praticamente, variação alguma. Tomemos o registro de Lucas: "Quem é este, que até aos ventos e à água manda, e lhe obedecem?" (8.25). Dar ordem a uma pessoa, que tem entendimento, ou a um animal domesticado não é uma tarefa tão difícil, mas experimente dar ordem ao vento e às águas! Jesus ensinou o apóstolo Pedro e seus companheiros que nada é impossível para aqueles que têm fé no Todo-Poderoso.

Essa mesma pergunta — "Quem é este?" — seria repetida pelos moradores de Jerusalém, por ocasião da entrada triunfal de Jesus nessa

cidade (Mt 21.10). Mas, e se a fizéssemos a Moisés, o que ele nos diria? E a Josué? Certamente, eles responderiam que Jesus é a Semente da mulher, o Cordeiro Pascoal, a Rocha ferida, o Sacrifício expiatório, o Profeta que haveria de vir e o Capitão dos exércitos do Senhor.

E, se perguntássemos aos profetas e aos apóstolos: "Quem é este?". Eles certamente diriam que é o Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, o Filho do Deus vivo, a Rocha viva, eleita e preciosa, o único Mediador entre Deus e os homens, o nosso Advogado, etc.

Finalmente, e se fizermos essa pergunta diretamente ao Senhor, à semelhança de Paulo no caminho para Damasco: "Quem és, Senhor?" (At 9.5). Ele certamente nos responderá: Eu sou o Pão da vida, a Luz do mundo, a Porta, o Bom Pastor, a Ressurreição e a Vida, o Caminho, a Verdade e a Vida, a Videira verdadeira. Eu sou "o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso" (Ap 1.8); "o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, o Primeiro e o Derradeiro" (22.13). Glória seja dada ao maravilhoso nome de Jesus!

Capítulo 2

Pregador, Apóstolo... Papa Não!

Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.
Mateus 16.18

Passada a tempestade no lago de Genesaré, Jesus e sua comitiva navegaram para a "província dos gadarenos" (Mc 5.1), "defronte da Galileia" (Lc 8.26). Hoje, esse lugar chama-se Kursi,

> corruptela de "Gergesa", que reflete a confusão dos manuscritos bíblicos relacionados ao local de um dos milagres mais incomuns de Jesus [...]. Nos manuscritos [...] o nome varia entre "Gadara", "Gerasa" e "Gergesa" [...] e foram sugeridas várias soluções, nas quais não nos deteremos aqui. O certo é que o episódio aconteceu próximo a um precipício não muito distante do lago (embora não fosse um despenhadeiro) e dentro do território gentio (WALKER, p. 81).

Um homem nu, violento, morador de desertos, montes e sepulcros, possesso de demônios há muito tempo — acompanhado de outro, em igual situação (Mt 8.28) —, prostrou-se diante do Senhor e exclamou: "[...] Que tenho eu contigo Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-te que não me atormentes" (Lc 8.28). Havia, portanto, dois homens dominados pelo Diabo ali, porém "Marcos e Lucas mencionam somente o porta-voz do par de endemoninhados que se aproximou de Jesus" (GUNDRY, p. 163).

Observe a dialética de Satanás, muito parecida com a que é empregada por defensores de certas ideologias. Os demônios atormentadores,

vitimizando-se — com muito "mimimi", como diríamos hoje —, usaram a boca de um dos dois endemoninhados para dizer que era Jesus quem os atormentava! Esses agentes do mal não fizeram isso sem motivo: Jesus havia descido do barco mostrando aos apóstolos como se faz, ordenando "ao espírito imundo que saísse daquele homem" (Lc 8.29).

Jesus, então, que nunca gostou de "bater um papo" com os demônios, perguntou o nome do que falava, que se identificou como Legião, querendo dizer que representava muitos demônios. O termo "legião" (gr. *legion*) designa a "maior divisão dos exércitos romanos, que abrangia 6.000 homens de infantaria e 120 de cavalaria na época do NT, além de tropas auxiliares encarregadas de serviços especiais" (MCKENZIE, p. 536).

Vendo que a situação não estava nada boa para eles e que teriam mesmo de sair daquele pobre homem, os demônios imploraram ao Senhor que lhes permitisse entrar numa manada de porcos. Isso aconteceu, e esses animais acabaram caindo de uma elevação, afogando-se no lago. Os porqueiros de Gerasa — parece até o nome de uma empresa que cuidava de porcos! (risos) — ficaram indignados com o ocorrido, já que perderam boa parte de seu ganha-pão: "eram quase dois mil" porcos (Mc 5.13).

Diante de tamanha "perda", esses homens nem se importaram com a bênção recebida por um dos moradores da cidade, "de quem haviam saído os demônios". Esse "gadareno" — termo que, infelizmente, por causa do ocorrido, soa quase como sinônimo de "endemoninhado" — estava "vestido e em seu juízo, assentado aos pés de Jesus" (Lc 8.35). E solicitaram que o Senhor Jesus "se retirasse do seu território" (Mt 8.34).

Jesus, então, entrou no barco, mas um dos gadarenos — ou melhor, um dos homens libertos em Gadara, para evitar qualquer confusão — queria ir junto com Ele. O novo convertido já queria fazer parte do grupo que fora escolhido soberanamente e treinado de modo específico. Ministério não é para quem quer; é para quem foi chamado! Por isso, o Senhor deu-lhe um

conselho: "Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez e como teve misericórdia de ti" (Mc 5.19).

Treinamento dos Três

Alexander Balmain Bruce (1831-1899) escreveu uma excelente obra sobre o treinamento dos doze apóstolos de Jesus Cristo, *The Training of the Twelve*, também publicada em língua portuguesa (cf. BRUCE, 2007). Esse pastor, apologista e exegeta dá ênfase para o fato de o Senhor — que também designou 70 discípulos para a obra da evangelização (Lc 10.1-3) — ter-se preocupado em eleger, treinar e enviar, de maneira especial, doze apóstolos (Mt 10.1-5).

Quero destacar, no entanto, outro fato importante: o de o Mestre ter treinado, de modo ainda mais especial, três dos doze apóstolos: Pedro, Tiago e João. Assim que iniciou seu ministério na Galileia, ainda antes de eleger o colégio apostólico, Ele já tinha em mente o treinamento dos Três (Mc 1.9-29). Quanto a André, embora tenha sido um dos primeiros apóstolos chamados (Jo 1.35-42), fica claro, quando lemos os Evangelhos e Atos dos Apóstolos, que sua vocação era para ser um dos Doze, e não um dos Três.

Pedro, Tiago e João, nitidamente, são treinados para serem líderes entre os Doze, e Pedro, de modo específico, para destacar-se como líder entre os Três. Por isso, logo após a ascensão do Senhor, é ele — já com o cajado de pastor à mão (Jo 21.15-19) — quem tomará a iniciativa. No quinto livro do Novo Testamento, vemos os Três em destaque (At 1.13), e, em seguida, levanta-se Pedro, "no meio dos discípulos" para tratar da substituição de Judas, o traidor (vv. 15-26). E, depois do ocorrido no dia de Pentecostes, é ele, também, quem se levanta "com os onze" para pregar (2.14).

Começa o Treinamento

Os Doze formavam uma equipe seleta, mas os Três eram submetidos a testes diferentes. Por ocasião da pesca maravilhosa, quando o chamado de Pedro

para ser pescador de homens foi confirmado, Tiago e João são mencionados como seus companheiros (Lc 5.10). E, a partir desse momento, os Três passaram a aparecer juntos em várias ocasiões especiais, como a ressurreição da filha de Jairo (Lc 8.51; cf. Mc 5.37), a Transfiguração (Mt 17.1; cf. Mc 9.2; Lc 9.21) e o momento mais decisivo de Jesus no Getsêmani, antes da cruz (Mc 14.33; cf. Mt 26.37).

Quando Ele, os Três e seus companheiros voltaram a Cafarnaum, depois da grande tempestade no mar da Galileia e da visita a Gadara, "que Josefo diz ser a metrópole de Pereia, cidade grega, opulenta e rica" (DAVIS, p. 521), ocorreram alguns eventos que evidenciam o treinamento dos Três. Ou seja, o Mestre já estava preparando Pedro, Tiago e João para liderarem a Igreja nascente após sua ascensão ao céu.

O retorno de Jesus à sua cidade é mencionado nos três Evangelhos sinóticos de modo diferente, mas isso não prejudica a linha do tempo de Pedro. Mateus informa que Jesus, "entrando no barco, passou para a outra margem, e chegou à sua cidade. E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama" (9.1). Para Marcos, esse episódio aconteceu antes (Mc 2.1-12); e ele enfatiza que o Senhor, ao voltar à sua cidade, deparou com "uma grande multidão", e "um dos principais da sinagoga, por nome Jairo", rogou-lhe que curasse sua filha (5.21-23).

Esses autores dos Evangelhos tiveram como objetivo narrar os fatos sem a preocupação de apresentá-los, rigorosamente, em ordem cronológica. Lucas, porém, que é uma exceção entre os quatro evangelistas, como vimos no capítulo anterior, é mais cuidadoso com a sequência dos fatos, a ponto de dizer que lhe pareceu conveniente descrevê-los "por sua ordem, havendo-me já informado minuciosamente de tudo desde o princípio" (1.3).

Ainda que Marcos não obedeça à ordem dos fatos apresentada por Lucas em muitos casos, os dois concordam quanto ao retorno do Senhor a Cafarnaum. De acordo com o terceiro Evangelho, Jesus foi recebido pela multidão "com alegria, porque todos o estavam esperando. Eis que veio um

homem chamado Jairo, que era chefe da sinagoga, e, prostrando-se aos pés de Jesus, lhe suplicou que chegasse até a sua casa. Pois tinha uma filha única de uns doze anos, que estava à morte" (8.40-42, ARA).

Jesus Ensina os Três a como Tratar as Mulheres

Antes de o Senhor atender ao pedido de Jairo, uma mulher acometida por terrível hemorragia havia doze anos, a qual "gastara com os médicos todos os seus haveres" (Lc 8.43), tocou nas suas vestes e foi instantaneamente curada (v. 44). Esse milagre podia ter passado despercebido se o Senhor não tivesse perguntado à multidão: "Quem me tocou?", ao perceber que "a virtude de si mesmo saíra" (Mc 5.30). O Senhor "olhava ao redor, para ver quem fizera isto" (v. 32, ARA).

Pedro, que sempre estava por perto, juntamente com Tiago e João, respondeu-lhe: "Mestre, a multidão te aperta e te oprime, e dizes: Quem é que me tocou?" (Lc 8.45). Os apóstolos, de modo geral, tinham dificuldade para perceber quando Jesus falava sobre acontecimentos de ordem espiritual. Ele, então, explicou: "Alguém me tocou, porque senti que de mim saiu poder" (v. 46, ARA).

Lucas explica que a mulher queria esconder-se, mas não conseguiu, o que a levou a aproximar-se tremendo de Jesus. E, "prostrando-se ante ele, declarou-lhe diante de todo o povo a causa por que lhe havia tocado e como logo sarara" (Lc 8.47). Possivelmente, sua enfermidade era "uma hemorragia uterina. Tal condição, de acordo com a lei do Antigo Testamento, fazia que a mulher se tornasse imunda, e qualquer pessoa ou coisa que tocasse ficaria igualmente contaminada" (HURTADO, p. 103). Nesse caso, ela era uma pária da sociedade, incapaz de tomar parte nas cerimônias judaicas, entrar no Templo, etc.

Os Três estavam atentos a tudo o que o Mestre fazia, inclusive ao tratamento que Ele dispensava às mulheres (cf. Jo 4.27). E, ao encontrar aquela que, até então, era desprezada pelos homens, Jesus tranquilizou-a,

despedindo-a com palavras amáveis e animadoras: "Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz" (Lc 8.48). Ele tornou "pública a cura dela, em parte para remover de sobre ela o estigma social, e assim facilitar sua reentrada na vida da sociedade" (GUNDRY, p. 165).

Sem dúvida, os Três compararam a conduta de Jesus com a dos sacerdotes e mestres do judaísmo, que costumavam desprezar as mulheres, especialmente as portadoras de alguma doença que causasse sangramento. O que o Senhor fez àquela mulher é uma boa resposta ao mito de que Ele não chamou mulheres para o colégio apostólico porque se submeteu à imposição da sociedade patriarcal e não quis opor-se aos líderes religiosos.

Jesus Ensina os Três a Controlar as Emoções

Nesse ínterim, chegou uma notícia triste ao chefe da sinagoga: "A tua filha já está morta; não incomodes o Mestre" (Lc 8.49). O Senhor, no entanto, logo o animou, dizendo-lhe: "Não temas; crê somente, e será salva" (v. 50). Em seguida, Ele entrou na casa desse angustiado pai juntamente com os Três. Havia muita gente chorando ali (v. 52). Procure imaginar a cena: uma casa cheia de parentes e amigos pranteando a morte de uma pré-adolescente.

Ironicamente, a chegada do Mestre ao local onde o corpo estava fez o choro de velório transformar-se em gargalhada. Ele tentou consolar as pessoas que pranteavam — algumas, possivelmente, eram carpideiras profissionais, contratadas para chorar defuntos em funerais —, dizendo-lhes: "Não choreis; não está morta, mas dorme" (Lc 8.52). Elas, porém, "riam-se dele, sabendo que estava morta" (v. 53). O verbo "rir" (gr. *katagelao*), empregado nessa passagem, denota "rir com desprezo" (cf. VINE, 1996). Como entender o ser humano e suas reações?!

O que passava na mente dos Três naquele momento? O que pensava Pedro, com o seu "pavio curto", ante a reação das pessoas? Jesus desejava que eles aprendessem a controlar as emoções em momentos de crise. Pedro, especialmente, iria lembrar-se dessa lição ao cumprir o ministério de

pregador itinerante (At 9.32-43). E, então, pedindo para todos saírem, exceto os Três e os pais da criança (Mc 5.40), o Senhor pegou a mão dela e clamou: "Levanta-te, menina!" (Lc 8.54). E, considerando que a morte é a separação entre as partes física e espiritual, o "seu espírito voltou" (v. 55).

Jairo e sua esposa ficaram maravilhados com a ressurreição da menina, mas o Senhor "lhes advertiu que a ninguém contassem o que havia acontecido" (Lc 8.56, ARA). Ele não queria, por enquanto, que se propagasse a notícia de que Ele é o Cristo, o Filho de Deus, pois isso poderia ser interpretado como uma tentativa de sublevação contra Roma, haja vista o fato de os judeus acreditarem que o Messias viria para reinar sobre eles. Havia muito a fazer, e o Mestre não queria envolver-se em polêmicas.

Mais um Teste no Mar da Galileia

Apesar de o Evangelho de Lucas ser o mais cronológico de todos, ele também omite alguns acontecimentos, o que dificulta, porém não inviabiliza, a manutenção da linha do tempo de Pedro. Após a ressurreição da filha de Jairo, Lucas dá ênfase a alguns ensinamentos de Jesus aos Doze — o que pode ser uma reiteração do que lemos em Mateus 10 —, abre parênteses para referir-se a Herodes, menciona a primeira multiplicação de pães e peixes e, por fim, aborda a confissão de Pedro (Lc 9.1-22).

Entre o primeiro milagre de multiplicação de alimentos e a famosa declaração petrina, houve um importante acontecimento, que Lucas omite: o Senhor andou por cima do mar da Galileia (Mt 14.22-36). Se Mateus não está, rigorosamente, em ordem cronológica, como confirmar se esse evento aconteceu, mesmo, depois do primeiro milagre de multiplicação e antes da confissão de Pedro?

Marcos, assim como Mateus, coloca o andar do Senhor sobre o mar da Galileia logo após essa primeira multiplicação de pães e peixes (Mc 6.30-56), o que já é uma indicação de que, nesse caso, apesar da omissão de Lucas, a linha do tempo de Pedro pode ser mantida. Entretanto, quem nos dá a

certeza disso é o evangelista João, que também menciona tanto Jesus multiplicando pães como também andando sobre as águas (Jo 6.1-21).

Primeira Multiplicação de Pães e Peixes

João diz que, ante a grande multidão que seguia Jesus, Ele disse a Filipe: "Onde compraremos pão, para estes comerem?" (Jo 6.5). Essa pergunta, evidentemente, era um teste, pois padaria nenhuma teria quantidade de pães suficiente para atender aquela necessidade. A resposta desse apóstolo foi bastante realista e pragmática: "Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco" (Jo 6.7). Em outras palavras, nem meio ano de salário bastaria para alimentar a cada um com um pedaço de pão.

Já sabemos o que aconteceu: Jesus multiplicou pães e alimentou toda a multidão. Todavia, por que Ele dirigiu-se a Filipe? Isso evidencia que esse apóstolo era próximo do Senhor e seria um dos principais líderes da Igreja. Olhando para a relação de apóstolos nos Evangelhos (cf. Mt 10.2-4) e Atos dos Apóstolos (cf. 1.13), vemos que ele mantém-se sempre como o quinto entre os Doze, logo após os Três e André, o primeiro do segundo escalão.

Depois da primeira grande multiplicação, num "lugar deserto de uma cidade chamada Betsaida" (Lc 9.10), Jesus ordenou que seus discípulos entrassem no barco para passarem "adiante, para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão" (Mc 6.45). Aqui, Lucas e Marcos, aparentemente, não se harmonizam quanto aos locais de origem e destino. Se o barco sai de Betsaida, lugar onde Jesus multiplicou pães e peixes, como pode atravessar o lago-mar em direção da própria Betsaida?

Para alguns eruditos, Marcos, um pouco menos minucioso que Lucas, teria se equivocado quanto ao destino do barco, já que João, um dos Três, afirmou que, "entrando no barco, passaram o mar em direção a Cafarnaum" (Jo 6.17), e não a Betsaida. Nesse caso, o milagre teria ocorrido numa cidade

chamada Betsaida-Júlias, de onde os discípulos partiram para Cafarnaum, a fim de voltarem para suas casas.

Essa cidade "chamada Betsaida" (Lc 9.10) não seria a Betsaida da Galileia, da margem ocidental, a cidade de origem de André e Pedro, pois "havia, segundo parece, uma outra cidade com o mesmo nome na extremidade nordeste do lago que, para se diferenciar da primeira, tinha o nome de Betsaida-Júlias" (BRUCE, 2007, p. 141). Os discípulos, portanto, teriam partido de Betsaida-Júlias rumo ao porto que ficava em Betsaida da Galileia, do outro lado, para, depois, continuarem a jornada até Cafarnaum.

Jesus Anda sobre o Mar da Galileia

Bem, chegou o momento de abordar o terceiro grande teste para Pedro no mar da Galileia, lembrando que o primeiro foi a pescaria maravilhosa (Lc 5.1-11), e o segundo, uma grande tempestade (Mc 4.35-41). Marcos afirma que o Senhor separou-se dos Doze — inclusive dos Três — e, após despedir a multidão, "foi ao monte para orar" (6.46). João informa que Jesus, sabendo "que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se, ele só, para o monte. E, quando veio a tarde, os seus discípulos desceram para o mar" (6.15,16).

Enquanto Pedro e seus companheiros atravessavam o mar da Galileia, foram surpreendidos mais uma vez por uma tempestade, talvez não tão violenta como a primeira, descrita como "uma tempestade tão grande, que o barco era coberto pelas ondas" (Mt 8.24). Na segunda, "o mar se levantou, porque um grande vento assoprava" (Jo 6.18), e o Mestre não estava dormindo na popa da embarcação.

Os Três estavam, sem dúvida, sendo preparados para exercitar a fé em Deus em momentos de grande dificuldade. E o Senhor já lhes tinha dito o que fazer. Aliás, mais que os ensinar por meio de palavras, mostrara-lhes como deveriam agir em caso de tempestade. Se Ele, outrora, havia-lhes chamado de homens de pequena fé em razão de não terem repreendido o

vento e o mar, esperava que, agora, um dos Três, especialmente Pedro, ficasse de pé e dissesse ao mar: "Cala-te, aquieta-te" (Mc 4.39). Contudo, não foi isso que aconteceu.

Pedro e seus companheiros ainda estavam presos ao seu conhecimento do mar e achavam que, por conta própria, sairiam ilesos daquela provação. Eles navegaram, com muita dificuldade, "uns vinte e cinco ou trinta estádios" (Jo 6.19), isto é, entre cinco e seis quilômetros, pois um estádio "era a extensão do estádio romano (i.e., cerca de 185 metros)" (MICHAELS, p. 117). Não houve, porém, por parte deles nenhuma iniciativa de fé, e o Mestre precisou intervir mais uma vez.

Já era a quarta vigília da noite, entre três e seis horas da madrugada — já que "os romanos dividiam o período de 18 horas até às 6 horas do dia seguinte em quatro períodos iguais, chamados vigílias" (MOUNCE, 1996, p. 155) —, e os discípulos "se fatigavam a remar, porque o vento lhes era contrário" (Mc 6.48). Para onde eles iriam? Desta vez, o Mestre não estava na popa do barco!

Ele, então, aproximou-se, "caminhando por cima do mar" (Mt 14.25). Já assustados com a tempestade e vendo um homem andando sobre as águas, os discípulos bradaram em meio à escuridão: "É um fantasma" (v. 26). Jesus podia ter dado uma gargalhada ao ver o desespero dos Três. Ele, porém, não era de fazer essas coisas. Simplesmente lhes disse: "Sou eu; não temais" (Jo 6.20).

Pedro, reagindo como se fosse Tomé, respondeu-lhe: "Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas" (Mt 14.28). Esse apóstolo deve ter pensado: "O Mestre ficou em terra firme. Não pode ser Ele". Mas, para sua surpresa, ele ouviu um convite surpreendente: "Vem" (Mt 14.29). E não é que Pedro foi mesmo?!

Ele desceu do barco — certamente fez, antes de tudo, um teste para verificar se estava pisando em "água firme" — e começou a caminhar. Quando ele deu o primeiro passo, deve ter dito consigo mesmo: "Ah, agora

ficou fácil. É o Senhor mesmo!". Ah, como é bom ter nosso herói por perto! Agigantamo-nos e somos capazes de fazer qualquer coisa quando nosso referencial está ao nosso lado. Não por acaso, os reis acompanhavam os exércitos em batalhas importantes: para os soldados, a simples presença de um monarca era uma grande motivação para vencer.

Embora Jesus quisesse ver Pedro andando, literalmente, com as "próprias pernas", tomando a iniciativa de usar o que aprendera na primeira tempestade e deixando de ser um homem tímido, ele ainda não estava preparado para triunfar pela fé. E, quando um vento forte bateu no seu rosto, sua incredulidade, acionada pelo medo, "falou mais alto", e ele começou a afundar.

Esse apóstolo entrou para a História como o único homem a andar sobre as águas depois de Jesus! Sua biografia, porém, podia ter acabado ali se o Mestre não o tivesse socorrido. Ele, então, assumiu sua falta de fé e clamou: "Senhor, salva-me" (Mt 14.30). Como todos sabem, o Senhor não lhe negou o socorro e estendeu-lhe a mão. Não obstante, Pedro teve de ouvir a mesma repreensão de outrora: "Homem de pequena fé, por que duvidaste?" (Mt 14.31).

Que milagre impressionante! Maior, inclusive, que o da primeira tempestade. Além de andar sobre as águas, o Senhor capacitou Pedro a fazer o mesmo segundo a sua fé, que ainda era pequena. Em seguida, pegou-o pela mão, colocou-o dentro da embarcação — imagine a cena! — e, para concluir, "quando subiram para o barco, acalmou o vento" (Mt 14.32).

Em mais um teste de fogo, ou melhor, de água, Pedro "oscilou entre a fé e a dúvida, entre a crença e a incredulidade, entre a confiança e o medo" (LOPES, 2015, p. 21). Ele demonstrou uma fé robusta e, logo em seguida, naufragou por falta de fé. Essa sua inconstância, própria de quem tem um temperamento sanguíneo, só mudará, mesmo, "quando o Espírito Santo transformar sua vida. Ele se tornará 'pacífico', terá 'domínio próprio' e

‘esperará no Senhor’, em vez de correr desesperadamente em todas as direções” (LAHAYE, 2008, p. 40-41).

Treinamento Avançado

Lucas, que, do ponto de vista cronológico, é o mais detalhista dos Evangelhos, deixa de mencionar alguns fatos relevantes entre a primeira multiplicação de alimentos e a famosa confissão de Pedro, pela qual este reconhece que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus (9.18-22). A rigor, essa omissão não prejudica a linha do tempo de Pedro. Embora cada um dos evangelistas tivesse um propósito principal ao apresentar os fatos alusivos a Jesus e sua obra, quando confrontamos os quatro Evangelhos, especialmente os sinóticos, percebemos que se completam e que se harmonizam no que tange à ordem dos acontecimentos.

Em Mateus, Jesus é o Senhor, Messias e Salvador prometido. Marcos dá atenção especial ao trabalho de Jesus como Servo. Ainda que Lucas também o apresente como Servo e Messias, sua ênfase recai sobre a humanidade perfeita de Jesus. João, por sua vez, embora considere que Ele é o Homem perfeito, prioriza sua deidade, apresentando-o como o Verbo de Deus, o Deus-Homem. A manutenção da cronologia de Pedro, entretanto, depende de um minucioso cotejamento, comparando-se cuidadosamente as narrativas dos quatro evangelistas.

O mais importante para essa linha do tempo é termos em mente que a confissão de Pedro — em um momento crucial de sua trajetória apostólica — aconteceu entre a primeira multiplicação de pães e peixes e a Transfiguração. Aliás, todos os Evangelhos sinóticos concordam com isso (cf. Mt 14.13-21; 16.13-23; Mc 6.30-44; 8.27-33; 9.2-13; Lc 9.10-36).

Se examinarmos o que cada evangelista, inclusive João, menciona desde a primeira multiplicação, chegaremos à conclusão de que ocorreram importantes eventos antes da famosa confissão petrina, e estes evidenciam que o Senhor estava intensificando o treinamento dos Três, especialmente o

de Pedro, haja vista a aproximação de sua morte expiatória. Em pouco tempo, os apóstolos deveriam estar preparados para cumprir a Grande Comissão (Mt 28.18-20; Mc 16.15-18).

Debate com Escribas e Fariseus em Genesaré

Depois de andar sobre o mar e provar a fé de Pedro e seus companheiros mais uma vez (Mt 14.22-33; Mc 4.35-41), Jesus chegou a Genesaré e curou todos os enfermos que foram conduzidos à sua presença (Mt 14.34-36; Mc 6.53-56). Nesse mesmo lugar, possivelmente, Ele foi abordado por seus oponentes, especialmente os fariseus (Mt 15.1-20).

Marcos diz que "reuniram-se em volta dele os fariseus e alguns dos escribas que tinham vindo de Jerusalém" (7.1) e perguntaram-lhe: "Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos quando comem pão" (Mt 15.2). Após uma grande multiplicação de pães e peixes, na qual milhares de pessoas foram alimentadas, além de várias curas, esses religiosos carnais estavam preocupados com efemeridades!

Jesus reprovou a atitude de seus oponentes e aproveitou a oportunidade para ensinar a multidão: "o que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem" (Mt 15.11). Seus discípulos, então, aproximaram-se para perguntar-lhe sobre a conduta dos fariseus, e Ele disse-lhes: "Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os; são condutores cegos; ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova" (vv. 13,14).

Demonstrando estar bastante interessado em aprender mais sobre esse assunto, Pedro disse ao Mestre: "Explica-nos essa parábola" (Mt 15.15). Jesus, com sua maneira característica de chamar a atenção dos apóstolos, perguntou-lhes: "Até vós mesmos estais ainda sem entender? Ainda não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e é lançado fora?" (vv. 16,17). Ele condenava o pecado dos fariseus e escribas,

que se preocupavam com coisas supérfluas, ignorando o que estava em seus corações (vv. 18-20).

Duro Discurso em Cafarnaum

"No dia seguinte" (Jo 6.22), o Mestre dirigiu-se a uma sinagoga para continuar a tratar de um assunto que iniciou ao ser abordado pela multidão. E, dando ênfase à sua deidade (vv. 36-59), Ele disse categoricamente: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede" (v. 35). O Verbo fez-se Homem, porém nunca deixou de ser Deus. E, ao dizer posteriormente "antes que Abraão existisse, eu sou" (8.58), pontificou que Deus sempre será Deus; Ele jamais deixará de sê-lo.

Jesus, então, acusou o povo de não ter percebido o significado da multiplicação de pães. Os judeus acreditavam que Deus dera a eles o maná mediante os méritos de Moisés. E o Mestre mostrou-lhes que Ele é o verdadeiro pão, que foi enviado da parte do Pai celestial. Nesse momento, muitos dos seus discípulos, considerando seu ensinamento muito duro, abandonaram-no (Jo 6.60-66); não queriam saber de sã doutrina; eram interesseiros. Com essa debandada, Ele voltou-se para os Doze: "Quereis vós também retirar-vos?" (v. 67).

Pedro, que, após mais um teste no mar da Galileia, parecia estar mais atento, irá "roubar" a cena de novo. Ele já recebera algumas reprovações; então, aquele era o momento de demonstrar a sua lealdade ao Senhor publicamente. Pescador iletrado, mas, agora, líder entre os apóstolos, Pedro abriu o seu coração e respondeu: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna, e nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus" (Jo 6.68,69).

Milagres em Tiro e Sidom e Decápolis

João informa que, após esse episódio, "Jesus andava pela Galileia e já não queria andar pela Judeia, pois os judeus procuravam matá-lo" (7.1). E,

passado algum tempo, Ele foi para "as partes de Tiro e de Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada" (Mt 15.21,22).

Após testar sua fé, Jesus elogiou-a de um modo que deve ter feito os Doze refletirem: "Ó mulher, grande é a tua fé" (Mt 15.28). E libertou sua filha à distância (Mc 7.24-30). Nenhum deles, inclusive dentre os Três, fora digno de tamanho reconhecimento. Como Pedro — homem de pequena fé — teria se sentido naquele momento?

Somente o segundo Evangelho menciona um milagre ocorrido em Decápolis. Jesus, "tornando a sair dos territórios de Tiro e de Sidom, foi até ao mar da Galileia, pelos confins de Decápolis" (Mc 7.31), a qual "era uma confederação de dez cidades formada depois da campanha militar de Pompeu (65-62 a.C.)" (DOWLEY, 2005, p. 69). Assim que curou um homem "surdo, que falava dificilmente" (v. 32), a multidão, maravilhada, começou a dizer: "Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e falar os mudos" (v. 37).

Segunda Multiplicação de Pães e Peixes

Quem lê apenas o Evangelho de Lucas pode pensar que só houve uma multiplicação de peixes; Mateus e Marcos, porém, narram a segunda, bem diferente da primeira. Ela ocorreu num lugar deserto, próximo ao mar da Galileia, quando Jesus tomou "os sete pães e os peixes e dando graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos, à multidão" (Mt 15.36). Quatro mil homens, além de mulheres e crianças, comeram, e saciaram-se, "e levantaram, do que sobejou, sete cestos cheios de pedaços" (vv. 37,38; Mc 8.1-9).

Alguns eruditos afirmam que o Senhor Jesus só multiplicou pães e peixes uma vez. Outros, céticos, dizem que, na verdade, ocorreu apenas uma refeição coletiva, e não um milagre. Ambos estão equivocados, especialmente os segundos, ao tentar explicar milagres sem as "lentes da fé".

O próprio Senhor disse a Pedro e a seus companheiros que realizou duas multiplicações de alimentos: "Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos levantastes? Nem dos sete pães para quatro mil e de quantos cestos levantastes?" (Mt 16.9,10).

Debate com Fariseus e Saduceus em Magdala e Cura de um Cego em Betsaida

Ao despedir a multidão já devidamente alimentada, o Senhor "dirigiu-se ao território de Magdala" (Mt 15.39), uma cidade "situada na margem oeste do mar da Galileia, a cerca de 6,5 quilômetros ao norte de Tiberíades. Era um centro de pesca e de embalagem de peixe" (MCKENZIE, p. 567). Fariseus e saduceus pediram ao Senhor algum sinal do céu, e Ele, mais uma vez, foi duro em sua resposta (16.1-4).

Em seguida, Jesus aproveitou o ensejo para ensinar Pedro e seus companheiros a respeito da doutrina ou "fermento" dos fariseus e saduceus (Mt 16.5-12; cf. Mc 8.10-21). Marcos diz que, após advertir Pedro e seus companheiros, ainda no barco, a respeito desse "fermento", Ele chegou a Betsaida (8.10-22). Ali, o Senhor curou um cego (vv. 23-26) e saiu com "os seus discípulos para as aldeias de Cesareia de Filipe" (v. 27).

A Grande Pergunta

Antes da famosa confissão de Pedro, houve uma grande pergunta.

> A tarefa coletiva de proclamar a mensagem se denomina a *grande comissão*, um termo cunhado por teólogos e missiólogos cristãos que descreve o encargo que Jesus deu a seus discípulos de ir ao mundo e fazer discípulos (Mt 28.19). O *grande mandamento* é o termo utilizado para designar o primeiro mandamento que nos deu Jesus, o de amarmos uns aos outros (Jo 13.35). Assim, talvez seja pertinente denominar o que Jesus perguntou a seus discípulos [...] como a *grande pergunta*, sem dúvida a mais importante da História (BROOCKS, 2016, p. XIX-XX).

Mateus informa que, "chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?" (16.13; cf. Mc 8.27). Essa cidade não deve ser confundida com a Cesareia marítima, onde viria a morar o diácono-evangelista Filipe (At 21.8), a qual é mencionada somente em Atos dos Apóstolos. Ela é a cidade do centurião Cornélio (10.1) e tem um porto que foi muito usado por Paulo em suas viagens (9.30; 18.22; 21.16), além de ser o lugar onde esse apóstolo ficou preso (caps. 23–26).

A Cesareia de Filipe mencionada nos Evangelhos estava localizada "no extremo norte da Palestina, onde hoje se situa a cidade de Baniyas, junto a uma das nascentes do rio Jordão, na encosta sul do monte Hermom" (MCKENZIE, p. 162). Seu nome homenageia o imperador romano e, também, Filipe (filho de Herodes, o Grande), que a reconstruiu e ampliou-a, adotando um estilo helenístico.

Alguns leitores da Bíblia poderão pensar que o Senhor Jesus estava preocupado com a sua popularidade quando perguntou a Pedro e a seus companheiros sobre o que as pessoas diziam a seu respeito. Lucas, porém, informa que, antes de fazer essa pergunta, Ele estava "orando em particular" (Lc 9.18). O que Ele desejava, de fato, era submeter os Doze — especialmente os Três e, mais especificamente, Pedro — a mais uma prova. O Mestre sempre soube que o mais importante não era a opinião das pessoas a seu respeito, e sim o testemunho do Pai celestial, que já dissera em seu batismo em água: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3.17).

Como a grande pergunta girou em torno do que os homens diziam a respeito do Senhor, Pedro e seus companheiros começaram a apresentar-lhe várias opiniões: "Uns, João Batista; outros, Elias, e outros, Jeremias ou um dos profetas" (Mt 16.14). Por essas respostas, percebe-se que, passados mais de dois milênios, o mundo não mudou quase nada seu pensamento sobre Jesus. Hoje, as opiniões sobre Ele continuam sendo as mais diversas, porém

muitos ainda têm dificuldade em reconhecê-lo como Senhor, Salvador e único Mediador entre Deus e os homens.

Não havia dificuldade alguma em considerá-lo um profeta — inclusive, comparavam-no a outros que também exerceram o ministério profético. Agora, veja só que contradição! Se as pessoas daquela época viam Jesus como Profeta e se Ele mesmo dizia ser o Filho de Deus, por que, então, não criam na sua deidade? Foi por causa dessa dureza de coração que muitos discípulos deixaram de segui-lo em Cafarnaum (Jo 6.60-69).

Entretanto, reconhecer Jesus como o Cristo, o Filho do Deus vivo, é a condição para ser um verdadeiro servo do Senhor (At 16.31). Em que momento a vida da mulher samaritana foi transformada? Foi quando ela disse: "Senhor, vejo que és profeta"? Não! Sua vida mudou radicalmente quando ela reconheceu que Jesus é o Cristo (Jo 4.19-29).

A opinião diversa do povo sobre Jesus não o impressionava. Ele andava no meio da multidão; sabia o que todos pensavam a seu respeito. Os fariseus, por exemplo, já haviam blasfemado, dizendo que Ele "não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios" (Mt 12.24, ARA). Ademais, o Senhor era frequentemente acusado de ser "um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores" (11.19, ARA).

Jesus talvez estivesse esperando alguma indignação por parte dos Doze ou, pelo menos, dos Três. Pedro, que era tão impulsivo, poderia ter respondido: "Dizem muitas coisas absurdas a seu respeito, Senhor, mas nós discordamos de tudo isso, pois sabemos quem tu és". Não houve, porém, nenhuma resposta desse tipo. Parece mais que eles tinham algum receio de reconhecer que Ele é o Cristo, o Filho de Deus. Então, o Senhor fez-lhes uma pergunta mais direta: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mt 16.15).

Mais um momento decisivo para Pedro, pois sua resposta poderá ensejar o início de um novo capítulo de sua nova vida com Cristo. Sua vida velha, como pescador no mar da Galileia, ficou para trás. O primeiro capítulo dessa nova biografia começou quando seu irmão André apresentou-lhe o

Salvador, o qual lhe disse: "tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1.42, ARA). Ele ainda não era, de fato, Cefas; a promessa dizia respeito aos desdobramentos de sua grande confissão em Cesareia de Filipe.

O segundo capítulo da biografia de Pedro teve início quando o Mestre convidou-o para ingressar no grupo de treinamento para pescadores de homens (Mt 4.19). O terceiro, quando se tornou efetivamente um pescador de homens após uma maravilhosa experiência no mar da Galileia (Lc 5.1-11). O quarto, quando foi chamado para integrar o colégio apostólico (6.12-16; Mc 3.13-19).

Desde então, Pedro destacou-se como líder e porta-voz dos Doze, mas o fato que está para ser aqui abordado representará uma virada de página, a conclusão de mais um capítulo de sua biografia e o início de outro. Se Pedro tiver ousadia para responder à grande pergunta do Senhor e apresentar-lhe a resposta correta, será cumprida em sua vida a promessa que o Senhor fez a ele no primeiro dia que se encontraram: "Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (Jo 1.42).

A pergunta entrou pelos ouvidos de Pedro: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mt 16.15). Ele não era do tipo que esperava para dar a resposta; parecia estar sempre numa competição em que precisasse ser o primeiro a responder, mesmo que a resposta não fosse a esperada. Ele, contudo, acabara de receber uma revelação do Pai celestial. E, com toda a convicção, respondeu olhando firmemente para o Mestre: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (v. 16). Naquele momento, Pedro tinha plena certeza de que Jesus é o Messias, o Verbo de Deus encarnado.

Não foi uma resposta dada por impulso. "Como ocorre no caso dos profetas verdadeiros, a revelação veio diretamente de Deus, não mediante canais humanos. [...] O poder veio como revelação direta do próprio Deus" (MOUNCE, 1996, p. 171). Pedro realmente estava em sintonia com o Pai celestial. Por isso, o Senhor respondeu-lhe: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que

está nos céus" (Mt 16.17). Jesus fez questão de relembrar o nome de família de Pedro, Simão Barjonas, porque chegara o momento da mudança prometida desde sua conversão.

O Senhor, então, disse ao primeiro dos Doze e dos Três: "também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16.18,19). A partir desse momento, além de pregador e apóstolo, Pedro passou a ser... o quê mesmo? Papa? Fundamento da Igreja? Bem, essa declaração do Senhor a respeito de Pedro e da Igreja merece uma explicação detalhada.

Chegou o momento de analisar a parte difícil da resposta de Jesus ao testemunho de Pedro: "eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18), de cuja frase deriva, segundo o catolicismo romano, a instituição do papado e a tradição de que Pedro esteve à frente da Congregação de Roma por 25 anos. Daí também procede o pensamento de que cada sumo pontífice (papa) é sucessor de Pedro e vigário de Cristo na terra.

Fundamento da Igreja e Primeiro Papa?

Para o romanismo, Pedro foi mais que líder ou representante dos Doze no começo da igreja em Jerusalém; ele é a pedra fundamental, a rocha sobre a qual Cristo edificou a sua Igreja. E tem mais: como a ele foi dado o poder de abrir a porta do Reino dos céus, toda autoridade foi-lhe conferida até nossos dias mediante sua linhagem. Entretanto, consta que, dos 266 "vigários de Cristo" (de Pedro a Francisco), "30 deles não foram exemplos para a Igreja Católica [...] e 202 figuram como meros administradores dos bens da Santa Sé" (MENDES, p. xv).

O que, de fato, o Senhor Jesus quis dizer quando respondeu ao testemunho de Pedro? De modo geral, desde os primórdios do cristianismo,

há quatro opiniões sobre o que está escrito em Mateus 16.18. Três delas, evangélicas, são convergentes e harmonizam-se entre si. Comecemos pela romanista, que, a rigor, é a única que precisa ser refutada.

Por que Pedro não Foi o Primeiro Papa?

Segundo o romanismo, "esta pedra" alude a Pedro, que seria o fundamento da Igreja e o primeiro papa. O primeiro problema dessa opinião é comprovar que Pedro pastoreou a igreja em Roma e, ali, morreu como mártir. Se a possibilidade de Tiago Maior (filho de Zebedeu) ter ido à Espanha é remotíssima — já que ele foi morto por Herodes nos primeiros anos da igreja em Jerusalém (At 12) —, a de Pedro ter morrido em Roma está, digamos, entre remota e admissível em parte.

Com base no Novo Testamento, não é possível afirmar-se que Pedro foi o fundador da igreja romana. Provavelmente, foram pessoas presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes, "forasteiros romanos" que levaram o evangelho a Roma (At 2.10,11). Quando Paulo escreveu aos crentes dessa cidade em 58 d.C., não mencionou Pedro, que deveria estar no auge de seu pontificado, considerando que, segundo o romanismo, ele foi bispo ali por mais de duas décadas, de 42 a 67 d.C.

Em Romanos 16, inclusive, o apóstolo Paulo saúda inúmeras pessoas, dando ênfase a célebres membros daquela congregação.

> Se Pedro já era bispo da igreja de Roma há dezesseis anos (42 a 58 d.C.), por que Paulo diz: 'Porque desejo muito ver-vos, para compartilhar convosco algum dom espiritual, a fim de que sejais fortalecidos' (Rm 1.11)? Não seria um insulto gratuito a Pedro? [...] Se Pedro fosse papa da igreja de Roma, por que Paulo diz que não costumava edificar sobre o fundamento de outrem [...] (Rm 15.20)? Paulo diz isso porque Pedro não estivera nem estava em Roma (LOPES, 2015, p. 158).

Por volta do ano 62 d.C., Paulo foi recebido por vários irmãos quando chegou a Roma (At 28.30,31). Não se menciona o apóstolo Pedro, muito

menos foi dito que havia um bispo em Roma. Ademais, Paulo, nessa cidade, como preso do Senhor, escreveu aos Efésios e Colossenses, a Filemom e aos Filipenses (entre os anos de 62 e 67 d.C.). Por que não mencionou Pedro como fizera em Gálatas (1.18; 2.7-14) e em 1 Coríntios (1.12; 3.22; 9.5; 15.5)?

Ademais, se admitirmos que Pedro foi mesmo bispo de Roma durante 25 anos, teremos de ignorar a linha do tempo da Igreja Primitiva segundo Atos dos Apóstolos. Pensemos: esse apóstolo foi martirizado, como se supõe, em 67 d.C., quando Nero era o imperador. Se fizermos uma conta simples de subtração (67-25), constataremos que Pedro começou seu papado em 42. O concílio de Jerusalém (At 15), no entanto, não aconteceu antes de 48! Aliás, quem presidiu essa assembleia foi Tiago, irmão do Senhor, e não Pedro (vv. 13-19).

Se Pedro era o "Príncipe dos Apóstolos", como ensina a teologia romanista, e o pastor da comunidade cristã em Jerusalém, por que, então, Tiago conduziu o mencionado concílio? Outrossim, o fato de Pedro e João terem sido "enviados pelos demais apóstolos" a uma missão especial em Samaria indica, no mínimo, que ambos não tinham uma posição superior entre os Doze (At 8.4-13). Se Pedro tivesse o primado, Lucas não teria dado atenção maior ao trabalho de Paulo em Atos dos Apóstolos: mais da metade desse livro trata dos feitos paulinos.

Em Atos 15, vemos que Pedro já havia perdido o protagonismo como líder dos Doze, a ponto de apresentar sua argumentação sobre a salvação dos gentios (vv. 7-11) e, em seguida, acatar as diretrizes do líder: "E, havendo-se eles calado, tomou Tiago a palavra, dizendo: Varões irmãos, ouvi-me. Simão relatou como, primeiramente, Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome" (vv. 13,14). Por isso, Paulo chama Pedro (Cefas) de uma das colunas da Igreja, porém cita seu nome depois de Tiago (Gl 2.9).

Não há, por conseguinte, nenhuma indicação em Atos e nas Epístolas de que Pedro estivesse acima dos demais apóstolos. Seu papel na História da Igreja, ainda que muito importante, está longe da reivindicação romanista de que ele tinha autoridade sobre seus companheiros. Na verdade, se Pedro tivesse sido mesmo o primeiro papa, teria sido um papa muito estranho: ele era casado (Mt 8.14,15) e financeiramente pobre (At 3.6). Além disso, ele não aceitou ser adorado pelo centurião Cornélio (At 10.25,26) e era um homem repreensível (Gl 2.11-14).

Por que Pedro não É o Fundamento da Igreja?

Admitamos que a presença de Pedro em Roma, nos seus últimos dias, seja uma verdade histórica comprovada. Digamos — como afirmam alguns historiadores católicos e evangélicos — que esse apóstolo, de fato, tenha sofrido o martírio em Roma durante a perseguição de Nero. Afinal, isso "encontra testemunhos fidedignos em vários escritores cristãos dos fins do primeiro século e de todo o século segundo e, portanto, deve ser aceito como historicamente certo" (GONZÁLEZ, 1995, p. 41).

Reconheçamos que seria exagerada a defesa peremptória de que Pedro nunca foi a Roma. Acredita-se, inclusive, que a primeira negação desse fato

> apareceu apenas no século XIV, construída por interesse sectário de Marsílio de Pádua, que combatia o papa João XXII e nomeou, contra ele, um antipapa. No século XX, depois que o notável sábio protestante Adolf Von Harnack (1851-1930) reconheceu o fato, só o negam ainda os ignorantes ou obcecados. Toda a antiguidade cristã dá testemunho de Pedro em Roma (MENDES, p. xviii).

Avançando nessa linha de pensamento, poderíamos supor que o próprio Pedro fez uma alusão a Roma quando disse: "A vossa coeleita em Babilônia vos saúda" (1 Pe 5.13). O termo "Babilônia", nesse caso, seria uma referência indireta à capital do Império Romano. Ele teria usado o mesmo recurso empregado por João em Apocalipse 17.4-18 e 18.10,

> referindo-se a Roma por meio de um código, numa linguagem metafórica. [...] Pedro escreveu sua carta de Roma e, por ser um tempo de perseguição, preferiu referir-se à capital do império por meio de códigos (LOPES, 2015, p. 142).

Ainda com algum esforço, poderíamos admitir o reconhecimento de Paulo de que um apóstolo (Pedro?) estava ou esteve trabalhando em Roma antes dele: "desta maneira me esforcei por anunciar o evangelho, não onde Cristo houvera sido nomeado, para não edificar sobre fundamento alheio; [...] também muitas vezes tenho sido impedido de ir ter convosco" (Rm 15.20,22).

Não há dificuldade alguma em admitir-se o martírio de Pedro em Roma e até que ele tenha escrito suas epístolas ali. Não há, entretanto, nada que comprove a afirmação de que ele é o fundamento da Igreja. Nenhum escritor neotestamentário, tampouco os primeiros pais da Igreja, defenderam essa ideia. Somente a partir do século IV, quando se iniciou "uma forte tendência para modificar o culto, tornando-o cada vez mais elaborado e, por vezes, imitando a pompa da corte imperial" (GONZÁLEZ, 2015, p. 168), começou-se a chamar Pedro de pedra fundamental.

No século seguinte,

> divulgou-se por toda a parte o ensino de que o bispo de Roma, como o "legítimo sucessor de São Pedro", deveria exercer a autoridade não apenas sobre todos os outros bispos cristãos, mas também sobre o poder secular (ALMEIDA, p. 99).

Não obstante, se "esta pedra" (Mt 16.18) aludisse mesmo a Pedro, teríamos uma grande contradição nos escritos do próprio apóstolo Pedro. Afinal, ele próprio afirmou que o Senhor Jesus é "a pedra viva, [...] para com Deus eleita e preciosa" (1 Pe 2.4) e que os membros da Igreja são pedras edificadas sobre essa Rocha, Cristo, (v. 5).

Diante do exposto, sabemos que Pedro jamais foi papa, muito menos é o fundamento da Igreja, pois "ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1 Co 3.11). Mas, se Pedro não foi o

primeiro papa e nem é o fundamento da Igreja, por que, então, o Senhor Jesus disse a ele: "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja"?

Três Respostas à Opinião Romanista

Primeira Resposta: "esta pedra" Refere-se a Jesus Cristo

Quem defende essa posição alega o seguinte: "Caso Jesus quisesse referir-se a Pedro como o fundamento da Igreja, simplesmente teria dito: 'e sobre ti, Pedro, edificarei a minha Igreja'. Por isso, não há dúvida de que Jesus referiu-se a si próprio". Essa interpretação é aceitável principalmente por causa da analogia geral da Bíblia, pela qual se comprova que Cristo é a Rocha, o fundamento da Igreja.

Os teólogos que defendem a posição de que Jesus Cristo referiu-se a si mesmo na terceira pessoa quando disse "esta pedra" apoiam-se em declarações similares do Senhor, como a de Mateus 21.44, em que o próprio contexto mostra que "esta pedra" alude ao Senhor (vv. 33-43). Em outro exemplo, João 2.19, Jesus disse: "Derribai este templo, e em três dias o levantarei". No entanto, o autor do quarto Evangelho esclarece que, ao dizer "este templo", o Mestre "falava do templo do seu corpo" (v. 21). O caso de Mateus 16.18 é diferente, pois o contexto imediato não indica que "esta pedra" é o Senhor Jesus.

Por outro lado, considerando que as Escrituras são análogas — a Bíblia interpreta a própria Bíblia —, a afirmação de Jesus em apreço deve ser interpretada, antes de tudo, à luz do que é considerado verdadeiramente bíblico. E, nesse caso, sabemos que, de modo claro e inequívoco, Jesus Cristo é o fundamento da Igreja (1 Co 3.11) e sempre o será até a consumação de todas as coisas (cf. Is 8.14; Dn 2.34; At 4.11; 1 Pe 2.7,8). "É importante observar que no Antigo Testamento [*Septuaginta*] *petra* [termo empregado por Jesus em Mateus 16.18] nunca é usado para nenhum homem, mas só para Deus (Is 28.16; Sl 118.22)" (LOPES, 2015, p. 151).

Jesus Cristo é "a principal pedra da esquina" e "o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20). Aliás, Ele próprio, referindo-se ao Salmo 118, afirmou algum tempo depois do ocorrido em Cesareia de Filipe: "Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo; pelo Senhor foi feito isso e é maravilhoso aos nossos olhos?" (Mt 21.42; cf. Mc 12.10,11). Quando pregava nos primeiros dias da Igreja, o apóstolo Pedro fazia questão de afirmar que Jesus é essa Rocha (At 4.10-12). E, já no fim de sua carreira ministerial, escreveu que Ele é a Pedra na qual a Igreja está fundada (1 Pe 2.4-6).

Entretanto, no caso específico de Mateus 16.18, Jesus quis, de fato, dizer que Ele próprio é a pedra na qual a Igreja seria edificada? Se não — e considerando que o nome de Pedro (gr. *Petros*, "pedra"), em si, não significa que ele seja o fundamento da Igreja —, por que Jesus disse a ele: "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja"? Estaria Ele, de certo modo, "passando o bastão" para Pedro, como que dizendo: "Eu serei preso e morto, e tu darás continuidade à minha obra. Tu serás meu sucessor"?

À luz das Escrituras como um todo, está claro que Jesus não fez isso. Mesmo assim, não é tarefa fácil provar que Ele referiu-se a si mesmo quando disse: "sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Afinal de contas, Ele estava falando diretamente com Pedro; e, olhando para ele, disse-lhe: "tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Nesse caso, em que sentido a Igreja pode ser edificada sobre Pedro se Jesus é, *a priori*, como vimos, o fundamento, a Rocha, na qual todos nós estamos firmados?

O que fazer diante dessa dificuldade bíblica? Estamos diante de um dilema, mas creio que também podemos descartar a possibilidade de o Senhor ter dito diante do espelho: "sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Isso ficará claro na medida em que examinarmos as próximas respostas à opinião romanista sobre Mateus 16.18,19.

Segunda Resposta: "esta pedra" Diz Respeito à Grande Confissão de Pedro

Parece-me bem mais plausível essa opinião, uma vez que Pedro acabara de fazer uma declaração que corrobora a verdade inquestionável de que Jesus é a Rocha, o fundamento da Igreja: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Se Ele é o Cristo, logo é a Rocha, haja vista não existir outro fundamento "além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo" (1 Co 3.11).

Ninguém menos que João Crisóstomo (c. 347-407) e Agostinho (354-430) defenderam a posição de que a pedra, na passagem em apreço, alude à declaração de Pedro, e não diretamente à Pessoa de Cristo. A bem da verdade, Agostinho, num primeiro momento, chegou a afirmar que "esta pedra" refere-se a Pedro, mas, algum tempo depois, mudou de opinião, deixando isso muito claro, especialmente em sua obra *The Retractations*, "As Retratações" (cf. WEBSTER, 2014).

A presente resposta ao romanismo, portanto, é uma espécie de meio-termo ante duas opiniões antagônicas: as de que Jesus referiu-se a Pedro ou a si próprio ao dizer: "sobre esta pedra edificarei a minha igreja". De fato, há plausibilidade em interpretar "esta pedra", na passagem em análise,

> como sendo a verdade a respeito da messianidade de Jesus, que foi revelada a Pedro. Reconhecendo que é impossível separar Pedro de sua confissão, essa interpretação responde melhor às dificuldades que normalmente se erguem (MOUNCE, 1996, p. 172).

Terceira Resposta: "esta pedra" Alude a Cristo e os Apóstolos

Muitos eruditos consideram difícil defender, biblicamente falando, a interpretação de que "esta pedra" é uma referência a Pedro, à sua grande declaração ou ao próprio Senhor Jesus, como se Ele estivesse falando diante de um espelho. E, diante dessas dificuldades, eles têm proposto uma quarta via: a alternativa de que "esta pedra" alude a Cristo e os apóstolos. Seria isso possível?

De fato, em nenhum momento, Pedro reivindicou ser o papa ou chefe supremo da Igreja. Ele, na verdade, exortou os presbíteros que cuidassem do

rebanho de Deus e colocou-se como um deles (1 Pe 5.1,2). Embora se apresentasse como apóstolo (1.1), jamais se intitulou como "o apóstolo" ou líder dos apóstolos. Num primeiro momento, ele até se destacou como tal, mas, depois de algum tempo, afastou-se dessa liderança, tornando-se um pregador itinerante, assim como Paulo.

Pedro e Paulo, que são, sem dúvida, os mais proeminentes apóstolos do Novo Testamento, empregaram o termo grego *petra* — constante da frase "sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18) — para referir-se à Rocha onde a Igreja foi edificada, Jesus Cristo (1 Pe 2.8; Rm 9.33; 1 Co 10.4). Com isso, eles eliminaram qualquer possibilidade de o Senhor ter posto Pedro ou qualquer dos apóstolos como o fundamento da Igreja, em substituição ao que já está posto.

Entretanto, de modo paradoxal, a conduta de Pedro e Paulo não elimina a possibilidade de interpretarmos que esses dois apóstolos e outros poderiam ser "um fundamento" firmado sobre "o fundamento". Observe que Pedro, de certo modo, era o representante dos Doze, apesar de não ter o primado. O Senhor, inclusive, ao repreender esse apóstolo quando este deu lugar ao Inimigo, fez questão de virar-se e, "olhando para os seus discípulos, repreendeu a Pedro" (Mc 8.33).

Da mesma forma, quando Pedro disse que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, a resposta do Senhor a ele estendeu-se a todo o colégio apostólico, inclusive aos que seriam agregados a esse seleto grupo, como Paulo. Lembremo-nos de que o Senhor, o "fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Ef 2.20), é "tudo em todos" (Cl 3.11). Se eles são "esta pedra" para a Igreja, esta, por conseguinte, está firmada no próprio Cristo (1 Co 3.11-15).

O que corrobora a interpretação de que "esta pedra" refere-se a todos os apóstolos é a alusão às "chaves do Reino dos céus", as quais o Senhor entregou simbolicamente a Pedro (Mt 16.19). Isso, evidentemente, não significa que os apóstolos ou Pedro, em particular, possam fazer as pessoas

entrarem no céu. O termo "Reino dos céus", aliás, não equivale a "céu"; trata-se, em Mateus, de uma alternativa a "Reino de Deus", isto é, o Reino de todos os que reconhecem o Todo-Poderoso como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Quanto à frase "tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16.19), ela confirma que as "chaves" não foram dadas exclusivamente a Pedro. No próprio Evangelho de Mateus, temos as seguintes palavras do Senhor Jesus, que foram dirigidas a todos os seus discípulos: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu" (18.18).

Cabe observar "que o versículo [Mt 16.19] diz 'tudo o que' tiver sido ligado e desligado, não 'todo aquele que'. Sugere o texto bíblico que o poder de Pedro não é sobre as pessoas" (DOWNING, p. 86). Outrossim, ligar e desligar, no caso do ministério da Igreja, não significa que Deus dá aval a tudo o que os líderes eclesiásticos decidem. No texto grego, o jogo de palavras diz exatamente o contrário: "o que ligares [desligares] na terra terá sido ligado [desligado] nos céus" (ARA).

Essas "chaves" dadas a Pedro, portanto, simbolizam a propagação do evangelho por toda a Igreja, por meio de todos os pregadores, e não somente por esse apóstolo (cf. Lc 24.46,47). É evidente que Jesus é a porta e o caminho para a salvação (Jo 10.9; 14.6), mas o pregador do evangelho é quem tem as "chaves". No caso de Pedro, por exemplo, quando pregou a mensagem de arrependimento em Jerusalém, Samaria, Lida, Sarona, Jope e em Cesareia, na casa de Cornélio, "abriu as portas do céu" para os seus ouvintes (At 2.37-41; 8.25; 10.42,43).

Cristo é a Pedra, o fundamento da Igreja. Nós somos pequenos blocos, pedras, sendo edificadas sobre essa grande Rocha (1 Pe 2.4,5). Pedro, uma dessas pedras pequenas, foi o nosso representante, por meio de quem nós,

pregadores do evangelho, recebemos “as chaves do Reino dos céus”. Grande é a nossa responsabilidade!

Capítulo 3

Treinamento de Pedro

Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Jesus lhe respondeu: Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás. Disse-lhe Pedro: Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida.
João 13.36,37

Jesus ficou muito satisfeito com a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe e fez questão de dizer-lhe que suas palavras resultaram de uma revelação do Pai celestial, e não de impulsividade carnal (Mt 16.13-19). Neste capítulo, no entanto, conheceremos o "outro lado da moeda", pelo qual fica evidente, à luz da Psicologia, que esse apóstolo tinha, de fato, uma língua impulsiva, advinda de seu temperamento sanguíneo.

Servos de Deus portadores desse tipo de temperamento podem viver de altos e baixos, acertando e errando, enquanto não se submetem inteiramente ao domínio do Espírito Santo. Como se sabe,

> seus espíritos os compelem a andar nos caminhos de Deus quando permitem que Ele lhes fale com regularidade por intermédio de sua Palavra. Porém, devido ao fato de a mente, bem como as experiências, levar o coração a sentir, é muito importante que o sanguíneo avalie seus pensamentos (LAHAYE, 2008, p. 45).

A partir da pesca maravilhosa no mar da Galileia (Lc 5.1-11), Pedro vai-se tornando mais próximo do Mestre a cada dia. Ele é participativo, falante, sempre está por perto, faz perguntas, quer aprender, interage, vive

experiências marcantes, mas também é repreendido por agir mais por impulso do que pela fé. No entanto, logo depois de sua importante declaração de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, seu ministério deveria ter adquirido outro *status*, já que o Mestre disse a ele: "eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18).

Como vimos, Jesus não quis dizer que Pedro tornou-se o fundamento da Igreja ou o seu primeiro papa por causa de sua confissão de fé, e sim que, desde então, sua responsabilidade aumentou. Todavia, minutos depois, o mesmo apóstolo põe tudo a perder ao incentivar o Salvador a desistir da cruz.

Jesus era um tipo de Mestre que corrigia seus discípulos — especialmente os que estavam participando de um treinamento especial, como era o caso de Pedro — imediatamente. E, por isso, reagiu sem meias palavras: "Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens" (Mt 16.23). Que ironia! Talvez, em toda a Bíblia, esse apóstolo seja o único que entregou a mensagem de Deus e, em seguida, empolgado, passou a falar da parte do Diabo.

Quando se quer elogiar a potência de um automóvel, diz-se que ele vai de zero a cem quilômetros em poucos segundos. No caso de Pedro, ele foi do "céu" ao "inferno" em poucos minutos, e essa experiência dupla parece ter afetado seu comportamento. A partir desse episódio até a última Páscoa de Jesus com seus discípulos, com exceção do ocorrido no monte da Transfiguração, vemos um Pedro mais comedido, cuidadoso com as palavras, menos afoito e disposto a seguir o Mestre mais de perto.

Do "Céu" ao "Inferno"

Jesus ficou satisfeito com a confissão de Pedro, pois este, como líder entre os Doze, já havia entendido que Ele é o Cristo, o Filho de Deus e o Salvador do mundo. No entanto, como ainda não chegara o tempo de isso ser propagado

sem nenhuma restrição, uma vez que o Senhor ainda haveria de morrer por nossos pecados e ressuscitar para nossa justificação, "mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que ele era o Cristo" (Mt 16.20).

Embora os Doze — especialmente os Três — já soubessem que Jesus é o Salvador do mundo, Rei dos reis e Senhor dos senhores, eles ainda não conseguiam entender que, antes mesmo de reinar sobre toda a terra no futuro, Ele teria de passar pela cruz, ressuscitar, ascender ao céu e, depois de tudo, voltar para consumar todas as coisas. Enquanto esteve na terra, antes de sua ascensão, o Senhor instruiu-os por aproximadamente "quarenta dias" (At 1.3). E, mesmo assim, eles perguntaram ao Mestre: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (v. 6, ARA).

Conhecendo-os bem, o Mestre, logo após a declaração de Pedro, começou "a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia" (Mt 16.21). Jesus expôs-lhes, na verdade, todo o plano salvífico previsto nas Escrituras, que começou com a sua encarnação, passaria pela cruz e culminaria com a ressurreição (Is 53; Sl 16; 1 Co 15.1-4).

Aparentemente, Pedro ficou empolgado com o elogio que recebera do Senhor; talvez um tanto envaidecido até. Pense na sua rápida ascensão ministerial. Em pouco tempo, ele foi de simples pescador do mar da Galileia a discípulo de Jesus; depois, a pescador de homens; em seguida, a apóstolo; e, em pouco tempo, começou a despontar como líder entre os Doze. Além de tudo isso, agora Jesus dirige-lhe palavras que parecem mais ter soado em seus ouvidos como: "Tu serás meu sucessor". Na verdade, após a ascensão, o sucessor de Cristo na terra é o Paráclito, o "outro Consolador" (Jo 14.16).

Agindo como um neófito, Pedro chamou o Senhor Jesus para uma conversa reservada, a fim de convencê-lo a desistir da cruz. Talvez ele tenha pensado: "Ele é nosso Mestre, mas também precisa aprender algumas coisas. Que negócio é esse de que convém padecer e ser morto?! Vamos enfrentar esses inimigos e vencê-los, ora!".

O apóstolo Paulo ensinou que o candidato ao episcopado não deve ser "neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo" (1 Tm 3.6, ARA). Pedro não chegou a cair nessa condenação, nem ficou possesso por demônios, mas deu lugar a Satanás (Ef 4.27). Momentos depois de receber uma revelação celestial, deixou-se influenciar pelo Inimigo, indo do "céu" ao "inferno".

Ele estava tão "fora do ar" que parece não ter percebido quando Jesus disse aos Doze "que convinha [...] ressuscitar ao terceiro dia" (Mt 16.21). E, "tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso" (v. 22). Pedro, Pedro, era momento de aprender em silêncio com o Mestre! Entretanto, uma característica marcante desse apóstolo era "tomar a palavra" e falar antes de todos, seja para o bem, seja para o mal.

Ao treinar os Doze e, especialmente, os Três, o Senhor não empregava meias palavras. Embora não se comportasse como um déspota, Ele falava de modo firme quando necessário, valendo-se de sua autoridade. Quanto à repreensão a Pedro, esta foi sobremodo dura e, segundo alguns críticos, teria até passado do tom.

O Mestre, entretanto, visava a responder também àquele que se aproveitou da fraqueza de Pedro para influenciá-lo. Marcos informa que o Senhor, "virando-se e olhando para os seus discípulos, repreendeu a Pedro, dizendo: Retira-te de diante de mim, Satanás; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas as que são dos homens" (8.33). Essa não foi a primeira vez em que o Diabo tentou atrapalhar o plano divino para salvar os pecadores.

Ele estava por trás de Herodes quando este intentou matar o Salvador ainda em sua primeira infância. Deus, então, guiou os magos e avisou José, que levou o Menino para o Egito (Mt 2.7-18). No deserto, Satanás tentou o Redentor enquanto este jejuava, mas Ele expulsou-o por meio da Palavra de Deus (4.1-11). Em Nazaré, homens a serviço do Inimigo procuraram matar Jesus antes de Ele chegar à cruz, numa tentativa de impedir sua morte

expiatória. Milagrosamente, Ele escapou, "passando pelo meio deles" (Lc 4.30).

Satanás também estava por trás da ação das pessoas ao redor da cruz, que diziam: "se és o Filho de Deus, desce da cruz. [...] E o mesmo lhe lançaram também em rosto os salteadores que com ele estavam crucificados" (Mt 27.40,44). Jesus desceria do madeiro se quisesse, mas Ele veio para morrer por nossos pecados de modo sacrificial; isso já estava determinado (1 Co 15.3; Ap 13.8).

No episódio em Cesareia de Filipe, o Diabo exerceu influência psicológica sobre Pedro, que repreendeu o Mestre — mas que audácia! — na tentativa de induzi-lo a desistir de sua obra redentora. No entanto, a resposta do Senhor ao Tentador e ao que cedeu à tentação foi contundente: "Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo" (Mt 16.23).

Jesus não morreu na cruz, prioritariamente, porque os judeus quiseram crucificá-lo, muito menos porque o Diabo quis matá-lo. Na verdade, como vimos, se este pudesse matar o Redentor, já o teria feito antes mesmo de Ele chegar à cruz. Contudo, depois que o Salvador estava dependurado entre o céu e a terra, o Inimigo fez de tudo para que descesse do madeiro, pois sabia que Ele viera para morrer em nosso lugar (Jo 10.17,18).

Na cruz, Jesus triunfou sobre as forças do mal (Cl 2.14,15, ARA; Hb 2.14,15), dando o brado da vitória: "Está consumado" (Jo 19.30). Nossa justificação tornou-se possível mediante

> a encarnação, a crucificação e a ressurreição de Cristo. Contudo, a morte expiatória do Salvador é a grande ênfase da Palavra de Deus. [...] A morte na cruz e o sangue de Cristo representam vitória sobre o pecado (1 Pe 1.18,19; Ap 5.8-10). E foi pelo seu sacrifício que triunfou sobre o Diabo (ZIBORDI, 2005, p. 44).

Após essa dura repreensão, o Senhor aproveitou para ensinar Pedro e seus companheiros a respeito da vida de renúncia e sofrimento (Mt 16.24-28). Ele não obriga ninguém a segui-lo. E os Doze sabiam muito bem disso, já que o Senhor apresentara-lhes um "duro discurso" em Cafarnaum, que havia

motivado outra emblemática resposta de Pedro: "Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus" (Jo 6.68,69, ARA).

Lucas informa que Jesus não ensinou apenas os apóstolos acerca da renúncia e a vida de sofrimento daqueles que decidem segui-lo, mas "dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me" (9.23, ARA). Portanto, há duas condições àqueles que desejam seguir o Senhor. Primeira: negar-se a si mesmo; segunda: tomar cada dia a sua cruz.

Negar-se a si mesmo significa priorizar a vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita (Rm 12.1,2). Quem assim procede, permite que o Senhor cresça em sua vida, fazendo minguar o seu próprio eu (Jo 3.30; Gl 2.20). Tomar a cruz dia a dia denota estar disposto a sofrer por amor a Cristo. Pedro, naquela ocasião, ainda não entendia bem o que isso significava, mas, ao escrever suas cartas, ensinou que "para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos" (1 Pe 2.21, ARA).

Culto no Monte

Ao concluir seu ensinamento sobre a vida de renúncia e sofrimento em Cesareia de Filipe, o Senhor fez uma surpreendente promessa, que se cumpriu uma semana depois. Ele disse aos seus discípulos que alguns deles não passariam pela morte antes de ver o Reino de Deus (Lc 9.27). Ele estava fazendo menção aos Três, que teriam o grande privilégio de participar de um maravilhoso culto no monte com a presença de Jesus, Moisés e Elias.

De acordo com Mateus: "Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte" (17.1), informação confirmada por Marcos (9.2). Mas Lucas diz que, "quase oito dias depois dessas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago e subiu ao monte a orar" (9.28). Confrontando-se essas informações,

chegamos à conclusão de que esse glorioso culto no monte ocorreu cerca de uma semana após a confissão de Pedro lá em Cesareia de Filipe.

Alguns teólogos veem uma profecia da sua volta nessa promessa de Jesus, visto que, de acordo com Mateus, Ele disse: "alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu Reino" (16.28). Como todos eles morreram até o ano 100 d.C., há quem afirme, por exemplo, numa interpretação forçada, que esse retorno do Senhor "teria ocorrido por ocasião da poderosa descida do Espírito Santo, sobre a igreja, por ocasião do Pentecostes (At 2.2-4)" (ARCHER, p. 349).

Pelo contexto, fica claro que o Senhor Jesus estava se referindo, de fato, ao que ocorreria em "um alto monte", onde Ele transfigurou-se diante dos Três (Mc 9.2). Como a localização desse acontecimento não é nomeada, alguns eruditos acreditam que tenha ocorrido no monte Tabor (ZIBORDI, 2018a, p. 102), mas a "provável presença de uma aldeia no pico do monte, nos tempos neotestamentários, torna essa identificação improvável" (MCKENZIE, p. 904).

Por outro lado, é possível que o monte da Transfiguração tenha sido o **Hermom**, que fica ao norte da Galileia, pois a

> tradição que identifica o monte Tabor como o monte da Transfiguração é totalmente implausível, à vista de sua distância de Cesareia de Filipe, e também porque naquela época um castelo e um grande forte dominavam-lhe o pico. O monte Hermom (a vinte e dois quilômetros de Cesareia de Filipe, erguendo-se a três mil metros acima do nível do mar) é bem mais plausível (MOUNCE, 1996, p. 177).

Assim que chegaram ao local, Jesus transfigurou-se diante dos Três, a ponto de suas vestes tornarem-se "resplandecentes, em extremo brancas como a neve, tais como nenhum lavadeiro sobre a terra as poderia branquear" (Mc 9.3). Isso nos faz lembrar, de imediato, do que João viu, "arrebatado em espírito", quando ele estava preso na ilha de Patmos: "no meio dos sete castiçais, um semelhante ao Filho do Homem, vestido até aos

pés de uma veste comprida [...]; e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece" (Ap 1.13,16).

Lucas acrescenta que, antes de transfigurar-se diante dos Três, Jesus estava orando (Lc 9.29). O que houve ali, de fato, foi um culto no monte! Isso, porém, não quer dizer que o Senhor só se transfigurou porque estava no monte. Aliás, creio eu que é importante abrir um parêntese aqui para falar um pouco sobre orações e cultos em montes na atualidade.

A Bíblia não nos proíbe de orar em montes, vales ou até mesmo no meio do mato. Mas, se não houver segurança, fazer isso, hoje, é tentar a Deus. O crente que tem comunhão com o Senhor sabe que Ele ouve a sua oração no templo, em casa, ou em qualquer lugar (Mt 18.20; 1 Tm 2.8). Se houver um local que não ponha em risco a integridade física dos frequentadores, não vejo problema algum em visitá-lo.

Muitos frequentadores de montes afirmam que, quando estão ali, ficam mais perto do Senhor. Mas, e os irmãos que moram em cidades planas? Estão mais longe de Deus porque não podem orar em lugares altos? Outros dizem que veem gravetos pegando fogo (...). Ora, não podemos ignorar que, na escuridão de uma mata, ocorrem fenômenos naturais, além de ficarmos propensos a miragens.

Experimente subir ao monte de dia e procurar pelos tais gravetos luminosos ou incandescentes. Como somos espirituais — e estes discernem bem tudo (1 Co 2.15) —, não podemos confundir fenômenos naturais com manifestações divinas sobrenaturais. Moisés esteve na presença do Senhor no monte, que fumegava enquanto ele falava com Deus (Êx 19). Isso sim é sobrenaturalidade!

Jesus também orava no monte. Na Transfiguração — e somente nesse caso —, houve uma manifestação sobrenatural (Mt 17.1-13), embora nada comparável a supostos galhinhos de árvore luminescentes. Nota-se que, já nos tempos da Igreja Primitiva, não era costume orar em montes. Quais dos apóstolos oravam no monte? Para onde Pedro e João estavam indo na hora

da oração? Ao Templo (At 3.1). Onde Pedro estava orando quando o Senhor deu-lhe uma visão acerca da evangelização dos gentios? No terraço de uma casa (10.9).

Por que, então, o Senhor Jesus orava em montes? Porque queria ficar a sós com o Pai (Mt 14.23; Lc 9.18), e isso não seria possível numa casa, devido ao assédio do povo, nem nas sinagogas, onde, depois de certo tempo, Ele passou a ser considerado *persona non grata* (6.11; 22.2). Observe, ainda, que o Mestre não orava somente em montes, mas "retirava-se para os desertos e ali orava" (5.16).

Em nenhum lugar do Novo Testamento, encontramos uma ordem para orar em montes, e sim para buscar a Deus no templo e em casa. O Senhor Jesus orava nos montes e lugares desertos porque, naquela época, não havia templos como os de hoje. Ademais, Ele dificilmente conseguiria ficar a sós com o Pai nas casas onde se hospedava. Por isso, ensinou: "[...] A minha casa será chamada casa de oração" (Mt 21.13). E, também: "quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai" (6.6).

Bem, voltemos à Transfiguração. No momento em que as vestes do Senhor "ficaram brancas e mui resplandecentes" (Lc 9.29), os Três passaram a ver Moisés e Elias conversando com Jesus, "os quais apareceram com glória e falavam da sua morte, a qual havia de cumprir-se em Jerusalém" (v. 31). Estamos diante de um culto cristocêntrico completo, que começa com oração, tem manifestação sobrenatural e, sobretudo, enfoca-se a mensagem da cruz (cf. 1 Co 14.26; 2.1-5).

Jesus cumpria, assim, a promessa de que alguns dos seus discípulos, ainda em vida, veriam "vir o Filho do Homem no seu Reino" (Mt 16.28). Mas alguém poderá perguntar: "Elias aparecer como representante dos profetas do Antigo Testamento falando com Jesus é compreensível, até porque esse profeta não provou a morte (2 Rs 2.1-11). Mas e no caso de Moisés? Deuteronômio informa que ele morreu (32.48-52; 34.5). Como explicar sua aparição no monte? Não seria isso um caso de contato com os mortos?".

Em primeiro lugar, a "presença deles nesse momento indica que o caminho da cruz que Jesus está tomando corresponde à intenção de Deus, como foi revelada no Antigo Testamento" (MOUNCE, 1996, p. 178). Esse caso excepcional ocorreu porque o Todo-Poderoso quis fazer com que os dois personagens mais importantes dos tempos veterotestamentários — o representante da Lei (Moisés) e o dos profetas (Elias) — aparecessem ao lado do Senhor, em quem se cumpriria tudo o que foi profetizado "por Moisés e por todos os profetas" (Lc 24.27). Além do mais, não houve "contato com os mortos" por meio de um médium, como supostamente ocorre em encontros espíritas.

Moisés e Elias compareceram vivos diante do Senhor, mas em espírito. Isso confirma que a parte espiritual não dorme com o corpo na morte, o que refuta a falaciosa doutrina do "sono da alma" (cf. Lc 16.19-31; Ap 6.9,10). Moisés não foi o primeiro a ressuscitar, como alguém poderá pensar, porque a Palavra de Deus é clara quanto à ressurreição dos mortos em glória, para nunca mais morrer: "cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda" (1 Co 15.23).

Deus permitiu que os Três contemplassem Moisés em espírito — já que este não podia ter ressuscitado antes do Senhor, "as primícias" —, ao lado de Elias, que foi tirado por Deus deste mundo sem passar pela morte (2 Rs 2.1-11). Moisés, o representante da Lei, há de ressuscitar com "os que morreram em Cristo", por ocasião do Arrebatamento da Igreja (1 Ts 4.16,17).

Finalmente, ao dizer — aludindo prioritariamente à Transfiguração — que alguns dos seus discípulos não provariam a morte, "até que vejam o Reino de Deus" (Lc 9.27), o Senhor Jesus referiu-se, também, indiretamente, ao Milênio. Em outras palavras, Pedro, Tiago e João tiveram o privilégio de experimentar a sensação que os salvos glorificados terão por ocasião do Reino Milenar de Cristo na terra.

À luz de Lucas 9.28-37, Cristo aparecerá em glória, por ocasião do Milênio. Moisés representa os santos que hoje dormem no Senhor e hão de

ressuscitar para ingressar no Reino. Elias é o representante dos santos vivos arrebatados. Quanto aos Três, prefiguram os salvos em Cristo não arrebatados que sobreviverem à Grande Tribulação. E, finalmente, a multidão ao pé do monte representa os povos naturais poupados no Julgamento das Nações, os quais também ingressarão no Milênio.

Pedro "Caiu no Espírito"?

Quando queremos um exemplo de crente dorminhoco, lembramos logo do pobre Êutico, que caiu da janela enquanto Paulo pregava em Trôade (At 20.6-10). Mas, se quisermos um exemplo de líderes dorminhocos, podemos pensar nos Três, pois, enquanto o Senhor conversava com Moisés e Elias, "Pedro e os que estavam com ele estavam carregados de sono" (Lc 9.32).

Eles só viram a glória de Deus quando despertaram. E, nesse momento, Pedro "roubou" a cena de novo. Sem pensar muito, "não sabendo o que dizia", em êxtase, disse ao Senhor: "Mestre, bom é que nós estejamos aqui e façamos três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias" (Lc 9.33). Pedro, que muitas vezes falou o que pensava, falou sem pensar dessa vez.

Enquanto ele falava, "veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra; e, entrando eles na nuvem, temeram. E saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi" (Lc 9.34,35). Era momento de ouvir a voz de Deus, e não de falar. Apesar de Moisés e Elias serem dois personagens emblemáticos, o Senhor quis mostrar aos Três que deveriam aproveitar o privilégio de ter o Verbo de Deus com eles.

Depois dessa confirmação de que Jesus é o Filho do Deus vivo, Ele "foi achado só; e eles calaram-se e, por aqueles dias, não contaram a ninguém nada do que tinham visto" (Lc 9.36). Mateus informa que eles, "ouvindo isso, caíram sobre seu rosto e tiveram grande medo. E, aproximando-se Jesus, tocou-lhes e disse: Levantai-vos e não tenhais medo. E, erguendo eles os olhos, ninguém viram, senão a Jesus" (17.6-8).

O fato de os Três caírem enquanto Deus falava é usado de modo abusivo por pregadores (pregadores?) que gostam de derrubar pessoas usando "paletós mágicos" e "sopros ungidos", além da "mãozinha milagrosa", quando alguém resiste a cair. Abro, aqui, mais um parêntese para discorrer sobre o chamado "cair no Espírito". Examinemos, pois, as passagens preferidas dos defensores desse modismo.

1 Reis 8.10,11

Este, talvez, seja o texto mais citado pelos pregadores que ministram o "cair no Espírito", que dizem: "Ninguém suporta ficar de pé quando a unção do Espírito vem sobre nós". Muito bem, vamos, então, examinar com atenção o que aconteceu, começando com uma leitura atenta dessa passagem: "E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu a Casa do SENHOR . E não podiam ter-se em pé os sacerdotes para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do S ENHOR enchera a Casa do SENHOR ".

Nada é mencionado a respeito do "cair no Espírito". O que o texto mostra é que a nuvem da glória de Deus encheu a sua Casa e impediu os sacerdotes de ministrar nesse local. Quanto à frase "não podiam ter-se em pé", a versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA) é ainda mais clara: "não puderam permanecer ali"; isto é, não tiveram como ministrar, por causa da nuvem que encheu a Casa.

Daniel 10.8-9 com Apocalipse 1.17

Os defensores do "cair no Espírito" afirmam que o profeta Daniel e o apóstolo João caíram sob o poder de Deus quando receberam revelações escatológicas. No primeiro texto, vemos Daniel, já sem forças para permanecer em pé — visto que havia jejuado por três semanas —, caindo sobre o seu rosto e sendo imediatamente levantado por um enviado de Deus (Dn 10.11). Sejamos honestos: pode-se comparar essa experiência com as de

pessoas que caem para trás após serem atingidas por sopros ou paletós "mágicos"?

O caso de João é semelhante ao do mencionado profeta (Ap 1.10-18), já que não foi derrubado por um sopro ou golpe de capa (naquela época, não havia paletó). E, assim como Daniel, esse apóstolo caiu prostrado sobre o seu rosto diante da glória do Senhor. Como se vê, não há como fazer um paralelo entre o cair aos pés do Senhor e o famigerado "cair no Espírito".

João 14.12

Na tentativa de avalizar o "cair no Espírito", os defensores desse modismo citam as seguintes palavras do Senhor: "aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e as fará maiores do que estas". Aqui, entretanto, o termo "obras" (gr. *ergon*) não significa "novas unções" ou "manifestações exóticas", e sim "trabalho", "ação", "ato". Exegeticamente, "obras maiores" são as mesmas realizadas por Jesus, mas em maior quantidade e alcance, e não em qualidade.

O Senhor não se referiu a novos "moveres", e sim à pregação do evangelho e à expansão do seu Reino na terra. No livro *Mais Erros que os Pregadores Devem Evitar*, faço uma explicação mais detalhada de João 14.12 e outras passagens usadas pelos defensores do "cair no Espírito", a "unção do riso" e outros "moveres" (cf. ZIBORDI, 2007).

Atos dos Apóstolos 2.1-16

No quinto livro do Novo Testamento, também não encontramos abono ao "cair no Espírito". Mesmo assim, o que ocorreu no dia de Pentecostes tem sido usado por aqueles que defendem esse modismo. Eles afirmam que o "mover de Deus" ali foi tão grande e espantoso que uma parte da multidão reunida em Jerusalém pensou que os cristãos estavam embriagados.

De fato, os primeiros cristãos batizados com o Espírito Santo foram alvos de zombaria. O texto bíblico em apreço, porém, não diz que isso decorreu

do fato de eles estarem caídos ao chão, tomados por uma prolongada "unção do riso". Na verdade, esses servos do Senhor pareceram estar embriagados porque, de modo sobrenatural, começaram a falar nas línguas dos judeus de diferentes nacionalidades que visitavam Jerusalém.

1 Coríntios 1.25

Alguns defensores do "cair no Espírito" e afins citam essa passagem e argumentam: "Quem acha o cair no Espírito e a unção do riso estranhos não conhecem a unção da loucura de Deus. Não podemos colocar Deus numa caixinha nem ignorar suas esquisitices". Estamos, entretanto, diante de um argumento "profundo" que se autodestrói em cinco segundos!

O termo "loucura de Deus" não se refere à loucura proveniente de Deus. Trata-se de figuração de linguagem alusiva à superioridade da sabedoria do Senhor em relação à dos homens. Observe que, no mesmo versículo, o apóstolo Paulo também afirmou que "a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1 Co 1.25). Ora, se existe a unção da loucura de Deus, então por que não existiria também a unção da fraqueza de Deus?

De acordo com 1 Coríntios 14, não há espaço para essa falsa "unção da loucura" no culto a Deus, que deve ser controlado pelo Espírito Santo, em perfeita harmonia com as Escrituras, para que tudo ocorra com decência e ordem. O fogo é uma bênção, desde que esteja sob controle. A eletricidade, de igual modo, precisa ser controlada nas subestações, e um trem pode alcançar grande velocidade, mas sempre corre no trilho.

Em 1 Coríntios 12.28, vemos que Deus prioriza os três ministérios ligados à pregação e ao ensino da Palavra: "pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores". E o que tenho percebido em minhas pesquisas é que, nas igrejas em que ocorre o "cair no Espírito", a exposição da Palavra do Senhor torna-se secundária ou até desnecessária.

Voltando ao treinamento dos Três, o Mestre ensinou-os, por meio de exemplos, que são os demônios que lançam pessoas ao chão, e não o Todo-Poderoso (Mc 9.17-27; Lc 4.35). O Senhor jamais derrubou alguém mediante sopros, golpes de capa ou imposição de mãos. Ele ensinava, pregava e curava os enfermos (Mt 4.23; At 10.38). No caso ocorrido no monte da Transfiguração, à semelhança de Daniel e o próprio João, ao receber a revelação do Apocalipse, os Três "caíram sobre seu rosto" (Mt 17.6).

Que momento glorioso e inesquecível para eles! E, se apenas Pedro tivesse experimentado isso, alguém poderia dizer que essa bela narrativa é mais uma história de pescador. Mas foi o próprio Jesus que ensinou, pouco depois da Transfiguração, que toda palavra é confirmada "pela boca de duas ou três testemunhas" (Mt 18.16), pois "onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou em no meio deles" (v. 20).

Perto da morte, mais maduro, Pedro ainda se lembrava desse glorioso culto no monte enquanto escrevia suas cartas:

> Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade, porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido. E ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo (2 Pe 1.16-18).

Mais um Milagre no Mar da Galileia

Ao descer do monte no dia seguinte, Jesus e os Três deparam-se com uma cena de confusão parecida com a vista por Moisés depois de este estar com o Senhor no monte Sinai (cf. Êx 32). Lucas informa que "veio ao encontro de Jesus grande multidão" (9.37, ARA). Enquanto os Três estavam com Jesus, um homem levou seu filho, possesso de demônios, aos nove discípulos que ficaram embaixo, e eles não conseguiram obter da parte de Deus a libertação do rapaz (vv. 38-40).

Jesus, então, em vez de repreender os seus discípulos pela falta de fé, dessa vez dirigiu-se a todos, dizendo: "Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco e vos sofrerei?" (Lc 9.41, ARA). E, pedindo ao homem que trouxesse o seu filho, que, surdo e mudo desde a infância, se convulsionava, o Senhor libertou-o, deixando todos maravilhados (vv. 42,43; Mc 9.25-29).

Mateus ainda informa que os discípulos quiseram saber por que não conseguiram expulsar o demônio do rapaz, e o Senhor aproveitou a oportunidade para dizer-lhes mais uma vez que lhes faltava fé. E, em seguida, ensinou-lhes que, se a fé deles fosse como um grão de mostarda, nada lhes seria impossível. Contudo, para aumentar a fé, tinham de melhorar sua comunhão com Deus por meio da oração e do jejum (17.19-21).

Enquanto a multidão estava em êxtase por causa da libertação do jovem, o Mestre mais uma vez avisou a Pedro e seus companheiros de que "o Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens" (Lc 9.44, ARA). Os Três estavam de volta à realidade e, mesmo tendo acabado de antever Jesus em glória, ainda não conseguiam compreender que Ele teria de morrer pelos pecados da humanidade. Mas, depois da repreensão dirigida a Pedro em Cesareia de Filipe, todos temiam interrogá-lo sobre esse assunto (v. 45).

Quando Jesus e seus discípulos partiram para Cafarnaum, "dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?" (Mt 17.24, ARA). Esse questionamento reforça a ideia de que esse apóstolo exercia liderança entre os Doze, pois alguém deve ter dito aos publicanos que ele representava o Mestre em algumas questões.

Então, como um autêntico líder, ele respondeu-lhes: "[...] Sim. E, entrando em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Que te parece, Simão? De quem cobram os reis da terra os tributos ou os impostos? Dos seus filhos ou dos alheios? Disse-lhe Pedro: Dos alheios. Disse-lhe Jesus: Logo, estão livres os filhos" (Mt 17.25). No entanto, não querendo gerar polêmica, já que se

aproximava o momento crucial do seu ministério, Jesus há de realizar mais um milagre no mar da Galileia para resolver essa questão.

Pedro já tinha presenciado, no mesmo mar da Galileia, a pesca maravilhosa e, também, participado de duas tempestades; inclusive, em uma delas, havia andado sobre as águas. Ele estava, no entanto, prestes a contemplar outro grande milagre. A ordem de Jesus para ele foi esta: "para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti" (Mt 17.27, ARA).

Quanto a esse imposto das didracmas, todo judeu do sexo masculino, maior de 20 anos, devia pagá-lo anualmente

> para manutenção do culto no Templo (Êx 30.11-16). Era uma importância equivalente ao salário de dois dias de um trabalhador braçal. [...] O ponto levantado por Jesus é claro. Sendo cidadãos do reino de Deus, não estamos sob obrigação de pagar impostos do Templo. Entretanto, há outro princípio envolvido. A fim de impedir que outras pessoas sejam influenciadas a fazer algo errado [...], Jesus diz a Pedro que pegue um peixe, em cuja boca ele encontraria o dinheiro necessário para pagar o imposto (MOUNCE, 1996, p. 180-181).

Pelo que tudo indica, Jesus estava hospedado na casa de Pedro, lugar onde Ele costumava ficar quando passava por Cafarnaum (cf. Mt 8.5,14; Mc 2.1). Isso explica por que o Senhor ordenou que fosse pago o imposto de ambos. Pedro, então, acostumado a pescar com rede, viu que Deus usa-nos com a ferramenta que tivermos à mão (cf. Jz 15.14-17; 1 Sm 17.49,50).

Que milagre maravilhoso o Senhor realizou — mais um no mar da Galileia ou lago de Genesaré! Todavia, quem pescou o peixe foi Pedro. Deus geralmente faz o que é impossível depois que fazemos a nossa parte. Embora esse apóstolo fosse um pescador de homens, ainda sabia pescar peixes. E o milagre aconteceu na medida em que ele fez o que podia ter feito. Façamos a nossa parte, lembrando sempre de que o Senhor trabalha "para aquele que nele espera" (Is 64.4).

E o Treinamento dos Três Continua

Aparentemente, Pedro estava mais comedido e cuidadoso para perguntar. Isso, porém, não vai durar muito tempo. Enquanto ele resolveu aprender em silêncio, os outros membros do grupo dos Três finalmente deram o ar da graça assim que a comitiva chegou a Cafarnaum (cf. Mc 9.33). Usando uma criança como exemplo, o Mestre tinha respondido a uma pergunta dos discípulos resultante de uma desavença infantil sobre qual deles era o maior (Lc 9.46-48; Mt 18.1-14).

Essa discussão não deve ter partido de Pedro, que, aliás, nunca demonstrou que desejava ser o maioral. Sua liderança não foi imposta; Jesus escolheu-o para liderar desde o início. João, o discípulo amado, que não era de falar muito, disse ao Mestre logo após seu ensinamento a respeito da importância de tornar-se como uma criança para entrar no Reino dos céus: "Mestre, vimos um que em teu nome expulsava os demônios, e lho proibimos, porque não te segue conosco" (Lc 9.49).

Surpreendentemente, Jesus respondeu aos Doze: "[...] Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós" (Lc 9.50). Nitidamente, Ele quis dizer com isso que não veio ao mundo para fundar uma nova religião, exclusivista e sectária. O Senhor, inclusive, jamais sugeriu a João Batista que este abandonasse seu ministério e depois o seguisse, permitindo que seu precursor continuasse tendo discípulos, os quais, após sua morte, "[...] levaram o corpo, e o sepultaram, e foram anunciá-lo a Jesus" (Mt 14.12).

Depois disso, começou a ensinar-lhes sobre o perdão, e Pedro resolveu quebrar o silêncio. Parecendo estar ainda um tanto temeroso de perguntar, chegou bem perto do Senhor e, quase cochichando, disse-lhe: "Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?" (Mt 18.21). Jesus respondeu-lhe: "Não te digo que até sete, mas até setenta vezes sete" (v. 22) e aproveitou para enfatizar, por meio de uma parábola, que o perdão não tem limite (vv. 23-35).

Ao concluir seus ensinamentos na Galileia, Jesus "dirigiu-se aos confins da Judeia, além do Jordão" (Mt 19.1). Uma multidão seguia-o, e muitas pessoas foram curadas. Como era de esperar, o Diabo não estava nada satisfeito, e logo apareceram os fariseus, "tentando-o e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?" (v. 3). Pedro e seus companheiros, atentos, ouviram uma contundente resposta do Senhor pela qual condenou o divórcio (vv. 4-12; Mc 10.1-12). Em seguida, Ele abençoou algumas crianças e partiu dali (Mt 19.13-15; Mc 10.13-16).

Sabemos que os Evangelhos não estão em ordem cronológica. E, como nesta obra sobre Pedro nosso objetivo não é apresentar a linha do tempo de Jesus, e sim a desse apóstolo, alguns eventos estão sendo omitidos. Há que se observar o seguinte: após o ensinamento de Jesus contrário ao divórcio e suas palavras abençoadoras às crianças, Mateus salta para a história do jovem rico. Lucas, porém, antes de chegar a esse ponto, cita outros eventos e ensinamentos, alguns dos quais abordarei a seguir, dando destaque, é claro, aos que se relacionam com Pedro.

Quando comparamos Mateus e Lucas, constatamos que o Senhor Jesus repetia vários ensinamentos, como no caso dos já mencionados Sermões da Montanha e da Planície, que são semelhantes em alguns pontos, porém ministrados em lugares e momentos diferentes (cf. Mt 5–7; Lc 6.17-49). Há, também, casos em Lucas de assuntos mencionados fora de ordem ou numa ordem diferente da apresentada por Mateus, como a blasfêmia dos fariseus (Lc 11.14-27; Mt 12.22-32), o sinal do profeta Jonas (Lc 11.29-32; Mt 12.38-42), a candeia do corpo (Lc 11.33-36; Mt 6.22,23) e outros casos (Lc 12.1-34; Mt 10.28-33; 6.25-34).

Lucas ainda põe o duro discurso do Senhor contra os escribas e fariseus antes da história do jovem rico (cf. Mt 19.16-30; 23.1-39; Lc 11.37-54; 18.18-30), o que nos convence, de uma vez por todas, de que não existe a mínima possibilidade de harmonizarmos rigorosamente os Evangelhos. Isso porque os evangelistas, como já vimos, não têm como prioridade mencionar os

acontecimentos em ordem cronológica. Mesmo assim, ainda é possível manter uma linha do tempo de Pedro nos Evangelhos.

A Caminho da Cruz

Depois da Transfiguração, Jesus começou a mentalizar sua ida a Jerusalém para morrer por nossos pecados, haja vista completar-se "os dias para a sua assunção" (Lc 9.51). O termo "assunção" (gr. *análempsis*) só aparece nesse versículo e alude ao ápice ou conclusão da obra do Senhor. O caminho estava traçado até a sua glorificação junto ao Pai, mas, para chegar aí, Ele tinha de passar antes pela cruz, ressuscitar ao terceiro dia e ficar mais uns 40 dias entre os seus discípulos.

E mais uma vez, aproveitando-se do silêncio temporário do falador-mor, os outros dois apóstolos do grupo dos Três assumiram seu papel. Ante a conduta de alguns samaritanos que se negaram a hospedar Jesus, Tiago e João disseram-lhe: "[...] Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?" (Lc 9.54). E o Senhor repreendeu-os: "Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las" (vv. 55,56). Pedro deve ter rido nesse momento, ou, talvez, pensado: "Ufa! Dessa bronca aí eu escapei".

Jesus continuou seu treinamento itinerante — especialmente aos Três — e, logo após ter retomado o assunto da renúncia (Lc 9.57-62), resolveu enviar mais 70 obreiros "adiante da sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir" (10.1). Esses seus precursores foram investidos de "poder para pisar serpentes, e escorpiões, e toda a força do Inimigo" (v. 19). Acredita-se que, pelo menos Estêvão, dentre os primeiros sete diáconos da Igreja, fazia parte desse seleto grupo de enviados, o que explica seu vasto conhecimento das Escrituras (cf. At 6.3-10; 7.2-53).

Quanto a Pedro, continuava aprendendo em silêncio. E, a caminho de Jerusalém, o Senhor foi interrogado, em algum lugar, por "um certo doutor

da lei" acerca da vida eterna, o que o motivou a apresentar-lhe a conhecida parábola do Bom Samaritano (Lc 10.25-37). Em seguida, Ele "entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa (v. 38). João informa que esta morava em Betânia (11.1), "situada em um vale ao lado do monte das Oliveiras, a sudoeste de Jerusalém. É uma aldeia miserável com algumas das antigas habitações de pedra, convertidas em casas modernas" (DAVIS, p. 179).

Depois de ensinar importantes lições a Marta e sua irmã, Maria, o Mestre retirou-se para orar um pouco, e seus discípulos fizeram-lhe um pedido: "[...] Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos" (Lc 11.1). Ele já lhes tinha apresentado, havia algum tempo, instruções sobre a oração como parte do Sermão da Montanha (Mt 6.5-13), mas voltou a esse assunto, retomando a célebre oração do "Pai Nosso" e ensinando-lhes por meio de uma parábola (Lc 11.2-13).

Aparentemente, durante certo tempo, Pedro estava mesmo disposto a ouvir mais e falar menos. Em Lucas, entre a parábola do servo vigilante (12.35-48) e o encontro de Jesus com um jovem rico (18.18-30), há registros de muitos ensinamentos e milagres de Jesus nos quais esse apóstolo praticamente desaparece. Na primeira passagem mencionada, ele, após ouvir a parte inicial da aludida parábola, fez ao Senhor uma pergunta — "dizes essa parábola a nós ou também a todos?" (v. 41) —, a qual resultou na sua continuação.

Pedro fez essa pergunta para confirmar se o ensino sobre o servo vigilante aplicava-se principalmente a quem o Senhor confiou grandes responsabilidades. Depois da repreensão em Cesareia de Filipe (Mt 16.22,23), ele estava mais pensativo e disposto a aprender. E Jesus, ao expor a segunda parte da parábola do servo vigilante, motivada pela pergunta de Pedro, levou-o, certamente, a refletir sobre seu *status* entre os Doze: "[...] a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá" (Lc 12.48).

Na sua viagem a Jerusalém, o Senhor foi atendendo inúmeras pessoas, curando-as, libertando-as e transmitindo-lhes importantes lições. Ele, então, foi interpelado por "um certo príncipe" (Lc 18.18) que "se ajoelhou diante dele" (Mc 10.17) e queria conhecer o necessário para herdar a vida eterna (Lc 18.18). Jesus rejeitou o título de "bom mestre", que o rapaz havia-lhe conferido, preferindo dar toda a glória ao Pai celestial — que exemplo! — e, em seguida, citou os principais mandamentos (v. 20). O jovem respondeu-lhe com firmeza: "Todas essas coisas tenho observado desde a minha mocidade" (v. 21).

O Mestre sabia que esse rapaz sentia-se vazio apesar de observar os mandamentos, pois ainda desconhecia o caminho para herdar a vida eterna. Jesus, então, "olhando para ele, o amou" (Mc 10.21) e, com sua franqueza habitual, jogou-lhe um "balde de água fria" ao dizer-lhe não o que ele gostaria de ouvir, e sim o que precisava escutar: "[...] Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me" (Lc 18.22).

Pedro estava atento a tudo, refletindo, e viu quando o rapaz "ficou muito triste, porque era muito rico" (Lc 18.23) e, portanto, incapaz de negar-se a si mesmo, levando dia a dia a sua cruz (9.23). Assim que o jovem retirou-se cabisbaixo, pensativo, decepcionado, "porque possuía muitas propriedades" (Mt 19.22), o Mestre voltou-se para Pedro e seus companheiros para ensinar-lhes sobre a dificuldade — quase impossibilidade — de um rico entrar no Reino dos céus (vv. 23,24).

Os discípulos de Jesus surpreenderam-se com esse ensinamento e começaram a dizer: "Quem poderá, pois, salvar-se?" (Mt 19.25), e o Senhor respondeu-lhes: "Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível" (v. 26). Em resumo, não há nada que o Onipotente não possa fazer, inclusive salvar os ricos; estes, porém, devem renunciar as riquezas, isto é, não colocar o coração nelas (Mt 6.19-21; Lc 6.24).

Preocupação com o Futuro

Pedro não resistiu e quebrou o silêncio. Ele fez uma afirmação seguida de um questionamento, praticamente uma cobrança: "[...] Eis que nós deixamos tudo e te seguimos; que receberemos?" (Mt 19.27). As perguntas revelam muito do que passa no coração de uma pessoa. Esse discípulo vinha seguindo o Mestre de perto há algum tempo e presenciara milagres extraordinários. Mesmo assim, parecia ainda estar preso à vida material e a preocupações secundárias.

Jesus aproveitou a oportunidade para tranquilizar a Pedro e seus companheiros:

> [...] Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do Homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a vida eterna (Mt 19.28,29).

Ao que parece, Pedro esquecera-se do que o Senhor dissera no Sermão da Montanha:

> "[...] não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo, mais do que a vestimenta?" (Mt 6.25).

Se Jesus não amasse Pedro, este teria recebido mais uma dura repreensão; o Mestre, porém, sabia exatamente como se sentia esse discípulo.

Ainda com base na pergunta de Pedro, o Senhor apresentou aos seus discípulos a parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20.1-16), pela qual salientou que "muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (19.30, ARA), ou: "os derradeiros serão primeiros, e os primeiros, derradeiros, porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos" (20.16).

Chegou o momento de o Mestre ter mais uma conversa somente com os discípulos. Mateus diz que, "subindo Jesus a Jerusalém, chamou à parte os seus doze discípulos" (Mt 20.17). O assunto a ser tratado era novamente sua obra expiatória:

> [...] Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirá no Filho do Homem tudo o que pelos profetas foi escrito. Pois há de ser entregue aos gentios e escarnecido, injuriado e cuspido; e, havendo-o açoitado, o matarão; e, ao terceiro dia, ressuscitará (Lc 18.31-33).

Pedro não interveio dessa vez, apesar de ainda não entender o que significavam essas palavras do Mestre (Lc 18.34). Entretanto, a mãe de Tiago e João resolveu fazer-lhe um pedido que indignou os demais apóstolos (Mt 20.24): "Dize que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu Reino" (v. 21). No meu tempo de adolescente, eu diria que ela "caiu de paraquedas" na reunião de Jesus com os Doze. A resposta veio em forma de pergunta: "Não sabeis o que pedis; podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?" (v. 22).

Estranhamente, Tiago e João, apóstolos próximos de Jesus, responderam-lhe positivamente: "Podemos" (Mt 20.22). É possível que eles não tenham entendido a pergunta, pois o Mestre falava de seus sofrimentos e morte. Diante dessa resposta aparentemente pretensiosa, Jesus garantiu apenas que ambos padeceriam por amor do seu nome: "[...] Na verdade bebereis o meu cálice, mas o assentar-se à minha direta ou à minha esquerda não me pertence dá-lo, mas é para aquele para quem meu Pai o tem preparado" (v. 23).

Como se sabe, ainda na primeira metade do século I d.C., Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, começou a perseguir a igreja em Jerusalém e mandou matar o apóstolo Tiago (At 12.1,2). Ele, que pedira a Jesus, por meio de sua mãe, para sentar-se com João junto ao Senhor em seu Reino, foi, pois, o primeiro a beber o cálice do martírio (cf. Mt 20.20-23).

Em seguida, o Mestre chamou Pedro e seus companheiros “para junto de si” para ensinar-lhes que “todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo” (Mt 20.25-27). No entanto, essa era uma lição que Pedro, aparentemente, apesar de todos os seus defeitos, aprendera primeiro que Tiago e João.

A jornada de Jesus rumo à cruz continua. Em Jericó, Pedro e seus companheiros viram o Senhor curar dois cegos (Mt 20.29-34) e aprenderam preciosas lições em sua visita à casa de Zaqueu, chefe dos publicanos (Lc 19.1-10). Perto de Jerusalém, Ele contou-lhes mais uma parábola sobre a importância de o servo ser fiel (vv. 11-27). E, ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, “ao monte chamado das Oliveiras, mandou dois de seus discípulos” (v. 29) buscarem “um jumentinho em que nenhum homem ainda montou” (v. 30).

É possível que esses dois discípulos tenham sido Pedro e João, que, posteriormente, seriam encarregados de preparar o local para a última Páscoa (cf. Lc 22.8). Jesus, então, sentou-se no jumentinho e entrou em Jerusalém de modo triunfal (Mc 11.1-11), ao som de louvores: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o Reino do nosso pai Davi, que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!” (vv. 9,10). E “[...] toda a cidade se alvoroçou, dizendo: Quem é este? E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galileia” (Mt 21.10,11).

Nota-se que a multidão de discípulos que acompanhava o Senhor não sabia mesmo que Ele estava entrando em Jerusalém para cumprir seu maior objetivo: morrer por nossos pecados. Muitos deles, inclusive os Doze, acreditavam, depois de tudo o que aconteceu, que Ele seria um rei como qualquer outro; pensavam o tempo todo na restauração do “reino a Israel” (cf. At 1.6). O Mestre, no entanto, não os repreendeu. Pelo contrário, ao ser criticado pelos fariseus — sempre eles! —, respondeu-lhes: “Digo-vos que, se estes se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lc 19.40).

Na medida em que Jesus aproxima-se da cruz, Pedro distancia-se dEle até negá-lo diante dos homens. A despeito de todos os ensinamentos que ouviu e das experiências que vivenciou, esse apóstolo ainda não era convertido. Por isso, momentos antes de ser preso, o Senhor disse-lhe: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22.31,32, ARA).

Ele só se converterá, de fato, após a ressurreição do Senhor (Jo 21.17). E, então, como ensinou Paulo, "[...] o véu se tirará" (2 Co 3.16), e Pedro passará a entender

> [...] que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que, por tradição, recebestes de vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado (1 Pe 1.18,19).

Convertido, de fato, e cheio do Espírito Santo após a descida do Paráclito no dia de Pentecostes, Pedro fará um grande trabalho para Deus, inicialmente como líder e pregador da Igreja Primitiva. Isso é assunto para os próximos capítulos desta obra, em que, acompanhando a linha do tempo desse apóstolo, vamos conhecer detalhes sobre sua queda, seu recomeço após a ressurreição de Jesus, bem como seu ministério como primeiro pregador pentecostal.

Capítulo 4

Assentado para Ver o Fim

E Pedro o seguiu de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim.
Mateus 26.58

Ao chegar a Jerusalém, Jesus chorou sobre ela e profetizou sua destruição por causa de sua própria incredulidade e conduta contrária à vontade de Deus (Lc 19.41-44). Em seguida, entrou no Templo e, depois, "tendo visto tudo ao redor", partiu para Betânia com os Doze. Ele deve ter ficado extremamente angustiado com o que viu na Casa de Deus, mas, como já era tarde, decidiu manifestar-se sobre isso no dia seguinte (Mc 11.11,12).

Antes de voltar ao Templo para purificá-lo, o Mestre teve fome e resolveu procurar frutos em uma figueira, mas só achou folhas nela. Apesar de essa árvore não ter culpa, por assim dizer, já que "não era tempo de figos" (Mc 11.12,13), o Senhor aproveitou-se dessa circunstância para apresentar mais uma lição a Pedro e seus companheiros, a qual só ficaria clara no dia seguinte.

Disse o Senhor à figueira: "Nunca mais coma alguém fruto de ti" (Mc 11.14). Como fez isso e, sem dizer mais nada, continuou andando rumo ao Templo, os discípulos devem ter pensado que Ele estava irritado com alguma coisa. Afinal, pouco tempo depois disso, "[...] começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E não consentia que ninguém levasse algum vaso pelo templo" (vv. 15,16).

Em seguida, citando Isaías 56.7, passou a ensinar a todos que a Casa de Deus é "casa de oração", e não "covil de ladrões" (Mc 11.17). E, ainda nas imediações do Templo, curou cegos e coxos, além de receber o louvor de crianças, que o chamavam de Filho de Davi (Mt 21.14,15). Enquanto isso, os escribas e príncipes dos sacerdotes, cheios de inveja, começaram a urdir um plano para matá-lo, e Jesus resolveu sair da cidade, considerando que já estava tarde (Mc 11.18,19).

No dia seguinte, pela manhã, Pedro e seus companheiros descobriram que Jesus não estava irritado quando amaldiçoou a figueira. Na verdade, Ele quis transmitir-lhes uma lição de fé e, talvez, uma mensagem simbólica sobre a rejeição de Israel ao Messias. Havia, de fato, um propósito por trás desse estranho ato, pois "viram que a figueira se tinha secado desde as raízes" (Mc 11.20). Pedro, então, disse-lhe: "Mestre, eis que a figueira que tu amaldiçoaste se secou" (v. 21).

O que parecia ser um acesso de fúria por parte do Senhor era, na verdade, um exemplo de como usar a fé! Ele disse a Pedro e a seus companheiros:

> [...] Tende fé em Deus, porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso, vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis (Mc 11.22-24).

Pedro também deve ter-se lembrado da parábola contada por Jesus em que certo homem plantou uma figueira na sua vinha e, depois de três anos, não conseguiu colher frutos nela. O Mestre ensinou que esse homem estava a ponto de cortar essa árvore, quando o vinhateiro pediu a ele que cuidasse dela por mais um ano; "se der fruto, ficará; e, se não, depois a mandarás cortar" (Lc 13.6-9).

Se conectarmos o que Jesus disse nessa parábola com o seu posterior ensinamento profético — "Olhai para a figueira e para todas as árvores" (Lc 21.29; cf. Mt 24.32-35) —, chegaremos à conclusão de que o Mestre, de fato, não amaldiçoou a figueira por acaso. Considerando que essa árvore

simboliza Israel (cf. Os 9.10; Jr 24.3-7; Jz 9.8-15), haveria por trás da ação de Jesus uma mensagem que combina com sua lamentação diante de Jerusalém (Lc 19.41-44). Ou seja, "a figueira que não dá frutos é um símbolo do Israel descrente, que é amaldiçoado por sua falta de fé e permanece estéril" (MCKENZIE, p. 348).

Aula de Escatologia

Lucas informa que, após entrar no Templo e "expulsar todos os que nele vendiam e compravam, dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores" (19.45,46), Jesus passou a visitá-lo todos os dias para ensinar o povo (v. 47). Quanto a seus inimigos — os chefes dos sacerdotes, os escribas e os principais do povo —, continuavam conversando entre si para encontrarem uma forma de matá-lo, mas "não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o" (v. 48).

Num desses dias de ensino no Templo, um discípulo disse-lhe enquanto saíam dali: "Mestre, olha que pedras e que edifícios!" (Mc 13.1). Ao responder-lhe, Jesus profetizou que não ficaria pedra sobre pedra que não fosse derrubada (v. 2). Nesse momento, "assentando-se ele no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, e Tiago, e João, e André lhe perguntaram em particular: Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir" (vv. 3,4).

A pergunta dos Três, acompanhados de André, resultou no chamado Sermão Profético, que é mais bem explicado por Mateus, embora encontremos em Marcos e Lucas elementos harmônicos e complementares. Jesus respondeu à indagação considerando que eles representavam tanto a Igreja como Israel, haja vista serem, ao mesmo tempo, os primeiros membros do Corpo de Cristo e do povo israelita.

Essa aula ou sermão de Jesus é parte integrante do treinamento ministrado especificamente aos Três, apesar de André também estar

presente nessa ocasião. Tudo o que lhes ensinou sobre os eventos escatológicos será útil especialmente a Pedro e João, que, no fim de suas vidas — com uma compreensão bem mais ampla do futuro glorioso da Igreja —, vão tratar de questões apocalípticas em seus escritos. Como nós entenderíamos 2 Pedro 3 e o livro de Apocalipse se o Mestre não nos tivesse deixado essa maravilhosa exposição sobre as últimas coisas?

Há que se notar ainda que, embora o Senhor não se tenha preocupado com a ordem dos acontecimentos futuros — o que é comum no gênero apocalíptico —, pode-se estabelecê-la, à luz da analogia geral da Bíblia. Tomando-se como base Mateus 24 e 25, Lucas 21.5-36 e Marcos 13, quais são os principais assuntos contidos no Sermão Profético?

Invasão de Jerusalém

Diante do ato dos discípulos, que apontam para a estrutura do Templo e de outros edifícios ao redor, admirados (Mt 24.1; Mc 13.1), Jesus inicia o Sermão Profético predizendo a invasão de Jerusalém pelos romanos no ano 70: "não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada" (Mt 24.2; cf. Mc 13.2; Lc 21.6). Em Mateus, as profecias sobre o futuro, iniciadas em 24.2, são mais detalhadas em relação aos outros sinóticos e vão até o último versículo do capítulo 25.

Resposta a uma Pergunta Tripartida

Mateus informa que a indagação de Pedro e seus companheiros a Jesus foi tríplice (24.3). Ao fazer menção da invasão de Jerusalém e da destruição do Templo, o Senhor ouviu deles uma pergunta que abarca questões alusivas a sinais quanto a "essas coisas", "tua vinda" e "fim do mundo". Jesus, então, fazendo menção de algumas profecias, responde-lhes de modo igualmente tripartido, o que é uma importante chave para entendermos a linha do tempo das últimas coisas.

Sinais Gerais e Pregação do Evangelho do Reino até o Fim

Diante da pergunta tríplice de Pedro e seus companheiros, o Senhor inicialmente faz uma abordagem panorâmica dos sinais (Mc 13.5-13; Lc 21.5-19). Ele, por enquanto, não menciona nenhum evento específico, mas chama a atenção para sinais escatológicos gerais, como, por exemplo, o surgimento de enganadores (Mt 24.4,5,11), guerras e rumores de guerras, fomes, pestes, terremotos (vv. 6-8), perseguições aos cristãos (v. 9), escândalos, traições, aumento da iniquidade e esfriamento do amor (vv. 10-12).

O Mestre termina a primeira seção de respostas discorrendo sobre a pregação do "evangelho do Reino" até o "fim" (Mt 24.14). Esses termos aludem ao evangelho que será pregado durante a Grande Tribulação — especialmente pelas duas testemunhas e os cento e quarenta e quatro mil judeus selados por Deus (cf. Ap 7-14) — e por ocasião do Milênio, tempo em que toda a terra será cheia do conhecimento do Senhor. Isso por meio da pregação e, também, de modo intuitivo (cf. Hc 2.4; Jr 31.33,34; Is 2.3; 54.13). Tudo o que Ele afirma tem como objetivo incentivar os salvos a serem perseverantes em qualquer época ou circunstância (Mt 24.13).

Predições e Advertências para Israel sobre a Grande Tribulação

A partir de Mateus 24.15, com a menção da "abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel" no Templo, o Senhor passa a tratar especificamente de predições relativas ao que acontecerá *em* e *com* Israel — haja vista seus discípulos também serem israelitas — por ocasião da Grande Tribulação (cf. Mc 13.14-23; Lc 21.20-24).

Até Mateus 24.28, Jesus trata de Israel na Grande Tribulação. Ele faz predições e advertências específicas alusivas aos judeus, como o alerta de que surgirão falsos cristos (vv. 23-26). Como se sabe, os israelitas tementes a Deus também creem na chegada do Messias, mas ainda estão esperando a sua primeira vinda, enquanto nós já esperamos a sua volta (Jo 14.1-3; Hb 9.28).

Quem pensa que o termo "grande tribulação", aqui, é uma referência à invasão de Jerusalém no ano 70 precisa ler com atenção Mateus 24.21, ARA: "nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais". A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por exemplo, foi muitíssimo pior para os israelitas que a invasão de Jerusalém no primeiro século.

O Mestre conclui essa seção afirmando que, "assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem" (v. 27). Isso é uma alusão clara à sua Manifestação em poder e grande glória com a sua Igreja no fim da Grande Tribulação (cf. Zc 14.1-11; Jd vv. 14,15; Ap 19.11-21).

Manifestação do Senhor

A partir de Mateus 24.29, o Senhor passa a fazer menção da sua aparição em poder e grande glória, "logo depois da aflição daqueles dias", quando "o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas" (cf. Mc 13.24-31; Lc 21.25-33). Observe que "todas as tribos da terra se lamentarão" (Mt 24.30).

Jesus Cristo, o Justo Juiz, então, manifestar-se-á para julgar os adoradores da Besta — reunidos na "grande Babilônia", cidade de Jerusalém tomada pelos inimigos de Israel —, pondo fim ao império do Anticristo (cf. Ap 18.9-24). Segundo Apocalipse 19, a Igreja já estará com o Senhor na sua Manifestação em poder e grande glória.

Nesse caso, quem são os escolhidos, ajuntados por anjos "desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus" (Mt 24.31)? Sem dúvida, com base na analogia geral da Bíblia e no que o Senhor disse anteriormente, trata-se de uma referência ao remanescente dos israelitas tementes a Deus. Estes serão reunidos para o Julgamento das Nações, mencionado pelos profetas, especialmente Joel (cf. 2.30-32; 3.1,2).

O Senhor faz menção desse grande acontecimento em Mateus 25.31,32: "quando o Filho do Homem vier em sua glória, [...] se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele". O remanescente israelita (cf. Rm 9.27; 11.26) não participará desse julgamento na qualidade de réu, pois, "naqueles dias e naquele tempo", Deus removerá "o cativeiro de Judá e de Jerusalém" (Jl 3.1). Em seguida, será instaurado o Milênio, e "o SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia, um será o SENHOR , e um será o seu nome" (Zc 14.9).

Arrebatamento da Igreja e outros Eventos

Jesus conclui a seção sobre o futuro de Israel e começa outra. A transição está clara em Mateus 24.34-36. De Mateus 24.36 a 25.13, Ele fala especificamente à sua Igreja — representada, ali, por Pedro e seus companheiros — e discorre sobre o Arrebatamento, fazendo menção, também, do Tribunal de Cristo (24.45-51), Bodas do Cordeiro (25.10) e Inferno (24.51). Quem diz que a parábola das dez virgens alude a Israel precisa observar que o capítulo 25 começa com o conectivo "Então", que o liga ao que o Senhor já vinha abordando: sua iminente vinda e a importância de estarmos prontos para ela (24.36-51; cf. Mc 13.32-37; Lc 21.34-36).

Tribunal de Cristo

Após concluir a parábola das dez virgens dando ênfase à iminência do Arrebatamento (Mt 25.13), o Senhor passa a discorrer sobre o julgamento da Igreja (cf. Rm 14.1-12; 2 Co 5.1-10). Observe, porém, que este é para efeito de galardão, e não de condenação, embora o Inferno seja mencionado ao final (Mt 25.30). Sabemos que muitos que se dizem crentes sequer comparecerão ante o Tribunal de Cristo (cf. 7.21-23), que é destinado apenas aos santos arrebatados (1 Ts 4.16,17; Ap 22.12), e que outros, mesmo

salvos, não receberão qualquer recompensa (1 Co 3.11-15; cf. ZIBORDI, 2012).

Julgamento das Nações

O último assunto apresentado pelo Senhor em seu sermão profético é o Julgamento das Nações (Mt 25.31-46), o qual acontecerá durante toda a Grande Tribulação (Zc 12–14; Jr 50.20), tendo a sua consumação com a Manifestação do Senhor. Quem não considera a analogia geral da Bíblia terá grande dificuldade de entender essa parte da revelação apresentada por Jesus. Ele compara as nações reunidas a bodes e ovelhas, que serão postas, respectivamente, à esquerda e à direita do Justo Juiz (Mt 25.33). Fica claro, à luz de Joel 3, que as nações-bodes e nações-ovelhas são as que, na devida ordem, fizeram mal e bem a Israel.

Jesus conclui o Sermão Profético dizendo que "irão estes para o tormento eterno, mas os justos, para a vida eterna" (Mt 25.46). Isoladamente, esses termos poderiam ser identificados como "Inferno" e "Céu", mas não podemos deixar de conferir outras passagens escatológicas e o próprio contexto imediato desse versículo para entendermos o real significado dessa profecia.

À luz de Mateus 10.28 e Apocalipse 20.15, o primeiro termo, "fogo eterno", equivale a "tormento eterno" (gr. *kolasin aiõnion*), Geena e Lago de Fogo (gr. *limnem ton purós*). Quanto ao segundo, "vida eterna", está claramente associado ao que o Senhor afirmou a respeito do Milênio: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mt 25.34).

Em que sentido os representantes das nações absolvidas, sobreviventes da batalha do Armagedom, irão para a "vida eterna"? Ao ingressarem como povos naturais no Reino de mil anos previamente preparado por Deus, terão a oportunidade de receber a salvação eterna por meio de Jesus Cristo e

permanecer nEle, assim como ocorre nos dias de hoje antes do Arrebatamento da Igreja (cf. Jo 3.16; Mt 24.13). Maranata!

Última Páscoa e Primeira Ceia

Antes de ser preso em Jerusalém, o Senhor ensinava o povo durante o dia no Templo e, à noite, ia para o monte das Oliveiras (Lc 21.37,38). Seu Sermão Profético foi proferido dois dias antes da Páscoa, num momento em que "os principais dos sacerdotes e os escribas buscavam como o prenderiam com dolo e o matariam" (Mc 14.1). Ele mesmo alertou a Pedro e seus companheiros de que, por ocasião da Páscoa, o Filho do Homem seria "entregue para ser crucificado" (Mt 26.2).

Nesse ínterim, "antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que já era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, como havia amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim" (Jo 13.1). Ele externou esse amor ao participar de jantares com seus amigos em Betânia. Na casa de um deles, Simão, o leproso, uma mulher quebrou um vaso e derramou sobre a cabeça do Senhor um unguento de grande valor, provocando a indignação de alguns discípulos, que consideraram esse ato um desperdício (Mt 26.6-9).

Jesus sempre estava atento a todo e qualquer comentário de seus discípulos mais próximos e fazia questão de orientá-los. Ao notar que alguns deles murmuravam de modo mesquinho, logo os repreendeu: "Por que afligis esta mulher? Pois praticou uma boa ação para comigo. Porquanto sempre tendes convosco os pobres, mas a mim não me haveis de ter sempre. Ora, derramando ela este unguento sobre o meu corpo, fê-lo preparando-me para o meu sepultamento" (Mt 26.10-12; cf. Mc 14.3-9).

Certamente, o principal dentre esses discípulos materialistas era Judas, pois comentavam que podiam vender o vaso de alabastro com unguento de nardo "por mais de trezentos dinheiros" (Mc 14.5). Essa conduta ajusta-se ao que ocorreu uns quatro dias antes, também em Betânia — aldeia muito visitada por Jesus pouco antes de sua morte (cf. Mc 11.1-12; 14.3; Jo 11.1-18)

—, na casa de outro amigo de Jesus, Lázaro. Ali, sua irmã, Maria, ungiu os pés do Senhor, e não a cabeça, enxugando-os com seus cabelos (Jo 12.1-3), e Judas Iscariotes comentou: "Por que não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres?" (v. 5, ARA).

De acordo com o Evangelho de João, Judas disse isso não porque se preocupava com os pobres, e sim porque era ladrão e tirava da bolsa as ofertas que o ministério de Jesus recebia (12.6). Pouco antes da Páscoa, Satanás já vinha influenciando esse apóstolo, até que passou a dominar sua mente (Lc 22.3; cf. Jo 13.2,27). O Inimigo usou como "isca" justamente o seu amor ao dinheiro, que Paulo descreveu como a "raiz de todos os males" (1 Tm 6.10, ARA).

Caifás, o sumo sacerdote, e os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam um modo de matar Jesus, mas temiam o povo. Judas, então, ofereceu-lhes uma proposta para prender seu próprio Mestre, o que deixou seus inimigos sobremodo alegres (Mt 26.3-5; Lc 22.3-6), inclusive com o preço — uma bagatela de apenas "trinta moedas de prata" (Mt 26.15).

Os israelitas observavam sete festas ou solenidades. As duas primeiras eram: a Páscoa, propriamente dita, que abria o calendário festivo no dia catorze do primeiro mês (Lv 23.5), e a dos Pães Asmos, que começava no dia seguinte e durava sete dias (vv. 6-8). As outras cinco são: Primícias (vv. 9-14), Pentecostes (vv. 15-22), Trombetas (vv. 23-25, ARA), Expiação (vv. 26-32) e Tabernáculos (vv. 33-44). Quando chegou o primeiro dia da festa dos Pães Asmos, em que o cordeiro pascoal era sacrificado (Mc 14.12), Jesus chamou Pedro e João para prepararem o lugar onde celebrariam a última Páscoa antes de sua morte expiatória (Lc 22.7,8).

Pedro e João perguntaram ao Mestre: "Onde queres que a preparemos?" (Lc 22.9). Ele orientou-os a seguirem um homem que levava um cântaro de água até sua casa e dissessem a ele: "O mestre te diz: Onde está o aposento em que hei de comer a Páscoa com os meus discípulos?" (v. 11). Quando o

encontraram, conforme orientação do Senhor, ele apresentou-lhes um cenáculo todo mobilado, onde fizeram os preparativos (vv. 12,13).

Com tudo pronto, Jesus chamou os Doze para estarem à mesa com Ele (Lc 22.14). Já era a quinta-feira da semana da crucificação, e o Senhor disse-lhes: "Desejei muito comer convosco esta Páscoa, antes que padeça, porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no Reino de Deus" (vv. 15,16). Na mesma noite em que Ele foi traído, participou da última Páscoa com os Doze e instituiu a Ceia do Senhor (1 Co 11.23-26).

Os detalhes dessa última reunião com a presença de todos os apóstolos são mencionados nos quatro Evangelhos (cf. Mt 26.17-30; Mc 14.12-26; Lc 22.7-22; Jo 13). Durante essa dupla celebração — alusiva à Páscoa e à Ceia do Senhor —, "quando estavam assentados a comer" (Mc 14.18), e logo depois dela, Jesus alertou os apóstolos de que seria traído e entregue segundo previram as Escrituras (Jo 13.18-20). Essas palavras provocaram discussão entre eles sobre quem seria o traidor (Mt 26.21; Lc 22.21-23), e, "entristecendo-se muito, começaram um por um a dizer-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?" (Mt 26.22).

Pedro e Judas na Ceia do Senhor

Paulo ensinou que

> qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente come e bebe para a sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor (1 Co 11.27-29).

Esse ensinamento paulino, que foi recebido do Senhor (v. 23), faz-nos refletir um pouco sobre a condição dos apóstolos, especialmente Pedro e Judas, naquele cenáculo, momentos antes da prisão e morte de Jesus.

Enquanto esteve com os Doze no cenáculo, além de alertá-los de que um deles seria o traidor, o Mestre — aproveitando que alguns retomaram aquela

discussão pueril sobre quem era o maior — disse-lhes, mais uma vez, que o maior aqui será o menor ali (Lc 22.24-28), encerrando o assunto com uma promessa: "eu vos destino o Reino, como meu Pai mo destinou, para que comais e bebais à minha mesa no meu Reino e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel" (vv. 29,30; cf. Jo 13.16,17).

Após a primeira refeição, "tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que o traísse" (Jo 13.2), o Senhor levantou-se — eles estavam assentados no chão; possivelmente, ao redor de uma plataforma baixa — e surpreendeu-os com uma grande lição de humildade. Tirando suas vestes e enrolando-se numa toalha, pôs água em uma bacia e começou a lavar os pés de cada um dos apóstolos e enxugá-los (vv. 3-5).

Querendo demonstrar respeito ao Mestre, Pedro reagiu: "Senhor, tu lavas-me os pés a mim? (Jo 13.6). E Ele respondeu-lhe: "O que eu faço, não o sabes tu, agora, mas tu o saberás depois" (v. 7). No entanto, assim como João Batista, que relutava em batizar Jesus em água, Pedro insistiu: "Nunca me lavarás os pés" (v. 8). Era como se dissesse: "Eu é que preciso lavar os teus pés, e tu vens a mim?" (cf. Mt 3.14).

Jesus sabia como lidar com Pedro; às vezes, ele precisava de um "tratamento de choque" para entender os ensinamentos. Assim, ante sua resistência, o Mestre foi mais incisivo: "Se eu te não lavar, não tens parte comigo" (Jo 13.8). E o homem impulsivo que, há poucos segundos, não queria permitir que seus pés fossem lavados, agora quer um banho quase completo: "Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (v. 9). O raciocínio dele pode ter sido o seguinte: "Se o Mestre lavar cabeça, mãos e pés, além de ter comunhão com Ele, receberei várias bênçãos e serei um ótimo líder".

O Senhor, porém, tinha outra lição em mente e logo mostrou a Pedro que todos os apóstolos já estavam limpos pela Palavra, exceto um, que escolhera traí-lo (Jo 13.10,11; 15.3). E, assim que lavou os pés de todos — inclusive o

do traidor —, voltou a assentar-se à mesa para explicar-lhes o que significava esse ato:

> Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também (13.13-15).

Quando João "estava reclinado no seio de Jesus" (Jo 13.23), Pedro fez um sinal para que lhe perguntasse sobre quem era o traidor. Na verdade, o Mestre já lhes havia dado uma dica, por assim dizer: "O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair" (Mt 26.23), antecipando, assim, o destino desse traidor: "[...] ai daquele homem por quem o Filho do Homem é traído! Bom seria para esse homem se não houvera nascido" (v. 24).

Sabendo que o traidor Judas já estava sob influência maligna, por que Jesus alertou a todos, dizendo-lhes: "ai daquele"? Na maioria das vezes em que Ele disse "ai deste" ou "ai daquele", referiu-se a quem está desprezando a oportunidade de arrepender-se. Em Mateus 11.20,21, lemos que "começou ele a lançar em rosto às cidades onde se operou a maior parte dos seus prodígios o não se haverem arrependido, dizendo: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!" (cf. 18.7; 23.13-29; Lc 6.24-26).

Judas, então, cinicamente — já que a traição estava em curso —, perguntou-lhe: "Porventura, sou eu, Rabi?". E este lhe respondeu de modo objetivo: "Tu o disseste" (Mt 26.25). Jesus sempre se referia à sua traição de modo indireto; Ele nunca disse ao Iscariotes: "Tu és o traidor", a não ser depois que ele consumou esse ato: "com um beijo trais o Filho do Homem?" (Lc 22.48). Em seguida, esse próprio apóstolo reconheceu isso: "Pequei, traindo sangue inocente" (Mt 27.4).

Alguns teólogos insistem na ideia de que Judas era uma espécie de "figurinha carimbada". Em outras palavras, eles defendem que o Iscariotes nasceu marcado para trair o Senhor, ou seja, não haveria a mínima

possibilidade de ele escapar de seu destino. Estava escrito! Bem, estaria esse pensamento de acordo com o que os Evangelhos, de fato, relatam?

Segundo as profecias, Jesus seria traído por um amigo que comia com Ele (Jo 13.18; *cf.* Sl 41.9); Judas, porém, não praticou esse ato por imposição divina. Ele escolheu trair o Senhor e teve tempo para arrepender-se. No cenáculo, evidentemente, ele já estava sob influência e até domínio do Maligno. Todavia, quando Pedro, João e seus companheiros quiseram saber quem era o traidor, o Senhor respondeu-lhes: "É aquele a quem eu der o bocado molhado" (Jo 13.26).

Em jantares, era costume honrar-se um hóspede com

> um alimento-símbolo do hospedeiro. Um pedaço de pão era molhado na comida e usado como colher. A "colher de pão" e seu conteúdo eram colocados na boca do convidado especial. Era o "bocado". Foi isso que Jesus deu a Judas [...], representando um apelo final e amoroso feito a ele (GOWER, p. 248).

João deixa claro que o Iscariotes escolheu ser o traidor, já que não recusou esse bocado! Foi exatamente nesse momento que "entrou nele Satanás", e o Senhor disse-lhe: "O que fazes, faze-o depressa" (13.27).

Há mensagens emocionais, com fundo musical, pelas quais pregadores defendem a ideia de que, se alguém tivesse conversado amorosamente com Judas logo após a traição, ele não teria cometido suicídio. No entanto, como já vimos, o amoroso Jesus deu a ele todas as oportunidades. E, depois que Satanás entrou em seu coração, nada mais poderia ser feito. Judas recusou todas as oportunidades que recebeu do próprio Senhor Jesus.

A ênfase de Jesus de que seria bom para o traidor se ele não tivesse nascido (Mt 26.24) indica que Judas não nasceu predestinado a traí-lo. Se sua mãe, por exemplo, conhecesse o futuro e pudesse pedir a Deus que seu filho viesse ao mundo como um natimorto; ou, ainda, se ela tivesse sofrido um acidente, e a criança, morrido ainda em seu ventre, então, em ambos os casos, teria sido melhor para o Iscariotes, pois ele não teria tido a

oportunidade de trair o Salvador. Ao fim e ao cabo, foi a sua própria escolha que selou seu destino eterno.

Portanto, nessa primeira Ceia do Senhor, também tivemos o primeiro caso de alguém que "come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor" (1 Co 11.29). Pedro, apesar de todos os seus defeitos, estava limpo pela Palavra; Judas, no entanto, — que já vinha dando lugar ao Diabo —, ao receber o bocado molhado, abandonou de vez o Caminho do Senhor.

Cantando de Galo

Decidido a entregar o Mestre e possuído por Satanás, Judas deixou o cenáculo, e Jesus passou a transmitir as suas últimas instruções antes da cruz, agora aos Onze (Jo 13.31-35). Em seguida, eles cantaram um hino e partiram para o monte das Oliveiras (Mt 26.30; Mc 14.26). Dois terços do ministério de Jesus foram dedicados ao ensino e à pregação, mas Ele também cantava! Esse hino deve ter sido a segunda parte do Hallel (Sl 113–118), usualmente cantada no encerramento da Páscoa (HURTADO, p. 256).

Ainda no cenáculo, após a saída de Judas Iscariotes e já a caminho do monte das Oliveiras, antes de chegar ao lugar "onde havia um horto" (Jo 18.1), Jesus transmitiu importantes ensinamentos aos Onze e a nós por extensão (caps. 14–17). Que tesouro de conhecimento Judas Iscariotes perdeu por não ter sido fiel ao seu Mestre e posto seu coração no dinheiro! Por causa de 30 míseras moedas de prata, ele desprezou tudo, inclusive a própria salvação!

Em algum momento, após a saída de Judas, Pedro perguntou: "Senhor, para onde vais? Jesus lhe respondeu: Para onde eu vou não podes, agora, seguir-me, mas, depois, me seguirás" (Jo 13.36). Tomé, um dos Doze, aparentemente não ouviu ou não entendeu essa resposta a Pedro e fará uma pergunta parecida.

O Mestre disse aos apóstolos: "Mesmo vós sabeis para onde vou e conheceis o caminho" (Jo 14.4). E Tomé, parecendo estar completamente fora de sintonia com tudo o que já havia acontecido, respondeu: "Senhor, nós não sabemos para onde vais e como podemos saber o caminho?" (v. 5). Com essa pergunta, ele colocou-se num nível de entendimento muito limitado.

Sua pergunta, entretanto, provocou uma das frases mais importantes da Palavra de Deus, especialmente quanto à nossa gloriosa salvação: "Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Note: "Disse-lhe". Embora essa grande verdade seja extensiva a toda a humanidade em todos os tempos, ela foi dita originalmente a Tomé!

Em seguida, o Senhor afirmou que o conhecer era o mesmo que conhecer ao Pai (Jo 14.7), e outro apóstolo, Filipe, também demonstrando certa ingenuidade, fez-lhe um pedido: "Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta" (v. 8). E a resposta foi desconcertante: "Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras" (vv. 9-11).

E mais uma vez, no quarto Evangelho, um comentário aparentemente irrelevante tem como resposta uma declaração maravilhosa do Filho de Deus, o que João antecipa no prólogo de seu livro: "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (1.18). Jesus, então, explicou aos apóstolos que Ele voltaria para o Pai, mas que lhes enviaria *outro* Consolador para estar com eles até a sua volta (14.12-21), provocando mais dúvidas e questionamentos ainda.

Judas — que não deve ser confundido com o Iscariotes —, o qual recebe nomes diferentes nos Evangelhos, como "Lebeu, apelidado Tadeu" (Mt

10.3), fez-lhe mais uma pergunta: "Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós e não ao mundo?" (Jo 14.22). Graças a essa pergunta, aprendemos com o Senhor Jesus que o amor está casado com a verdade e que somos a morada do Deus trino: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada" (v. 23).

Voltando a Pedro, ele não participou da Ceia do Senhor indignamente, mas também estava longe de ser um homem digno de credibilidade. E logo começou a "cantar de galo". Ao ouvir que não podia seguir o Mestre, reagiu: "Por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a minha vida" (Jo 13.37).

Jesus, todavia, conhecia muito bem a Pedro e, então, perguntou-lhe: "Tu darás a tua vida por mim?". E, antes que esse impulsivo apóstolo falasse de novo sem pensar, o Mestre concluiu: "Na verdade, na verdade te digo que não cantará o galo, enquanto me não tiveres negado três vezes" (Jo 13.38). Em outras palavras: "Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás" (Mt 26.34).

Claramente, o Senhor nivelou os Onze para que eles entendessem, de uma vez por todas, que eram frágeis e dependentes da graça de Deus: "Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. Mas, depois de eu ressuscitar, irei adiante de vós para a Galileia" (Mt 26.31,32). Pedro, inconformado, "cantou de galo" mais uma vez: "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei" (v. 33).

O Senhor amava muito a Pedro e havia-lhe dito o seguinte, ainda no cenáculo, antes de alertá-lo sobre o pecado que cometeria: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos" (Lc 22.31,32). Ele, porém, mais uma vez, continuou "cantando de galo" e induziu seus companheiros a dizerem o mesmo: "Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei" (Mt 26.35).

Estaria, mesmo, Pedro pensando que encararia os soldados enviados para prender Jesus com a sua "espada", que era, na verdade, uma adaga de pescador? Era impossível para ele e seus companheiros enfrentar soldados fortemente armados com apenas duas "espadas" (Lc 22.35-38). A batalha não era "contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade" (Ef 6.12).

Seguindo Jesus de Longe

Ao chegar ao jardim de Getsêmani, que "ficava ao ocidente do monte [das Oliveiras], na sua base, ou à curta distância da encosta" (DAVIS, p. 840), Jesus, mais uma vez, chamou apenas Pedro, Tiago e João para dividirem com Ele os últimos momentos antes de ser preso (Mt 26.36,37). No monte da Transfiguração, Ele revelou-se aos Três como Deus. No monte das Oliveiras, revelar-se-á como Homem (Lc 22.39).

Nota-se que Pedro e seus companheiros, a partir daquele momento, começaram a distanciar-se de Jesus. O medo e as dúvidas apoderaram-se deles, a ponto de estarem completamente desligados na hora mais decisiva em que o Mestre precisava contar com o apoio dos seus amigos mais chegados. Jesus é o Deus-Homem. Ao fazer-se Homem, Ele não deixou de ser Deus, já que Deus é; nunca deixa de sê-lo. Todavia, como um ser humano perfeito, experimentou a angústia e o sofrimento (Mc 14.33,34).

Jesus queria que os Três, pelo menos, intercedessem por Ele: "A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26.38). Onde estava o "corajoso" Pedro, disposto a morrer pelo Senhor, que não se dirigiu a Deus em oração naquele momento, ante a angústia de seu Mestre? Onde estavam Tiago e João, que estavam dispostos a beber do mesmo "cálice" do Senhor?

Naquele momento decisivo, antes da cruz, Jesus achou-se só e, "indo um pouco adiante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se

é possível, passa de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26.39). Sua angústia era tão intensa que "apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava" (Lc 22.43). E, ao voltar ao lugar onde os Três estavam, encontrou-os dormindo, ignorando que estavam no meio de uma batalha.

O Senhor realmente via Pedro como um líder entre os apóstolos, um homem que se poria em pé no dia de Pentecostes (At 2.14). Ele, porém, precisava despertar-se. E, por isso, Jesus dirigiu-lhe palavras de repreensão: "Então, nem uma hora pudeste vigiar comigo?" (Mt 26.40). Como não houve resposta por parte de Pedro, o Mestre disse aos Três: "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). Isso se repetiu por mais duas vezes (vv. 42-44).

Enquanto eles dormiam como se nada estivesse acontecendo, Jesus orava de modo cada vez mais intenso, a ponto de seu suor tornar-se "em grandes gotas de sangue que corriam até ao chão" (Lc 22.44). Esse fato foi mencionado apenas por Lucas, que era médico (Cl 4.14), o que é significativo, pois ele não se arriscaria a escrever isso se o Mestre, de fato, não tivesse suado sangue em um momento de extrema angústia, estresse e debilidade física.

Depois dessa batalha espiritual, o Mestre levantou-se fortalecido pelo Pai celestial para ser "entregue nas mãos dos pecadores" (Mt 26.45). Os Três continuaram dormindo, até que lhes disse: "Levantai-vos, partamos; eis que é chegado o que me trai" (v. 46). E, na mesma hora, enquanto ainda falava, chegaram seus inimigos, os emissários dos sacerdotes e anciãos do povo, guiados por Judas Iscariotes e preparados para um linchamento, em grande número, portando espadas e porretes (v. 47).

Quando Judas aproximou-se e beijou Jesus, seus inimigos prenderam-no; esta era a "senha": "O que eu beijar é esse; prendei-o" (Mt 26.48). Enquanto o Mestre lançava um olhar penetrante na direção de Judas e dizia a ele: "Judas, com um beijo trais o Filho do Homem?" (Lc 22.48), Pedro mostrou que,

realmente, estava cada vez mais longe do que aprendera com seu Mestre. Desembainhando sua espada, "feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita" (Jo 18.10).

Jesus restaurou a orelha do rapaz (Lc 22.51) e mandou Pedro guardar a espada (Mt 26.52), pois este ainda não entendera que o Messias veio para morrer (Jo 10.17,18). Se Ele quisesse, inclusive, pediria ao Pai que enviasse anjos para livrá-lo, mas as profecias tinham de ser cumpridas (Mt 26.53-56). Todos os apóstolos fugiram, inclusive aquele que, há pouco, estava "cantando de galo" (Mc 14.50).

Negou, Mentiu, Jurou e Praguejou

A partir da prisão do Senhor, Pedro, literalmente, passou a segui-lo de longe (Lc 22.54). Talvez ele tenha-se decepcionado, já que as perguntas sobre o futuro que ele e seus companheiros fizeram a Jesus (Mt 24.3), inclusive depois de sua ressurreição (At 1.6), indicam que eles esperavam que o Messias fosse um libertador político, alguém que restaurasse o reino a Israel.

Pedro só vai entender plenamente o que é o Reino de Deus depois da ascensão de Jesus e a manifestação do Espírito Santo. Mesmo depois da ressurreição do Senhor, vemo-lo, ainda, "assentado", por assim dizer. O momento da virada de página para esse apóstolo será a descida do Paráclito no dia de Pentecostes, dez dias após o Senhor ter sido recebido "em cima no céu" (cf. At 1.7-15; 2.14). Entretanto, assim que fugiu do Getsêmani, sua vida foi de mal a pior. Ele desceu vários degraus em pouco tempo.

Ao ser preso, Jesus foi inicialmente levado para a casa do sumo sacerdote sob o olhar de Pedro, que, escondido, acompanhava tudo de longe. Sabemos que este, apesar de ser o líder entre os Doze, não podia fazer nada para livrar o Senhor, que veio para morrer pela humanidade e ser "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Esse apóstolo, entretanto, não esperava que sua lealdade fosse provada tão cedo.

Ao aproximar-se de onde Jesus estava, Pedro, literalmente, assentou-se à roda dos escarnecedores (cf. Sl 1.1). Lucas diz que, "havendo-se acendido fogo no meio do pátio, estando todos sentados, assentou-se Pedro entre eles" (Lc 22.55). Naquela mesma noite, ele desceria quatro degraus.

Primeiro Degrau: Negação

Quando estava assentado à beira da fogueira, uma serventuária aproximou-se e disse, olhando para ele: "Este também estava com ele" (Lc 22.56). E o "corajoso" Pedro "negou-o, dizendo: Mulher, não o conheço" (v. 57). O homem que recebeu Jesus em sua casa e fazia parte de seu círculo de amigos mais chegados agora o nega. Pouco tempo depois, "vendo-o outro, disse: Tu és também deles. Mas Pedro disse: Homem, não sou" (v. 58).

Passada "quase uma hora, um outro afirmava, dizendo: Também este verdadeiramente estava com ele, pois também é galileu" (Lc 22.59). Todos os apóstolos, exceto Judas Iscariotes, eram galileus. Pedro, porém, respondeu-lhe com a maior desfaçatez: "Homem, não sei o que dizes" (v. 60). Ele fez isso, enquanto "os homens que detinham Jesus zombavam dele, ferindo-o. E, vendando-lhe os olhos, feriram-no no rosto e perguntaram-lhe, dizendo: Profetiza-nos: quem é que te feriu?" (vv. 63,64).

Ao negar a Jesus pela terceira vez, o galo começou a cantar, e Pedro percebeu o tamanho do seu pecado. Não bastasse o canto do galo, o próprio Jesus, em meio a escarnecedores e torturadores, virou-se e olhou para Pedro, que, imediatamente, "lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe tinha dito: Antes que o galo cante hoje, me negarás três vezes. E, saindo Pedro para fora, chorou amargamente" (Lc 22.61,62).

Segundo Degrau: Mentira

O quarto Evangelho menciona outros detalhes desse quádruplo pecado de Pedro. Ele estava com outro discípulo — possivelmente, o apóstolo João —, que entrou na sala do sumo sacerdote, enquanto aquele ficou do lado de fora

(18.15,16). Quando tal discípulo, que conhecia o sumo sacerdote, pediu para a recepcionista chamar Pedro, ela perguntou-lhe: "Não és tu também dos discípulos deste homem?" E ele, friamente, respondeu: "Não sou" (v. 17). Havia servos e criados aquentando-se ao redor da fogueira; fazia muito frio. Logo que Pedro entrou ali, perguntaram a ele: "Não és também tu um dos seus discípulos? Ele negou e disse: Não sou" (Jo 18.25). No entanto, para sua surpresa, "um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, disse: Não te vi no horto com ele?" (v. 26). Nova negação, "e logo o galo cantou" (v. 27). Pedro, portanto, mentiu descaradamente ao dizer que não conhecia Jesus. Veja como é grande o amor de nosso Senhor Jesus, a ponto de perdoar, posteriormente, tamanha deslealdade e traição!

Terceiro e quarto Degraus: Juramento e Maledicência

Mateus informa que Pedro negou ao Senhor "diante de todos" (26.70) e, ao negá-lo pela segunda vez, fez isso "com juramento" (v. 72). Por fim, quando os serventuários perceberam que ele era galileu — sua própria fala denunciava-o (v. 73) —, começou "a praguejar e a jurar" (v. 74; cf. Mc 14.71), dizendo que não conhecia o Nazareno. Pedro chegou, de fato, ao "fundo do poço". Negou, mentiu, jurou e praguejou. E, se não fosse a graça de Deus, seu destino teria sido o mesmo de Judas.

Na hora mais decisiva da vida do Senhor, Pedro negou a Jesus, à sua fé, ao seu apostolado e ao seu próprio nome. Ele recusou-se a identificar-se com o Galileu e o Nazareno (Mt 26.69-72). Esses dois qualificativos lançavam sobre Jesus

> uma pecha negativa, com fortes laivos de preconceito. Os galileus eram vistos em Jerusalém como gente de segunda classe, um povo atrasado, pobre, doente e possesso. "Nazareno" era [...] uma palavra assaz pejorativa, pois o entendimento da época é que nada de bom poderia ter saído de Nazaré (LOPES, 2015, p. 57-58).

Ser galileu ou nazareno nos dias em que Jesus andou na terra equivalia, em certa medida, a ser um cristão na pós-modernidade. Nessa era pós-

cristã, os seguidores de Jesus são tratados como gente de segunda classe, atrasada, fanática e fundamentalista. Entretanto, aprendamos com o Mestre, que, mesmo sendo visto com preconceito pela sociedade daquela época, ganhou muitas almas para o Reino de Deus (Jo 1.45-51; 4.1-30). Como o próprio Pedro — que ora nega a Jesus — ensinará, devemos estar sempre preparados para responder ao mundo apologeticamente (1 Pe 3.15).

Pecados de Pedro e Judas

Mateus apresenta, logo após o choro amargo do arrependimento de Pedro (26.75), o suicídio de Judas (27.1-10). Alguns teólogos defendem a ideia de que o primeiro foi eleito para a salvação, enquanto o segundo, para a condenação. Isso porque, apesar do pecado quádruplo de Pedro — que, por sinal, foi tão terrível quanto a traição de Judas —, somente ele encontrou lugar de arrependimento.

De fato, os dois cometeram grandes pecados, que podem, até certo ponto, ser equiparados. Judas traiu o Senhor Jesus duplamente: primeiro, concebeu a traição e planejou-a juntamente com os inimigos de Jesus, dos quais recebeu 30 moedas de prata; depois, na fase da execução, teve a desfaçatez de beijar o Mestre no Getsêmani para que seus algozes prendessem-no. Quanto a Pedro, este negou ao Mestre na mesma noite que prometeu dar a vida por Ele, mentindo, jurando e praguejando.

Não houve, entretanto, maior benevolência de Deus para com Pedro, e sim ausência de autêntico arrependimento por parte de Judas. Se este tivesse aproveitado as oportunidades que Jesus deu a ele para arrepender-se, então teria sido alcançado pela graça preveniente e salvífica do Senhor. Entendemos que arrependimento verdadeiro é uma mudança de direção que engloba intelecto, sentimento e vontade (cf. Lc 15.11-32). No caso de Judas, após trair o Mestre, demonstrou ter apenas remorso (Mt 27.3, ARA), que é um tipo de arrependimento meramente emocional.

Reitero que o Senhor Jesus nunca disse a Judas diretamente: "Tu és o traidor". Este nunca foi tratado dessa forma enquanto fez parte do grupo seleto dos Doze, participando ativamente do ministério (At 1.17). Ele foi chamado de traidor pelos evangelistas, e não pelo Senhor, que, por algumas vezes, ao referir-se à sua traição, disse apenas que o tal seria um dos apóstolos (Jo 6.70; 13.21; Mt 26.21; Mc 14.18).

A bem da verdade, o Mestre nunca se portou como inimigo de ninguém, nem de Pedro, que fez um "papelão" na mesma noite em que lhe prometeu lealdade até a morte, nem de Judas, a quem Ele chamou de "amigo" depois de consumada a traição (Mt 26.50)! Não te impressiona o fato de Jesus jamais ter deixado de ser amigo de Judas? Foi este quem escolheu ser seu inimigo. Que lição para aqueles que pregam o ódio de Deus contra os pecadores! Deus, na verdade, odeia o pecado, mas ama o pecador!

Outrossim, parece-nos estranha a ideia de que o Senhor Jesus — que conhece o fim antes do começo (Jo 13.21-30) — tenha escolhido para ser apóstolo um homem que se tornaria ladrão e traidor. Entretanto, Ele não apenas o escolheu, como também fez dele o tesoureiro do seu ministério (12.6; 13.29)! Judas, verdadeiramente, estava no grupo de apóstolos escolhidos e nomeados pelo Senhor (cf. 15.16).

Depois de consumar a traição, Judas sentiu grande remorso e enforcou-se. A pergunta que resta é: "Por que ele traiu a Jesus?". Seria, porventura, avidez por dinheiro? Seria decepção com o Senhor ao perceber que Ele não estava preocupado com a libertação política e militar dos israelitas? O que a Bíblia responde? A Palavra de Deus é clara: foi o Inimigo que colocou no coração de Judas o desejo de trair o Mestre (Jo 13.2; Lc 22.3).

Segundo a profecia de Davi, "o meu próprio amigo íntimo, em quem eu tanto confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar" (Sl 41.9). A imagem que temos aqui é a de alguém que se tornou um traidor porque deu lugar ao Diabo (Ef 4.27; 1 Pe 5.8,9).

Judas não foi um robô programado para trair o Senhor a fim de dar cumprimento às Escrituras. Na verdade, no seu caso,

> superam-se as motivações históricas e explica-se o acontecido colocando-o em relação com a responsabilidade pessoal de Judas, que cedeu de forma mesquinha a uma tentação do Maligno (RATZINGER, 2010, p. 107).

A Pedra Já Foi Removida!

Pedro sai de cena enquanto os evangelistas narram o julgamento, a crucificação e a ressurreição do Senhor. Ele reaparece quando Maria Madalena dá-lhe a notícia de que, ao visitar o túmulo de Jesus no domingo, de madrugada, encontrou a pedra removida (Jo 20.1). Ela, sem perda de tempo, deu a notícia aos apóstolos Pedro e João: "Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram". E, na mesma hora, ambos correram na direção da sepultura (vv. 2,3).

Mateus e Marcos explicam melhor o que aconteceu. Três dias após a crucificação de Jesus, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, dirigiam-se ao seu túmulo para prestar-lhe uma homenagem. No entanto, como diria Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), "tinha uma pedra no meio caminho", grande e pesada, a qual fechava a sepultura do Mestre. E essas mulheres diziam: "Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?" (Mc 16.3, ARA), pois elas sabiam que não podiam movê-la.

De acordo com os especialistas, essa pedra pesava quatro toneladas e media 2,5 metros de diâmetro por 33 centímetros de espessura. Somente homens fortes poderiam rolá-la em um sulco feito no solo (ZIBORDI, 2010, p. 16). Isso, no entanto, não demoveu as mulheres de seu propósito. E, para sua surpresa, quando chegaram ao local, a pedra já havia sido removida, e o túmulo estava vazio! Deus fizera o impossível, enviando anjos à frente delas. Nesse episódio, vemos cinco importantes mensagens para nós.

Cristo Está Vivo!

A primeira grande mensagem contida nesse episódio é a de que Jesus ressuscitou! Assim como havia prometido, Ele deu a sua vida e tornou a tomá-la (Jo 10.17,18; 2.19). Aquelas mulheres estavam preocupadas: "Quem nos removerá a pedra da porta do sepulcro?". Todavia, além de a pedra já ter sido removida, o túmulo estava vazio!

Nosso Deus "é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef 3.20, ARA). Se Cristo não tivesse ressuscitado, a nossa fé seria vã (1 Co 15.17-20). Mas Ele, que se encarnou para mostrar ao mundo a glória do Pai (Jo 1.14) e morreu para resgatar-nos de nossa vã maneira de viver (1 Pe 1.18,19), ressuscitou para justificar-nos (Rm 4.25).

Quando Ele nasceu, abriram-se os céus, e os anjos bradaram: "Glória a Deus nas alturas [...]!" (Lc 2.14). Quando morreu, "o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo" (Mc 15.38), indicando que o céu fora aberto para Ele entrar lá, "havendo efetuado uma eterna redenção" (Hb 9.12). E, ao ressuscitar, a pedra da sua sepultura foi removida para mostrar-nos que temos acesso direto ao Pai celestial, ao trono da graça (4.16), e podemos "entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus" (10.19, ARA).

Deus Vai adiante de nós

O episódio em apreço mostra que, embora não conheçamos o futuro, temos um Deus que está à nossa frente (Sl 85.13). Nós andamos no caminho aberto pelos seus passos (Is 45.1-3). Jesus Cristo é o nosso Bom Pastor, que vai adiante das ovelhas (Jo 10.4). E, por isso, responde-nos antes mesmo de pedirmos ou pensarmos (Sl 139.4; Gn 24.12-14). Não enxergamos um segundo sequer adiante de nosso nariz; já o passado, o presente e o futuro estão diante dEle como se tudo fosse um eterno presente!

Deus Envia Anjos para Ajudar-nos

Outra importante mensagem é que os anjos de Deus trabalham em nosso favor. Isso, porém, não quer dizer que tenhamos anjos da guarda. Não! Os seres angelicais são espíritos ministradores *enviados* por Deus em favor "daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14). E eles estão de plantão, acampados (Sl 34.7), esperando o momento em que o Todo-Poderoso dará a eles a ordem para agir em nosso favor (91.11; Dn 6.22; At 12.1-11; 27.23).

Deus Remove Pedras Grandes

Há pedras que nós devemos tirar do caminho. Lembra-se de que, na ressurreição de Lázaro, Deus não tirou a pedra? O Senhor Jesus ordenou: "Tirai a pedra" (Jo 11.39). Que pedras Ele não tira? A da incredulidade, a do pecado oculto, a da indiferença, a do descaso para com a sua Palavra, etc. O Senhor remove as pedras que não podemos remover.

Qual é o tamanho da sua pedra, prezado leitor? Lembre-se de que o Senhor está à nossa frente, envia anjos para ajudar-nos e é poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos. Ele remove pedras grandes — aquelas que jamais conseguiríamos tirar do nosso caminho (Gn 18.14; Lc 1.37). Nosso Deus é o Senhor do impossível!

Deus Transforma o Fim em Recomeço

Que recomeço maravilhoso para as três mulheres que foram visitar o túmulo de Jesus e encontraram a pedra removida! Que recomeço triunfante para os apóstolos, que não tinham mais esperanças quanto ao futuro e sequer criam que o Senhor ressuscitaria! Mas recomeço especial, mesmo, quem experimentou foi Pedro, aquele mesmo que, havia pouco tempo, pusera tudo a perder quando negou a Jesus mentindo, jurando e praguejando. Louvado seja Deus, que transforma o fim em novo começo!

Capítulo 5

Em Pé para um Novo Começo

Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: [...]Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

Atos 2.14,36

No princípio, o Deus trino criou o universo e a terra. E fez o ser humano à sua imagem, conforme a sua semelhança. Em seguida, pôs no mundo o primeiro casal — para que a humanidade crescesse e se multiplicasse —, mas Adão e Eva decepcionaram-no, e a vida no jardim do Éden perdeu o sentido (Gn 1-2). Fim da linha para a humanidade? *The End*, como outrora terminavam os filmes de Hollywood? Novo começo!

O Criador vestiu-os de peles e estabeleceu novas metas para a humanidade. O fim do período (ou dispensação) da inocência deu início ao da consciência. Mais uma vez, o homem desobedeceu ao Senhor. Os filhos de Deus, descendentes de Sete — filho de Adão —, misturaram-se aos ímpios e possuíram suas filhas, e a Terra ficou cheia de violência e materialismo. Veio, então, o Dilúvio, pelo qual o mundo foi destruído (Gn 3–8). Fim da linha para a humanidade? Novo começo!

Deus preservou Noé e sua família para com eles estabelecer um novo pacto e um novo período conhecido como a dispensação do governo humano, embora o Deus soberano nunca tenha deixado de governar todas as coisas. Novo fracasso da humanidade: os homens tentaram construir uma

cidade, com uma grande torre, para glória própria, esquecendo-se de que toda a glória pertence ao Criador (Is 42.8). Ele, então, frustrou esse mal intento. Fim da linha para a humanidade? Novo começo!

Não pense, porém, que o Senhor estava tentando ajudar a humanidade sem saber o que aconteceria. Quando o pecado entrou no mundo, Deus já tinha um plano estabelecido, pois Jesus Cristo é o "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8); isto é, todos os sacrifícios de cordeiros desde a criação do mundo tipificam o perfeito sacrifício do Cordeiro de Deus (Jo 1.29). Esses fins e recomeços são oportunidades para a humanidade reencontrar-se e entender os propósitos do Criador.

Bem, o chamado governo humano não deu certo, e o projeto da Torre de Babel fracassou (Gn 9–11). Como diz a Palavra de Deus: "Do homem são as preparações do coração, mas do SENHOR , a resposta da boca" (Pv 16.1). Quando fazemos planos e eles desmoronam, isso não significa o fim. Deus, naquela ocasião, espalhou as pessoas para um novo começo: o período Patriarcal. Fim da linha para a humanidade? Novo começo!

O Senhor fez alianças com Abraão, Isaque e Jacó, e nasceram aqueles que formariam as doze tribos de Israel (Gn 12–50). Mas o livro dos começos, Gênesis, terminaria de modo aparentemente trágico: "morreu José da idade de cento e dez anos; e o embalsamaram, e o puseram num caixão no Egito" (50.26). Que ironia! O livro que começa com uma frase cheia de vida, "No princípio, criou Deus os céus e a terra", termina com morte, embalsamamento e caixão, palavras que gostaríamos de riscar do vocabulário. Fim da linha para a humanidade? Novo começo!

Cremos no Doador da vida e sabemos que, para seus servos, a morte é um recomeço em outra dimensão. Nem a morte pode separar-nos do amor de Deus (Rm 8.38,39). Começou, então, a dispensação da Lei, com a saída dos filhos de Israel do Egito — liderados por Moisés —, que não eram mais uma família, e sim um grande povo. Esse período duraria até a plenitude dos tempos, quando Deus enviou seu Filho, "nascido de mulher, nascido sob a

lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos" (Gl 4.4,5).

No decurso desse período, entre os livros de Êxodo e Malaquias, houve vários fins e recomeços. E, como a humanidade não foi capaz de retomar o rumo segundo a vontade de Deus, a dispensação da Lei chegou ao fim, dando lugar a um novo começo. Afinal, "a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (Jo 1.17), o Deus-Homem, isto é, o verdadeiro Deus encarnado (vv. 1,14; 1 Tm 3.16).

Ao nascer, crescer e andar na terra, Ele já deu início ao período (ou dispensação) da Graça. Para muitos teólogos, inclusive, como o célebre Irineu de Lião (130-202), "o evangelho da salvação transmitido pelos apóstolos centralizava-se na encarnação, a existência humana do Filho de Deus" (MATOS, p. 43). Entretanto, o próprio Irineu reconhecia que somente a encarnação do Verbo de Deus não seria suficiente para que pudéssemos ser regenerados, justificados e santificados.

O Senhor Jesus ainda teria de passar pelas angústias humanas. O véu precisaria ser rasgado. E não estou falando apenas da cortina do Templo dividida em duas, de alto a baixo, para "dizer" que o caminho para a salvação está aberto (Lc 23.45). Para que o plano redentor fosse completado, o próprio corpo de nosso Senhor teria de ser partido por nós (Hb 10.19,20; 1 Co 11.24).

Jesus nasceu, viveu e morreu. Fim da linha para a humanidade? Bem, se a sua morte fosse o fim, estaríamos perdidos, mas... Ah, como eu gosto desta palavrinha! Às vezes, até usamos essa conjunção adversativa — mas — de modo inconveniente, para criticar alguém: "Olha, eu até gosto de fulano, mas...". E assim por diante.

Veja, contudo, a importância dessa palavra em 1 Coríntios 15.17,18,20: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos. [...] Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que

dormem". Se Jesus Cristo não tivesse ressuscitado, nossa fé seria vã e estaríamos perdidos. M-A-S Ele ressuscitou!

Fim ou Novo Começo?

Em certo sentido — apesar de seu ímpeto, que fazia dele o principal líder entre os apóstolos —, Pedro não era o discípulo predileto de Jesus. Era João que apoiava a cabeça junto ao peito do Mestre durante a Ceia (Jo 13.23), que estava ao pé da cruz com a mãe do Senhor (19.25,26) e quem testemunhou tanto o túmulo vazio como a presença do Cristo ressurreto (20.2; 21.7). Em todas essas passagens, esse apóstolo refere-se a si mesmo como o "discípulo a quem Jesus amava". Eles, porém, não eram rivais; a sintonia entre ambos era muito especial, a ponto de ambos aparecerem discursando juntos perante o Sinédrio (At 4.19,20).

Pedro será o líder entre os Doze após a ascensão do Senhor, mas imagine o que seria dele sem a companhia de João. Na Igreja Primitiva, o discípulo a quem Jesus amava ocupou um lugar de grande destaque. Paulo, que superaria a todos os Doze, considera João uma das três colunas da igreja em Jerusalém, citando-as na seguinte ordem: Tiago, irmão do Senhor, Cefas (Pedro) e João (Gl 2.9). Mais uma vez, João aparece junto com Pedro, assim como Lucas apresenta-o em Atos dos Apóstolos.

O que a ressurreição de Jesus representou, em especial, para Pedro e João? Quando eles receberam a notícia de que a pedra fora removida e o túmulo estava vazio, ambos foram ao sepulcro imediatamente. De certo modo, os dois disputaram uma minimaratona para ver quem chegava antes ao sepulcro. O quarto Evangelho diz que eles corriam juntos, mas João foi mais rápido e chegou ao local primeiro (20.3,4).

Ao entrar no sepulcro, João abaixou-se e viu os lençóis no chão, mas parou ali, como se estivesse paralisado (Jo 20.5). Tinha ele algum receio? Estava envergonhado, pensando na possibilidade de o Mestre ter mesmo ressuscitado, haja vista ter ele também fugido do Getsêmani? Bem,

enquanto João pensava, Pedro, impulsivo por natureza, entrou diretamente no lugar onde o corpo de Jesus fora posto e viu o lenço que estivera sobre sua cabeça, o qual "não estava com os lençóis, mas enrolado, num lugar à parte" (v. 7; cf. Lc 24.12).

Alguns teólogos acreditam que, ao ressuscitar, o Senhor livrou-se sobrenaturalmente desse lenço sem desenrolá-lo. Entretanto, o mais provável é que Ele, ao ressuscitar, tenha desenrolado o lenço da cabeça e tornado a enrolá-lo, o que demonstra o quanto preza a ordem! Jesus, que podia simplesmente ter jogado o lenço para longe de si, fez questão de enrolá-lo e colocá-lo "num lugar à parte". Isso também prova que seu corpo não foi furtado. Que ladrões fariam preocupados em tirar o lenço da cabeça de Jesus?

Os católicos chamam esse lenço ou lençol (gr. *soudárion*) de santo sudário, alegando que se trata do mesmo pano manchado de sangue que foi, supostamente, encontrado no século VI d.C. na Ásia Menor. Alguns exames recentes atestaram que se trata de uma fraude: ou alguém o produziu querendo fazer crer que é o lenço encontrado por Pedro ou se trata de um pano usado em um funeral da Idade Média.

Entretanto, há ainda um pouco de mistério em torno desse assunto, pois não havia mais crucificações na Idade Média e seria praticamente impossível que um pintor conseguisse produzir uma imagem tão clara de um homem crucificado. O tecido possui várias camadas de fibras e apenas a mais superficial delas apresenta outra tonalidade, criando o desenho. Em 1898, um fotógrafo italiano levou um susto ao retratar a relíquia: no negativo, surgia a imagem nítida do corpo que, no pano, aparece embaçado.

O teste do carbono 14 confirmou que o tecido data de um período compreendido entre 1290 e 1390, não podendo ser de Cristo. Esse teste — realizado com base na quantidade de átomos radioativos de carbono impregnada em um objeto de origem orgânica — seria conclusivo. Mas não se levou em conta que, em 1503, o sudário foi fervido em óleo. Além disso,

em 1532, em um incêndio, ele foi atingido por labaredas que lhe deixaram marcas. Para físicos da Universidade de Harvard (EUA), o calor teria afetado a precisão do teste do carbono 14.

Se esse sudário encontrado fosse, de fato, o mesmo que envolveu Jesus, seria a mais importante prova da veracidade da narrativa bíblica de João 19.40: "Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com as especiarias, como os judeus costumam fazer na preparação para o sepulcro". Por outro lado, poderia levar pessoas a idolatrar esse pedaço de pano (ZIBORDI, 2009b).

Assim que Pedro encontrou tal lenço e constatou que Jesus não estava na sepultura, João também entrou ali "e viu, e creu" (Jo 20.8). O quarto Evangelho acrescenta que eles "ainda não sabiam a Escritura, que diz que era necessário que ressuscitasse dos mortos" (v. 10). Essa informação revela que esses apóstolos, integrantes do grupo dos Três, ainda não conseguiam acreditar que o Senhor havia ressuscitado em cumprimento das profecias.

Entretanto, a ênfase de que João viu e creu ajusta-se com o que Marcos diz:

> E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios. E, partindo ela, anunciou-o àqueles que tinham estado com ele, os quais estavam tristes e chorando. E, ouvindo eles que Jesus vivia e que tinha sido visto por ela, não o creram (16.9-11).

João narra como foi o encontro do Cristo ressurreto com Maria Madalena (20.11-18) e os Onze, exceto Tomé. Na tarde do domingo da ressurreição, o Senhor entrou no lugar onde os discípulos estavam, com as portas fechadas, todos "com medo dos judeus", e disse-lhes: "Paz seja convosco!" (v. 19). E, após lhes mostrar as mãos e o lado feridos na crucificação, alegrando seus discípulos, Ele mais uma vez transmitiu-lhes paz e acrescentou, soprando sobre eles: "Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós. [...] Recebei o Espírito Santo" (vv. 21,22).

O Espírito Santo prometido (Jo 14.26) seria soprado sobre toda a Igreja no dia de Pentecostes (At 2.1-4). Jesus, porém, quis antecipar que, a partir de sua ascensão, os discípulos não mais teriam a sua presença, e sim a do "outro Consolador" (Jo 14.16), que estaria com todos, habitando dentro deles (v. 17). O Paráclito, que já estava na vida deles, seria derramado de maneira copiosa para capacitá-los com um poder dinâmico e multifacetado, visando, especificamente, à pregação do evangelho e expansão do Reino de Deus na terra (Lc 24.49; At 1.8).

Ao mencionar que a Igreja seria guiada pelo Espírito Santo a partir daquele momento, o Senhor deixou claro, mais uma vez, que as palavras dirigidas a Pedro após sua confissão em Cesareia de Filipe (cf. Mt 16.18,19; 18.18) são extensivas a todos os apóstolos e ao Corpo de Cristo de modo geral. Disse Ele: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados; e, àqueles a quem os retiverdes, lhes são retidos" (Jo 20.23).

Em seguida, João dá detalhes da conhecida e até proverbial cena do incrédulo Tomé. Oito dias após a Páscoa, o Senhor apareceu àquele que vinha dizendo: "[...] Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o crerei" (Jo 20.25). Jesus, então, interpelou-o: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (v. 27).

Como meus colegas do tempo de juventude diriam, "Tomé podia ter dormido sem essa". Mesmo assim, é muito bom ser repreendido por Jesus! E o Dídimo não titubeou; respondeu de imediato, assim como Natanael (ou Bartolomeu) no episódio da figueira (Jo 1.49), reconhecendo a deidade de Jesus: "Senhor meu, e Deus meu!" (20.28). E o Mestre finalizou: "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!" (v. 29).

Essa experiência vivida por Tomé ensina-nos, pelo menos, duas grandes lições. Primeira: Deus anima e fortalece seus servos quando nos sentimos

inseguros. Segunda: nossa dúvida, por mais pueril que seja, deve ser expressa, pois pode provocar uma resposta que ajudará a nós e a muitos.

Reencontro com o Mestre

O amor de Jesus por Pedro era tão grande que a mensagem do anjo às mulheres que encontraram a pedra do sepulcro removida foi a seguinte: "ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis, como ele vos disse" (Mc 16.7). Os Onze deveriam ser avisados de que o Senhor ressuscitara, mas Ele fez questão de ordenar ao anjo que desse a Pedro um aviso especial. Isso porque

> a essa altura Pedro não se sentia mais discípulo. Pedro imaginou que não havia mais chance para ele. Pedro se sentiu indigno. Pedro desistiu de tudo, mas Jesus não desistiu de Pedro" (LOPES, 2015, p. 69-70).

Paulo disse que "[...] Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze" (1 Co 15.3-5). O termo "doze", que é uma forma convencional de referir-se ao colégio apostólico, alude, aqui, evidentemente, aos Onze, já que Judas não estava mais entre eles. Mas veja como Jesus deu atenção especial a Pedro após ressuscitar.

Apenas Lucas — companheiro de Paulo em suas viagens (At 16.10; 2 Tm 4.11; Fm v. 24) — menciona esse fato. Ele diz que os Onze, que estavam reunidos em Jerusalém, disseram a dois discípulos que estiveram com Jesus na aldeia de Emaús: "[...] Ressuscitou, verdadeiramente, o Senhor e já apareceu a Simão" (Lc 24.34). Isso não quer dizer que Jesus apareceu primeiramente a Pedro, e sim que ele foi o primeiro, dentre os apóstolos, a ver o Cristo ressurreto. Segundo os Evangelhos, a linha do tempo que se deu logo após a ressurreição do Senhor foi a seguinte.

Aparições do Cristo Ressurreto no Domingo da Ressurreição

Depois que três mulheres viram a tumba vazia (Mt 28.1-8; Mc 16.1-8; Lc 24.1-12; Jo 20.1-10), Jesus apareceu primeiramente a Maria Madalena (Mc 16.9-11; Jo 20.11-18) e, depois, a ela e às outras (Mt 28.9,10). Em seguida, manifestou-se a Pedro em Jerusalém (Lc 24.34; 1 Co 15.5) e a dois discípulos na aldeia de Emaús (Mc 16.12,13; Lc 24.13-32). Finalmente, ainda em Jerusalém, encontrou-se com os apóstolos, exceto Tomé (Lc 24.36-46; Jo 20.19-25).

Aparições do Cristo Ressurreto no Domingo Seguinte

Uma semana depois da primeira aparição aos apóstolos, Jesus encontrou-se novamente com eles em Jerusalém, agora com a presença de Tomé (Mc 16.14; Jo 20.26-31; 1 Co 15.5). Mais tarde, no mar da Galileia, Ele manifestou-se a sete discípulos, possivelmente todos integrantes do colégio apostólico (Jo 21.1-23).

Últimas Aparições do Cristo Ressurreto

Algum tempo depois da aparição aos Onze, Jesus encontrou-se com eles de novo em um monte da Galileia (Mt 28.16-20; Mc 16.15-18). Mais tarde, foi visto em um lugar desconhecido por mais de 500 irmãos e por Tiago, irmão do Senhor (1 Co 15.6,7). Cerca de 40 dias após a ressurreição, reuniu-se pela última vez, antes de sua ascensão, com seus discípulos no monte das Oliveiras (Lc 24.36-51; At 1.3-9). E, finalmente, apareceu a Paulo no caminho para Damasco (At 9.1-19; 22.3-16; 26.9-18; 1 Co 9.1; 15.8).

Novo Começo no Mar da Galileia

Poucos dias após sua ressurreição, o Senhor surpreendeu a Pedro e a mais seis discípulos em uma pescaria "junto ao mar de Tiberíades", outro nome para o mar da Galileia (Jo 21.1). Passada a grande euforia causada pelas primeiras aparições do Cristo ressurreto, talvez eles estivessem desanimados

ou precisando espairecer, já que a rotina deles havia mudado consideravelmente.

A iniciativa partiu de Pedro, que convidou para pescar os seguintes discípulos: Tomé, Natanael (outro nome de Bartolomeu, possivelmente), Tiago e João e outros dois cujos nomes não são revelados. Todos eles, embora soubessem que o Senhor havia ressuscitado, visto que já tinham conversado com Ele — Tomé, inclusive, tocara seus sofrimentos! —, decidiram pescar em vez de aguardar novas instruções do Mestre (Jo 21.2,3).

Pedro, aparentemente, tinha uma razão especial para voltar ao passado. Talvez acreditasse que sua jornada como apóstolo acabara em razão de seu grande erro: ter negado o Mestre. Ou, quiçá, estivesse pensando: "Sabe de uma coisa? Eu vou é voltar a fazer o que sei fazer bem, que é pescar. Eu sou um servo de Deus, creio que Jesus é o Cristo. Mas falhei e não posso mais ser um dos seus apóstolos. Além disso, preciso sustentar minha família".

A vida dos apóstolos havia mudado da noite para o dia após "perderem" seu grande Líder, já que, na concepção deles, apesar de o Senhor ter ressuscitado conforme prometera, Ele não estava mais presencialmente entre eles, guiando-os. Eles estavam acostumados a segui-lo em seu ministério itinerante, bem como ouvir seus ensinamentos e ver grandes milagres. E, agora, Jesus aparecia de vez em quando, dava-lhes algumas instruções, prometendo-lhes o revestimento do poder do alto para que eles cumprissem a Grande Comissão (cf. Lc 24.49; At 1.1-8).

Todo recomeço é difícil. E os apóstolos ainda, aparentemente, não tinham deixado de lado a ideia triunfalista de que Jesus destruiria as forças políticas e restauraria, ainda naqueles dias, o Reino a Israel (cf. At 1.7). Por isso, era complicado aceitar que o Senhor partiria para estar ao lado do Pai celestial, deixando-os sós, por assim dizer, até sua volta. Eles ainda não entendiam que o outro Consolador, o divino Paráclito, suprimiria todas as suas necessidades espirituais e teria uma atuação decisiva na transformação do caráter de cada um deles (cf. Jo 14.16-18).

A pescaria estava sendo decepcionante, pois "naquela noite nada apanharam" (Jo 21.3). É possível que Pedro tenha lembrado, saudoso, da pesca maravilhosa, quando sua chamada para ser pescador de homens foi confirmada (Lc 5.1-11). Porém, pela manhã, "Jesus se apresentou na praia" (Jo 21.4), não como outrora. Não mais sujeito às leis da natureza, Ele não se deu a conhecer a todos. Era um momento de transição. Em breve, Ele deixaria seus discípulos definitivamente aos cuidados do Espírito Santo.

Ele aproximou-se de Pedro e seus companheiros, mas eles "não conheceram que era Jesus" (Jo 21.4). Em seguida, perguntou-lhes: "Filhos, tendes alguma coisa de comer?" (v. 5). E, ante a negativa deles, o Senhor ordenou-lhes que lançassem a rede à direita da embarcação. Quando fizeram isso, sentiram a rede pesada e "não a podiam tirar, pela multidão dos peixes" (v. 6). Todavia, quem primeiro reconheceu o Mestre foi exatamente "aquele discípulo a quem Jesus amava", João, o qual disse a Pedro: "É o Senhor" (v. 7).

Ao ouvir João dizendo que era o Cristo ressurreto, Pedro vestiu-se rapidamente e lançou-se ao mar, enquanto seus companheiros, com o apoio de outro barco, puxavam a rede repleta de peixes para a margem do lago (Jo 21.7,8). Apesar de andar com Jesus por tanto tempo e tê-lo como hóspede em sua casa, Pedro temia e tremia diante dEle. Talvez, depois de sua tripla negação, ele ainda se sentisse culpado e indigno de estar em sua presença.

Pedro puxou a rede, e havia nela 153 grandes peixes! Jesus resolveu jantar com seus discípulos (Jo 21.9-12). E, enquanto comiam peixe na brasa com pão, ninguém "ousava perguntar-lhe: Quem és tu? Porque sabiam que era o Senhor" (v. 13). João informa que "já era a terceira vez que Jesus se manifestava aos seus discípulos depois de ter ressuscitado dos mortos" (v. 14). Essa aparição, porém, foi muito importante para Pedro, pois o Senhor chamou-o para uma conversa à parte depois do jantar, alusiva ao pastoreio da Igreja nascente.

O que Pedro esperava após ter negado o Senhor triplamente? Mais uma vez, Ele surpreendeu-o. Em lugar de uma repreensão tríplice, O Senhor dirigiu-lhe três perguntas amorosas para, em seguida, incumbi-lo de uma importante missão, também repetida por três vezes (Jo 21.15-17). Pedro descera a escada da negação e quase chegara ao fundo do poço, mas Jesus amorosamente o levou a subir os três degraus da escada do amor.

Três Perguntas de Jesus

Há muitas especulações sobre essas três constantes perguntas de Jesus a Pedro no fim do Evangelho de João. Alguns teólogos gostam de enfatizar os diferentes termos gregos traduzidos para "amor" nessa passagem. No entanto, se a interpretarmos à luz de 1 João 4.20 — "Se alguém diz: Eu amo a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois que não ama seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a que não viu?" —, entenderemos o real propósito do Senhor.

Primeira Pergunta

A primeira indagação do Mestre foi esta: "Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes?", ao que Pedro respondeu-lhe, de maneira automática, como que sem refletir sobre o que estava dizendo: "Sim, Senhor; tu sabes que te amo". E Jesus replicou-lhe: "Apascenta os meus cordeiros" (Jo 21.15).

Pedro disse que amava ao Senhor da mesma forma que cantamos, muitas vezes, alguns hinos tradicionais, como, por exemplo, o 291 da *Harpa Cristã*: "Sim, eu amo a mensagem da cruz/ Té morrer eu a vou proclamar;/ Levarei eu também minha cruz/ Té por uma coroa trocar". Estamos mesmo dispostos a morrer pela mensagem da cruz? Quando cantamos esse hino, realmente refletimos sobre o que declaramos ou prometemos?

A resposta de Pedro não foi convincente. Como poderia ele apascentar as ovelhas de Jesus sem amá-lo sobre todas as coisas? Sabemos que a motivação para nossa chamada é o amor a Jesus (1 Co 13.1-3). Se amarmos qualquer

outro objeto, inclusive a nossa família, mais do que a Ele, estaremos fadados ao fracasso. Por isso, o Mestre afirmou: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10.37). Eis aí o maior desafio para o pregador verdadeiramente chamado por Jesus: amá-lo sobre todas as coisas.

Segunda Pergunta

Jesus insistiu com Pedro: "Simão, filho de Jonas, amas-me?". E de novo, resposta mecânica: "Sim, Senhor; tu sabes que te amo". E, mais uma vez, o Mestre disse a ele: "Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.16). Pedro, de fato, amava-o? Sim. Mas será que o amava sobre todas as coisas?

Estava Pedro disposto a renunciar todas as coisas para agradá-lo? Daria sua vida pela causa do evangelho? Era sobre isso que esse apóstolo precisava refletir. Servir a Deus não é pertencer a uma religião. Significa estar pronto para ser um soldado de Cristo e combater o bom combate até a morte (2 Tm 2.1-4; 4.7,8).

Terceira Pergunta

Apesar de tudo o que Pedro já havia passado seguindo o Senhor, não estava pronto para apascentar as suas ovelhas. Sua motivação principal ainda não era o amor ao Senhor sobre todas as coisas; ele estava preso ao que era importante, porém secundário. Jesus, no entanto, perguntaria pela terceira vez: "Simão, filho de Jonas, amas-me?".

Parece que agora a pergunta do Mestre entrou no coração de Pedro como se fosse uma espada; e ele acusou o golpe: "Simão entristeceu-se por lhe ter dito terceira vez: Amas-me?". E sua resposta foi um pouco diferente: "Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo". Jesus, então, reafirmou qual era a sua chamada: "Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.17).

Por que Pedro disse ao Senhor: "tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo"? O acréscimo da frase "tu sabes tudo" visava a reconhecer que ele ainda não

amava o Senhor sobre todas as coisas e que era inútil tentar esconder isso. Ele ainda amava algumas pessoas ou coisas tanto quanto ou até mais do que amava o Senhor. E era necessário reconhecer isso. Jesus conhece nossas fraquezas e sabe que muitas vezes queremos amá-lo, porém não temos a força necessária em nós mesmos para fazê-lo.

O Senhor é onisciente e sabia o que estava no coração de todos os seus discípulos (Jo 2.25). Quando perguntou a Pedro: "[...] amas-me?", Ele não tinha dúvida sobre o que estava no coração desse apóstolo. Mas, assim como na ocasião em que perguntou: "E vós, quem dizeis que eu sou?" (Mt 16.15), Ele estava submetendo-o a um teste e queria que ele fosse mais atencioso quanto a isso e levasse mais a sério sua vida devocional.

Por que Jesus disse a Pedro para pastorear suas ovelhas cada vez que este reafirmava seu amor por Ele? Observe que não se perguntou em momento algum se Pedro amava as ovelhas, e sim se amava o Senhor. Por quê? A mensagem a ele foi muito clara em outras palavras: "Pedro, se tu realmente me amas, deves cuidar das minhas ovelhas". Isso nos ensina que a motivação principal para o exercício do pastoreio é o amor a Jesus Cristo. Ou: demonstramos nosso amor a Ele quando amamos cada membro do seu Corpo.

Diante da sinceridade de Pedro, o Mestre revelou-lhe como seria o fim da sua jornada: "Na verdade, na verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias: mas, quando já fores velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde tu não queiras" (Jo 21.18). Era comum morrer jovem naquele tempo. O próprio Senhor Jesus foi morto com pouco mais de 30 anos.

Ele, no entanto, garantiu a esse jovem apóstolo que ele chegaria à velhice; e, nessa fase, experimentaria o martírio: "Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro havia de glorificar a Deus" (Jo 21.19, ARA). Talvez tenha sido por causa dessa promessa — somada à capacitação do Espírito

Santo — que Pedro posteriormente pregou com grande intrepidez diante do mesmo Sinédrio que condenou Jesus à morte (At 4.5-22).

Em seguida, o Mestre disse-lhe: "Segue-me" (Jo 21.19); uma frase curta e, ao mesmo tempo, extremamente significativa ante tudo o que Ele tinha dito a Pedro. O Mestre não lhe disse que, a partir daquele momento, ele seria rico e receberia aplausos do mundo. Nesse convite sucinto, estava embutida a seguinte mensagem: "Pregue a minha Palavra e pastoreie a Igreja nascente. E esteja preparado para sofrer por amor do meu nome. Ao final, tu serás perseguido e morto por minha causa, mas alcançarás a incorruptível coroa de glória".

Novo Começo como Líder

Pedro entendeu que deveria ser o líder da Igreja, pelo menos em seu início, mas, naturalmente, preocupava-se com a reação dos outros apóstolos e com o futuro deles, especialmente dos que lhe eram mais próximos. Ele sabia o quanto João era amado pelo Mestre e, por isso, perguntou-lhe: "Senhor, e deste que será?" (Jo 21.21). Pedro, possivelmente, queria também especular sobre a morte desse apóstolo tão próximo de Jesus. Como seria sua vida a partir da ascensão do Senhor? Morreria ele como mártir?

A resposta de Jesus a essa pergunta foi um tanto enigmática e, ao mesmo tempo, uma espécie de "não é da tua conta": "Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu" (v. 22). Ele não quis dizer que João não morreria antes da Segunda Vinda, mas enfatizou que Pedro tinha uma incumbência pela qual ficaria na terra menos tempo que seu companheiro de ministério.

Em outras palavras, o Mestre deu a entender

> que o discípulo amado poderia "permanecer" (gr. *menein*) longo tempo, pelo menos sobreviveria a Pedro. Seja como for, não é da conta de Pedro. Jesus encerra o breve diálogo reiterando a ordem com que o iniciou: "Segue-me tu" (MICHAELS, p. 372).

Quando Jesus chamou Pedro para fazer parte do treinamento dos Doze, também no mar da Galileia, deu-lhe autoridade e entregou-lhe todas as ferramentas necessárias para "pescar homens". Agora, esse apóstolo passaria a acumular mais uma função no Reino de Deus. Além de "pescar almas", deveria cuidar delas como se fossem ovelhas.

O Senhor entregou-lhe o cajado de pastor para que cuidasse dos seus filhos, que, naquele momento, já eram muitos, apesar de somente pouco mais de cem estarem presentes no dia de Pentecostes. Já havia crentes nominais naqueles dias, os quais, depois do derramamento de poder, evidentemente, foram despertados a servir a Jesus de verdade.

Chegou o momento de o Senhor Jesus ser assumpto ao céu para cumprir, poucos dias depois disso, a promessa de derramar o poder dinâmico do Espírito Santo sobre todos os seus discípulos em Jerusalém, inaugurando, assim, a chamada Dispensação do Paráclito (cf. At 1.8; 2 Co 3.7-9). Pedro, os outros dez apóstolos e grande número de discípulos reuniram-se num monte da Galileia para ver o Mestre e ouvir suas últimas instruções (Mt 28.16).

O apóstolo Paulo afirmou que o Cristo ressurreto apareceu a mais de 500 irmãos antes de ascender ao céu (1 Co 15.6). No entanto, é muito provável que boa parte destes não residisse em Jerusalém, o que explicaria o fato de haver menos de um terço da totalidade dos discípulos no dia de Pentecostes. Outra opinião é a de que a maioria não permaneceu em oração perseverante até que fosse revestida de poder (Lc 24.49).

Depois de receberem importantes ensinamentos durante 40 dias desde a ressurreição, os apóstolos viram o Senhor ascender ao céu (At 1.1-11). Pedro, que já era um líder natural entre eles, agora sabia que estava com o cajado na mão para iniciar essa nova fase e que contaria, em breve, com a ajuda permanente do outro Paráclito, conforme a promessa de Jesus. Num período transitório de dez dias, além de liderar as reuniões de oração, esse apóstolo conduziu uma importante eleição, a do substituto de Judas, embora

em nenhuma parte dos Evangelhos leiamos que o Senhor havia-lhes dado essa incumbência (vv. 12-26).

Hoje, há movimentos evangélicos que desprezam o pastorado. Dizem que não existe hierarquia no cristianismo e que só devem obediência a Jesus, o Sumo Pastor. No entanto, mesmo que a Igreja seja, antes de uma organização, um organismo, assim que o Senhor foi assumpto ao céu, Pedro começou a agir como líder: "naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos discípulos (ora a multidão junta era de quase cento e vinte pessoas), disse: Varões irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus" (At 1.15,16).

Pedro já estava com o cajado de pastor, mas ele ainda não tinha a unção para pregar o evangelho com ousadia e motivar os servos do Senhor a cumprir a Grande Comissão (Mc 16.15; Mt 28.19,20). Ele sabia que precisava do poder do alto, prometido pelo Mestre. Matias foi escolhido como o substituto de Judas, que "se desviou, para ir para o seu próprio lugar" (At 1.25), e o colégio apostólico já podia dedicar-se — juntamente "com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos" (v. 14), bem como os discípulos que estavam com os apóstolos "desde o batismo de João" (v. 22) — exclusivamente à consagração a Deus para receber o batismo com o Espírito Santo.

Novo Começo no Dia de Pentecostes

Ante o que lemos em Atos dos Apóstolos, não há dúvida de que a vida de Pedro só mudou por completo depois que ele passou a depender da ajuda do Espírito Santo. Ele

> foi de tal forma encorajado quando experimentou a plenitude do Espírito que se destaca como um dos sanguíneos mais bem-sucedidos de que temos conhecimento. Ele não foi só o homem de maior influência na igreja dos primeiros tempos como continua um desafio para os cristãos; um exemplo do

> que o Espírito Santo pode fazer com uma vida entregue a ele (LAHAYE, 2008, p. 39).

Esse apóstolo tinha andado com o Senhor Jesus — que também pode ser chamado de Paráclito (cf. 1 Jo 2.1,2), termo que pode ser traduzido por Advogado, Ajudador, Consolador, etc. —, e o outro Paráclito, o Espírito Santo, já estava com ele, em certo sentido, uma vez que o próprio Senhor, ao assoprar sobre eles, havia-lhes dito: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20.22). Entretanto, o Pentecostes foi fundamental para o aperfeiçoamento do pastorado de Pedro.

A descida do outro Paráclito para dominar absolutamente todas as ações da Igreja mudaria por completo o modo de Pedro comportar-se perante a Igreja e o mundo. "Realmente, desde que o Espírito Santo é uma Pessoa, estamos falando acerca de uma experiência que estabelece uma relação" (HORTON, 1983, p. 29). A vida de Pedro mudou de direção desde o Pentecostes porque ele passou a cultivar a comunhão com o Espírito, que veio para mudar nosso interior e moldar nosso caráter.

Pedro foi reavivado por Jesus no dia de Pentecostes, o qual, para os judeus, era o dia da Festa da Colheita (Êx 34.22; Dt 16.16). O termo "Pentecostes" significa "quinquagésimo", pois, um dia após a contagem de sete semanas, isto é, no quinquagésimo dia após o movimento do molho dos primeiros frutos, moviam-se dois pães como primícias (cf. Lc 23.15-17). O Pentecostes — ou a Festa das Semanas — era um dos eventos mais importantes do povo israelita, trazendo a Jerusalém muitos judeus da diáspora, vindos de países estrangeiros.

Para alguns teólogos, há

> relação entre a celebração judaica da concessão da lei no Pentecostes e a concessão do Espírito na data dessa celebração. Nesse caso, pode-se concluir que Lucas pretende nos informar que Deus, da mesma maneira como entregou a lei antiga, no monte Sinai, no Pentecostes, também entregou a nova lei do Espírito no Pentecostes (GONZÁLEZ, 2011, p. 51-52).

Pentecostes (hb. *shavuot*) é uma festa que

> marca a alegria no cuidado e a provisão de Deus para com o seu povo. O primeiro *Shavuot* aconteceu no momento da concessão da Lei no monte Sinai. Essa Lei foi precursora de uma outra lei e uma outra colheita — a lei escrita não em tábuas de pedra, mas nas tábuas do coração do homem (Jr 31.33). Foi na manhã de Pentecostes, 50 dias depois da crucificação de Jesus, que o vento do Espírito soprou em Jerusalém, escrevendo essa nova lei de amor e vida no coração dos discípulos que estavam esperando (FINTO, p. 55).

O adjetivo "pentecostal" — para os pentecostais — não se refere à festa judaica, e sim ao que ocorreu naquele dia de Pentecostes, dez dias após a ascensão do Senhor. Nesse sentido, em Atos dos Apóstolos, são mencionados vários Pentecostes ou derramamentos de poder do Espírito similares ao de Atos 2.1-13.

Pedro, inclusive, participou de, pelo menos, quatro desses eventos que tiveram o Paráclito como protagonista. O dom de línguas não é mencionado apenas no segundo capítulo de Atos dos Apóstolos; ele

> é mencionado em outros parágrafos (At 10.44-46; 19.6). Nestes dois casos, um novo grupo foi trazido à igreja: um deles era formado pelo primeiro grupo de gentios, e o outro pelos discípulos de João Batista (TENNEY, p. 208).

Pentecostes em Jerusalém

O cumprimento da promessa do batismo com o Espírito Santo e com fogo, seguido por vários dons congregacionais, inclusive o dom de línguas — não os confunda com os dons ministeriais, que são residentes (cf. Ef 4.11; 1 Co 12.28) —, começou no dia de Pentecostes (At 2.1-4). Esse derramamento de poder do alto sem precedentes deveria repetir-se sempre que o evangelho completo fosse pregado (cf. Mc 16.15-18).

Pedro confirmou isso quando disse aos novos convertidos: "para vós outros é a promessa, para vossos filhos e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor, nosso Deus, chamar" (At 2.39, ARA).

Portanto, o que ocorreu naquela Festa das Semanas foi um evento inaugural, isto é, o primeiro derramamento do poder dinâmico do Paráclito, o primeiro Pentecostes, nesse sentido.

Há relatos no próprio livro de Atos dos Apóstolos de que o batismo no Espírito com a evidência de falar em línguas foi derramado várias vezes após a primeira experiência pentecostal. Esses episódios também podem ser chamados de Pentecostes e confirmam que a manifestação multifacetada no Paráclito não ficou restrita aos primeiros cristãos.

No Pentecostes inaugural, estavam em Jerusalém judeus religiosos "de todas as nações que estão debaixo do céu" (At 2.5). Muitos deles eram peregrinos — de Pártia, Média, Elão, Mesopotâmia, Capadócia, Ponto, Ásia (província romana situada na Ásia Menor), Frígia, Panfília, Egito, Cirene, Creta, Arábia e da própria Judeia —, todos ali presentes para as festividades.

Também havia entre eles muitos piedosos da diáspora em idade avançada ou muitos enfermos, os quais estavam visitando a cidade para morrerem ali. Pedro, seus companheiros do colégio apostólico e um grupo de mais de cem crentes, representando a Igreja nascente, estavam assentados, "reunidos no mesmo lugar" (At 2.1,2).

De repente, veio do céu um som como de um vento; o verdadeiro revestimento de poder é celestial (Lc 24.49; At 11.15). "Não foi algo produzido, ensaiado, fabricado. Algo do céu verdadeiramente aconteceu. Foi incontestável e irresistível. Foi soberano; ninguém pôde produzi-lo" (LOPES, 2015, p. 81). Não se tratava de um vento natural, e sim de algo semelhante aos seus efeitos, o qual encheu toda a casa. Nesse mesmo instante, línguas como de fogo, também vindas do alto, foram repartidas entre os salvos (2.2-4).

O verdadeiro Pentecostes, por conseguinte, é celestial, audível, visível e comunicável. Sem dúvida, à luz dessas quatro características, as línguas sobrenaturais são, verdadeiramente, a evidência do recebimento do batismo com o Espírito Santo (cf. At 10.44-46; 11.15), além de ser um dos dons

congregacionais dados à Igreja pelo Paráclito com alguns propósitos, como edificar o próprio crente (ZIBORDI, 2018a, p. 76-78; cf. 1 Co 12.10,30).

Cada um dos salvos começou a falar em outras línguas no exato momento em que "foram cheios do Espírito Santo" (At 2.4). Entretanto, o que deve ter atraído a multidão não foi o fato de os discípulos falarem idiomas que desconheciam, e sim o estrondo vindo do céu (v. 2). Não ocorreu, portanto, um barulho no sentido de "algazarra, falta de ordem, histeria, mas um som do céu" (LOPES, 2015, p. 82).

Segundo Pentecostes em Jerusalém

Depois do dia de Pentecostes, os apóstolos, especialmente Pedro e João, que eram mais ativos quanto à pregação do evangelho, experimentaram grande perseguição. E, diante das ameaças dos inimigos da Igreja, eles, como todo o povo, alçaram a voz a Deus em uníssono e buscaram-no de modo intenso (At 4.24-30). Como resposta da parte do Senhor, "moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (v. 31).

Já não eram apenas 120 irmãos, mais ou menos, e sim uma congregação de milhares de crentes pentecostais, que já tinham recebido o revestimento de poder com a evidência de falar em línguas (At 2.37-47; 4.1-4). De acordo com alguns teólogos,

> somente as novas pessoas (os 5.000 mencionados em 4.4) ficaram cheias desta vez. Mas o grego não favorece esse ponto de vista. Todos os crentes, inclusive os apóstolos, receberam esta nova plenitude para atender à continuada necessidade e à pressão que sofriam. Novas, recentes plenitudes do Espírito Santo fazem parte da maravilhosa provisão de Deus para todos os crentes (HORTON, 1983, p. 60).

Pentecostes em Samaria

A perseguição de Saulo de Tarso e seu grupo foi permitida por Deus para espalhar os pregadores do evangelho, então concentrados em Jerusalém. Filipe, o diácono-evangelista, cheio do Espírito, partiu para Samaria,

obedecendo ao mandamento do Senhor Jesus de que o evangelho deveria ser pregado tanto em Jerusalém como em Samaria — simultaneamente — e em todo o mundo (At 1.8; 8.1-5). Até então, as testemunhas de Cristo, conquanto revestidas do poder do alto, não estavam cumprindo a Grande Comissão (Mc 16.15; Mt 28.19,20).

Depois de várias conversões entre os samaritanos, os apóstolos — que permaneceram em Jerusalém — decidiram enviar Pedro e João a Samaria para assistirem aos novos convertidos (At 8.14). Como o Paráclito "sobre nenhum deles tinha ainda descido", os apóstolos oraram por todos com imposição de mãos, para que fossem batizados com o Espírito Santo. E mais uma vez, ainda que de modo implícito, consta que os servos de Deus foram agraciados com as mesmas dádivas do primeiro Pentecostes (vv. 15-19; cf. 2.1-13).

Pentecostes em Cesareia

Deus revelou a Pedro que ele deveria pregar o evangelho aos gentios e, ao mesmo tempo, mostrou a um centurião de Cesareia chamado Cornélio que lhe era necessário escutar essa pregação (At 10.1-33). Pedro, então, dirigiu-se até a casa desse homem, e, quando lhe anunciava a Cristo, "caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra" (v. 44), e todos os que estavam com Pedro — ainda presos, de certa forma, às tradições do judaísmo — ficaram maravilhados quando Deus derramou sobre os gentios o dom do Paráclito (v. 45).

Observe o que está escrito em Atos 10.46: "Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus", o que confirma não somente o Pentecostes em Cesareia (cf. 11.15), como também corrobora os outros derramamentos de poder em que o dom de línguas está subentendido.

> As semelhanças entre o derramamento do Espírito nesta ocasião em Cesareia e no dia de Pentecostes em Jerusalém são surpreendentes. [...] Os discípulos no dia de Pentecostes e os crentes de Cesareia respondem de modo semelhante: falando em línguas (At 2.4; 10.46) e louvando a Deus (2.11; 10.46). [...] O batismo com o

> Espírito indica que estes gentios são tão aceitáveis a Deus como os crentes judeus (ARRINGTON, p. 685).

Pentecostes em Antioquia da Síria, Chipre e Cidades da Ásia Menor

A leitura atenta do quinto livro do Novo Testamento e algumas epístolas de Paulo ajuda-nos a compreender que o derramamento do poder dinâmico do Espírito no dia de Pentecostes foi somente inaugural. Ao longo do primeiro século, vários outros Pentecostes ocorreram entre os gentios desde então.

> De modo significativo, o falar em línguas de povos gentios foi um fenômeno que ocorreu ao longo de Atos à medida que sucessivos grupos de pessoas ouviam a mensagem, criam nela e eram incorporados à Igreja (YORK, p. 72).

Depois de Jerusalém, Samaria e Cesareia, vemos que o poder do Paráclito foi derramado também sobre as igrejas de Antioquia da Síria — que se tornou um centro irradiador do evangelho (At 13.1-3) —, Chipre, terra natal de Barnabé (vv. 4-12), e várias cidades ao sul das províncias da Galácia e da Capadócia, como Tarso, cidade natal de Paulo, Derbe, Listra, Icônio, Perge e Antioquia da Pisídia, onde "os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo" (v. 52).

Pentecostes em Macedônia e Acaia

Em sua segunda viagem missionária, o apóstolo Paulo atravessou a Ásia Menor, cruzou o mar Egeu e foi para a Europa. O Pentecostes continuou acontecendo naquele continente de norte a sul da Grécia — ou de Macedônia a Acaia —, ainda que não vejamos isso de modo direto em Atos dos Apóstolos. Quando lemos as Epístolas, fica claro que igrejas fundadas por Paulo, de Macedônia a Acaia, eram todas pentecostais.

Esse apóstolo escreveu o seguinte aos crentes pentecostais de Tessalônica e de Corinto respectivamente: "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo. Retende o bem" (1 Ts 5.19-21); "Acerca dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. [...] E a uns pôs Deus

na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas" (1 Co 12.1,28).

Pentecostes em Éfeso

Na terceira viagem missionária de Paulo, vemos o Pentecostes na cidade mais importante da província da Ásia e da região da Ásia Menor: Éfeso. Ao chegar ali, esse apóstolo descobriu que os primeiros crentes efésios — discipulados por Apolo, que não conhecia as verdades pentecostais (At 18.24-28) — ainda não tinham experimentado o Pentecostes. Quando Paulo impôs-lhes "as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam" (19.6). Muitos anos haviam passado desde o Pentecostes inaugural, e o Paráclito continuava sendo derramado sobre os crentes!

Em Pé, Cheio do Espírito Santo

Antes mesmo de pregar pela primeira vez após o Pentecostes inaugural, Pedro devia explicar a uma multidão confusa e, em parte, zombeteira que os servos de Deus batizados com o Espírito Santo não estavam embriagados (At 2.13-15). É comum dizer-se que, no dia de Pentecostes, aconteceu o contrário do episódio da torre de Babel. Isso porque, naquela ocasião, as pessoas, confusas, não se entendiam (Gn 11.7-9). No entanto, em Jerusalém, a primeira reação da multidão também foi de confusão: "[...] Não são galileus todos esses homens que estão falando? Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?" (At 2.7,8).

Os que ouviam os crentes batizados no Espírito falando em línguas de modo sobrenatural certamente reconheceram o seu sotaque galileu (cf. Mt 26.73). Nesse caso, como é que esses servos de Deus, desprezados pela alta sociedade hebreia, tidos como ignorantes e obtusos, "falavam em línguas reais que eram realmente entendidas por uma multiplicidade de pessoas de uma multiplicidade de lugares" (HORTON, 1983, p. 31)?

Se, por um lado, alguns zombavam (At 2.13), por outro, "todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer?" (v. 12). Observe

> que isso não é exatamente a mesma coisa que glossolalia, que aparece nas epístolas de Paulo, pois nelas a língua falada não era entendida pelos que ouviam, mas exigia um intérprete; ao passo que aqui, no evento de Pentecostes, o ato mesmo de falar em línguas tem o propósito de transmitir a mensagem e, por isso, não são necessários tradutores (GONZÁLEZ, 2011, p. 53-54).

Houve, na verdade, um duplo milagre: os termos gregos para as línguas que os discípulos de Jesus falavam (At 2.3,4) e as que os judeus (da diáspora e de Jerusalém) entendiam são diferentes (vv. 6,8). Enquanto os quase 120 servos do Senhor falaram em línguas que desconheciam (gr. *glossa*), os representantes das diversas nações ali presentes ouviram os servos do Senhor em sua própria língua (gr. *dialektos*).

Pedro, então, pôs-se em pé com os Onze (At 2.14). Ele agora é um líder chamado, treinado por Jesus e, além de tudo isso, revestido pelo poder do alto. E, por isso, dirige-se a todos os judeus vindos de todas as nações mencionadas e aos que habitavam em Jerusalém para dar-lhes uma explicação sobre o que estava acontecendo. Aparentemente, a casa ou cenáculo onde os crentes estavam reunidos foi cercada, e o primeiro pregador pentecostal deve ter improvisado um púlpito, um lugar elevado, para começar a falar.

As primeiras palavras de Pedro são estas: "Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia. Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel" (At 2.15,16, ARA). Note como esse apóstolo fez questão de afirmar que o Paráclito trabalha em sintonia com as Escrituras.

> Este "o que ocorre" se refere ao Espírito prometido. "O que foi dito" se refere à Palavra escrita. "O que ocorre é o que foi dito" mostra a unidade maravilhosa que existe entre o Espírito e a Palavra (GRAHAM, 1980, p. 46).

Não havia motivo para alguém acusar os servos de Deus de embriaguez, como Pedro informou. Eles falaram sobrenaturalmente em línguas por volta das nove horas da manhã (terceira hora do dia). E, naquele tempo, o vinho não era tão forte como na atualidade, pois ainda não havia o processo de destilar álcool que torna as bebidas mais fortes.

As bebidas fermentadas de então, mesmo aquelas tidas como "bebida forte" (Lc 1.15), não eram capazes de embriagar pessoas tão cedo. Seria necessário beber o dia todo para embriagar-se. Daí a surpresa de Pedro com a acusação absurda de que os crentes pentecostais estavam bêbados às nove da manhã.

Pedro, em seguida, explica que o ocorrido é o cumprimento de Joel 2.28-32 (cf. At 2.17-21). Em razão de esse apóstolo ter citado a profecia completa — que também menciona a condenação futura e o fim dos tempos —, alguns teólogos afirmam que ele não quis dizer "o que ocorre é o que foi dito", mas: "o que ocorre é *semelhante* ao que foi dito". Isso daria a entender que o derramamento pentecostal foi apenas semelhante ao que ainda há de ocorrer quando Israel for restaurado no futuro.

Entretanto, Pedro disse isto mesmo: "o que ocorre é o que foi dito" (At 2.16, ARA), pois o profeta Joel,

> como os demais profetas do Antigo Testamento, não viram o interregno entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Inclusive o próprio Pedro, provavelmente, não percebeu quão longo seria esse interregno. Ele viu, entretanto, que a era messiânica estava chegando e, provavelmente, esperava que a vinda seria em breve (HORTON, 1983, p. 33).

Quando ele diz que a profecia foi cumprida, refere-se apenas a esta parte: "E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão" (At 2.17,18). Portanto, tal

> cumprimento teve a ver somente com a porção referente à outorga do Espírito e à salvação que seria dada a quantos invocassem o nome do Senhor. Os fenômenos celestes, preditos por Joel, aguardam cumprimento para quando do retorno do Senhor Jesus (GUNDRY, p. 243).

Observe que Pedro, cheio do Espírito Santo, faz uma mudança não no conteúdo da profecia, mas, sim, na sua forma, ao traduzir "depois" para "últimos dias" (cf. Jl 2.28). Ao dizer isso, reconhece que esse período do fim começou com a ascensão do Senhor Jesus (cf. At 3.19-21) e refere-se à era da Igreja ou à dispensação do Paráclito. Em outras palavras, nós estamos nos últimos dias que antecedem o Arrebatamento da Igreja, o qual será seguido de uma série de eventos catastróficos — por ocasião da Grande Tribulação —, até a restauração de Israel e a implantação do Milênio na terra (cf. 2 Ts 1.7-10).

Segundo a profecia de Joel, a obra do Paráclito tem sido niveladora nesses últimos dias, mas será catastrófica na parte final desse período — o qual se estende do Arrebatamento da Igreja até o Milênio.

> Ela é niveladora porque o Espírito será derramado sobre "todas as pessoas" (quer dizer, não será prerrogativa exclusiva de profetas ou sacerdotes). Todas as pessoas incluem os filhos e filhas, os jovens e velhos, os servos do sexo masculino e feminino. É catastrófica no fato de que inclui "feitos extraordinários em cima, no céu, e sinais embaixo, na terra". O resultado de tudo isso será a vinda do "grande e glorioso dia do Senhor" (GONZÁLEZ, 2011, p. 60-61).

Em Pé, Pronto para Pregar

É emblemática a imagem de Pedro antes da morte de Jesus, estando ele "[...] assentado entre os serventuários, aquentando-se ao fogo" (Mc 14.54, ARA). Após a crucificação e ressurreição do Salvador, porém, vemo-lo "levantando-se" (Lc 24.12), como que tentando recomeçar. E, logo depois da ascensão do Senhor, ele novamente se levantou "no meio dos discípulos" (At 1.15). Trata-se de um levantar-se diferente; de um líder querendo realizar a Grande Comissão deixada pelo Mestre (Mt 28.16-20).

Entretanto, somente após a descida do Paráclito, esse novo homem põe-se em pé cheio do Espírito Santo (At 2.14). A partir do dia de Pentecostes, seu levantar passou a ser diferente. Jesus cumprira a promessa de derramar o poder dinâmico do Espírito sobre todos os que cressem, e, assim, inaugurou-se uma nova época para os apóstolos e todos os discípulos do Senhor.

Antes da morte de Jesus, vemos Pedro assentado à beira do fogo, como um homem de altos e baixos, covarde, que acreditou em si mesmo, em sua capacidade, e decepcionou-se. Ele disse que ia até o fim ao lado do mestre e, logo depois, negou-o, assentado junto ao fogo, na roda dos escarnecedores. E Mateus acrescenta que Pedro estava assentado "para ver o fim" (Mt 26.58), como que assistindo a tudo "de camarote", de longe, com medo de ser preso e morto.

Agora, depois do Pentecostes, Pedro coloca-se de pé no "meio do fogo", sem medo, não para negar, mentir, jurar e praguejar, e sim para dizer a todos que Jesus é "Senhor e Cristo" (At 2.36) e "a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina" (4.11). Ele ainda experimentará alguns altos e baixos, mas não irá mais do "céu" ao "inferno" em poucos minutos e vice-versa, como antes.

Esse apóstolo não mais oscilará com a mesma frequência de antes nem ficará assentado à roda dos escarnecedores. Agora ele está em pé, cheio do Espírito Santo, para pregar a Palavra de Deus! Sejamos, portanto, como Pedro, pregadores pentecostais, pois o "mundo está cansado de ouvir falar de religião e quer ouvir uma coisa nova (At 17.9), e essa coisa nova é o evangelho pregado por alguém cheio do Espírito Santo" (BÍCEGO, p. 150).

Capítulo 6

Primeiro Pregador Pentecostal

Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos,
[...] *Jesus é pedra rejeitada por vós, os construtores, a qual se tornou a pedra angular. E não há salvação em nenhum outro.*
Atos 4.8,11,12, ARA

O Pentecostes foi um divisor de águas na vida de quem tantas vezes esteve dentro do mar da Galileia! "Antes de ser revestido com o poder do Espírito Santo, Pedro era um homem impetuoso, mas covarde; falante, mas precipitado; ousado em suas declarações, mas frágil em suas atitudes" (LOPES, 2015, p. 84).

Diante da zombaria de uma parte da multidão de judeus no dia de Pentecostes, ele colocou-se em pé, apresentando-se para falar. Num primeiro momento, ele apenas respondeu à pergunta: "Que quer isto dizer?", seguida da acusação absurda de que os cristãos estavam "cheios de mosto", citando a célebre profecia de Joel 2.28-21 (At 2.12-21). Foi somente depois dessa resposta pontual que ele, de fato, começou a pregar cheio do Espírito Santo.

Primeira Pregação Pentecostal

Pedro teria de enfrentar uma plateia muito hostil. Judeus religiosos, quando contrariados, costumavam reagir de modo violento (cf. Lc 4.28-30; At 7.51-60). Esse novo homem, no entanto, não se acovardou. Seu caráter e sua

pregação inspirada "ficam em contraste com suas negações do Senhor (Lc 22.54-62). Depois do derramamento do Espírito, ele se torna corajoso e ousado. Seu primeiro sermão reflete suas convicções claras" (ARRINGTON, p. 635). Examinemos, pois, a primeira mensagem do evangelho ministrada por um pregador pentecostal.

Introdução Cristocêntrica

Pedro começa assim sua pregação: "Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis" (At 2.22). Ao dizer isso, "parece indicar que seus ouvintes, apesar de que talvez fossem peregrinos em Jerusalém, têm conhecimento do que aconteceu nos últimos meses" (GONZÁLEZ, 2011, p. 61). Na verdade, muitos deles tinham sido testemunhas oculares do julgamento e da crucificação do Nazareno.

Ao contrário do que muitos pensam, a mensagem pentecostal não é, prioritariamente, paracletocêntrica ou pneumatocêntrica. O Espírito Santo veio para testemunhar de Cristo e glorificá-lo, e não para falar de si mesmo ou se autoglorificar (Jo 15.26,27; 16.14). "O corpo principal da mensagem de Pedro centraliza-se, não em torno do Espírito, mas em torno de Jesus. O derramamento pentecostal pretendia trazer poderoso testemunho acerca de Jesus" (HORTON, 1983, p. 36). Mas, como veremos, também há ênfase ao Paráclito nessa mensagem.

O pregador pentecostal inicia sua prédica com "Jesus Nazareno" (At 2.22) e irá terminá-la com "Senhor e Cristo" (v. 36). Pregadores que se consideram pentecostais deveriam atentar para isso e abandonar a mania de buscar "temas novos", como "Grávidos de um avivamento", "Os sonhos de Deus não morrem", "Filho de Deus é um deusinho", etc. A pregação pentecostal é ungida pelo Espírito Santo e prioritariamente cristocêntrica (cf. 1 Ts 1.5; 1 Co 2.1-5).

Em seguida, Pedro assevera que, por meio do Nazareno, Deus fez maravilhas (gr. *dynameis*), prodígios (gr. *terata*) e sinais (gr. *semeia*). A rigor, esses termos

> não significam três tipos diferentes de ação, mas descrevem o mesmo trabalho divino. As maravilhas de Jesus são trabalhos poderosos, porque foram feitos pelo poder de Deus. Como prodígios, eles despertam assombro naqueles que os testemunharam. Como sinais, significam a aprovação de Deus do que Jesus tinha ensinado com relação a eles (ARRINGTON, p. 635).

Morte e Ressurreição de Jesus Estavam Determinadas

Pedro afirma que "a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela" (At 2.23,24). A acusação aqui é a de que os judeus entregaram Jesus a homens iníquos, sem lei ou fora da lei, isto é, os soldados romanos, que não haviam recebido a Lei dada a Moisés no monte Sinai.

O termo "presciência" (gr. *prógnosis*) só aparece duas vezes em todo o Novo Testamento (ambas empregadas por Pedro), sempre em referência a um dos aspectos da onisciência de Deus, o de saber de antemão todas as coisas (cf. 1 Pe 1.2). Sem saber, tanto os judeus como os romanos "sem lei" fizeram a vontade do Deus onisciente (At 2.23), que sabe o fim antes do começo (15.18; Is 42.9; 48.5).

Em outras palavras, judeus e romanos condenaram a Jesus, antes de tudo, para cumprir "as vozes dos profetas que se leem todos os sábados" (At 13.27). Por isso, Pedro responsabiliza-os pela morte de Jesus, mas deixa bem claro, ao mesmo tempo — sem diminuir-lhes a culpa —, que isso só ocorreu porque o Todo-Poderoso assim o permitiu (cf. Lc 24.26,27,46).

Pedro sabe que também está falando a judeus de Jerusalém, especialmente àqueles que haviam gritado: "Crucifica-o! Crucifica-o!" (Jo 19.6). E, por isso, deixa bem claro que o Senhor morreu e ressuscitou, não porque eles

quiseram matá-lo, prioritariamente, como se fosse um mártir. Ele veio para dar a sua vida, e isso já estava determinado por seu Pai (10.17,18). Jesus, portanto, morreu e ressuscitou segundo as Escrituras, como Paulo corroborou *a posteriori*: "[...] Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, [...] foi sepultado, e [...] ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (1 Co 15.3,4).

A morte de Jesus na cruz estava na agenda de Deus. Nesse caso, mesmo que os israelitas tenham-no rejeitado, crucificando-o, isso não ocorreu de modo acidental, e sim de acordo com o plano do Senhor de salvar dentre os seres humanos todos aqueles que crerem na morte sacrificial, vicária e expiatória do seu Filho Unigênito (Jo 3.16; Rm 10.9,10).

Logo depois dessa acusação, ao dizer que Deus ressuscitou a Jesus, "soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela", Pedro enfatiza duas coisas. Primeira: a ressurreição do Senhor elimina o estigma da cruz, invertendo a decisão dos judeus; segunda: ela comprova, ao mesmo tempo, a aceitação do Pai ao sacrifício do seu Filho Unigênito.

Deus livrou Jesus dos grilhões ou ânsias da morte, literalmente "dores de parto", pois, assim como estas são aliviadas pelo nascimento da criança, a ressurreição faz cessar as dores da morte. Pedro não quis dizer

> que Jesus sofreu dores depois da morte, mas indicar de modo descritivo como Ele foi livre das garras da morte. As palavras "não era possível" (v. 24) significam que a morte já não poderia prendê-lo em correntes como prisioneiro (ARRINGTON, p. 636).

Jesus É o Rei Messiânico

Quando Pedro faz uso das Escrituras, demonstra, de modo surpreendente, que está preparado para exercer seu ministério de pregador entre judeus e gentios. Como pescador, supostamente iletrado, deveria falar, apenas e precariamente, o aramaico. Entretanto, logo na primeira alusão às Escrituras hebraicas, antes de iniciar a pregação propriamente dita, ele cita o texto bíblico na versão *Septuaginta*, Antigo Testamento em grego.

Toda a sua argumentação baseia-se nas profecias. Ainda que tenha acusado os israelitas de matarem Jesus, entregando-o às autoridades romanas para crucificarem-no, ele cita o Salmo 16 para dar ênfase ao fato de que o Senhor veio para morrer e, depois de três dias, ressuscitar (At 2.25-28). No caso dessa citação, o ponto central é a alegria do salmista com a promessa de que a sua alma não seria deixada ou abandonada no Hades (hb. *sheol*) para que seu corpo sofresse corrupção ou decomposição.

Davi "não somente morreu e foi sepultado, mas seu túmulo ainda ali estava em Jerusalém. Obviamente, a carne de Davi viu a corrupção. Mas, não a de Jesus. Embora Pedro não o diga, suas palavras claramente implicam que o túmulo de Jesus estava vazio" (HORTON, 1983, p. 37). Em seguida, esse apóstolo, explicando o texto sagrado, afirma categoricamente que o Senhor ressuscitou porque é o Cristo (At 2.29-32).

Como porta-voz de Deus, o rei, salmista e profeta Davi sabia que o Senhor prometera que levantaria o Messias dos seus lombos, que se assentaria em seu trono. Nesse caso, ao falar de si mesmo, referia-se, na verdade, ao Ungido de Deus, o Cristo, que seria morto, mas ressuscitaria. Pedro, portanto, evoca o pacto davídico, pelo qual sempre haveria representante no trono de Davi até a manifestação do Rei messiânico (cf. Sl 89.3,4; 132.11,12; 2 Sm 7.11-16).

Ao dizer "do que todos nós somos testemunhas" (At 2.32), Pedro refere-se aos salvos que haviam sido batizados com o Espírito Santo e tinham a certeza de que Deus ressuscitara a Jesus Cristo. Suas palavras parecem

> indicar que esse é o começo do cumprimento da promessa que Jesus fez ao contar a seus seguidores que, por meio do poder do Espírito Santo, eles seriam testemunhas. Agora, no exato momento em que eles acabam de receber esse poder, eles já estão testemunhando (GONZÁLEZ, 2011, p. 61).

Origem do Movimento Pentecostal

Segundo o primeiro pregador pentecostal, a ressurreição do Messias foi somente parte de um processo pelo qual o Onipotente elevou-o pela sua

destra a uma exaltada posição de autoridade. Deus Pai fez isso depois que seu Filho Unigênito pagou o preço, vencendo a batalha contra o pecado e a morte (cf. Fp 2.6-11; Hb 1.3-8), para que os salvos também se assentem "nos céus à destra do trono da Majestade" (Hb 8.1; cf. Cl 3.1,2; Ef 2.6).

Pedro liga a ressurreição e a ascensão do Senhor à descida do Paráclito, enfatizando que Jesus derramou o poder do alto sobre os salvos porque foi exaltado pela destra do Pai (At 2.33-35). Ele esclarece o papel de cada uma das Pessoas da Trindade na concessão do batismo com o Espírito Santo: Deus é o Doador; Jesus, o Batizador (Batista); e o Paráclito, o Executivo, já que, ao ser derramado, todos falaram em línguas "conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (v. 4).

Em sua exposição, Pedro

> usa a posição exaltada de Cristo para explicar a experiência pentecostal. Agora, à destra do Pai, recebeu Ele do Pai a promessa do Espírito Santo e derramou o Espírito, com os resultados vistos e ouvidos pela multidão — os 120 falando em outras línguas. Jesus havia dito que era necessário Ele ir para que o Confortador viesse (Jo 16.7). Assim, embora o batismo no Espírito Santo seja a promessa do Pai, Jesus é aquEle que o derrama (HORTON, 1983, p. 38).

Mesmo tendo a certeza de que Jesus ressuscitara e ascendera ao céu, não havia possibilidade de Pedro, por si mesmo, convencer seus ouvintes disso. Por essa razão,

> seu apelo é para o que a audiência viu e ouviu — Pedro e seus colegas falando em línguas, as línguas de fogo vistas sobre suas cabeças e um som como um grande vento do céu. Para Pedro, esse derramamento do Espírito é a prova de que Jesus foi "exaltado [...] à destra de Deus" (ARA), significando que Ele está num lugar de honra ao lado de Deus (ARRINGTON, p. 637).

Portanto, o batismo com o Espírito Santo torna-se, para todos os cristãos, a partir do dia de Pentecostes, uma evidência de que Jesus morreu, ressuscitou, ascendeu ao céu e está à destra de Deus Pai intercedendo por nós. É principalmente nesse sentido que Ele está conosco "todos os dias, até

à consumação dos séculos" (Mt 28.20), e nós somos suas testemunhas quanto à sua obra redentora, que culminou com a sua elevação para estar à destra de Deus.

Conclusão Cristocêntrica

Já que Pedro está falando a israelitas, ele conclui afirmando que nenhum deles deve ter dúvida de que tudo o que estavam presenciando naquele dia confirmava que o Nazareno crucificado por eles era Salvador, Senhor e Cristo (At 2.36). Isso não denota que a ressurreição de Jesus transformou-o em Messias, pois Ele sempre foi o Cristo, o Filho de Deus (Jo 1.17,41; 4.25-29; 17.3; Mc 8.29).

Quando Ele encarnou-se, dando início à sua obra redentora, um anjo disse aos pastores de Belém: "[...] eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo, pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor" (Lc 2.10,11). E agora, após a descida do Espírito Santo, Pedro afirma que a morte e a ressurreição de Jesus confirmam não somente que Ele é o Salvador, mas também que sempre foi o Senhor e o Cristo (cf. Rm 5.1,11; 13.14; 1 Co 1.3; 2 Co 13.13; Gl 6.14, etc.).

Portanto, ao referir-se a Jesus como "Senhor e Cristo" (cf. 1 Pe 1.3), Pedro deixa claro que Ele não é apenas nosso Salvador — significado do nome Jesus (Mt 1.21) —, mas também nosso Senhor, a quem devemos obedecer (2 Pe 3.1,2), e o Cristo de Deus (Lc 4.18). Em outras palavras, como Cristo, Ele relaciona-se com seu Pai (Jo 10.30); como Salvador, com sua Igreja (os salvos); e, como Senhor, uma vez que esse relacionamento é de mão dupla, recebe a adoração e a obediência dos seus servos.

Isso que É Pregação Pentecostal!

Ao concluir sua mensagem cristocêntrica, que também dá ênfase para a obra do Paráclito, Pedro depara-se com um resultado surpreendente. Seus ouvintes "compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos

demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?" (At 2.37). Que mudança extraordinária operada pelo Espírito Santo nos corações! Aqueles que outrora desprezavam os apóstolos galileus — adjetivo muitas vezes usado de maneira pejorativa, assim como "nazareno" (cf. Jo 1.46; 7.41) — agora os chamam de "varões irmãos".

Enfatiza a Necessidade do Arrependimento

Pedro talvez não imaginasse que a exposição das Escrituras, ungida pelo Espírito Santo, acicataria as consciências dos judeus, estimulando-os a tomar uma posição. Ele chamara aqueles judeus de "varões irmãos" (At 2.29) por respeito, e boa parte deles agora dispensa aos apóstolos o mesmo tratamento. Isso porque reconhecem o seu pecado de rejeitar ao Messias e clamam por perdão, acreditando que há esperança para eles.

A resposta do pregador pentecostal é convicta: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" (At 2.38,39). Ele, que acabara de acusar seus ouvintes de serem cúmplices na crucificação de Jesus, oferece-lhes o perdão, lembrando-lhes de que são herdeiros da promessa.

Críticos ferrenhos do pentecostalismo associam-no à falaciosa Teologia da Prosperidade. No entanto, a verdadeira pregação pentecostal é cristocêntrica e enfatiza o arrependimento, seguindo os exemplos de João Batista, Jesus e os apóstolos (Mt 3.1,2; 4.17; At 2.38; 3.19). Michael L. Brown — em sua obra *Authentic Fire*, uma resposta a críticas generalizantes de John MacArthur ao Movimento Pentecostal — enfatiza que os verdadeiros pregadores e mestres pentecostais, como David Wilkerson, Gordon Fee, Jim Cymbala e outros, pregam a mensagem do arrependimento (BROWN, 2015).

Por outro lado, embora MacArthur "carregue nas tintas" ao verberar contra o pentecostalismo, ele acerta quando afirma que a verdadeira pregação deve enfocar o arrependimento, e não a Teologia da Prosperidade:

> O estudo mais superficial da pregação em Atos mostra que o evangelho segundo os apóstolos era um chamado muito claro ao arrependimento. [...] A mensagem penetrou nos corações de seus ouvintes, e eles perguntaram a Pedro que tipo de reação eles deveriam ter. Pedro disse abertamente: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos seus pecados" (MACARTHUR, 2017, p. 88).

Visa à Salvação dos Pecadores

Pedro disse que cada um dos arrependidos deveria ser batizado no nome de Jesus Cristo — ou sobre a autoridade que há no seu nome — "para perdão dos pecados". Essa autoridade aponta para a própria ordem de Jesus antes de sua ascensão (Mt 28.19). Ou seja, o batismo em água era feito pelos apóstolos no nome ou para o culto e serviço do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Quanto à expressão "para perdão dos pecados", seria mais bem traduzida da seguinte forma: "por causa da libertação e perdão dos vossos pecados" (ARRINGTON, p. 638).

Sabemos que a salvação é-nos oferecida pela graça de Deus (Tt 2.11), sem que as nossas obras contribuam para a sua concretização (Ef 2.8). Entretanto, mesmo capacitado pela chamada graça preveniente, é impossível que um pecador seja salvo sem a fé e o arrependimento, já que é preciso receber livremente a dádiva da salvação (Jo 3.16). E a pessoa verdadeiramente salva, ao crer e arrepender-se, deve afastar-se do pecado, dia a dia, reconhecendo, em humilhação, sua inteira dependência de Cristo (Hb 2.1-3; 3.6,12-15; 4.7,11; 6.4-6; 10.26-29,35).

O batismo em água, por conseguinte, não salva, mas destina-se a quem já é salvo, visto que é oferecido aos arrependidos (Mt 3.11; 28.19,20; Mc 16.16). Somos salvos pela graça de Deus *para* as boas obras, e não *pela* prática delas (Ef 2.1-10). No batismo de arrependimento ministrado por João Batista, por

exemplo, quando fariseus e saduceus procuraram-no, ordenou-lhes que produzissem frutos que demonstrassem verdadeiro arrependimento. Ou seja, eles tinham de primeiro arrepender-se para, depois, descerem às águas do batismo.

É Confirmada pelo Espírito Santo

Quanto ao dom do Paráclito prometido por Pedro aos que se arrependessem e fossem batizados, trata-se, sem nenhuma dúvida, do batismo com o Espírito Santo, o qual não deve ser confundido com os dons congregacionais outorgados pelo mesmo Espírito aos que já foram revestidos de poder (1 Co 12.1-11). No "dom do Espírito Santo" (singular), o Doador (ou Batizador) é o Senhor Jesus. Nos "dons espirituais" (plural), o Doador é o próprio Espírito Santo.

Embora Pedro estivesse falando sob a inspiração do Paráclito, ele ainda não acreditava que o evangelho também deveria ser pregado aos gentios (cf. At 11.1-18). Nesse caso, ao que parece, ele entendia a expressão "a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar" como restrita aos judeus de todo o mundo, inclusive os da diáspora, a qual tinha, ali, muitos representantes.

Os episódios narrados por Lucas a partir de Atos 8 revelam que essas palavras de Pedro aludem à universalidade da promessa do derramamento de poder.

> Não há qualquer indicação no Novo Testamento de que a promessa do batismo no Espírito Santo seja algo meramente para o primeiro século, como defendem os expositores antipentecostais. [...] Há registros de que ao longo da História do Cristianismo, diversos cristãos falaram línguas. Irineu, Agostinho, Lutero, Wesley e muitos outros (SOARES, p. 16,17).

Lucas deixa claro que está apresentando apenas um resumo de tudo o que foi pregado por Pedro: "com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa" (At 2.40). Esse

apóstolo permitiu, inclusive, que houvesse uma interação com perguntas e respostas. E, ao final, "foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e, naquele dia, agregaram-se quase três mil almas" (v. 41). Que resultado extraordinário!

Os defensores do batismo por aspersão

> argumentam erradamente que não havia bastante água em Jerusalém para batizar 3.000 por imersão. Entretanto, o tanque de Betesda, só, era uma grande piscina dupla, e restos de outras piscinas têm sido encontrados em escavações. Em realidade, as facilidades para batismo por imersão, em Jerusalém, eram, naquele tempo, muito maiores do que agora (HORTON, 1983, p. 40).

Tais piscinas são, na verdade, "banheiras rituais judaicas chamadas *mikvaot*, das quais alguns vestígios foram escavados em Jerusalém perto do local do Templo" (DOWLEY, 2009, p. 10).

Esses três mil salvos, portanto, passaram por três tipos de batismo. Primeiro, ao arrependerem-se, foram inseridos ou imersos (batizados) no Corpo de Cristo, passando a fazer parte da Igreja universal (cf. 1 Co 12.13). Em segundo lugar, uma vez salvos pela graça de Deus, foram batizados em água, tornando pública a sua fé em Cristo e passando a integrar a igreja local, que ficava em Jerusalém (cf. At 2.41). Finalmente, todos foram batizados no Espírito Santo, isto é, revestidos de poder para testemunhar de Cristo (cf. 1.8).

Pregador Pentecostal... e Humilde!

Os milhares de judeus arrependidos após a pregação de Pedro converteram-se, de fato, haja vista as suas características. De acordo com Atos 2.42-47, eles perseveravam na doutrina dos apóstolos, na comunhão e no partir do pão, ajudavam uns aos outros e eram tementes a Deus, louvando-o todos os dias.

No entanto, como os apóstolos foram treinados pelo Mestre para não dormir sobre seus louros, o terceiro capítulo de Atos dos Apóstolos inicia

com Pedro e João subindo "juntos ao templo à hora da oração, a nona". Esse lugar sagrado era, para eles, seu local preferido de oração, embora não tomassem parte dos sacrifícios — uma vez que o Cordeiro de Deus fora oferecido de uma vez por todas — (cf. Mt 21.13).

Pedro e João mantiveram a tradição dos judeus de orar em três turnos no Templo. Como o dia judaico começava às seis da manhã (primeira hora) e terminava às seis da tarde (hora duodécima), havia três momentos de oração por dia para os devotos do judaísmo. Eles oravam às nove da manhã (hora terceira), ao meio-dia (hora sexta) e às três da tarde (hora nona).

Os apóstolos oravam porque queriam cumprir o chamado que receberam do Senhor. E o Paráclito começou a realizar grandes milagres por meio deles (At 2.43), cumprindo a promessa de Jesus de que fariam obras maiores do que as suas por meio do Espírito Santo (Jo 14.12-17). E, ao dirigirem-se ao Templo, depararam com um homem coxo "desde o ventre de sua mãe" que era levado com frequência para junto da porta chamada Formosa para pedir esmola (At 3.2).

Não há consenso entre os eruditos sobre esse portão (ou porta). Para alguns, como não havia nenhuma porta com esse nome, trata-se de uma em honra de Nicanor (de Alexandria) chamada de "Formosa" por ser toda de bronze. Como se supõe, entre "o átrio dos gentios e o átrio das mulheres havia uma bela porta de bronze cinzelado, estilo corinto, com incrustações de ouro e prata. Era mais valiosa do que se tivesse sido feita de ouro maciço" (HORTON, 1983, p. 45). Quem olhava para esse portão, que dava acesso ao pátio do Templo, e para os mendigos à sua frente, podia refletir sobre a desigualdade em Jerusalém.

Sempre ignorado por sacerdotes, levitas e outros frequentadores do Templo, o mendigo aleijado teve uma surpresa quando abordou Pedro e João. Estes não apenas pararam para ouvir seu pedido, como também lhe disseram: "Olha para nós" (At 3.4). Deus sempre começa o milagre por meio daquilo que podemos fazer. O mendigo de Jericó, que não podia ver,

precisou colocar-se em pé (Mc 10.49). Já o de Jerusalém, que não podia levantar-se, teve de olhar para os apóstolos. E ele mirou-os, com a mão estendida, esperando receber uma moeda.

O primeiro pregador pentecostal tinha algo mais precioso para oferecer-lhe. Se fosse um pregador triunfalista, adepto do antropocentrismo, teria dito ao aleijado: "Determina a tua cura agora!". E, se o homem não tivesse sido curado, dir-lhe-ia que não teve fé para fazê-lo. Pedro, porém, era verdadeiramente pentecostal e disse-lhe: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda" (At 3.6).

Estamos diante de um novo Pedro — guiado pelo Paráclito —, o qual falou com autoridade e, pela fé, levantou pela mão um homem que jamais andara e sequer sabia caminhar (At 3.7). Para alguém andar, não basta apenas ter pernas saudáveis. É preciso saber usá-las. Uma criança, por exemplo, leva vários dias para aprender a dar os primeiros passos. Portanto, o que houve ali foi mais que uma restauração de pernas e pés!

Não pensemos, porém, que esse milagre ocorreu por causa da fé de Pedro ou da do mendigo. Os mestres triunfalistas, que prezam o falso evangelho antropocêntrico, costumam supervalorizar a fé — a fé na fé —, que é apenas o meio usado por Deus para realizar grandes maravilhas.

Curado, o homem entrou no Templo e começou a saltar, louvando a Deus diante daqueles que o conheciam, mas jamais o ajudaram. A narrativa de Lucas sugere que ele puxou os apóstolos pela mão para alegrarem-se com ele (At 3.8-10). Além de andar, o mendigo estava realizando outro sonho, o de ingressar no Templo, visto que "aos aleijados não era permitida a entrada" (HORTON, 1983, p. 46).

Pense num homem alegre, saltando e glorificando a Deus sem nenhum receio! Não se tratava, porém, de dança exibicionista, frenética ou performática dentro da Casa de Deus, como vemos nos dias de hoje, e sim

do extravasamento de uma felicidade jamais sentida por aquele mendigo até então.

Os dois apóstolos estavam preparados para não cair na tentação de receber o louvor do povo. E, diante da alegria do homem curado e do assédio da multidão, o pregador pentecostal sabia que precisava manter-se humilde e dar toda a glória a Jesus. Lucas diz que o povo estava maravilhado com o ocorrido e apegou-se a Pedro e João, junto ao chamado pórtico ou alpendre de Salomão, ignorando que fora o Senhor quem havia levantado o coxo de nascença (At 3.10,11).

Pedro era realmente um novo homem. Diferentemente de muitos pregadores da atualidade que se gabam de ser pentecostais, mas que, na verdade, são soberbos, ele disse ao povo: "Varões israelitas, por que vos maravilhais disto? Ou, por que olhais tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?" (At 3.12). Calcula-se que havia ali, nos arredores do Templo, cerca de dez mil pessoas (cf. HORTON, 1983, p. 47). Que oportunidade para anunciar a Cristo!

Segunda Pregação Pentecostal

Nitidamente, Pedro segue um padrão ao pregar o evangelho. Ele começa sua segunda prédica, depois do Pentecostes, de modo similar à primeira: ele apresenta Jesus como o Messias — Filho do Deus de Abraão, Isaque e Jacó —, acusa os judeus da sua morte e, ao mesmo tempo, sem isentar-lhes de culpa, enfatiza que Deus glorificou o Cristo, ressuscitando-o dos mortos (At 3.13).

Morte e Ressurreição de Jesus

Pedro dirige aos judeus ali presentes acusações muito duras a respeito do Messias, dizendo-lhes que cometeram, numa gradação ascendente, quatro pecados (At 3.13-15). Eles entregaram o Santo e Justo (cf. Is 53.11; Zc 9.9) a Pilatos (Jo 18.38-40), negando-o duplamente (19.6) e considerando-o pior

que o homicida Barrabás (Lc 23.18). E, por fim, mataram o Príncipe da vida (Jo 19.12-16), "ao qual Deus ressuscitou dos mortos" (At 3.15).

Essa acusação final é um grande paradoxo: "matastes o Príncipe da vida". Se Ele é o "Autor da vida" (ARA), isto é, o originador e mantenedor dela, então por que foi morto? Isso reflete o que Pedro ouviu do próprio Deus-Homem, que, num momento, se apresentou como a "a ressurreição e a vida" (Jo 11.25) e, pouco tempo depois, clamou em oração: "Agora, a minha alma está perturbada; e que direi eu? Pai, salva-me desta hora; mas para isso vim a esta hora" (12.27).

Os judeus só puderam matar Jesus porque Ele ofereceu sua própria vida (Jo 10.17,18). Mesmo assim, cometeram grande pecado, pois tiveram ódio do único que pode dar vida com abundância (v. 10). No entanto, a maldade deles não prevaleceu, pois Deus ressuscitou-o dos mortos. Pedro enfatiza que a crucificação não foi um acidente;

> nem a ignorância deles, nem a vontade eterna de Deus os livram da culpa por crucificarem Jesus. Contudo, não é muito tarde para eles se arrependerem e acertarem as coisas com Deus (ARRINGTON, p. 643).

Fé e Arrependimento para Salvação

Em seguida, reiterando que Jesus Nazareno está vivo, pois acabara de curar o homem coxo, Pedro discorre sobre a fé no nome de Jesus, imprescindível para o recebimento da salvação (At 3.16). Quem fez o milagre foi Deus, mas o homem só ficou de pé por causa da resposta humana da fé.

Ainda que não tenha ficado claro se ela foi somente de Pedro e João ou, também, do próprio aleijado, é evidente que a ordem para ele levantar-se em nome de Jesus exigiu, pelo menos, fé por parte de quem ordenou que ele recebesse a cura. Pedro, sem dúvida, agiu em sintonia com a promessa do Senhor de que, em seu nome, "imporão as mãos sobre os enfermos e os curarão" (Mc 16.17,18).

O pregador pentecostal, então, acrescenta que, apesar da ignorância dos judeus, as profecias foram cumpridas (At 3.17,18). E, sem esperar que lhe perguntem o que fazer, dessa vez adianta-se e brada: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor" (v. 19).

Deus ressuscitou Jesus e, por isso, seu nome é maravilhoso;

> e é pela fé nesse *nome* que o aleijado foi curado. A história não tem um fim trágico porque Deus é poderoso para superar o mal perpetrado pelos seres humanos. Além disso, mesmo para aqueles que mataram o Autor da vida, a porta do arrependimento e da conversão ainda permanece aberta (GONZÁLEZ, 2011, p. 78).

Segunda Vinda de Cristo

Nessa segunda pregação pentecostal, o foco continua sendo a obra redentora de Jesus; Pedro, porém, introduz um terceiro elemento. Primeiro, ele afirma que o Autor da vida foi morto pelos judeus e ressuscitou. Em segundo lugar, convida seus ouvintes a converterem-se, o que implica crer e arrepender-se para que recebam a salvação pela graça de Deus. A novidade em relação à primeira pregação pentecostal é o anúncio da Segunda Vinda (At 3.20).

Pedro reitera o que o Senhor prometeu em seu último sermão (Jo 14.1-3) e o que os anjos profetizaram após sua ascensão (At 1.11). Anjos profetizaram? Nesse caso, sim, pois vaticinaram que Ele "há de vir assim como para o céu o vistes ir". Pedro, contudo, deixa claro que, mesmo antes de voltar, Jesus envia antecipadamente sobre o salvo os "tempos do refrigério" (3.19), que, a rigor, aludem à era futura, aos "tempos da restauração de tudo" (v. 21), isto é, o Milênio (cf. Ap 20.1-6).

Embora haja na Bíblia advertências quanto aos tempos difíceis que antecedem a Segunda Vinda (2 Tm 3.1,2; 2 Ts 2.3),

> o cristão não precisa fazer disso o foco da sua atenção. O arrependimento (mudança de ideia e de atitude) e volta para Deus ainda trarão tempos de refrigério da presença de Deus. [...] No meio dos tempos perigosos ainda

> podemos fitar os olhos no Senhor e receber poderosos e revigorantes derramamentos de seu Espírito (HORTON, 1983, p. 49).

Não precisamos esperar Jesus voltar e estabelecer o seu Reino na terra para, então, começarmos a sentir a alegria indizível de estar em sua presença. Podemos usufruir hoje, aqui e agora, da bênção divina e do poder do Paráclito. Este oferece aos que se arrependem de seus pecados e creem em Jesus Cristo o que poderíamos chamar de um antegozo das coisas futuras.

Esses "tempos do refrigério" abrangem, no tempo presente, o batismo com o Espírito Santo, que é subsequente à conversão, e as bênçãos decorrentes dele.

> O povo pode experimentar a renovação ou "refrigério" da alma pela alegria e poder do Espírito Santo. Como resultado de se arrependerem, não só o pecado lhes será perdoado, e eles receberão alívio da culpa, mas também experimentarão a renovação espiritual pelo Espírito Santo (ARRINGTON, p. 643).

Jesus Cristo, o Sumo Profeta

Lucas apresenta-nos um novo Pedro, que não somente é dominado pelo Espírito Santo a partir do dia de Pentecostes, como também é um pregador que conhece as Escrituras. Como nos Evangelhos quem prega é Jesus Cristo, o conteúdo da mensagem de Pedro em Atos dos Apóstolos também nos surpreende. Ele cita as profecias e faz aplicações coerentes, relacionando palavras e atos de Moisés, Abraão e Samuel com a obra realizada pelo Senhor.

Próximo da conclusão, Pedro evoca uma importante profecia de Moisés — a de que Deus levantaria um grande Profeta (Dt 18.15-19) — e relaciona-a com Jesus (At 3.22,23). Moisés é um tipo de Cristo; ao mesmo tempo, seu ministério profético contrasta com o dEle, pois "a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo" (Jo 1.17).

Se o libertador dos israelitas, Moisés, guiou-os para fora do Egito, conduzindo-os ao Sinai, Jesus, o Salvador do mundo (Jo 4.42), é o novo e vivo caminho pelo qual entramos na presença de Deus (14.6; Hb 10.19,20).

> Moisés deu ordem a Israel para sacrificar um cordeiro; Jesus é o Cordeiro de Deus. Moisés foi usado por Deus para operar grandes milagres e sinais; Jesus operou muitos milagres e sinais, mas os sinais de amor eram muito mais do que os de julgamento (HORTON, 1983, p. 50).

Somente Pedro e Estêvão estabeleceram essa correlação entre o grande Profeta vaticinado por Moisés e Jesus (At 3.22; 7.37), certamente à luz do que o próprio Senhor dissera aos judeus: "se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, porque de mim escreveu ele" (Jo 5.46). O Mestre sabia que eles esperavam esse "profeta que devia vir ao mundo" (6.14; cf. 7.40).

Conclusão Cristocêntrica e Grande Resultado

Na primeira pregação pentecostal, Pedro deu destaque a Davi como tipo de Cristo e profeta messiânico. Na segunda, menciona não somente o profeta Moisés, mas também Samuel — que ungiu a Davi como rei de Israel (1 Sm 16.13) —, o qual foi o primeiro a profetizar sobre o estabelecimento do Reino davídico ou messiânico (13.14; 15.28; 28.17). E, desde Samuel, todos os profetas predisseram acontecimentos alusivos ao Messias, como argumenta Pedro (At 3.24).

O conhecimento bíblico desse pescador galileu desorienta seu auditório. Tudo se encaixa perfeitamente quando ele conecta a conclusão da mensagem com o primeiro personagem citado: Abraão (At 3.13). Ao destacar a parte final da sétupla promessa de Deus a esse patriarca: "[...] em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3), Pedro relaciona-a com a obra redentora de Jesus (At 3.25,26).

Pedro sabia que sua plateia era formada por descendentes legítimos dos profetas, herdeiros do pacto abraâmico (Gn 22.18). Ao fim e ao cabo, ele queria convencê-los, contando com a ajuda do Espírito Santo (cf. Jo 16.8-

11), de que essa promessa a Abraão foi cumprida em Jesus Cristo, a quem eles negaram (cf. Gl 3.16).

Como resultado dessa exposição cristocêntrica, que se deu logo após a cura de um aleijado de nascença, houve inúmeras conversões. À luz da parábola do semeador (Mt 13.1-23), como a semente (Palavra de Deus) já havia sido espalhada na terra (coração das pessoas que ouvem a pregação do evangelho), a segunda colheita foi ainda maior: quase cinco mil pessoas converteram-se (At 4.4).

Alguns teólogos argumentam que a tradução mais correta não seria: "chegou o número desses homens a quase cinco mil", e sim: "o número desses homens subiu para quase cinco mil", somando-se aos primeiros três mil (cf. At 2.41). No entanto, o modo como o texto está no grego

> indica que o número era tão grande que eles contavam somente os homens. Deve ter havido grande número de mulheres que creram também. Atos 3.9 diz que todas as pessoas viram o coxo; e 4.1,2 indica que eles estavam ensinando a todo o povo, homens e mulheres (HORTON, 1983, p. 54).

De fato, "Lucas emprega uma palavra que em geral denota 'homens' [...], fazendo distinção de 'mulheres', sendo presumível que ele se referia a homens apenas" (WILLIAMS, 1996, p. 98). Nesse caso, se foram mesmo acrescentados "apenas" dois mil homens à quantidade de três mil lá do dia de Pentecostes, então é preciso também considerar as famílias desses homens, o que pode fazer com que o número de pessoas salvas por ocasião da segunda pregação pentecostal seja bem maior que cinco mil!

Terceira Pregação Pentecostal

É muito bom poder sentar num confortável sofá para refletir sobre uma mensagem que acabamos de pregar. Eu, inclusive, tenho o hábito de gravar minhas pregações para ouvi-las com cuidado, em silêncio, meditando profundamente na presença do Senhor. Pedro, entretanto, que acabara de pregar um sermão bíblico, cristocêntrico, coerente, ungido e confirmado

pelo Senhor com muitas conversões, não teve tempo para refletir muito após sua prédica.

Pedro e João ainda estavam falando — isto é, conversando com os inúmeros novos convertidos e respondendo às suas indagações — quando chegaram alguns sacerdotes, o capitão do Templo e um grupo de saduceus, todos "doendo-se muito de que ensinassem o povo e anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos" (At 4.2). Essa comitiva estava ali para conduzir os apóstolos ao Sinédrio, mas, como já era tarde, prenderam os dois até o dia seguinte (v. 3).

Os saduceus e o sumo sacerdote, o qual era um deles, não acreditavam em anjos, espíritos e ressurreição (At 23.8; Mt 22.23). Nesse caso, o que mais os incomodou não foi a cura do aleijado, e sim o fato de a multidão estar em torno de Pedro e João para aprender sobre a obra redentora de Jesus. Os membros do Sinédrio estavam

> doídos (contrariados, fortemente perturbados, profundamente aborrecidos) porque os apóstolos anunciavam (proclamavam) em Jesus a ressurreição dentre os mortos" (HORTON, 1983, p. 53).

Mensagem Sucinta e Objetiva

Depois de uma terrível noite na prisão, Pedro e João teriam de comparecer ante o concílio supremo que regia as questões religiosas dos judeus (Sinédrio), formado por cerca de 70 membros, quase todos cheios de inveja, que tinham acabado de condenar Jesus de modo injusto (Jo 18.12-24).

Anás, Caifás, João (possivelmente, Jônatas, filho de Anás), Alexandre (líder dos saduceus) e seus pares estavam enfurecidos. Eles não se conformavam com o fato de que haviam matado o Nazareno, líder da "seita" do Caminho, como a Igreja nascente era conhecida (cf. At 19.9,23; 22.4; 24.14), e já havia outro pregando da mesma forma (4.5-6).

E, então, perguntaram aos apóstolos: "Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?" (At 4.7), o que deu a Pedro a oportunidade de iniciar

sua terceira pregação pentecostal. Esta seria uma mensagem rápida, sem muitos pormenores, porém suficiente para enfurecer ainda mais os inimigos do Caminho.

Defesa do Evangelho

Há pouco tempo, Pedro covardemente negara seu Senhor. Agora, corajosamente, demonstrará ter total fidelidade em Jesus Cristo. "Suas palavras não demonstram exibicionismo por parte de um sanguíneo, mas sim uma rendição destemida a um homem condenado" (LAHAYE, 2008, p. 62)

Pedro continua cheio do Espírito Santo (At 4.8). E agora está disposto a tudo, inclusive a morrer por amor ao Senhor, como antes lhe prometera e não cumprira: "Por ti darei a minha vida" (Jo 13.37). E, também: "Ainda que me seja necessário morrer contigo, não te negarei" (Mt 26.35). Convocado para falar em sua defesa e de João, ele faz uma apologia do evangelho, dizendo que fala e age em nome de Jesus, e reitera tanto a acusação aos judeus pela crucificação de Cristo como sua gloriosa ressurreição (At 4.8-10).

Naquele momento, para não inflamar o auditório, o recomendável a Pedro seria evitar qualquer menção direta a Jesus Cristo. Ele, porém, realmente está disposto a morrer por amor ao Senhor e não somente cita o seu nome, como também acusa os membros do Sinédrio de matar o Nazareno. E mais: além de dizer que Deus ressuscitou-o dentre os mortos — mesmo sabendo que uma parte do supremo conselho, os saduceus, sequer acreditava em ressurreição —, apresentou Jesus como a "pedra que os edificadores rejeitaram" (Sl 118.22).

Cristo É a Pedra Rejeitada

O pregador pentecostal sabe que está irritando os membros do Sinédrio, pois havia presenciado a ira dos principais dos sacerdotes e fariseus quando

estes ouviram o Mestre dizer-lhes que Ele próprio é essa Pedra rejeitada (Mt 21.42-46). Mesmo assim, sem medo, esse apóstolo declara: "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.11,12).

Pedro é enfático ao querer dizer que essa Pedra rejeitada, menosprezada, ignorada (cf. 1 Pe 2.4) pelos edificadores, isto é, os judeus, foi posta como pedra angular, referindo-se à ressurreição, ascensão e exaltação de Cristo à destra de Deus Pai (cf. Fp 2.6-11). Por isso, os judeus não precisam esperar a manifestação de nenhum outro Messias. Ele já veio: é o Nazareno. E somente Ele pode salvá-los.

Marcas do Pregador Pentecostal

Os doutores da lei ficam surpresos com o poder de persuasão de Pedro, bem como seu conhecimento das Escrituras. O Sinédrio, que fora informado de que a dupla de apóstolos era iletrada e indouta, minimizou o fato de que Pedro e João haviam sido treinados pelo Mestre dos mestres. No caso do primeiro, em especial, ele tinha algumas marcas que todo pregador pentecostal deve ter.

Chamada e Capacitação do Senhor

Anás, Caifás e seus pares esnobes e pedantes desprezavam a quem não estudava em suas escolas rabínicas, inclusive o próprio Mestre (Jo 7.15), além de não quererem aceitar o fato de que a Escola do Nazareno produzira hábeis oradores, que falavam com autoridade, e não como os escribas (At 4.13; cf. Mc 1.22).

Apesar de todos os avanços nos campos epistemológico e metodológico, os melhores mestres (ensinadores) ainda são os que o Senhor Jesus dá à sua Igreja (Ef 4.11). Pedro foi chamado por Jesus para ser pregador do

evangelho e apóstolo, bem como capacitado para exercer seu ministério (Mt 4.19; Lc 5.10; Mc 3.13-19).

Na verdade, Pedro e João não eram incultos. As pregações do primeiro revelam seu grande conhecimento das Escrituras.

> Eles tinham frequentado as escolas das sinagogas em suas aldeias natais, mas não eram mestres profissionais ou oradores preparados como os escribas e doutores da lei. Os leigos comuns não falavam com tal autoridade (HORTON, 1983, p. 57).

Lembremo-nos de que esses dois apóstolos, juntamente com Tiago, tinham passado por um treinamento especial, o qual tenho chamado de o *Treinamento dos Três*.

Eles também tinham um trunfo. O mendigo que acabara de ser curado estava bem do lado deles, como um testemunho vivo de que o Nazareno havia-o curado (At 4.14). Pedindo para que se retirassem, os membros do Sinédrio entraram em conferência para decidir sobre o que fazer, pois não tinham como negar o milagre que toda a multidão presenciara (vv. 15,16). Eles devem ter dito uns aos outros: "Pensamos que tínhamos acabado com essa seita quando crucificamos aquele Nazareno, e esses homens preparados por ele falam do mesmo modo? E, ainda por cima, fazem milagres!?".

Negando o inegável, não querendo admitir que o Nazareno curara um aleijado de nascença, decidiram, então, ameaçar Pedro e João para que parassem de propagar o nome de Jesus (At 4.17,18). Só que a resposta deles foi ainda mais surpreendente: "[...] Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido" (vv. 19,20).

Nas condenações injustas de Jesus e de Estêvão, o Sinédrio contou o apoio de uma multidão ensandecida; mas, no caso em apreço, o povo estava do lado de Pedro e João. Por isso, seus acusadores só tinham um recurso para tentar calá-los: a ameaça. Como sequer podiam mantê-los presos ou aplicar um castigo sobre eles, tiveram de liberá-los, já que "[...] todos glorificavam a

Deus pelo que acontecera, pois tinha mais de quarenta anos o homem em quem se operara aquele milagre de saúde" (At 4.21,22).

Vida Renovada

Libertos, Pedro e João tinham um grande testemunho para contar aos milhares de membros da Igreja nascente, os quais, diante do que ouviram, em uníssono começaram a clamar ao Senhor (At 4.24-26). Ao que parece, para que a oração fosse unânime, um dos apóstolos deve ter orado, enquanto toda a multidão concordava em espírito. E ela continuou, até que se tornou mais fervorosa (vv. 27-30).

Esse clamor a Deus é uma verdadeira pregação, que confirma as três mensagens do primeiro pregador pentecostal. É bem possível que ele próprio, como líder, tenha conduzido essa grande oração, que resultou em renovação e reavivamento da igreja em Jerusalém: "E, tendo eles orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (At 4.31).

Como o texto grego indica que veio uma nova plenitude do Paráclito sobre todos os crentes e os apóstolos, em especial, o termo "cheios do Espírito" aí, evidentemente, alude ao que falou Paulo em Efésios 5.18. Não se trata, pois, de um novo batismo com o Espírito Santo para quem já havia recebido essa dádiva. Por outro lado, infere-se que muitos dos milhares de novos convertidos foram revestidos de poder naquele dia (cf. At 4.4).

Todos os servos de Deus foram ao mesmo tempo cheios do Espírito Santo para pregar a Palavra de Deus com ousadia e total liberdade — que milagre! Esse episódio foi tão especial que é conhecido como o segundo Pentecostes. O pregador pentecostal estava, portanto, renovado para continuar sua jornada, que só estava começando.

Autoridade

Os servos de Deus uniram-se ainda mais, ajudando uns aos outros, enquanto os apóstolos continuavam pregando o evangelho com grande poder, realizando sinais e prodígios (At 4.32-37; 5.12,13). A comunhão entre os irmãos que estavam reunidos junto ao alpendre de Salomão era tão grande que os mais abastados vendiam propriedades e entregavam o dinheiro aos apóstolos para que estes o administrassem segundo as necessidades da congregação.

Tudo ia muito bem na Igreja nascente, até que um casal (Ananias e Safira), ao vender uma propriedade, resolveu mentir não aos apóstolos, mas ao próprio Espírito Santo. O marido disse a Pedro que tinha vendido um imóvel por um valor inferior ao que realmente tinha recebido. Resultado: Ananias e sua mulher, que confirmou a mentira, foram exemplarmente punidos e caíram mortos diante desse apóstolo, um após o outro, num espaço de três horas. Isso gerou um grande temor entre todos (At 5.1-11).

Chama-nos a atenção as palavras de autoridade de Pedro a Ananias:

> [...] Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus (At 5.3,4).

Isso deixa claro que o Paráclito é tanto uma Pessoa — a quem se pode mentir — como Deus.

Quanto à pergunta "por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade?", ela implica, no grego,

> que o fato não precisava ter acontecido — que Ananias tinha a capacidade de escolha, que poderia evitar o pecado. [...] Na verdade, a referência ao fato de Satanás haver entrado no controle de seu coração [...] pode até sugerir que aquela mentira se tornara uma espécie de obsessão para Ananias (WILLIAMS, 1996, p. 117).

Vigiemos! Exortemo-nos uns aos outros todos os dias para que nenhum de nós tenha o coração endurecido pelo engano do pecado (Hb 3.12-14).

Milagres

O pregador pentecostal, até então, tinha um ministério diferente do de Jesus. Embora esse apóstolo, assim como seu Mestre, ensinasse o povo de Deus, pregasse o evangelho e curasse os enfermos (cf. Mt 4.23), ele ainda fazia isso de modo estacionário em Jerusalém. O Senhor, no entanto, queria que esse apóstolo exercesse seu ministério multifacetado na itinerância, levando o evangelho "até aos confins da terra" (At 1.8).

Enquanto Pedro permaneceu em Jerusalém, o Espírito Santo usou poderosamente sua vida para curar os enfermos. Lucas afirma que

> [...] transportavam os enfermos para as ruas e os punham em leitos e em camilhas, para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados (At 5.15,16).

Muitos Adversários

Quando Paulo estava em Éfeso, afirmou: "uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários" (1 Co 16.9). O mesmo aconteceu antes com Pedro em Jerusalém. Deus usou poderosamente a sua vida, porém permitiu que viessem sobre ele e seus companheiros muitas perseguições.

O sumo sacerdote e os saduceus, inconformados e cheios de inveja, levantaram-se contra eles e conseguiram mandá-los para a prisão pública (At 5.17,18). Dessa vez, Pedro e João nem precisaram comparecer perante o Sinédrio, pois um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere à noite e, "[...] tirando-os para fora, disse: Ide, apresentai-vos no templo e dizei ao povo todas as palavras desta vida. E, ouvindo eles isto, entraram de manhã cedo no templo e ensinavam" (vv. 19-21).

Quando o capitão do Templo ou comandante da guarda — um sacerdote que ocupava o segundo posto na hierarquia, abaixo do sumo sacerdote —, com todos do Sinédrio, reuniram-se para julgar os apóstolos mais uma vez, receberam perplexos a notícia de que não estavam lá, apesar de o cárcere estar bem fechado, com "toda a segurança" e guardas do lado de fora, "diante das portas" (At 5.21-24).

Como se não bastasse isso, foram informados de que Pedro e João já estavam ensinando o povo no Templo como se nada tivesse acontecido (At 5.25). Sem entender o que acontecera, o capitão, acompanhado de seus homens, dirigiu-se a eles para pedir-lhes com toda a educação — pois temiam ser apedrejados pelo povo — que se apresentassem ante o Sinédrio, que estava reunido para julgá-los (vv. 26,27).

Obediência

Pedro e João realmente não tinham o que temer e acompanharam os servidores até a presença de seus acusadores, que lhes disseram: "Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem" (At 5.28). A coragem dos apóstolos deve ter assustado os membros do Sinédrio, que pensavam ter eliminado a nova seita do Caminho quando mataram o Nazareno.

Os Doze, por meio de seu líder e porta-voz, responderam-lhes: "[...] Mais importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5.29). Pedro reafirmou as contundentes verdades das outras pregações: "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro. Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados. E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem" (vv. 30-32).

Companhia do Paráclito

O pregador pentecostal não era desobediente às autoridades, pois ele e João podiam ter-se aproveitado do apoio popular para resistir às ordens de comparecer perante o Sinédrio. Eles, no entanto, foram claros quanto à sua posição de que seriam fiéis ao Cristo ressurreto até a morte caso isso fosse necessário, pois tinham a certeza de que Ele é o Príncipe e Salvador daqueles que se arrependem de seus pecados.

Por outro lado, Pedro e seus companheiros não tinham dúvida de que o Paráclito estava com eles, em cumprimento da promessa que o Senhor Jesus havia-lhes feito: "quando vos conduzirem às sinagogas, aos magistrados e potestades, não estejais solícitos de como ou do que haveis de responder, nem do que haveis de dizer. Porque na mesma hora vos ensinará o Espírito Santo o que vos convenha falar" (Lc 12.11,12; cf. 21.12-15; Mt 10.19).

Agenda na Mão de Deus

A fúria dos inimigos do evangelho aumentava a cada resposta contundente de Pedro, e eles sabiam que só poderiam calar os apóstolos matando-os, uma vez que estes não estavam dispostos a parar de falar do Nazareno (At 5.33). A agenda deles, no entanto, estava nas mãos de Deus, que não permitiria sua morte naquele momento.

Um dos membros do Sinédrio, Gamaliel — mestre do então desconhecido Saulo de Tarso (cf. At 22.3) —, muito respeitado por todos, mandou que os apóstolos fossem levados para fora e, então, fez uma ponderação junto a seus pares. Ele argumentou que seria um exagero condenar à morte os seguidores do Nazareno, pois o próprio Deus estaria encarregado de destruir a nova seita caso ela não o representasse.

Gamaliel citou exemplos de seitas que não subsistiram, como, por exemplo, a de Teudas, que teve uns 400 seguidores, e a de Judas, o galileu, também com muitos adeptos (At 5.34-39). A crucificação do Nazareno fortalecera o Caminho, que já contava com milhares de seguidores. Nesse caso, a morte dos apóstolos tornaria essa "seita" ainda mais forte, pois

transformaria Pedro e João em mártires. Diante dessa constatação, chegou-se a um consenso: libertar os apóstolos logo depois de açoitá-los, proibindo-os, mais uma vez, de pregar o evangelho (v. 40).

Sofrimento por Amor a Cristo

Ainda que tenham acatado o conselho de Gamaliel, os inimigos do evangelho não aceitaram seu argumento, pois, antes de liberar os apóstolos,

> os açoitaram e mandaram mais uma vez que ficassem calados. O número de chibatadas nesses casos, em geral, era 39, número alto o bastante para que, às vezes, o acusado morresse como resultado do açoitamento. Portanto, Pedro e João, embora não tenham sido mortos, foram severamente punidos (GONZÁLEZ, 2011, p. 108).

Mesmo assim, felizes da vida depois de apanharem de forma brutal e sofrerem todo tipo de insultos por amor a Cristo, eles continuaram ensinando e anunciando a Jesus no Templo e nas casas (At 5.41,42). A intervenção de Gamaliel parece ter arrefecido os ânimos dos inimigos do Caminho por algum tempo, e a Igreja nascente, mesmo sob ameaças, continuou crescendo em número.

Viagens Missionárias de Pedro

Depois de certo tempo, Pedro e João passaram a dividir o protagonismo com outros pregadores do evangelho, que, curiosamente, não eram os outros dez apóstolos. Aliás, quase nada destes é mencionado no quinto livro do Novo Testamento, que dá ênfase, por outro lado, à ascensão de dois diáconos cheios do Espírito Santo: Estêvão, o primeiro apologista do evangelho, e Filipe, o evangelista (cf. At 6–8), ambos enfocados na série *Pregadores da Bíblia*.

Falamos muito sobre as expedições missionárias de Paulo, mas quem inaugurou a itinerância apostólica foram Pedro e João. A biografia do primeiro pregador pentecostal, aliás, é tão importante quanto à biografia do

eminente apóstolo e mestre dos gentios, pois há muitas semelhanças entre eles. Se

> Paulo foi [...] cheio do Espírito Santo (At 9.17; 13.9,52), Pedro também o foi antes dele (2.4; 4.8,31). Se Paulo foi chamado para ser apóstolo dos gentios (9.15), Pedro já havia inaugurado um precedente desse ministério quando foi à casa do gentio Cornélio (STRONSTAD, p. 1.692).

Até o fim de Atos 5, esse apóstolo parece ser o líder principal entre os Doze juntamente com João. Entretanto, a partir da instituição do diaconato, nota-se que seu ministério começa a mudar, pois ele sai de cena e só reaparece no fim do capítulo 8, em meio a uma grande perseguição contra a Igreja — que resultou na dispersão de muitos cristãos de Jerusalém (cf. vv. 1-4) —, não mais como o líder, mas, sim, como pregador e ensinador itinerante (vv. 14-25).

Primeira Viagem Missionária de Pedro

Ao fugir de Jerusalém por causa da perseguição, Filipe, o diácono-evangelista, fez um excelente trabalho de evangelização na cidade de Samaria, e os apóstolos resolveram enviar Pedro e João para lá (At 8.14). A essa altura, Tiago, irmão de João, ainda vivo, devia ser o líder principal, já que os outros dois membros do grupo dos Três estavam mais dedicados à evangelização do que à liderança. O fato de Herodes, mais tarde, escolher Tiago "como sua primeira vítima indica que ele estava ativamente envolvido na liderança da igreja" (GONZÁLEZ, 2011, p. 177).

Pedro e João devem ter entendido que, não por acaso, haviam passado por um treinamento específico (cf. Lc 5.10; 8.51; Mt 17.1). O Mestre havia-os capacitado em todos os sentidos para cumprir a Grande Comissão de maneira especial (At 1.8; Mt 28.18-20), o que não os impedia de exercer a liderança, mas na itinerância (como Paulo), e não na presidência. Assim, Pedro empreendeu a sua primeira viagem missionária descendo a Samaria,

onde ele e João oraram pelos novos convertidos, impondo-lhes as mãos para que recebessem o batismo com o Espírito Santo (At 8.15-17).

Samaria, também conhecida como Sebaste, era um lugar que os judeus evitavam por causa de uma inimizade histórica (cf. Ne 4.1,2). Fundada por Onri, rei de Israel, em 880 a.C. aproximadamente, ela tornou-se a capital do Reino do Norte, que se desviou completamente do Senhor, voltando-se à idolatria (1 Rs 16.32; 18.19). Os galileus também não gostavam dos samaritanos, a ponto de evitarem passar por Samaria, "preferindo descer o rio Jordão e chegar a Jerusalém por Jericó. Isso acrescentava 40 Km ao caminho, mas valia a pena se fosse para evitar o azar de passar por Samaria" (WALKER, p. 82).

O Senhor, todavia, não faz acepção de pessoas e, desde o início da Igreja, queria que o evangelho fosse pregado simultaneamente em toda a Judeia e Samaria, como Ele fizera percorrendo as cidades. Jesus ignorou a inimizade entre judeus e samaritanos (cf. Jo 4.9) a ponto de passar por Samaria para evangelizar uma mulher (vv. 1-42), elogiar um leproso dessa cidade (Lc 17.16) e contar uma parábola cujo protagonista é exatamente o "bom samaritano" (10.25-37).

Graças à perseguição permitida pelo Senhor, o evangelho voltou a ser pregado em Samaria, que, finalmente, experimentou o Pentecostes. Ao chegar ali, Pedro e João depararam com muitos milagres e grande alegria por parte dos novos convertidos (At 8.5-8). Mas também havia um problema: a conduta de certo homem chamado Simão, muito influente, uma verdadeira celebridade por causa de suas habilidades com a arte mágica, ao qual os samaritanos chamavam de "o Grande Poder" (v. 10, ARA).

Esse ilusionista, como se supõe, apesar de ter-se convertido — aparentemente —, passou a acompanhar Filipe de maneira a causar-lhe certo desconforto. Embora esse diácono-evangelista fosse um homem cheio do Espírito Santo, nenhum dos neoconversos em Samaria havia recebido o

poder do alto logo após o batismo em água, possivelmente por causa da presença incômoda de Simão.

A intenção desse homem e seu mau caráter tornaram-se evidentes quando ele viu os crentes revestidos de poder logo após a oração dos apóstolos. E implorou a eles, oferecendo-lhes dinheiro (At 8.18): "Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo" (v. 19).

Cheio do Espírito e de zelo, o pregador pentecostal respondeu-lhe o seguinte:

> [...] O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. Tu não tens parte nem sorte nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade e ora a Deus, para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração; pois vejo que estás em fel de amargura e em laço de iniquidade (At 8.20-23).

Simão, o Mago, queria conhecer o poder de Deus e, de fato, conheceu-o, mas não da maneira como pensava. Ele sentiu o peso da mão do Senhor e teria caído morto se não clamasse, arrependido, por misericórdia (At 8.24). Ele quis comprar o dom do Paráclito e deu origem à prática que seria chamada de simonia.

Entre os séculos III e IV,

> um escritor anônimo com muita imaginação escreveu a literatura *pseudoclementina*, na qual Simão, o Mago, é o vilão que vai a todo lugar tentando desfazer o trabalho de Simão Pedro. Durante a Idade Média, os cristãos, que desejavam a reforma da igreja e que lamentavam a prática de comprar e vender posições eclesiásticas, deram a essa prática o nome de "simonia" por causa de Simão, o Mago, que quis comprar o dom do Espírito Santo (GONZÁLEZ, 2011, p. 139).

O embate entre Pedro e Simão, segundo Atos dos Apóstolos, livro inspirado por Deus, terminou ali mesmo em Filipos. Mas, de acordo com o livro apócrifo — muito cômico e fantasioso por sinal — *Memórias*

Apostólicas de Abdias, Simão, o Mago, perseguiu esse apóstolo desde então, travando com ele vários embates até ser morto em Roma. E, como o Mago era um protegido de Nero, este resolveu perseguir e matar o apóstolo Pedro (cf. FARIA, p. 31,51-59).

Segunda Viagem Missionária de Pedro

Assim que cumpriram a missão em Samaria, Pedro e João iniciaram a viagem de retorno ao seu quartel-general em Jerusalém, anunciando o evangelho em muitas aldeias samaritanas (At 8.25). Lucas continua abordando o importante trabalho do diácono-evangelista Filipe (vv. 26-40) e, em seguida, narra a dramática conversão de Saulo de Tarso (9.1-31).

Pedro só vai reaparecer quase no fim de Atos 9, já como um pregador e apóstolo itinerante. É uma nova fase para ele, que viaja "por toda parte" (v. 32). Os primeiros destinos são Lida e Sarona — cidade e planície de Judá respectivamente —, localizadas a cerca de 40 quilômetros de Jerusalém e a 20 quilômetros a sudeste de Jope, lugar para onde ele seguirá posteriormente.

Essa campanha resultou em muitas conversões e milagres, a começar pela cura de um homem que estava paralítico havia oito anos. Pedro disse-lhe: "Eneias, Jesus Cristo te dá saúde; levanta-te e faze a tua cama", e ele levantou-se (At 9.34). Pense na situação de Eneias, cujos nervos estavam atrofiados. Como se levantar da cama depois de tanto tempo? Esse milagre foi tão especial que todos os moradores de Lida e Sarona converteram-se ao Senhor (v. 35).

Outro grande milagre aconteceu em Jope, famosa por ter recebido "as jangadas com as madeiras cortadas no Líbano [...] para a construção do templo de Salomão". Ainda no porto dessa cidade, o profeta Jonas embarcou "em demanda de Társis, quando tentava escapar de Jeová" (DAVIS, p. 699; cf. 2 Cr 2; Jn 1). Ali havia uma discípula do Senhor chamada Tabita (Dorcas),

uma mulher muito dedicada à obra de Deus e que assistia a muitas pessoas (At 9.36,37).

Muito enferma, Dorcas veio a falecer. E, quando Pedro foi avisado disso, não havia mais nada a fazer humanamente falando. O corpo dela já estava preparado para o sepultamento, e o pregador pentecostal deveria passar por ali apenas para deixar uma palavra de conforto aos irmãos (At 9.38). Eles, porém, tinham esperança de que um grande milagre, semelhante ao que ocorrera com Lázaro em Betânia, pudesse acontecer (cf. Jo 11.38-45).

Ao entrar no quarto alto onde puseram o corpo, Pedro deparou com viúvas inconsoláveis, que lhe mostraram as vestes que Dorcas fazia. Ele pôs em prática o que aprendera com Jesus, por ocasião da ressurreição da filha de Jairo (cf. Lc 8.51), e pediu que cessasse a aglomeração no local (At 9.40). Em seguida, "[...] pôs-se de joelhos e orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, assentou-se. E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva" (vv. 40,41).

Esse milagre causou um grande alvoroço em Jope, "e muitos creram no Senhor" (At 9.42). Simão, o pregador pentecostal, que repreendera Simão, o Mago, em Samaria, ficaria muitos dias na casa de Simão, curtidor (v. 43). A ocupação de curtir peles era considerada impura por muitos judeus, pois envolvia o manuseio de animais mortos (cf. Lv 11.39). No entanto, ali mesmo, Pedro terá uma visão de animais impuros, pela qual entenderá que deve evangelizar os gentios (At 10.9-17).

Terceira Viagem Missionária de Pedro

Depois dessa viagem, que foi fundamental para a expansão do cristianismo, chegou-se à conclusão, em Jerusalém, de que o evangelho deveria ser pregado aos gentios. Já há muitos dias em Jope, Pedro parecia estar gostando dali. Deus, todavia, queria que ele continuasse seu trabalho itinerante e fosse para Cesareia marítima, erigida por Herodes, o Grande.

Essa importante cidade não é a Cesareia de Filipe — que homenageia o imperador romano e, também, o famoso filho de Herodes, o Grande, com Cleópatra (Filipe) — onde Pedro declarou que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mc 8.27-29; Mt 16.13-16). Quanto a Cesareia marítima, onde havia um porto, uma

> exploração recente no fundo do oceano [...] recuperou muitos objetos interessantes tais como moedas, jarros, brasões, pregos, que confirmaram relatos de historiadores de que [...] era uma cidade próspera e populosa (TENNEY, p. 227).

Assim como no caso da chamada de Paulo, em que Deus falou com ele e, também, com Ananias, em Damasco (At 9.10-12), mais uma vez o Senhor trabalhou nas duas "pontas". Primeiro, mostrou a Cornélio, um centurião de Cesareia, que deveria ouvir o evangelho por meio de Pedro; depois, revelou a este, em Jope, que deveria ir ao encontro daquele (10.5,17-20). Quando o Espírito Santo, de fato, envia-nos para cumprir a sua vontade, Ele elimina todas as dúvidas e obstáculos.

Cornélio, um cidadão romano — exigência para ser um centurião —, era um homem bom, temente a Deus, que o buscava continuamente (At 10.1,2). Ele era um gentio muito religioso, que acreditava no Deus de Israel, mas que ainda não tinha a certeza da vida eterna, haja vista religião e boas obras não salvarem (Ef 2.8,9).

A salvação do ser humano é operada exclusivamente pela graça salvífica. O pecador precisa dar ouvido à Palavra do Senhor para que a fé seja gerada em seu coração pelo Espírito Santo — que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11) — e possa arrepender-se, recebendo Jesus como seu Salvador (At 11.18; Rm 10.9,10,17). Entretanto, com a história de Cornélio, aprendemos que Deus não está alheio às boas obras dos não salvos.

Numa tarde, enquanto ele orava e jejuava, recebeu a visita de um anjo de Deus, que lhe disse: "[...] As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para

memória diante de Deus. Agora, pois, envia homens a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. Este está com um certo Simão, curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que deves fazer" (At 10.4-6). Em momento algum, o anjo pregou o evangelho ao centurião, mas disse-lhe que deveria chamar a Pedro, "o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa" (11.14).

Anjos de Deus são "espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão de herdar a salvação" (Hb 1.14). Cabe aos salvos em Cristo pregar o evangelho em todo o mundo e fazer discípulos de todos os povos (Mc 16.15; Mt 28.19). Cornélio, então, ao ouvir as diretrizes do anjo do Senhor, enviou três dos seus homens a Jope, que encontrariam Pedro no dia seguinte, ainda tentando descobrir o significado da visão que Deus havia-lhe dado (At 10.7-9).

Por volta do meio-dia, após orar por algum tempo no terraço da casa, Pedro sentiu fome. Porém, antes que lhe servissem a refeição, "[...] sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos, e viu o céu aberto", de onde descia um enorme recipiente, como se fosse uma grande caixa, cheia de animais de todo tipo. "E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro! Mata e come" (At 10.10-13).

Como se tratava de um arrebatamento de sentidos, como se tivesse saído do próprio corpo (cf. 2 Co 12.1-4), Pedro podia interagir com quem lhe falava. E respondeu-lhe: "De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda" (At 10.14). Se ele tinha a certeza de que estava conversando com Jesus, então sua resposta foi absurda, haja vista os termos "Senhor" e "de modo nenhum" serem excludentes nesse caso.

Pedro, no entanto, estava confuso; ele não conseguia entender por que lhe pediria o Senhor para comer animais considerados imundos. De certa forma, ele ainda se sentia preso a práticas do judaísmo, como se estas devessem ser preservadas pela Igreja. O mensageiro de Deus, então, antes

que o vaso voltasse ao céu, disse-lhe por três vezes: "Não faças tu comum ao que Deus purificou" (At 10.15).

Não é a primeira vez que Pedro precisa de uma tripla confirmação para entender a mensagem de Deus. O galo cantou três vezes para que se lembrasse do alerta de Jesus de que o negaria (Mt 26.75). Em sua terceira aparição aos discípulos, o Cristo ressurreto perguntou a Pedro por três vezes se o amava para que ele entendesse seu chamado pastoral (Jo 21.14-17). E, agora, antes de empreender sua terceira viagem missionária, esse apóstolo ouve por três vezes que não deve desprezar o que Deus purificou.

Embora Pedro, aparentemente, houvesse entendido que esses animais representavam os gentios, ele não tinha a absoluta certeza disso, até que os três homens de Cornélio bateram à porta, perguntando por Simão, que tinha por sobrenome Pedro (At 10.16-19). Na mesma hora, o Espírito Santo disse a ele: "Levanta-te, pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei" (v. 20). E estes lhe explicaram por que lhe foram enviados, confirmando sua visão (vv. 21,22).

O fato de Pedro estar em Jope antes de levar o evangelho aos gentios faz-nos lembrar da história do profeta Jonas, que, ali mesmo, em desobediência a Deus, tomou um navio para Társis, em direção oposta a Nínive (Jn 1.2,3). Mas o pregador pentecostal, embora seu verdadeiro nome seja Simão Barjonas, isto é, filho de Jonas (Mt 16.17), não tentou fugir do Senhor.

Formou-se, então, uma comitiva — integrada por Pedro, alguns irmãos de Jope e os três homens de Cornélio —, a qual, no dia seguinte, partiu para Cesareia. E, assim que esse apóstolo chegou ao destino, o centurião, maravilhado, prostrou-se diante dele e adorou-o (At 10.23-25). Pedro, porém, reagiu de imediato: "Levanta-te, que eu também sou homem" (v. 26).

Para surpresa de Pedro, a casa estava cheia para ouvi-lo (At 10.27). E, num primeiro momento, ele demonstra certa má vontade. E declara

> que, de sua perspectiva religiosa, "não é permitido" que ele visite Cornélio, mas que concordou com isso apenas porque teve uma visão na qual Deus lhe dizia

> "que a nenhum homem devo chamar profano ou impuro" — em outras palavras, "se dependesse de mim seria exatamente assim que o chamaria!" (GONZÁLEZ, 2011, p. 164).

Com muita sinceridade, Pedro disse a todos o que pensava sobre os gentios e explicou-lhes que estava ali a contragosto, atendendo uma ordem do Senhor Jesus, pois, até então, acreditava que a salvação eterna era privilégio dos judeus. E, em seguida, perguntou-lhes por que o chamaram (At 10.28,29), e Cornélio começou a contar-lhe tudo o que vira enquanto orava e jejuava (vv. 30-33).

Depois de conversarem e perceberem que seu encontro foi, sem dúvida, preparado por Deus, Cornélio disse a Pedro: "Agora, pois, estamos todos presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado" (At 10.33). Chegou o momento de esse apóstolo apresentar a sua quarta pregação pentecostal — registrada, evidentemente, haja vista ter ele pregado muitas outras vezes —, a qual precedeu o Pentecostes de Cesareia.

Capítulo 7

Linha de Chegada

Também considero justo, enquanto estou neste tabernáculo, despertar-vos com essas lembranças, certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou.
2 Pedro 1.13,14, ARA

Uma das batalhas mais importantes da História foi travada em 490 a.C. na planície de Maratona, a 35 quilômetros de Atenas. Cerca de 10 mil hoplitas (soldados da infantaria ateniense) contiveram, de modo heroico, cerca de 60 mil homens da Pérsia que avançavam sobre o território grego. Estava em jogo a continuidade da civilização ocidental, cuja base está nos valores gregos, que, mais tarde, seriam incorporados pelo Império Romano.

O termo "maratona" deriva dessa batalha histórica. Enquanto o exército principal de Atenas marchava para a cidade de Maratona, onde se concentravam os persas, um soldado "maratonista" chamado Fidípedes correu dezenas de quilômetros até Esparta para pedir reforço e acabou morrendo do coração. A vitória grega tornou possível a existência continuada de uma civilização e uma cultura helenistas distintas, exemplificadas pela Atenas de Péricles nas décadas que se sucederam (LACEY; MURRAY, p. 11-17).

A jornada cristã pode ser comparada a uma maratona (2 Tm 2.3-5). Como competidores ou maratonistas, estamos "rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas" e devemos correr "com paciência a carreira que nos

está proposta, olhando para Jesus" (Hb 12.1,2; cf. 11.32-40). Os apóstolos escolhidos por Jesus, a começar por Pedro, foram os primeiros cristãos a correr essa maratona, e nós entramos na pista também para correr até à linha de chegada e receber o galardão (1 Co 9.15-27; Gl 5.7).

Maratona Apostólica

Em Mateus, a lista dos apóstolos é apresentada na seguinte ordem: "primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu" (10.2-4, ARA). Em Marcos, os quatro primeiros são Pedro, Tiago, João e André; e Mateus (Levi) troca de lugar com Tomé (3.15-19). Em Lucas, mantém-se André como o segundo; e Tadeu (Lebeu) troca de posição com Simão Zelote (6.14-16).

O mesmo Lucas, em seu segundo tratado, Atos dos Apóstolos, altera a ordem de sua primeira relação e apresenta Pedro, João e Tiago como os primeiros, elevando João à segunda posição e passando André para a quarta. Tomé troca de lugar com Bartolomeu, passando do oitavo para o sexto. Com isso, Mateus cai para o oitavo lugar. Quanto a Judas, o traidor, está evidentemente fora dessa lista apostólica final (At 1.13, ARA).

Essas mudanças de posição não ocorrem de modo aleatório. Estamos, de fato, diante de uma maratona apostólica, cujas colocações estão relacionadas com os feitos dos Doze e a consideração que a comunidade cristã tinha para com eles. Vamos, então, antes de retomar a linha do tempo de Pedro, conhecer brevemente cada um desses "competidores" ou "maratonistas", começando pelo último colocado.

Em Último Lugar: Judas Iscariotes

Não é difícil entender por que este é o último colocado em todas as listas apostólicas. A simples menção de seu nome e apelido, Judas Iscariotes (gr.

Ioudas Iskariótes), já desperta em nós uma reação condenatória, uma reprovação instintiva. Conheçamos um pouco melhor esse "maratonista" que até começou bem ao ser escolhido soberanamente por Jesus Cristo para figurar entre os Doze (Mc 3.13,14; Jo 15.16), porém desviou-se, traindo seu Senhor (Mt 26.25,46-48).

Embora Judas seja "um dos doze" (Mc 14.10-20; Lc 22.3; Jo 6.71), seu único feito destacado em Atos dos Apóstolos é o de ter traído o Senhor Jesus (1.15-20). No entanto, como já vimos, esse apóstolo não era uma "figurinha carimbada"; ele correu como todos os outros "competidores" e "se desviou, para ir para seu próprio lugar" (v. 25). Seu apelido, "Iscariotes", é controvertido, e a explicação mais admitida considera-o como homem de *Qeriyyot*, uma referência a seu lugar de origem, próximo a Hebrom (cf. Js 15.25; Am 2.2).

Alguns eruditos interpretam "Iscariotes" como

> uma variante do termo "sicário", em referência ao guerrilheiro armado de punhal, chamado em latim *sica*. Por fim, há quem veja em seu apelido a simples transcrição de uma raiz hebraico-aramaica que significa "aquele que ia entregá-lo" (RATZINGER, 2010, p. 105).

Essa ideia de que esse apelido de Judas significa "aquele que ia entregá-lo", se verdadeira, ajusta-se ao que está escrito em Mateus 10.4; João 6.71; 12.4, etc.

Há uma aparente contradição nas informações sobre o suicídio de Judas (Mt 27.5; At 1.18). F. F. Bruce (1910-1990) observa que a declaração sobre a morte do traidor em Atos dos Apóstolos não é de Pedro, e sim do narrador (Lucas). Trata-se de

> um parêntesis explicativo do autor e não uma parte do discurso original de Pedro, para fazer com que o destino de Judas fosse de conhecimento geral dos crentes de Jerusalém (TENNEY, p. 208; cf. BRUCE, 2017b).

Depois de desviar-se, Judas sentiu grande remorso (arrependimento incompleto) e suicidou-se. Mateus informa que ele "retirou-se e foi-se enforcar". Entretanto, o apóstolo Pedro — ou Lucas, autor de Atos dos Apóstolos — diz que o traidor "adquiriu um campo com o galardão da iniquidade e, precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram". Segundo a tradição latina, esses relatos harmonizam-se: Judas enforcou-se; porém, a corda quebrou, e ele despedaçou-se.

11º. Colocado: Judas Tadeu

Lucas chama esse apóstolo de Judas, filho de Tiago (At 1.13; Lc 6.16). Mateus e Marcos, de Tadeu, possivelmente para evitar a confusão com o Iscariotes (Mt 10.3; Mc 3.18). Daí Judas Tadeu. O catolicismo romano atribui-lhe a Epístola Universal de Judas, ignorando que o autor identifica-se como "servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago" (Jd v. 1). "Boa parte dos estudiosos modernos acham que o Judas dos Doze [Tadeu] e o Judas parente do Senhor não eram a mesma pessoa; a carta é tradicionalmente atribuída a este último" (MCKENZIE, p. 514; cf. Gl 1.19).

Tadeu é um sobrenome de procedência incerta; "explica-se tanto como procedente do aramaico *taddà*', que quer dizer 'peito' e significaria 'magnânimo', ou como abreviação de um nome grego como 'Teodoro', 'Teódoto'" (RATZINGER, 2010, p. 102). Mesmo nos livros apócrifos, há quase nada a respeito de Judas Tadeu — exceto no livro *Memórias Apostólicas de Abdias* (FARIAS, p. 284-304) —, o qual teria sido "crucificado em Edesa, em 72 d.C." (FOX, p. 5).

10º. Colocado: Simão Zelote

Este também era conhecido como Cananeu, que "é uma designação política e não geográfica, como consta no termo grego que Lucas usou para substituir o termo hebraico" (BRUCE, 2007, p. 50). Se ele não pertenceu

> ao movimento nacionalista dos zelotas, caracterizava-se ao menos por um ardente ciúme pela identidade judia, quer dizer, por Deus, seu povo e pela Lei Divina. Se isto é assim, Simão coloca-se na antípoda de Mateus, que, na qualidade de publicano, provinha de uma atividade considerada completamente impura (RATZINGER, 2010, p. 102).

No entanto, tudo indica que Simão era, de fato, antes de ser um dos Doze, membro da seita dos zelotes (zelotas), nacionalistas rigorosos que "formaram um partido em oposição fanática aos romanos. [...] A Galileia foi a sua sede e representava a ala 'esquerda' da política daqueles tempos" (ELLIS, p. 138). O líder dessa seita chamava-se Judas e era conhecido como "o galileu", mesmo título que seria atribuído ao Senhor Jesus (Mt 26.69; At 5.37).

Ao comparar os dois galileus, Simão não deve ter tido dificuldade de entender que estava a caminho da perdição. O Galileu, Jesus Cristo, era um pacificador; o outro, um violento líder de motins. Os meios empregados pelos grupos liderados pelos dois eram tão antagônicos quanto seus próprios objetivos. A missão dos discípulos de Jesus era propor, de modo pacífico, a adesão a um Reino na terra, não nacional, mas universal. Os discípulos de Judas, confiando na espada e no punhal, queriam impor o pensamento de seu líder.

Pouco sabemos a respeito da chamada de Simão Zelote, pois ele só aparece quatro vezes no Novo Testamento, sempre na lista dos Doze. Estamos certos, porém, de que seus atos foram de grande relevância para a Igreja, visto que, além de figurar em todas as relações apostólicas, sobe uma posição — na última, a de Lucas —, trocando de lugar com Judas Tadeu (Mt 10.4; Mc 3.18; Lc 6.15; At 1.13). Simão, possivelmente, "pregou o evangelho na Mauritânia, África, e até na Grã-Bretanha, onde foi crucificado em 74 d.C." (FOX, p. 5).

9º. Colocado: Tiago de Alfeu

Teólogos católicos têm vinculado esse apóstolo a Tiago, o menor (Mc 15.40). E, a partir dessa associação, dizem que ele é um dos parentes de Jesus (cf. Mt 13.55; Mc 6.3). Nesse caso, os irmãos de Jesus seriam, na verdade, primos, e não filhos da mesma mãe. Para o catolicismo, defender essa ideia é interessante, pois reforça a doutrina romanista de que Maria permaneceu sempre virgem, mesmo depois de Jesus ter nascido.

Entretanto, Tiago, irmão do Senhor — autor da epístola que leva seu nome e que presidiu o primeiro concílio da Igreja em Jerusalém (At 15) —, e o filho de Alfeu não podem ser a mesma pessoa. O primeiro é, mesmo, irmão de Jesus, filho de Maria, o qual não cria no Senhor inicialmente (Jo 7.3-5). Como se supõe,

> a aparição de Jesus a ele, mencionada em 1 Coríntios 15.7, foi o momento de sua conversão. Ele aparece no livro de Atos, depois da morte do apóstolo Tiago, filho de Zebedeu, como o líder da igreja de Jerusalém [...] e é quase que certamente o autor da carta que traz o seu nome (LOPES, 2014, p. 102).

O irmão do Senhor teria vivido até os 99 anos, sendo o penúltimo apóstolo a morrer, "espancado e apedrejado pelos judeus que, finalmente, abriram-lhe o crânio com um garrote". Portanto, associar esses dois apóstolos chamados de Tiago — o filho de Alfeu e o irmão de Jesus —como se fossem a mesma pessoa "é muito duvidoso e concorda em demasia com a superstição católica de que Maria jamais teve outros filhos além de Jesus" (FOX, p. 4).

8º. Colocado: Mateus

Este também aparece em todas as listas dos eleitos por Jesus Cristo. Ele próprio apresenta-se como o oitavo entre os Doze (Mt 10.3), enquanto os outros sinóticos colocam-no como sétimo (Mc 3.18; Lc 6.15). Lucas, porém, revisando seu *ranking* em Atos dos Apóstolos, põe Mateus como o oitavo mesmo (1.13). O que isso pode significar? Que Mateus era humilde e conhecia seu lugar entre os Doze.

Mesmo podendo alterar a ordem — uma vez que existe grande possibilidade de ele ter escrito seu Evangelho depois de, pelo menos, um dos outros dois sinóticos —, Mateus escolhe manter-se em oitavo lugar, à frente apenas de Tiago, filho de Alfeu (que aparece em nono lugar em todas as listas), Judas Tadeu, Simão Zelote (estes alternam entre o décimo e o penúltimo) e de Judas Iscariotes.

Ao falar de si mesmo, Mateus, conhecido como Levi (Lc 5.27-30), emprega o qualificativo "publicano" ou "cobrador de impostos" (Mt 10.3), uma das profissões mais malvistas nos tempos neotestamentários (5.46; Lc 19.2; 18.11). Nos Evangelhos, o termo "publicano" é sinônimo de "pecador" (cf. Lc 15.1; Mt 9.10; 21.31). Por isso, quando Jesus convidou Mateus para ser um dos seus discípulos e formar o colégio apostólico, demonstrou que não faz acepção de pessoas.

Ele chamou Pedro, André, Tiago e João enquanto pescavam, e Mateus, quando este cobrava impostos. À época, nada era mais comum que a pesca, e nada mais odioso que arrecadar tributos. Para os judeus, um publicano, além de manejar dinheiro considerado impuro, contribuía para a continuidade da exploração por parte de uma autoridade estrangeira egoísta, que fixava tributos de modo arbitrário. A partir do momento em que Mateus começou a seguir Jesus, deixou tudo, pois entendeu que não poderia continuar com atividades que Deus e a sociedade desaprovavam (Mt 9.9).

Enquanto o Mestre estava à mesa na casa de Mateus numa certa ocasião, os fariseus mostraram-se incomodados com isso, e Ele respondeu-lhes: "[...] Não necessitam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento" (Lc 5.31,32). A Igreja de Cristo é inclusiva; e alegramo-nos ao constatar "que Simão, o zelote, e Mateus, o publicano, homens de posições opostas, estivessem juntos e em comunhão naquele pequeno grupo de doze pessoas" (BRUCE, 2007, p. 51).

Mateus realizou atos muito relevantes, apesar de estes não serem mencionados em Atos dos Apóstolos, que dá mais destaque para Pedro e Paulo. A maior contribuição desse "competidor", sem dúvida, foi ter escrito o Evangelho de Mateus. Segundo alguns historiadores, ele teria trabalhado em Pártia e Etiópia, onde "foi também o cenário do seu martírio; foi assassinado com uma alabarda na cidade de Nadaba, no ano 60 d.C." (FOX, p. 3).

7º. Colocado: Bartolomeu

Seu nome é um patronímico aramaico que faz referência ao nome do pai, Tolmai ou Talmai (hb. *talmay*). Não há muitas notícias sobre Bartolomeu no Novo Testamento, apesar de ele sempre aparecer à frente de Mateus. Tradicionalmente, é identificado com Natanael de Caná, que aparece com os outros apóstolos (Jo 21.2). Natanael, portanto, seria outro nome de Bartolomeu, que teria testemunhado o grande sinal realizado pelo Senhor em Caná da Galileia (2.1-11).

Essa identificação do Bartolomeu dos sinóticos e Atos dos Apóstolos com o Natanael do Evangelho de João deve-se principalmente ao fato de ambos os nomes aparecerem ao lado de Filipe (Mc 3.16-19; Lc 6.13-16; Jo 1.45). Em Mateus 10.2-4, em que os Doze são agrupados em seis duplas, Filipe e Bartolomeu estão juntos. O primeiro falou a Natanael (Bartolomeu?) sobre Jesus de Nazaré e ouviu dele um julgamento preconceituoso: "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" (Jo 1.46). Conforme as expectativas judaicas, o Messias não poderia advir desse povoado tão obscuro e marginalizado (7.42).

Essa pergunta desdenhosa, no entanto, ensejou a famosa resposta de Filipe: "Vem e vê" (Jo 1.46), a qual, outrora, fora empregada pelo próprio Senhor (vv. 38,39) e seria posteriormente usada pela mulher samaritana (4.29-42) e célebres evangelistas ao longo dos séculos. Natanael atendeu ao convite de Filipe e foi a Jesus, que, ao vê-lo, se antecipou e disse: "Eis aqui

um verdadeiro israelita, em quem não há dolo" (1.47), um elogio que despertou a curiosidade desse discípulo (v. 48).

O Mestre, então, disse a Natanael que o vira embaixo da figueira, revelação que tocou o coração desse discípulo (Jo 1.49). Por que mudou de opinião tão rapidamente? Antes, ele duvidara de que algo de bom poderia vir de Nazaré. Agora, chama-o de Filho de Deus! O Senhor não perdeu a oportunidade e respondeu-lhe: "Porque te disse: vi-te debaixo da figueira, crês? Coisas maiores do que estas verás" (v. 50).

De acordo com o historiador Eusébio (século IV),

> um certo Panteno encontrou sinais da presença de Bartolomeu nem mais nem menos que na Índia [...]. Na tradição posterior, a partir da Idade Média, surgiu o relato de sua morte por esfoladura, que logo se tornou muito popular (RATZINGER, 2010, p. 99-100).

Ele teria, ainda, pregado

> em vários países e, ao traduzir o Evangelho de Mateus para um dos idiomas da Índia, propagou-o nesse país. Por último, foi cruelmente açoitado e crucificado pelos conturbados idólatras (FOX, p. 5).

6º. Colocado: Tomé

Por causa da conduta desse apóstolo logo após a ressurreição do Senhor, seu nome tem sido associado à incredulidade. Tomé (hb. *ta'am*), porém, significa "gêmeo" ou "emparelhado", tendo como correspondente grego o apelido Dídimo (*Dídymos*, "gêmeo"). Como se supõe, ele tinha uma irmã gêmea chamada Lídia, mas existe "também uma tradição que (nesciamente) o faz irmão gêmeo de Jesus. Tal tradição é preservada no livro apócrifo de Atos de Tomé" (ROHDEN, p. 155). Alguns traços significativos da personalidade desse eminente apóstolo podem ser encontrados no Evangelho de João (11.16; 20.24; 21.2).

Pessimista e cético à primeira vista, ele era, na verdade, "um homem de coração terno, mas de temperamento melancólico, pronto para morrer por

seu Senhor, mas lento para crer em sua ressurreição" (BRUCE, 2007, p. 48-49). Quando o Mestre decidiu ir a Betânia para ressuscitar a Lázaro, o Dídimo reagiu: "Vamos nós também, para morrermos com ele" (Jo 11.16). Embora pudesse estar temeroso quanto ao que poderia acontecer ao Mestre — sabendo que se aproximaria de Jerusalém, onde queriam matá-lo —, Tomé tinha a certeza de que Jesus viera ao mundo para morrer. E, nesse caso, estava determinado a segui-lo até a morte.

Em nome desse apóstolo, foram escritos o *Evangelho* e os *Atos de Tomé*, ambos apócrifos. O primeiro, muito contraditório, apresenta um "outro Jesus", gnóstico e revolucionário (FARIA, p. 24). Supõe-se, com base nos escritos de Orígenes (185-254) e Eusébio de Cesareia (263-339), que Tomé teria evangelizado a Síria, a Pérsia e a Índia, "onde, ao provocar a ira dos sacerdotes pagãos, morreu atravessado com uma lança" (FOX, p. 5). Clemente de Alexandria (150-215), no entanto, afirma "que ele sofreu morte natural" (ROHDEN, p. 149).

Nos Evangelhos, Tomé aparece pela última vez entre os apóstolos Pedro, Natanael (Bartolomeu?), João, Tiago e outros dois discípulos (Jo 21.2). Nessa passagem, ele é mencionado por João no momento seguinte à pesca milagrosa no lago de Tiberíades, logo depois de Simão Pedro, o líder dos Doze. Trata-se de um "sinal evidente da notável importância de que gozava entre as primeiras comunidades cristãs" (RATZINGER, 2010, p. 95).

5º. Colocado: Filipe

A melhor palavra para definir esse apóstolo é "estabilidade". Na maratona apostólica, somente quatro mantiveram sua posição do começo ao fim: Pedro, sempre na liderança; Tiago de Alfeu, em nono lugar; Filipe, em quinto; e Judas Iscariotes, o grande perdedor. Embora Filipe fosse de origem hebraica, seu nome é grego (*Phílippos*, "amante de cavalos"). Não o confunda com o diácono-evangelista de mesmo nome, que era um judeu

helenista, assim como os outros seis diáconos eleitos para servir às mesas (At 6.5; 8.5-40).

Dentre todas as informações canônicas sobre o apóstolo Filipe, as que melhor o descrevem estão no Evangelho de João (1.43-48; 6.5-7; 12.21,22; 14.8,9). Ele era da mesma cidade onde nasceram os irmãos Pedro e André, Betsaida, uma pequena cidade pertencente à tetrarquia de um dos filhos de Herodes, o Grande (Jo 1.44; cf. Lc 3.1). Ao ser chamado por Jesus, como já vimos, esse apóstolo também convidou Natanael (Bartolomeu?) para irem juntos ao encontro do Messias, usando a frase: "Vem e vê" (Jo 1.46).

O apóstolo Filipe era tão próximo do Mestre que alguns gregos, em visita a Jerusalém, disseram-lhe: "Senhor, queríamos ver a Jesus" (Jo 12.21). Muitos, hoje, são contrários à hierarquia e dizem que ninguém deve obedecer a pastores ou líderes nas igrejas locais, mas somente a Cristo. Veja, porém, o que aconteceu: "Filipe foi dizê-lo a André, e, então, André e Filipe o disseram a Jesus" (v. 22). Por que ele não foi direto a Jesus? Porque respeitava a posição de André.

Esse episódio reforça não somente a ideia de que Filipe tinha grande prestígio entre os Doze, como também a de que ele falava bem o grego e servia de intérprete. E o principal: ensina-nos que Deus chamou-nos para sermos intermediários entre os pecadores e Jesus Cristo, o único Mediador entre Deus e os homens (1 Tm 2.5). Nós pregamos o evangelho às pessoas; porém, a resposta quanto à salvação vem da parte do Senhor (At 10.44).

Filipe, como se supõe, teria trabalhado na Grécia e na Frígia, vindo a morrer como mártir em Hierápolis (Heliópolis). Não há consenso sobre seu martírio. Ele pode ter sido apedrejado da mesma forma que o protomártir da Igreja, Estêvão, ou crucificado, como seu Senhor, como acredita o célebre John Fox (1517-1587): "Foi açoitado, lançado no cárcere e depois crucificado em 54 d.C." (FOX, p. 3).

4º. Colocado: André

Na maratona apostólica, André troca de posição com os irmãos Tiago e João (Mc 3.16-19; Mt 10.2-4; Lc 6.13-16), figurando em quarto lugar no último *ranking* (At 1.13). Seu nome não é judeu, e sim grego; isso indica que sua família tinha certa abertura para a cultura helenística. Possivelmente, ele e o apóstolo Filipe tiveram importante papel no "ministério cotidiano" destinado às viúvas helenistas, até que este se mostrou ineficaz, sendo necessária a instituição do diaconato (6.1-5).

André estava com seu irmão, Pedro, quando o Senhor convidou-os para serem pescadores de homens (Mt 4.18,19; Mc 1.16,17). Mas, antes disso, há um acontecimento que só João menciona: André, inicialmente, era discípulo de João Batista e já estava, antes de Pedro, buscando conhecer melhor a Palavra de Deus. Ou seja, ele já era um homem de fé quando ouviu o Batista dizer: "Eis aqui o Cordeiro de Deus" (Jo 1.36).

Quando André encontrou-se com o Senhor juntamente com outro discípulo do precursor de Cristo, ambos foram convidados para ir à sua casa (Jo 1.37-40). Convencido de que Jesus era o Cristo após preciosos momentos de intimidade com Ele, esse apóstolo disse a Pedro: "Achamos o Messias" (v. 41). Em seguida, levou-o a Jesus, que imediatamente lhe disse: "[...] Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)" (v. 42).

André foi o primeiro dos Doze a converter-se a Cristo e, por isso, "a liturgia da Igreja bizantina honra-o com o título de *Protóklitos*, que significa justamente 'o primeiro chamado'" (RATZINGER, 2010, p. 57). Após sua conversão, ele reaparece na multiplicação de pães e peixes, na Galileia, quando avisou o Mestre da presença de uma criança que tinha cinco pães de cevada e dois peixes (Jo 6.8,9).

Em outra ocasião, em Jerusalém, um discípulo mostrou ao Senhor as muralhas poderosas que sustentavam o Templo e ouviu a resposta de que não ficaria pedra sobre pedra (Mc 13.2). André, então, juntamente com Pedro, Tiago e João (v. 3), perguntaram-lhe: "[...] quando serão essas coisas e

que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?" (Mt 24.3). Por causa dessa pergunta tripartida, Jesus apresentou a eles e a nós, por extensão, uma explicação detalhada dos acontecimentos escatológicos (cf. Mc 13; Lc 21.5-36; Mt 24–25).

Pouco antes da Páscoa, na semana em que o Senhor morreria por nossos pecados, alguns gregos, como vimos, chegaram a Jerusalém para adorar o Deus de Israel. André e Filipe, então, serviam como intermediários e, possivelmente, intérpretes desse grupo, que desejava ver a Jesus (Jo 12.20-22). Quando esses dois apóstolos levaram isso ao conhecimento do Mestre, Ele respondeu-lhes: "É chegada a hora em que o Filho do Homem há de ser glorificado" (v. 23).

Em seguida, apresentou-lhes uma analogia: "Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto" (Jo 12.24). O que Jesus quis ensinar com isso? Os gregos queriam vê-lo por mera curiosidade; Ele, porém, referiu-se à sua morte — comparada ao grão de trigo que cai ao solo —, depois da qual seria glorificado pelo Pai ao ressuscitar, e todos os povos poderiam vê-lo e recebê-lo como o Pão da vida, que desceu do céu (cf. 6.35-51).

De acordo com algumas tradições antigas, André não apenas foi um intérprete para os helenistas; ele tornou-se o "apóstolo dos gregos"; não confunda esse título com apóstolo dos gentios", conferido a Paulo (Rm 11.13). Como tal, André

> pregou o evangelho a muitas nações da Ásia. Ao chegar, porém, a Edesa, foi preso e crucificado. As extremidades de sua cruz foram fixadas transversalmente no solo. Daí a origem do nome Cruz de Santo André (FOX, p. 4).

3º. Colocado: Tiago, Irmão de João

Seu nome (gr. *Iákobos*) equivale ao do célebre patriarca Jacó. Alguns teólogos chamam-no de Tiago Maior para evitar a confusão com Tiago de Alfeu e Tiago, irmão do Senhor, os quais, segundo o catolicismo romano —

equivocadamente —, são a mesma pessoa, a quem chamam de Tiago Menor. A rigor, são três os apóstolos identificados pelo nome de Tiago no Novo Testamento. Além dos dois escolhidos diretamente por Jesus (At 1.13), Paulo também identifica o irmão do Senhor como apóstolo (Gl 1.19).

Tiago, irmão de João e filho de Zebedeu, era um dos três apóstolos mais próximos do Senhor (Mc 5.37; 13.3). Lucas coloca-o em terceiro lugar depois de João (At 1.13; Lc 8.51), mas essa ordem, que está correta em grego (*Pétron kai Ioánnen kai Iákobon*), só pode ser percebida em língua portuguesa na versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), exceto em Lucas 9.28.

Ao lado de Pedro e João, Tiago viu Jesus transfigurar-se e acompanhou seus momentos de agonia (Mt 17.1; Mc 14.33). Ele experimentou a glória do Senhor num instante e contemplou seu sofrimento até a morte em outro. Essa

> segunda experiência constituiu para ele uma ocasião para amadurecer a sua fé, para corrigir a interpretação unilateral, triunfalista, da primeira: ele teve de compreender que o Messias, esperado pelo povo judeu como um triunfador, na verdade não estava rodeado de honras e glória, mas também de tormentos e fraquezas (RATZINGER, 2010, p. 63).

Depois dessas experiências marcantes, Tiago estava pronto para seu principal ato: ser o primeiro mártir dentre os apóstolos. Clemente de Alexandria diz que, pouco antes de sua morte, seu acusador arrependeu-se. E,

> caindo-lhe aos pés, pediu perdão e confessou-se cristão, decidindo ainda que o apóstolo não receberia sozinho a coroa do martírio. Juntos, foram decapitados. Assim, Tiago, o primeiro mártir apostólico, recebeu, decidido e bem-disposto, aquele cálice que afirmara ele ao nosso Salvador estava pronto a beber. [...] Esses acontecimentos ocorreram em 44 d.C. (FOX, p. 3).

2º. Colocado: João

Esse apóstolo estava consertando as redes de pescador às margens do lago de Tiberíades quando o Mestre convidou-o para juntar-se ao grupo de pescadores de homens (Mt 4.18-21; cf. Mc 1.19). Ele não só passou a fazer parte dos Doze, como também se tornou, em pouco tempo, o discípulo mais próximo de Jesus dentre os Três. João, que, em Atos dos Apóstolos, aparece como companheiro de Pedro, é o teólogo que escreveu o quarto Evangelho, três Epístolas e o Apocalipse.

Quase sempre ao lado de Pedro, João ocupa posição de destaque entre os Doze. Sua mãe, certa vez, possivelmente incomodada com o espírito de liderança de Pedro, pediu ao Senhor que seus dois filhos, Tiago e João, ficassem sentados ao seu lado, um à esquerda e outro à direita, em seu Reino (Mt 20.20,21). A resposta do Mestre a esse estranho pedido foi uma pergunta aos dois irmãos: "[...] podeis vós beber o cálice que eu hei de beber e ser batizados com o batismo com que eu sou batizado?". E eles, sem pensar, responderam: "Podemos" (v. 22).

O Mestre, na verdade, queria abrir-lhes os olhos naquele momento, pois eles pensavam, de maneira triunfalista, que a vida cristã era um mar de rosas. Jesus anteviu que eles, se permanecessem como seus apóstolos, inevitavelmente seriam suas testemunhas até o martírio, a prova suprema do sangue. Por isso, mais adiante, Ele disse que não viera para ser servido, e sim para servir, dando a sua vida em lugar de muitos (Mt 20.28).

Conquanto, na maratona apostólica, Pedro tenha maior destaque entre os Doze, especialmente por causa de sua liderança e pregação pentecostal, João, provavelmente, em termos de comunhão com Deus e constância na fé, tenha alcançado a proeminência. Na verdade, a partir da ressurreição do Senhor e do dia de Pentecostes, João entendeu definitivamente qual era o seu chamado e não quis ocupar a posição de líder principal entre os apóstolos.

Depois da morte de Pedro, o ministério de João parece ter tomado outro rumo. Ele viveu muito tempo como o segundo, ao lado de um homem intrépido que o completava. Isso também acontece conosco quando

perdemos um grande referencial. Imaginemos como se sentiram os apóstolos quando Jesus morreu. Eles, no entanto, estavam equivocados, já que Cristo, além de ter ressuscitado, enviar-lhes-ia o outro Consolador, o Paráclito, para estar ao seu lado e dentro de seus corações (Jo 14.17).

Pensemos agora na angústia de João quando soube da morte de Pedro. Deve ter sido muito difícil, mas foi um recomeço para ele, que progrediu muito como estudioso das Escrituras, a ponto de ser conhecido como "o teólogo", alguém capaz de falar em termos muito acessíveis a respeito das coisas divinas. Ele é o autor de cinco livros do Novo Testamento. Que profundidade — especialmente cristológica, paracletológica e escatológica — encontramos em seus escritos!

João também foi pastor em Éfeso, importante cidade da província da Ásia, onde o apóstolo Paulo fizera uma grande obra para Deus durante três anos (cf. At 19–20). Após trabalhar incansavelmente na própria igreja de Éfeso e em outras fundadas pelo apóstolo dos gentios, como as de Esmirna, Pérgamo, Sardes, Filadélfia, Laodiceia e Tiatira, João teria ido a Roma, onde tentaram matá-lo.

Segundo algumas fontes, João, o último dos apóstolos a morrer, por volta do ano 100 d.C.,

> foi jogado num caldeirão de óleo fervente, de onde escapou, milagrosamente, sem dano algum. Domiciano exilou-o na ilha de Patmos, onde escreveu o livro de Apocalipse. Nerva, o sucessor de Domiciano, libertou-o. Dentre todos os apóstolos, foi o único a ter morte natural (FOX, p. 6).

E, em Primeiro Lugar...

Recapitulando, Judas Iscariotes, o traidor, fica com a última colocação. Em décima-primeira, décima e nona, trocando de posição ao longo de toda a corrida, Judas Tadeu, Simão Zelote e Tiago de Alfeu. Em oitavo, sétimo e sexto lugares, quase empatados, palmo a palmo, cabeça a cabeça, Mateus, Bartolomeu e Tomé. Em quinto, Filipe, sempre estável, sem alcançar os quatro favoritos para ganhar a maratona, mas também sem sofrer ameaça

real dos que vêm logo atrás. André, sempre entre os melhores, chega na quarta posição por causa da grande corrida dos irmãos Boanerges. Em terceiro, Tiago de Zebedeu, que correu muito bem e muito se destacou ao longo de toda a prova, ganha o prêmio "Protomártir dos Apóstolos". Em segundo, como um legítimo "filho do trovão" (cf. Mc 3.17), João, que deu uma arrancada incrível na última volta. Na linha de chegada, em primeiro lugar — depois que o Treinador corrigiu sua postura —, temos o pescador Simão Pedro. Quem diria!

Bem, no fim deste capítulo, voltarei a falar sobre essa importante maratona apostólica. Retomemos, agora, a linha do tempo do primeiro pregador pentecostal, o qual está na casa de Cornélio, em Cesareia, pronto para pregar o seu quarto sermão (registrado em Atos dos Apóstolos). No dia de Pentecostes, ele pregou aos judeus logo depois do derramamento inaugural do poder do Espírito Santo. Agora, pregará aos gentios e, antes que conclua sua prédica, algo surpreendente acontecerá.

Quarta Pregação Pentecostal

Deus trata todas as pessoas de modo igual; Ele não as julga com base em aspectos como nacionalidade, sexo ou condição social (Ef 2.11-13). A conversa prévia com o centurião Cornélio, em Cesareia, parece ter ajudado o apóstolo Pedro a entender, de uma vez por todas, o significado da visão que tivera em Jope (At 10.24-33).

Ele outrora disse que não era lícito ajuntar-se a estrangeiros (At 10.28), mas agora começa seu quarto sermão pentecostal afirmando que reconhece, "por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo" (vv. 34,35).

Mensagem Simples e Direta

O pregador pentecostal parece ter percebido que seu auditório está sedento, disposto a receber Jesus como Salvador e Senhor. E, por isso, adota uma

linguagem adequada ao seu público, diferente da empregada diante dos judeus em Jerusalém. Num primeiro momento, ele sequer cita as Escrituras hebraicas (Antigo Testamento), preferindo discorrer sobre a palavra de paz anunciada por meio de Jesus Cristo, o Senhor de todos (At 10.36).

Pedro considera desnecessário recorrer a profecias messiânicas para convencer seus ouvintes gentios de que Jesus é o Cristo. Na verdade, quem exigia esse tipo de comprovação eram os judeus. Quanto aos estrangeiros, precisavam tão somente entender que Jesus é o Salvador do mundo (cf. Jo 4.42).

Todo pregador deve conhecer o seu auditório, de modo geral, para que suas palavras sejam inteligíveis. Li, certa vez, a respeito de um missionário que foi ao Japão e "disse com ar solene: 'Venho a vocês em nome do Deus de Abraão, Isaque e Jacó'. O seu intérprete falou e falou muito tempo. O pregador cochichou-lhe: 'Eu não falei tanto assim!' O intérprete disse então que estava explicando quem foi Abraão, Isaque e Jacó" (SAINT, p. 75). Risos.

Jesus Andou Fazendo o Bem

Pedro dá destaque para o ministério itinerante de Jesus de Nazaré. Após ser batizado por João Batista e ungido por Deus com o Espírito Santo e com poder, o Mestre anunciou a Palavra de Deus a muitos, andando "por toda a Judeia, começando pela Galileia, [...] fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele. E nós somos testemunhas de todas as coisas que fez, tanto na terra da Judeia como em Jerusalém" (At 10.37-39).

Jesus exerceu seu ministério na itinerância e de modo tripartido. Ele começou percorrendo a Galileia, "ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo" (Mt 4.23). Pedro, que também foi ungido com o Espírito Santo e seguidor das pisadas do Mestre (cf. 1 Pe 2.21), dá ênfase para o ministério de Cristo antes de mencionar sua obra redentora. Cornélio, que se preocupava

com o próximo, certamente se alegrou ao saber que Jesus "andou fazendo o bem [...] porque Deus era com ele" (At 10.38).

Jesus Morreu, Ressuscitou e Voltará

O Senhor cumpriu seu tríplice ministério até que o

> mataram, pendurando-o num madeiro. A este ressuscitou Deus ao terceiro dia e fez que se manifestasse, não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos. E nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos (At 10.39-42).

Em poucas palavras, Pedro deixa Cornélio e sua casa a par do que significa o evangelho. Cristo morreu na cruz e ressuscitou ao terceiro dia segundo as Escrituras (1 Co 15.3,4), mandou-nos cumprir a Grande Comissão (At 1.7,8) e, em breve, "há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino" (2 Tm 4.1).

O pregador pentecostal conclui enfatizando a necessidade de arrepender-se dos pecados: "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele creem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome" (v. 43). Crer em Jesus, aqui, abarca o arrependimento, já que essas duas ações humanas para recebimento da salvação estão casadas (Mc 1.15; Rm 10.9,10). Ou seja, quem crê precisa converter-se para que não lhe aconteça o que Jesus ensinou na parábola do semeador: "[...] depois, vem o diabo e tira-lhes do coração a palavra, para que se não salvem, crendo" (Lc 8.12).

Pedro não era um pregador malabarista ou animador de auditório; ele não investia seu precioso tempo no que visava exclusivamente a agradar ao público. Seu alvo era apresentar Cristo aos pecadores. Ele simplesmente expunha a Palavra de Deus com a certeza de que o Espírito Santo faria a sua parte, convencendo o pecador do seu pecado para que este, ao arrepender-se, pudesse receber de Cristo a salvação e o dom do Paráclito (cf. At 2.37-

40). Ele não se valia de mecanicismo; suas pregações nunca terminavam da mesma forma.

Em Cesareia, algo inédito aconteceu: o pregador pentecostal não conseguiu concluir seu sermão, pois

> [...] caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus (At 10.44-46).

Pentecostes em Cesareia

Enquanto Pedro ainda pregava, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam atentamente a Palavra. O verbo "derramar" (At 10.45) estabelece uma conexão entre o Pentecostes de Cesareia e o de Jerusalém, pois os gentios batizados com o Espírito Santo também falaram em línguas de maneira sobrenatural, glorificando a Deus. Nesses dois derramamentos de poder, houve plena sintonia entre a Palavra do Senhor e a manifestação multifacetada do Paráclito.

Após o Pentecostes de Jerusalém, Pedro afirmou que o fato de os salvos falarem os idiomas dos representantes de várias nações era o cumprimento do "que foi dito pelo profeta Joel" e citou as Escrituras (At 2.16-21). Antes do Pentecostes de Cesareia, esse mesmo apóstolo ainda estava expondo as Escrituras (10.43,44) quando todos foram cheios do Espírito e começaram a "falar em línguas e magnificar a Deus" (v. 46). Precisamos confiar mais no poder da Palavra viva e eficaz (Hb 4.12).

Entretanto, diferentemente do ocorrido após o derramamento de poder inaugural, os novos convertidos de Cesareia receberam o dom do Paráclito antes do batismo em água (cf. At 2.38). Essa inversão é possível; o que é inviável é uma pessoa ser revestida de poder antes de ser salva. Pedro foi claro quando disse ao Sinédrio que Deus dá o Espírito Santo "àqueles que lhe obedecem" (At 5.32). E o Senhor Jesus, em seu último sermão antes da

cruz, declarou que o mundo não pode receber o Espírito da verdade (Jo 14.17).

Pedro, então, vendo que seus companheiros da circuncisão — isto é, os que ainda estavam presos ao judaísmo — admiraram-se de ver os gentios sendo batizados com o Espírito Santo e falando em línguas, respondeu-lhes: "Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o Espírito Santo?" (At 10.47).

Mais uma vez, houve três batismos, com três batizadores diferentes. O primeiro foi efetuado pelo Paráclito, que tornou os gentios membros do Corpo de Cristo (cf. 1 Co 12.13). O segundo, pelo Senhor Jesus, que os batizou com Espírito Santo e com fogo (cf. Mt 3.11). E o terceiro, por Pedro e seus companheiros, por meio do qual os neoconversos foram recebidos como membros da igreja local (At 10.48; cf. 2.41).

O Pentecostes de Jerusalém veio primeiro sobre algumas dezenas de salvos — inclusive os apóstolos — e, em seguida, sobre milhares de novos convertidos. Já o de Cesareia veio sobre poucas pessoas, as que couberam dentro da casa de Cornélio. Deus não derrama seu Espírito apenas sobre multidões, mas também sobre aqueles que se convertem de verdade (At 3.19). O Pentecostes pode vir até sobre uma única pessoa, como aconteceu com Saulo de Tarso em Damasco (9.17,18; cf. 1 Co 14.18).

Perda do Protagonismo em Jerusalém

Pedro, certamente, estava feliz com o ocorrido na casa de Cornélio. Este e os seus, por sua vez, radiantes, rogaram-lhe "que ficasse com eles por alguns dias" (At 10.48), mas logo chegou à igreja-mãe a notícia de que esse apóstolo "desviara-se" da doutrina "apostólica"! Ele deixou-se levar, supostamente, pelas emoções e, além de comer na casa de homens incircuncisos, pregou a eles o evangelho! E não somente isso. Disseram em Jerusalém que os gentios pensavam ter recebido o dom do Espírito Santo!

O pregador pentecostal destacou-se como o principal líder entre os Doze imediatamente após a ascensão do Senhor e conservou essa posição nos primeiros anos da Igreja nascente. Entretanto, a partir de Atos 11 — talvez como consequência de seu ministério itinerante —, nota-se que ele já não tinha o mesmo prestígio junto ao colégio apostólico. Aquele que outrora presidia reuniões (1.15) agora se senta diante de Tiago, João e os demais apóstolos para explicar-se, como se tivesse cometido um grande erro ao pregar o evangelho aos gentios.

Claramente, apesar de toda a sua trajetória apostólica, ele havia perdido parte do seu prestígio e protagonismo. E, quando "ouviram os apóstolos e os irmãos que estavam na Judeia que também os gentios tinham recebido a palavra de Deus", aparentemente não apoiaram Pedro em sua "disputa" com os judaizantes (At 11.1,2). Estes, que seriam chamados por Paulo de "falsos irmãos" (Gl 2.4), insistiam na necessidade de os cristãos obedecerem ao judaísmo, o que implicava, para os homens, circuncidar-se (5.1-12).

Em Jerusalém, Pedro tornara-se *persona non grata* para o mencionado grupo da circuncisão, especialmente pelo que ocorreu em Cesareia.

> Não sabemos nada sobre as opiniões políticas de Pedro, mas sabemos que entre os judeus mais piedosos era costume caminhar o mais longe possível dos romanos, pois esses gentios, em particular, tinham conquistado praticamente todo o mundo conhecido e agradeciam a seus deuses por isso, enquanto, ao mesmo tempo, convidavam seus súditos a mesclar suas religiões (GONZÁLEZ, 2011, p. 166).

O pregador pentecostal, nesse caso, teve de debater com os judaizantes e, em seguida, explicar-se perante Tiago e João por que foi o primeiro apóstolo a pregar o evangelho aos gentios antes mesmo de Paulo, chamado especialmente para isso (cf. At 9.15; 13.46-48). Em sua apologia perante a liderança, Pedro — levando consigo as seis testemunhas que estiveram na casa de Cornélio — primeiro relatou o ocorrido em Jope e Cesareia,

confirmando que houve mesmo o Pentecostes dos gentios, "como também sobre nós ao princípio" (At 11.1-15).

Depois disso, lembrando das palavras de Jesus antes de sua ascensão — "João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo" (At 11.16; cf. 1.5) —, Pedro confirmou que os gentios foram mesmo revestidos do poder do alto e concluiu: "se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus?" (11.17). Suas palavras acalmaram a todos, que "glorificaram a Deus, dizendo: Na verdade, até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida" (v. 18).

Lucas, então, dizendo que todos "apaziguaram-se e glorificaram a Deus", passa a dar destaque ao grande avivamento entre os gentios de Antioquia da Síria (At 11.18-30). A igreja ali se tornaria o mais importante centro irradiador do evangelho, bem como o quartel-general do apóstolo Paulo. Este, "esquecido" em Tarso, recebeu um convite de Barnabé, homem cheio do Espírito Santo que fora designado pelos apóstolos para assistir aos antioquenos (cf. vv. 22-25; 13.1-4; 15.35-41; 18.22,23).

Lucas volta a falar de Pedro depois de um tempo de relativa calmaria em Jerusalém. Aparentemente, esse apóstolo havia recuperado parte de seu prestígio entre os Doze, o que pode ter contribuído para ele acomodar-se. Deus permitiu, então, que Herodes Agripa I, que já era rei de Galileia, Pereia e parte da Síria, fosse também rei de Judeia e Jerusalém e iniciasse uma grande campanha de perseguição à Igreja.

Amigo dos imperadores romanos e muito político, Agripa talvez quisesse agradar alguns ressentidos do Sinédrio. Ele deve ter visto e ouvido

> bastante dos líderes judeus para estar a par de seus temores e frustrações em relação aos apóstolos e à Igreja. Sem dúvida, ele foi informado de como o Sinédrio havia ameaçado os apóstolos e como estes continuaram firmes na pregação de Jesus (HORTON, 1983, p. 128).

Seu primeiro alvo: o apóstolo Tiago, que foi assassinado — não há menção de nenhum julgamento —, tornando-se o primeiro mártir dentre os Doze (At 12.1,2). Em seguida, por ocasião dos "dias dos asmos", Pedro foi levado à prisão (v. 3). A sequência das ações de Herodes indica que Tiago, filho de Zebedeu, era o líder naquela ocasião, sendo auxiliado por Pedro, que ainda era o mais influente como pregador, e João, sobre o qual nada se diz, exceto que era irmão de Tiago. Essa é a última menção direta a esses dois apóstolos em Atos.

Agenda nas Mãos de Deus

A sobrevivência de Pedro em Jerusalém é uma prova da soberania de Deus. Esse apóstolo foi preso duas vezes e julgado pelos mesmos juízes perversos que condenaram à morte o Nazareno e Estêvão (At 4.3-23; 5.17-40). Eles, que tentaram, mas não conseguiram tirar a vida do pregador pentecostal, agora esperavam que Herodes Antipas I pudesse fazê-lo, uma vez que este mandara matar a Tiago e entregaria Pedro ao povo após a Páscoa (12.4). Isso indica que Agripa pretendia levá-lo a julgamento para condená-lo e executá-lo.

Tudo já devia estar combinado nos bastidores. Herodes e o Sinédrio esperariam que a maior parte da multidão fosse embora após a Páscoa para que não houvesse tumulto, e assim Pedro, finalmente, poderia receber um julgamento similar aos de Jesus e Estêvão. Herodes deve ter sido informado de que Pedro conseguira escapar da prisão de modo inexplicável em outra ocasião, pois, "havendo-o prendido, o encerrou na prisão, entregando-o a quatro quaternos de soldados, para que o guardassem" (At 12.4).

Isso mesmo: havia dezesseis homens para impedir que o pregador pentecostal escapasse da prisão! E mais: "estava Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão" (At 12.6). Enquanto isso, a igreja em Jerusalém fazia por ele a única coisa que poderia mudar a programação do conluio entre Herodes e o

Sinédrio: “contínua oração” (At 12.5). Nossas armas não são carnais, mas poderosas em Deus (2 Co 10.4; At 4.28-31).

Humanamente falando, Pedro já podia considerar-se um homem morto, mas a sua agenda estava nas mãos do Deus soberano! Embora houvesse permitido os martírios do apologista Estêvão e do apóstolo Tiago, o Senhor tinha outros planos para o pregador pentecostal. Resultado: na mesma noite em que o “poderoso” Herodes pensava em executar seus astutos intentos, o Senhor interveio e deu outra conclusão a essa história (cf. Pv 16.1).

Lucas diz que “sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro no lado, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa! E caíram-lhe das mãos as cadeias. E disse-lhe o anjo: Cinge-te e ata as tuas sandálias. E ele o fez assim. Disse-lhe mais: Lança às costas a tua capa e segue-me” (At 12.7,8). O mais curioso não é o autor dizer que Pedro estava dormindo naquele momento, e sim o fato de não fazer qualquer menção à reação dos dois soldados que estavam ali.

Teria o anjo do Senhor lançado sobre os soldados uma espécie de “raio paralisante”? Eles não perceberam quando Pedro levantou-se e saiu, seguindo o anjo! Na verdade, Deus fez algo tão maravilhoso e inédito que o próprio Pedro “não sabia que era real o que estava sendo feito pelo anjo, mas cuidava que via alguma visão” (At 12.9).

Dizem que o inventor da porta automática foi Heron de Alexandria (10-70 d.C.), um gênio da engenharia mecânica da Grécia clássica. Porém, quem primeiro teve o privilégio de presenciar uma porta desse tipo em funcionamento foi o pregador pentecostal: “quando passaram a primeira e a segunda guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, percorreram uma rua, e logo o anjo se apartou dele” (At 12.10).

Pedro só percebeu que era tudo real quando o anjo deixou-o. E, então, disse consigo mesmo: “Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que o povo dos judeus

esperava" (At 12.11). Isso contraria a ideia de que existem anjos da guarda. Na verdade, assim como Pedro, devemos glorificar somente ao Deus soberano, pois seus anjos, que se acampam "ao redor dos que o temem" (Sl 34.7), são "enviados para servir" (Hb 1.14; cf. Dn 6.22; At 27.23).

Deus livrou a Pedro da mão de Herodes e dos judeus, que estavam em conluio para matá-lo. Esse apóstolo, no entanto, não poderia mais permanecer em Jerusalém. Na primeira vez em que um anjo do Senhor tirou-o da prisão, esse apóstolo foi reconduzido ao Sinédrio, que, após um conselho de Gamaliel, foi liberado. Dessa vez, Pedro sabia que ser julgado novamente pelo mesmo grupo implicaria sua morte. A prudência mandava que ele fugisse de Jerusalém.

Ele, todavia, dirigiu-se primeiro à casa de Maria, tia de Barnabé e mãe de João Marcos (Cl 4.10), jovem que acompanhou Paulo na primeira viagem missionária e acabou deserdando (At 13.13). Ele viajaria novamente com seu tio Barnabé (15.37). E, mais tarde, tornar-se-ia muito próximo de Pedro, sendo para este o que Timóteo foi para Paulo (1 Pe 5.13; cf. 1 Tm 1.2). Segundo os eruditos, o Evangelho de Marcos foi produzido a "quatro mãos", sendo Pedro seu coautor ou, no mínimo, a principal fonte consultada.

Ao chegar à casa de Maria, Pedro encontrou os irmãos em oração e bateu à porta do pátio. Uma menina chamada Rode ouviu não só a batida, mas também sua voz (At 12.13,14). E, feliz da vida, em vez de abrir-lhe a porta, saiu correndo e anunciando que Pedro estava ali, mas ninguém acreditava. Os irmãos talvez pensassem que ele já estivesse morto.

Eles diziam que a menina não ouvira a voz de Pedro, e sim a de "seu anjo" (At 12.15). Eles, porém, não podiam estar pensando que se tratava de um "anjo da guarda", pois, se isso fosse uma possibilidade, por que não acreditavam que o próprio apóstolo estava ali, são e salvo, junto com seu anjo protetor? Seja como for, Pedro resolveu continuar batendo, até que lhe abriram a porta e receberam-no cheio de espanto (v. 16).

Aparentemente, nenhum dos apóstolos estava presente nessa reunião de oração. Uma vez que Antipas havia mandado matar Tiago e prender Pedro, os outros, sabendo que poderiam ser alvo dessa perseguição, devem ter-se escondido. É provável que eles espalharam-se para orar nas casas dos irmãos, que ficavam em diferentes lugares.

Ao entrar na casa de Maria, o pregador pentecostal fez sinal com a mão para que todos se calassem para que lhes pudesse contar tudo o que havia acontecido. Ele deve ter deixado claro que teria de fugir da cidade antes que os homens de Herodes percebessem a cela vazia. Suas últimas palavras aos irmãos foram estas: "Anunciai isto a Tiago e aos irmãos" (At 12.17). Este Tiago não é o filho de Alfeu, e sim o irmão do Senhor — mencionado pela primeira vez com destaque —, o qual se tornou, pouco a pouco, o principal líder da Igreja em Jerusalém (At 15.12,13; 21.18; Gl 1.19; 2.9).

Alguns eruditos acreditam que Pedro, antes de fugir de Herodes, "de bom grado deixou Jerusalém à direção de Tiago, e o mundo civilizado a Paulo" (DAVIS, p. 962). O pregador pentecostal sabia, a essa altura, que Deus havia-lhe entregado o "apostolado da circuncisão", dando o da "incircuncisão" a Paulo (cf. Gl 2.6-8; cf. 1 Tm 2.7). É interessante como o Deus soberano trabalha: um simples pescador tornou-se o apóstolo dos judeus; e o homem que aprendeu aos pés de Gamaliel, o apóstolo dos gentios.

Como se supõe,

> Pedro cedeu a condução da igreja de Jerusalém a Tiago, a fim de empreender a missão entre os judeus da diáspora. [...] Essa divisão do trabalho não significa que Pedro renunciou à sua condução da Igreja: nem parece possível que pudesse renunciar a uma função de guia que se fundamentava num mandato de Jesus. [...] Como ele cumpriu seu mandato de "apascentar o rebanho", depois que deixou Jerusalém, o Novo Testamento não o diz (MCKENZIE, p. 712-713).

Partindo para Outro Lugar

Não há informação específica em Atos dos Apóstolos quanto "à esfera do ministério de Pedro dentro dos cinco anos seguintes. Ele reapareceu no Concílio de Jerusalém em 48/50 d.C. e defendeu Paulo contra o grupo que apoiava o judaísmo" (TENNEY, p. 229). No entanto, sua partida de Jerusalém é, provavelmente, por razões de segurança, a menos que ele tenha conseguido esconder-se muito bem, o que não teria sido muito fácil, já que houve um esforço vigoroso para recapturá-lo.

Pedro, "saindo, partiu para outro lugar" (At 12.17), o qual tem sido identificado com Roma. O texto bíblico, porém, não diz isso. Embora a tradição ateste a crença de que o pregador pentecostal tenha-se dirigido a essa importante cidade, a dúvida permanece. O "silêncio de Romanos acerca de Pedro torna difícil afirmar não apenas que ele estava em Roma quando Romanos foi escrita, mas também que nunca estivera ali antes" (MCKENZIE, p. 711).

Lucas afirma que, "sendo já dia, houve não pouco alvoroço entre os soldados sobre o que seria feito de Pedro. E, quando Herodes o procurou e o não achou, feita inquirição aos guardas, mandou-os justiçar" (At 12.18,19). Mandar "justiçar" implica punição aos soldados, possivelmente execução. "Quando soldados romanos deixavam que um prisioneiro escapasse, era costume eles receberem o mesmo castigo devido ao prisioneiro" (ARRINGTON, p. 693).

Furioso com o ocorrido e, também, com uma questão de ordem política relacionada "com os de Tiro e de Sidom", Agripa foi a Cesareia para tratar disso (At 12.20). Ali, "num dia designado, vestindo Herodes as vestes reais, [...] assentado no tribunal", começou a discursar de modo eloquente, a ponto de o povo dizer: "Voz de Deus, e não de homem!" (vv. 21,22). Soberbo, recebeu a glória dos homens e foi ferido na mesma hora pelo anjo do Senhor, pois "[...] não deu glória a Deus; e, comido de bichos, expirou" (v. 23).

O autor sagrado muda rapidamente de assunto, dizendo que "a palavra de Deus crescia e se multiplicava" (At 12.24) e passa a concentrar-se nos feitos de outro pregador pentecostal: Paulo. Somente depois da primeira viagem missionária desse apóstolo é que Pedro reaparecerá — dessa vez, no concílio de Jerusalém. Isso pode indicar que ele, literalmente, desapareceu de Jerusalém durante algum tempo para fazer a obra de Deus em algum lugar remoto.

Entre a perseguição aos apóstolos perpetrada por Herodes Agripa I (44 d.C.) e o concílio em Jerusalém (entre 48 e 50 d.C.), há um intervalo de, pelo menos, quatro ou cinco anos. Onde esteve Pedro nesse período? Alguns historiadores, especialmente católicos, mesmo sem grandes evidências, arriscam-se a dizer que, sem dúvida, ele mudou-se para Roma.

Também não é difícil de acreditar que Pedro, após a morte de Antipas, tenha passado um tempo em Antioquia da Síria, considerando que Paulo mencionou uma passagem sua por essa cidade em um tempo possivelmente anterior ao concílio de Jerusalém (Gl 2.1-12). É possível que, durante a primeira viagem missionária de Paulo, o pregador pentecostal tenha-se congregado nessa igreja, que era, por assim dizer, a "Jerusalém dos gentios".

Pregador Repreensível

Pedro pode ter-se escondido por um tempo em algum lugar após a perseguição de Antipas e, depois, voltado a Jerusalém quando esse Herodes morreu. Uma coisa é certa: mesmo que não tenha sido a partir dessa cidade, esse apóstolo fez uma quarta viagem missionária. Ele visitou a principal igreja gentílica de então, em Antioquia da Síria, possivelmente antes do concílio da Igreja em Jerusalém.

Não há consenso entre os eruditos quanto à época desse episódio, mas não deve

> ter ocorrido depois do concílio, pois Paulo e Barnabé se separaram pouco tempo depois (At 15.1,2,36-40). Ele pode ser mais bem colocado na Antioquia um

> pouco antes do concílio [...], quando os seguidores do judaísmo de Jerusalém ainda estavam se empenhando em persuadir os cristãos de Antioquia de que eles deveriam ser circuncidados (TENNEY, p. 229-230).

Quando os apóstolos faziam viagens missionárias, não apenas evangelizavam; eles aproveitavam essas oportunidades para visitar os santos, assim como Pedro fez em Lida, Sarona e Jope (At 9.32-43), e Paulo, em sua segunda viagem, "confirmando as igrejas" (15.41). Na viagem em apreço, o propósito do pregador pentecostal certamente era contribuir, de alguma forma, para o crescimento dos irmãos antioquenos; porém, sua visita à principal igreja gentílica de então acabou gerando uma desavença entre ele e o apóstolo dos gentios.

Como Pedro não apresenta sua posição sobre o ocorrido em nenhuma passagem de Atos ou das Epístolas, há um consenso de que ele acatou a repreensão de Paulo. Este o censurou diante de toda a congregação em razão de sua incoerência, pois comeu com os gentios e, ao mesmo tempo, quis forçá-los a obedecer ao judaísmo. Ele não se tornou repreensível apenas por estar indeciso, mas principalmente porque influenciou Barnabé (Gl 2.11-21).

A igreja de Antioquia era inclusiva, e a de Jerusalém, pelo menos em seus estágios iniciais, "um tipo de judaísmo esclarecido, que não cortou imediatamente as suas ligações com a fé original, mas que buscou interpretá-lo mais uma vez à luz das novas revelações" (TENNEY, p. 210). Num primeiro momento, Pedro portou-se bem, pois "comia com os gentios". Entretanto, assim que a comitiva de Tiago chegou, o pregador pentecostal começou a apresentar um comportamento dúbio, apartando-se dos irmãos estrangeiros por causa dos "que eram da circuncisão" (Gl 2.12).

Essa conduta induziu os judaizantes a dissimularem "com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação" (Gl 2.13). Paulo, indignado, disse o seguinte a Pedro diante de todos: "[...] Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a

viverem como judeus?" (v. 14). O termo "judeu", aqui, é sinônimo de "israelita" ou "hebreu", já que Pedro nasceu na Galileia, e não em Judá.

Paulo não repreendeu Pedro apenas por causa de sua hipocrisia, embora ele não fosse uma pessoa, de fato, hipócrita. Seu erro maior foi ter sido "politicamente correto" para não ofender os judaizantes, mesmo sabendo que os gentios, salvos pela graça, não precisavam praticar regras do judaísmo, como, por exemplo, circuncidar-se (Gl 2.15-21).

Lutero (1483-1546) diz que Pedro "caiu em pecado gravíssimo e condenação inexprimível". Para Erasmus Sarcerius (1501-1559), o "fato de ter conhecido o Cristo encarnado pessoalmente não transformava ninguém num apóstolo melhor". E Calvino (1509-1564) assevera que

> Paulo não repreendeu Pedro simplesmente como um cristão repreenderia outro, mas o fez oficialmente, no exercício do seu ofício apostólico. Aqui, o papado romano é derrubado, pois esse homem repreende Pedro na presença de toda a igreja, e Pedro obedientemente se sujeita à correção (BRAY, p. 108-109).

Ainda que fosse um homem cheio do Espírito e tivesse andando com Jesus, Pedro não era perfeito. Não obstante, mais digno de nota que seu erro é sua humildade em acatar a correção de Paulo. Este já era um apóstolo, um líder importante, mas não fazia parte do colégio apostólico, o grupo dos Doze. Já pensou o que teria ocorrido se o pregador pentecostal fosse soberbo? Imagine o que aconteceria se ele reagisse a Paulo e dissesse a ele: "Quem você pensa que é, Paulo?! Perseguiu a Igreja e agora quer ensinar o 'Pai Nosso' ao papa? Fique você sabendo que eu aprendi com Jesus!".

Conciliador em Jerusalém

A não menção dos feitos de Pedro em Atos dos Apóstolos durante a primeira viagem missionária de Paulo ainda gera muitas especulações. Tudo o que nos informa Lucas é que esse pregador pentecostal deixa de ser o protagonista após Deus livrá-lo das mãos de Herodes, reaparecendo

aproximadamente cinco anos depois, tendo participação fundamental no concílio de Jerusalém (At 15.7).

No Novo Testamento, nada é dito sobre a saída de Pedro de Jerusalém nem de seu retorno, o que reforça a ideia de que ele escondeu-se em algum lugar. Especulações à parte, quando esse apóstolo reaparece, uma importante mudança em seu ministério pode ser notada: ele não se comporta mais como um líder entre os Doze, mas participa do concílio como um apóstolo itinerante, assim como Paulo, que fala do que Deus tem feito por meio dele em vários lugares.

Tiago, irmão do Senhor, assumira a liderança da igreja em Jerusalém, a qual ainda sofria com a dissimulação dos judaizantes: "alguns que tinham descido da Judeia ensinavam assim os irmãos: Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos" (At 15.1). Paulo e Barnabé discutiram com estes e chegou-se à conclusão de que era necessário dar um basta nessa controvérsia. O cristianismo não podia continuar sendo uma espécie de "judaísmo cristão".

Todos os apóstolos e presbíteros (anciãos) da Igreja decidiram que era necessária uma reunião na sede, isto é, uma assembleia geral, para decidir-se, de uma vez por todas, sobre essa questão (At 15.2-4). Quando Paulo e Barnabé chegaram a Jerusalém e começaram a falar do que Deus estava fazendo entre os estrangeiros, alguns irmãos convertidos do farisaísmo manifestaram-se dizendo que era necessário "circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés" (v. 5).

Os apóstolos e presbíteros começaram, então, a discussão sobre o assunto (At 15.6). A reunião "pegou fogo", a ponto de Lucas dizer que estava "havendo grande contenda". Quem poderia, naquele momento, dar uma palavra que acalmasse os debatedores, fazendo o papel de um conciliador? Pasme! O sanguíneo Pedro — aquele mesmo que decepou a orelha de um rapaz —, agora cheio do Espírito Santo, pediu para falar.

Se sua desavença com Paulo em Antioquia da Síria aconteceu, de fato, antes desse concílio — tudo indica que sim —, Pedro tinha uma grande oportunidade para dar-lhe uma resposta à altura, sabendo que teria muitos apoiadores. Todavia, como o que ele mais desejava era ver o nome do Senhor glorificado, fez coro com os apóstolos da igreja antioquena.

Ele, inicialmente, referiu-se ao fato de ter sido, dentre todos os apóstolos, o primeiro a pregar o evangelho aos estrangeiros em Cesareia (At 15.7); e argumentou:

> Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar? Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também (vv. 8-11).

Com essa afirmação, Pedro despede-se do livro de Atos dos Apóstolos. É interessante observar que suas últimas palavras registradas no Novo Testamento, tanto as faladas como as escritas, giram em torno da graça do Senhor Jesus Cristo (At 15.11; 2 Pe 3.18). Isso não ocorre por mera coincidência, pois toda a Escritura é divinamente inspirada por Deus (2 Tm 3.16).

Todos se calaram depois dessa intervenção conciliadora de Pedro, o que demonstra o quanto ele ainda era respeitado mesmo não sendo o presidente da igreja em Jerusalém. Paulo e Barnabé, em seguida, puderam expor claramente as maravilhas que Deus havia realizado entre os gentios na Ásia Menor. E, por fim, Tiago, que presidia a assembleia, apresentou a conclusão dos debates, dando razão, por meio das Escrituras, aos apóstolos que o antecederam (At 15.12-18).

Esse apóstolo concluiu

> [...] que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da

> prostituição, do que é sufocado e do sangue. Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas (At 15.19-21).

Decidiu-se que a posição final da assembleia geral, que estava sob a direção do Espírito Santo, deveria ser oficialmente comunicada a todas as igrejas para que os judaizantes não mais as perturbassem (vv. 22-29).

Muitos perguntam se a regra de abster-se "do que é sufocado e do sangue" vale para os dias atuais. Na verdade, esses dois pontos da decisão apostólica visavam a promover a comunhão entre os crentes judeus e gentios. A carne sufocada ou o próprio sangue embrulhavam o estômago dos cristãos judeus, educados de acordo com o judaísmo. Se estes cederiam comendo na casa dos irmãos gentios alimentos não permitidos pela Lei, seria razoável que os crentes estrangeiros também cedessem um pouco, evitando comer carne sufocada e o próprio sangue.

A intervenção de Pedro, portanto, foi fundamental para chegar-se a um consenso. Se ele errou ao adotar uma conduta "politicamente correta" ou dissimulada em Antioquia da Síria, Deus deu-lhe uma grande oportunidade para reparar esse erro! Na nossa caminhada ministerial, podemos errar. Não somos perfeitos. Se, no entanto, estamos na direção de Deus, os acertos sempre serão maiores que os erros.

Pedro em Corinto?

O ministério apostólico de Pedro, de modo geral, teve três fases. A primeira foi a de aprendizagem ao lado de Jesus. A segunda, como líder entre os apóstolos e da Igreja nascente, bem como pregador itinerante. E a terceira

> compreende o período de trabalho humilde no reino de Cristo revelado nas epístolas do Novo Testamento. Depois de lançados os fundamentos da Igreja, Pedro toma lugar humilde, entrega-se ao trabalho de ampliar os limites do reino de Deus, e desaparece das páginas da História. Na igreja de Jerusalém, é Tiago quem toma a direção dos trabalhos (DAVIS, p. 962).

Depois do concílio de Jerusalém, Lucas nada mais menciona a respeito de Pedro. Por aproximadamente 15 anos, quase nenhuma pista é fornecida quanto ao seu paradeiro. Paulo, entretanto, faz menção dele em seus escritos, o que nos permite imaginar como teria sido a última fase de seu ministério.

Em Gálatas, possivelmente a primeira carta de Paulo — e o primeiro livro do Novo Testamento —, escrita em 49 d.C., ele cita três encontros com Pedro; dois deles em Jerusalém e um em Antioquia da Síria (1.18; 2.7-14). Todos, porém, ocorreram antes do mencionado concílio.

A melhor pista está em 1 Coríntios, carta escrita por Paulo em 56 ou 57 d.C. durante a sua terceira viagem missionária em Éfeso. Ao mencionar quatro partidos que havia na igreja de Corinto, Paulo afirma: "Quero dizer, com isso, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo" (1 Co 1.12). Alguns eruditos sugerem que Pedro possa ter ido para Corinto em razão de uma dessas facções ser a petrina.

Entretanto, isso, em si, não prova que Pedro esteve ali. Lembremo-nos de que, ao chegar a Éfeso, Paulo encontrou discípulos de João Batista, apesar de este jamais ter passado pela província da Ásia (At 19.1-4). Por outro lado, o próprio Paulo sugere, ao escrever aos coríntios, que Pedro viajava com sua mulher, sendo conhecido daqueles irmãos (1 Co 9.5).

O certo é que nem o Novo Testamento,

> nem a tradição cristã registram qualquer visita de Pedro a Corinto. Por que esse partido de crentes imaturos e carnais escolheu o nome de Cefas como patrono? Talvez porque Cefas andou com Jesus em ocasiões distintas, e que fez parte dos três discípulos mais chegados a Ele: Pedro, Tiago e João (GILBERTO, 2009, p. 34).

Por outro lado, ainda que Pedro (Cefas) nunca tenha passado por Corinto, parece que alguém dessa igreja conhecia-o, uma vez que Paulo cita-o algumas vezes (cf. 1 Co 3.22; 9.5; 15.5). Talvez a mais sugestiva, além da menção ao partido petrino, é esta: "Não temos nós direito de levar conosco

uma mulher irmã, como também os demais apóstolos, e os irmãos do Senhor, e Cefas?" (9.5).

Mesmo que Pedro não tenha passado por Corinto, essas menções de Paulo sugerem duas coisas. Primeira: considerando que essa carta foi escrita seis ou sete anos após o concílio em Jerusalém, Pedro continuava vivo e influente nessa ocasião. Segunda: ele ainda tinha muito prestígio como expoente do evangelho. A citação de 1 Coríntios 3.22, em especial, revela que ele e Apolo, juntamente com Paulo, eram os pregadores mais famosos da Igreja Primitiva.

Outras Viagens Missionárias

Nesta obra, a ênfase recai sobre o pregador Pedro e sua pregação. Ele, contudo, também é o autor de duas epístolas. "Na primeira delas, encorajou os crentes dispersos a enfrentarem vitoriosamente o sofrimento e, na segunda, alertou os crentes sobre a ameaça dos falsos mestres" (LOPES, 2015, p. 139). Esses escritos, especialmente sua primeira epístola, indicam seu paradeiro no período posterior ao concílio de Jerusalém.

Possível Turnê pela Ásia Menor

Embora Pedro seja o apóstolo da "circuncisão" (cf. Gl 2.8), ele endereça sua primeira carta "aos estrangeiros dispersos no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (1 Pe 1.1), os quais podem ser tanto judeus da diáspora quanto gentios (4.3). Se ele estava mesmo em Roma quando escreveu suas duas cartas, é possível que tenha visitado, antes de navegar para a Europa, todos esses lugares da Ásia Menor (Anatólia) mencionados, possivelmente, em sentido horário — como no caso das sete igrejas da província da Ásia (cf. Ap 2–3) —, e não de acordo com o itinerário utilizado.

Tomando como base as viagens de Barnabé e Paulo, que começaram por lugares onde tinham vínculos sentimentais — Chipre (cf. At 13.4; 15.39 c/ 4.36) e Cilícia (15.41 c/ 22.3) —, podemos supor que Pedro visitou primeiro

a Capadócia. Em sua capital, Cesareia, havia uma igreja iniciada por ele, por ocasião do primeiro Pentecostes gentílico na casa de Cornélio. Dali, pode ter passado pelo sul da Galácia até chegar às cidades da província da Ásia. Em seguida, teria subido para Bitínia e Ponto, fazendo o percurso que Paulo desejou fazer em sua segunda viagem missionária (16.7).

Roma ou Babilônia?

Pedro conclui sua primeira epístola com uma saudação desde Babilônia: "A vossa coeleita em Babilônia vos saúda, e meu filho Marcos" (1 Pe 5.13). Se já é difícil comprovar que ele escreveu suas cartas em Roma entre 60 e 64 d.C. — possivelmente, com a ajuda de colaboradores —, é completamente improvável que a menção à Babilônia seja literal.

O termo "Babilônia", como já vimos, deve ser uma alusão figurada à capital do Império Romano. Provavelmente,

> seja uma referência secreta a Roma (cf. Ap 16.19-18.24). Essa igreja estava unida à audiência de Pedro por escolha divina, tendo sido "coeleita" (veja 1.1). [...] A tradição da igreja católica considera que Pedro e Marcos estiveram juntos em Roma [...]. Assim, pouco antes de seu martírio nas mãos do imperador Nero [...], Pedro escreveu, de Roma, [...] aos cristãos que estavam na Ásia Menor (STRONSTAD, p. 1.730).

Diante do exposto, é praticamente certo que o primeiro pregador pentecostal não permaneceu em Jerusalém após o concílio, tampouco "restringiu seu ministério aos judeus. Ele viajou de maneira extensiva até Corinto, Ásia Menor e Roma, encontrando igualmente tanto judeus como gentios, conforme atestam suas epístolas" (LOPES, 2015, p. 130).

Pregações Escritas

Embora seja homilética e parenética (exortatória e pastoral), a Primeira Epístola de Pedro contém vários elementos doutrinários. A maioria dos eruditos acredita que essa carta é mesmo de autoria do primeiro pregador

pentecostal (1.1; 5.1,2,13). Alguns, entretanto, afirmam que se trata de um sermão adaptado para epístola, acrescentando-se "as saudações introdutórias e conclusivas para dar-lhe forma epistolar e origem apostólica" (MCKENZIE, p. 713).

O rico vocabulário empregado nas duas epístolas, além de antíteses e sinônimos, evidencia que o texto recebeu copidesque e revisão. Os redatores, nesse caso, podem ter sido Silvano (Silas) e João Marcos, que também escreveu o segundo Evangelho. No caso da primeira pregação escrita, é certo que Silvano, também companheiro de Paulo (2 Co 1.19; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.1), contribuiu para sua formatação final (1 Pe 5.12,13).

Quanto à Segunda Epístola de Pedro, mais apologética que parenética, em princípio,

> muitas igrejas orientais não a aceitaram. A objeção foi particularmente forte nas igrejas gregas, por causa da manifesta diferença de estilo entre 1 Pedro e 2 Pedro. Os estudiosos modernos estão quase unanimemente convencidos de que Pedro (ou o autor de 1 Pedro) não pode ser o autor de 2 Pedro (MCKENZIE, p. 714).

Não obstante, em razão de Pedro ser pregador do evangelho, e não escritor, ele sempre contava com alguém para ajudá-lo, o que é muito comum, inclusive nos dias de hoje. Jim Cymbala (pastor do Brooklyn Tabernacle, que fica em Nova York, Estados Unidos), por exemplo, é um escritor que sempre conta com a ajuda de um redator. Às vezes, por conta disso, seu estilo (ou forma), apresenta variação quando se faz uma comparação entre suas obras.

Portanto, se Pedro contou com Silvano na primeira carta, é bem provável que ele tenha recebido a ajuda de Marcos ou de outro redator na segunda. Para um estudo aprofundado sobre o conteúdo doutrinário dessas cartas ou sermões escritos, recomendo: CABAL (2007); EASTON (1897); JAMIESON (1871); MCKENZIE (p. 713-715); ORR (2002); PFEIFFER (p. 1.493-1.496); RADMACHER (p. 910-922); e STRONSTAD (p. 1.691-1.748).

Linha de Chegada

A História da Igreja mostra que a década entre os anos de 60 e 70 foi de terrível perseguição contra os apóstolos.

> Em 62, Tiago, irmão de Cristo e, na época, bispo de Jerusalém, foi morto por ordem do sumo sacerdote e do concílio oficial, o Sinédrio. Pedro, seu antecessor, tinha fugido de Jerusalém, mas acabou preso e condenado à morte em Roma. Essa cidade viria a crescer em importância, não só por suas ativas congregações cristãs, como por lá estarem sepultados os dois mais famosos mártires: Pedro e Paulo (BLAINEY, p. 47).

Em 64, houve uma grande perseguição contra a Igreja de modo geral, e o alvo principal foram os seus líderes e principais expoentes. O imperador Nero incendiou a cidade de Roma e culpou os cristãos de fazer isso. Acredita-se que

> faltou madeira para crucificar os cristãos. Eram, então, amarrados em postes, cobertos de piche e incendiados vivos para iluminar as noites de Roma. Por volta do ano de 67 d.C., Pedro foi preso e condenado à morte. Como não era um cidadão romano, como Paulo, foi condenado a morrer crucificado (LOPES, 2015, p. 78).

Não há como confirmar todas as informações sobre a morte do primeiro pregador pentecostal, mas o Vaticano como lugar da execução dos mártires cristãos durante o império de Nero está bem documentado.

> A convergência de probabilidade leva muitos historiadores a aceitar a tradição romana segundo a qual Pedro foi executado no reinado de Nero, entre 64 e 67, na colina do Vaticano, possivelmente com muitas outras pessoas (MCKENZIE, p. 711).

É praticamente certo que Pedro, em algum momento, esteve em Roma e comunicou a fé a judeus e gentios que ali viviam.

> Sabemos que uma comunidade cristã já existia na capital do Império quando Paulo lhes escreveu uma carta longa e repleta de densos argumentos teológicos — a "Epístola aos Romanos" do Novo Testamento — muito antes de visitar a cidade pela primeira vez (DOWLEY, 2009, p. 14).

Segundo alguns historiadores, a

> residência, a morte e a sepultura de Pedro em Roma são tão fortemente radicadas na tradição que poucos historiadores modernos duvidam disso; e nenhuma outra igreja as reivindica. [...] Duas testemunhas antigas, Clemente de Roma [...] e Inácio de Antioquia [...] não afirmam explicitamente nem o martírio de Pedro nem Roma como lugar de sua morte, mas os dois textos são facilmente compreendidos como implicando isso; e é completamente provável que eles não o afirmem porque era fato tão conhecido que não havia necessidade de confirmá-lo (MCKENZIE, p. 711).

Um historiador chamado Hegespino

> conta que o povo, ao perceber que Nero procurava razões contra Pedro para matá-lo, rogou insistentemente ao apóstolo que fugisse da cidade. Persuadido pela insistência deles, Pedro dispôs-se a fugir. Ao chegar, porém, à porta, viu o Senhor Jesus Cristo que lhe vinha ao encontro. Adorando-o, Pedro indagou: "Senhor, para onde vais?" Ao que Ele respondeu: "Vou para ser de novo crucificado". Pedro, ao dar-se conta de que era de seu sofrimento que o Senhor falava, voltou à cidade. Jerônimo afirma que foi crucificado de cabeça para baixo, por petição própria, por julgar-se indigno de ser crucificado da mesma maneira que o seu Senhor (FOX, p. 4).

Bem, o primeiro pregador pentecostal finalmente cruza a linha de chegada na maratona apostólica, acabando a carreira e guardando a fé. Ele, que correu muito bem, termina sua jornada como um apóstolo maduro, presbítero entre presbíteros, "testemunha das aflições de Cristo" (1 Pe 5.1) e firmado na "verdadeira graça de Deus" (v. 12).

Não por acaso, suas últimas palavras registradas nas Escrituras são estas: "crescei na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A ele seja dada a glória, assim agora como no dia eternidade. Amém!" (2 Pe

3.18). Antes de sair de cena, ele afirmou em Atos dos Apóstolos: "cremos que fomos salvos pela graça do Senhor Jesus" (15.11, ARA). E agora, momentos antes de deixar seu "tabernáculo" (2 Pe 1.14), já a caminho do "tabernáculo de Deus" (Ap 21.3), assevera: "crescei na graça".

A vida desse primeiro pregador pentecostal ensina-nos que somos dependentes da graça do Senhor. Aliás, a Bíblia, o Livro de Deus, começa com uma ação do Deus de toda a graça (Gn 1.1; 1 Pe 5.10) e termina assim: "A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém!" (Ap 22.21). Tudo é pela graça do Senhor, preveniente, salvífica, abundante e fortalecedora! É por ela que fomos salvos, somos salvos e seremos salvos!

Referências e Notas

ADAMS, J. Wesley; STAMPS, Donald C. *Efésios*. *In*: ARRINGTON, French L. *et al*. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

AKER, Benny C. *João*. *In*: ARRINGTON, French L. *et al*. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

ALMEIDA, Abraão de. *Lições da História que Não Podemos Esquecer*. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1993.

ARCHER, Gleason. *Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1997.

ARMÍNIO, Jacó. *As Obras de Armínio*. 1. ed., vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Versão digital.

ARRINGTON, French L. *et al*. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. Seus editores são os membros da Comissão Editorial da *Bíblia de Estudo Pentecostal*.

BALL, Charles Ferguson. *A Vida e os Tempos do Apóstolo Paulo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

BARKER, Kenneth L. *et al*. *The NIV Study Bible*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2011. Versão digital.

BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à Teologia Sistemática*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

BÍCEGO, Valdir. *Manual de Evangelismo*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

BINGHAM, D. Jeffrey. *História da Igreja*. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2012.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*. 1. ed. São Paulo: Editora Fundamento, 2012.

BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. 1. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2005.

BRAY, Gerald L. *Comentário Bíblico da Reforma — Gálatas e Efésios*. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

BRANDT, Robert L. *Falar em Línguas: o maior dom?* 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

BROOKS, Rice. *God's not Dead*. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2013.

_____. *Man, Myth, Messiah*. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2016. Esta e a obra anterior, do mesmo autor, deram origem à série de filmes apologéticos *Deus Não Está Morto*.

BROWN, Michael L. *Authentic Fire*. 1. ed. Lake Mary, Florida: Creation House, 2015. Versão digital.

BRUCE, Alexander Balmain. *O Treinamento dos Doze*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BRUCE, F. F. *Paulo, o Apóstolo da Graça*. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

_____. *Peter, Stephen, James and John: studies in non-pauline diversity in the early church*. Nashville, Tennessee: Kingsley Books, 2017a. Versão digital.

_____. *Bible Study Commentary: Acts*. Nashville, Tennessee: Kingsley Books, 2017b. Versão digital.

BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995.

CABAL, Ted *et al*. *The Apologetics Study Bible*. Nashville, Tennessee: Holman Bible Publishing, 2007. Versão digital.

CALVIN, John. *Calvin's Commentaries*. Edinburgh, Scotland: Calvin Translation Society, 1847. Traduzido do original latim e comparado com a edição francesa por John King M. A. Versão digital.

CARR, Nicholas. *A Geração Superficial: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros*. 1. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CARSON, D. A. *Igreja Emergente: o movimento e suas implicações*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CHANDELLE, René. *Quem Traiu Cristo?* 1. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2007. Uma abordagem sobre o papismo. Como os papas traíram os princípios de Cristo; os escândalos econômicos, sociais, políticos e sexuais dos senhores do Vaticano.

CHAPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2006.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Marcos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

COLEMAN, William L. *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*. 1. ed. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1991.

COLSON, Charles, MORSE, Anne. *My Final Word*. 1. ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2015.

COLSON, Charles, PEARCEY, Nancy. *E Agora, como Viveremos?*. 1. ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2000.

_____. *O Cristão na Cultura de Hoje*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

COWAN, Steven B. *et al*. *Five Views on Apologetics*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2000. Versão digital. Uma coletânea de comentários apologéticos de cinco grandes apologistas do nosso tempo: William Lane Craig, Gary R. Habermas, John M. Frame, Kelly James Clark e Paul D. Feinberg.

CYMBALA, Jim. *Poder Vivo*. 1. ed. Miami, Florida: Editorial Vida, 2001.

_____. *Redescubrimiento del Espíritu*. 1. ed. Miami, Florida: Editorial Vida, 2012.

DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2006.

DOWLEY, Tim. *Pequeno Atlas Bíblico*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *Os Cristãos: uma história ilustrada*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DOWNING, David C. *O que Você Sabe Pode Não Estar Certo: 180 explanações de passagens bíblicas mal interpretadas*. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1990.

DUQUESNE, Jacques. *Jesus: a Verdadeira História*. 3. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

EASTON, M. G. *Easton Dictionary of the Bible*. 3. ed. Impresso em 1897. Texto em domínio público, versão digital.

EDWARDS, Brian; ANDERSON, Andrew. *Homens, Mulheres e Autoridade*. 1. ed. São Paulo: PES, 2007.

ELLIS, E. Percy. *Os Amigos de Jesus*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1986.

ENGELBRECHT, Edward A. *et al*. *Bíblia de Estudo da Reforma*. 1. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

FARIA, Jacir de Freitas. *A Vida Secreta dos Apóstolos e Apóstolas à Luz dos Atos Apócrifos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FINNEY, Charles G. *Uma Vida Cheia do Espírito*. 4. ed. Venda Nova: Editora Betânia, 1980.

FINTO, Don. *O Teu Povo Será o Meu Povo: como Israel, os judeus e a Igreja se unirão nos últimos dias*. 1. ed. Niterói: BV Books, 2011.

FOUILLOUX, Danielle *et al*. *Dicionário Cultural da Bíblia*. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FOX, John. *O Livro dos Mártires*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. *Manual de Ensino para o Educador Cristão*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

GARLOW, James L. *Deus e seu Povo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

GEISLER, Norman. *Eleitos, mas Livres*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2001.

GILBERTO, Antonio. *Verdades Pentecostais*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. *Mensagens, Estudos e Explanações em 1 Coríntios*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

GILL, Deborah Menken. *1 Timóteo*. In: ARRINGTON, French L. *et al. Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

GONZÁLES, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

_____. *Atos: o Evangelho do Espírito Santo*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2011.

_____. *Uma Breve História das Doutrinas Cristãs*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2015.

GORMAN, Michael J. *Introdução à Exegese Bíblica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

GOWER, Ralph. *Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

GRAHAM, Billy. *A Plenitude do Espírito e como Obtê-la*. 3. ed. São Paulo: Edições Enéas Tognini, 1968.

_____. *O Espírito Santo*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1980.

_____. *Billy Graham: uma Autobiografia*. 1. ed. Campinas, SP: United Press, 1998.

GRENZ, Stanley J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertland Brasil, 2011.

GUEST, John. *A Igreja como o Coração e a Alma da Apologética*. In: ZACHARIAS, Ravi; GEISLER, Norman. *Sua Igreja Está Preparada?* 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1996.

HABERSHON, Ada. *Manual de Tipologia Bíblica*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *et al. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

HORTON, Stanley M. *O Livro de Atos*. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1983.

_____. *O Avivamento Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

_____. *O que a Bíblia Diz sobre o Espírito Santo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1993.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da Igreja Cristã*. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1996.

HURTADO, Larry W. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Marcos*. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1995.

JAMIESON, Robert *et al. Jamieson, Fausset, and Brown Commentary.* Comentário crítico e explanatório de toda a Bíblia, por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown. Impresso em 1871. Texto em domínio público, versão digital.

JEREMIAH, David. *¡Nunca Pensé que Vería el Día!* 1. ed. New York City, NY: Faith Words, 2012.

_____. *Is This the End*. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2016.

JONES, E. Stanley. *Mastery: the Art of Mastering Life*. 1. ed. Nashville, Tennessee: Abingdom Press, 1992.

JOSEFO, Flávio. *Seleções de Flávio Josefo*. 1. ed. São Paulo: Edameris, 1974.

KELLER, Werner. *E a Bíblia Tinha Razão*. 1. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

KENDRICK, Michael *et al. 365 Lições de Vida Extraídas de Personagens da Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

KNIGHT, A.; ANGLIN, W. *História do Cristianismo*. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

KOLLER, Charles W. *Pregação Expositiva Sem Anotações*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

LACEY, James; MURRAY, Williamson. *As Batalhas Mais Decisivas da História*. 1. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

LAHAYE, Tim. *Temperamentos Transformados*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

_____. *Jesus: descubra os mistérios do homem que fascinou o mundo e mudou a história da humanidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2009.

LANGE, Nicholas de. *Povo Judeu*. 1. ed. Barcelona: Ediciones Folio, 2007.

LIM, David. *Os Dons Espirituais*. In: HORTON, Stanley M. *et al. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação e Pregadores*. 2. ed. São José dos Campos: Fiel, 2008.

LOCKWARD, Alfonso. *Nuevo Diccionario de la Biblia*. 1. ed. Miami, Florida: Editorial Unilit, 1999. Versão digital.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado*. 1. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. *Pedro, Pescador de Homens*. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2015.

LUTZER, Erwin W. *Quem É Você para Julgar?* 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

MACARTHUR, John. *MacArthur's Quick Reference Guide to the Bible*. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2001. Versão digital.

_____. *Ministério Pastoral: alcançando a excelência no ministério cristão*. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004a.

_____. *Com Vergonha do Evangelho*. 1. ed. São José dos Campos: Editora Fiel, 2004b.

_____. *O Evangelho Segundo os Apóstolos: o papel das obras na vida de fé*. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MANSER, Martin H. *et al*. *Dictionary of Bible Themes*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1999. Versão digital.

MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da Teologia Histórica*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MAXEY, Duane V. *The Collected Sermons of John Wesley*. Holiness Data Ministry, 1995. Versão digital.

MCDOWELL, Sean. *A New Kind of Apologist*. 1. ed. Eugene, Oregon: Harvest House, 2016.

MCFARLAND, Alex. *The Tem Most Common Objections to Christianity*. 1. ed. Bloomington, Minnesota: Bethany House, 2014.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MCLEAN, Mark D. *O Espírito Santo*. In: HORTON, Stanley M. *et al*. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MELAMED, Meir Matzliah. *Torá: a Lei de Moisés*. 1. ed. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001. Edição revisada e ampliada da obra *A Lei de Moisés e as Haftarót* (1962); enriquecida pelos comentários do rabino Menahem Mendel Diesendruck (1978).

MENDES, Jeovah. *Os Papas que Enalteceram a Humanidade: de Pedro a Francisco*. 1. ed. Fortaleza: Imprece, 2015.

MERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. *Dicionário da Bíblia: as pessoas e os lugares*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

MICHAELS, J. Ramsey. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: João*. 1. ed. Deerfield, EUA: Editora Vida, 1994.

MONEY, Netta Kemp de. *Geografia Histórica do Mundo Bíblico*. 7. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1994.

MOODY. *Men of the Bible*. 1. ed. Chicago, Illinois: The Bible Institute Colportage Association, 1898. Versão digital.

_____. *O Melhor de D. L. Moody*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

MOUNCE, Robert H. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Mateus*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

MOUNCE, William D. *Mounce's Complete Expository Dictonary of Old and New Testament Words*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2006. Versão digital.

NYSTRÖM, Samuel; KASTBERG, Nils. *Coleção Lições Bíblicas*. 1. ed., vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. Kastberg (1896-1978), missionário sueco no Brasil e na Argentina, foi um profícuo escritor e ensinador das Assembleias de Deus.

ORR, James. *International Standard Bible Encyclopedia*. HeavenWord, 2002. Versão digital.

PALMER, Michael D. *Panorama do Pensamento Cristão*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

PEARLMAN, Myer. *Lucas, o Evangelho do Homem Perfeito*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

_____. *Mateus, o Evangelho do Grande Rei*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

PECOTA, Daniel B. *A Obra Salvífica de Cristo*. In: HORTON, Stanley M. *et al. Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

PFEIFFER, Charles F. *et al. Dicionário Bíblico Wycliffe*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. No verbete "apologética", o professor R. Allan Killen faz uma ótima abordagem sobre a importância dessa ferramenta, dando destaque aos três períodos da apologética: o do Novo Testamento; o das igrejas primitiva e medieval; e o moderno.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. *A Supremacia de Cristo em um Mundo Pós-moderno*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

POLLOCK, John. *O Apóstolo*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1990.

RADMACHER, Earl *et al*. *Compact Bible Commentary*. 1. ed. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 2004.

RATZINGER, Joseph. *Os Apóstolos e os Primeiros Discípulos de Cristo*. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

RICHARDS, Lawrence O. *Guia do Leitor da Bíblia*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

RIGGS, Ralph M. *O Guia do Pastor*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1997.

ROHDEN, Huberto. *Dados Biográficos do Apóstolo Tomé*. In: TOMÉ, Apóstolo. *O Quinto Evangelho*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

SAILHAMER, John H. *Biblical Archaeology*. 1. ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1998.

SAINT, Felipe. *Amor, Ousadia e Renúncia*. 1. ed. Miami, Florida: Editora Vida, 1989.

SHEDD, Russel P. *O Líder que Deus Usa*. 1. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003.

SMITH, Oswald. *O Homem que Deus Usa*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

SOARES, Esequias. *Lições Bíblicas: Atos dos Apóstolos*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. Revista trimestral para a Escola Bíblica Dominical.

SOUZA, João A. de. *Heróis e Mártires da Pré-reforma*. 1. ed. Bagé: Editora Faith, 2017.

SPROUL, R. C. *Boa Pergunta!* 1. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

_____. *Defendendo a sua Fé*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

SPURGEON, Charles. *O Melhor de Charles Spurgeon*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

STAGG, Frank. *Atos: a Luta dos Cristãos por uma Igreja Livre e sem Fronteiras*. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

STAMPS, Donald C. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

STROBEL, Lee. *The Case for the Real Jesus: a journalist investigates current attacks on the identity of Christ*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2007.

STRONSTAD, Roger. *1 e 2 Pedro*. *In*: ARRINGTON, French L. *et al*. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

SWINDOLL, Charles R. *Paulo: um Homem de Coragem e Graça*. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

TENNEY, Merrill C. *Tempos do Novo Testamento*. 1. ed. São Paulo: CPAD, 2010.

THIESSEN, Henry Clarence. *Palestras em Teologia Sistemática*. 1. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1987.

TOFFLER, Alvin e Heidi. *Criando uma Nova Civilização*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

TOZER, A. W. *Dia a Dia com Tozer*. 1. ed. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2016.

VINE, W. E. *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville, Tennessee: Thomas Nelson, 1996. Versão digital. Obra também disponível em português pela CPAD.

WALKER, Peter. *Pelos Caminhos de Jesus*. 1. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

WEBSTER, William. *The Church Fathers' Interpretation of the Rock of Mathew 16:18: an historical refutation of the claims of roman catholicism*. 23 set. 2014. Disponível em: <http://www.patheos.com/blogs/justandsinner/the-church-fathers-interpretation-of-the-rock-of-matthew-1618-an-historical-refutation-of-

the-claims-of-roman-catholicism-by-william-webster/>. Acesso em: 4 fev. 2018.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. *Estado Islâmico: desvendando o exército do terror*. 1. ed. São Paulo: Seoman, 2015.

WILKERSON, David. *The Cross and The Switchblade*. 24. ed. New York City, NY: Jove Books, 1977.

_____. *Toca a Trombeta em Sião*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1988.

_____. *Faminto por Mais de Jesus*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

_____. *God Is Faithful*. 1. ed. Bloomington, Minnesota: Chosen Books, 2012.

WILLIAMS, David J. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: Atos*. 1. ed. São Paulo: Editora Vida, 1996.

WILLIAMS, Keith *et al*. *Bíblia de Estudo Cronológica Aplicação Pessoal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

WURMBRAND, Richard; FOLEY, Charles. *In God's Underground*. 1. ed. Londres: W. H. Allen, 1968.

YORK, John V. *Missões na Era do Espírito Santo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ZIBORDI, Ciro Sanches. *Erros que os Pregadores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *Evangelhos que Paulo Jamais Pregaria*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

_____. *Mais Erros que os Pregadores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

_____. *Erros que os Adoradores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009a.

_____. *Os Dois Lados do Santo Sudário*. In: *Blog do Ciro*. 15 jul. 2009b. Disponível em: <https://cirozibordi.blogspot.com>. Acesso em: 13 fev. 2018.

_____. *Autoajuda ou Ajuda do Alto*. 1. ed. São Paulo: Editora Candeia, 2010.

_____. *Erros Escatológicos que os Pregadores Devem Evitar*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

_____. *Procuram-se Pregadores como Paulo*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

_____. *João Batista: o Pregador Politicamente Incorreto*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018a.

_____. *Estêvão: o Primeiro Apologista do Evangelho*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018b.



Pregadores da Bíblia

JOÃO BATISTA

O PREGADOR POLITICAMENTE INCORRETO

CIRO SANCHES ZIBORDI

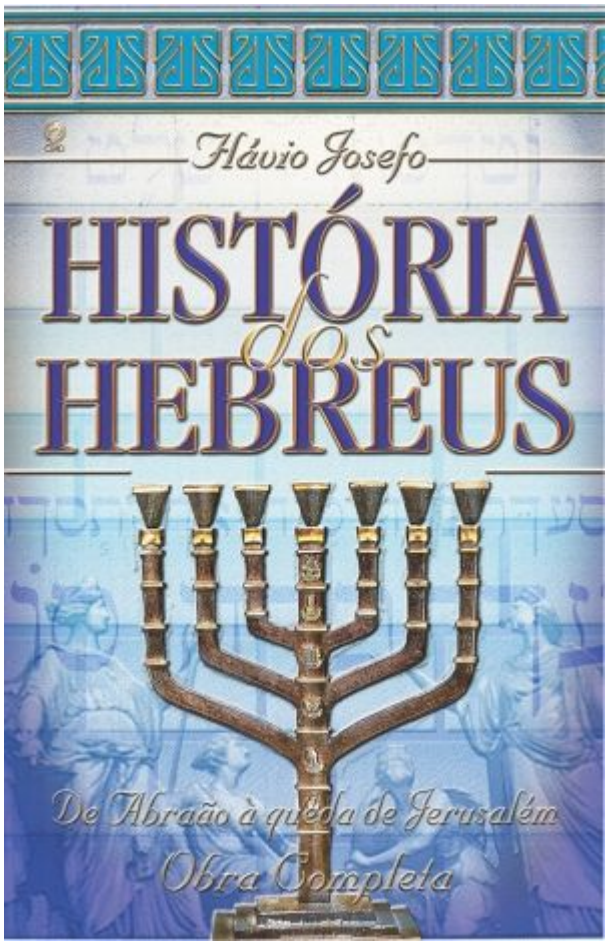
João Batista

Zibordi, Ciro Sanches
9788526316270
112 páginas

Compre agora e leia

Usando o seu já consagrado estilo leve e bem-humorado, Zibordi nos brinda com um estudo abrangente sobre a vida de um pregador que não buscou ser aceito pelos religiosos de sua época, mas antes priorizou anunciar a verdade do Senhor. João Batista: O pregador politicamente incorreto é o primeiro de uma série de sete livros que se baseiam nas marcas de sete personagens neotestamentários – João Batista, Jesus Cristo, Pedro, Estêvão, Filipe, Barnabé e Paulo. Estes estudos buscam identificar qualidades de cada, mas, principalmente, descobrir aquela que era compartilhada por todos. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


Flávio Josefo
HISTÓRIA DOS HEBREUS
De Abraão à queda de Jerusalém
Obra Completa

História dos Hebreus

Josefo, Flávio
9788526313491
1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


BILLY
GRAHAM
Paz com Deus

Paz com Deus

Graham, Billy
9788526312890
224 páginas

Compre agora e leia

Está à procura por algo que é mais importante do que qualquer outra na vida? Você não está sozinho! Toda a humanidade está buscando a resposta para a doença moral e o vazio espiritual que oprime o mundo. Toda a humanidade está clamando por orientação, conforto e paz. Nesta obra Billy Graham lhe ajudará a buscar a verdadeira calma espiritual em meio a uma vida cheia de estresse, fardo e desânimo. Viva a Paz com Deus! Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
HERÓIS
DA
FÉ
VINTE
HOMENS
EXTRAORDINÁRIOS
QUE INCENDIARAM
O MUNDO
ORLANDO BOYER

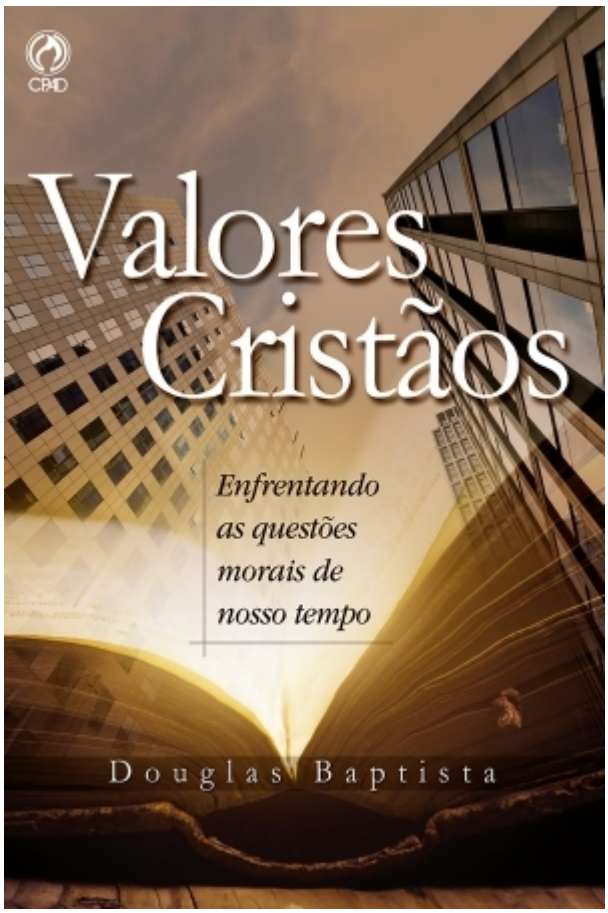
Heróis da Fé

Boyer, Orlando
9788526311954
272 páginas

Compre agora e leia

Mais de 300.000 livros vendidos! Um dos maiores clássicos da literatura evangélica. Homens extraordinários que incendiaram o mundo. A cada capítulo uma história diferente, uma nova biografia. As verdadeiras histórias de alguns dos maiores vultos da Igreja de Cristo. Heróis como: Lutero, Finney, Wesley e Moody, dentre outros que resolveram viver uma vida de plenitude do evangelho. "O soluço de um bilhão de almas na terra me soa aos ouvidos e comove o coração: esforço-me, pelo auxílio de Deus, para avaliar, ao menos em parte, as densas trevas, a extrema miséria e o indescritível desespero desses mil milhões de almas sem Cristo. Medita, irmão, sobre o amor do Mestre, amor profundo como o mar, contempla o horripilante espetáculo do desespero dos povos perdidos, até não poderes censurar, até não poderes descansar, até não poderes dormir." (Carlos Inwood). Esta obra contém as biografias de grandes servos de Jesus. Conheça a vida de pessoas verdadeiramente transformadas por Deus e que, por isso, servem-nos como exemplos de vida. Um estímulo para também buscarmos ser reconhecidos como verdadeiros Heróis da Fé. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


CPAD
Valores Cristãos
Enfrentando as questões morais de nosso tempo
Douglas Baptista

Valores Cristãos

Baptista, Douglas
9788526315754
160 páginas

Compre agora e leia

Neste novo século e milênio, os valores sólidos da moral e da ética judaico-cristã têm sido sistematicamente substituídos por um relativismo cultural cuja consequência é o esfacelamento das relações humanas. Venha nesta jornada com o pastor Douglas Baptista estudar e defender os valores cristãos nas questões dos Direitos Humanos, Aborto, Pena de Morte, Suicídio, Doação de Órgãos, sexualidade, finanças, etc., e juntos, enfrentar as questões morais de nosso tempo. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia